

CADERNO DE CULTURA

MEDICINA NA BEIRA-INTERIOR

DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Sombra azul
Fernando Namora

1999
Rómulo Soárez



CADERNOS DE CULTURA
PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Diretor:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Nº XXXIV Novembro de 2020

Secretariado:

Quinta Dr. Beirão, 27 - 2º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 969 003 242

Capa: *Fernando Namora*, pintura de Rodrigo Dias
Reportagem fotográfica das XXXI Jornadas:
Milola.
Dois desenhos de Ribeiro Farinha

Edição:
RVJ - Editores, Lda.
Av. do Brasil, nº4 R/C
6000-079 Castelo Branco
Tel.: 272 324 645 | Tlm.: 965 315 233
rvj@rvj.pt | www.rvj.pt



ISSN: 2183-3842

Depósito Legal N.º: 366 600/13

Os textos assinados, que refletem os trabalhos das XXXI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Séc. XXI”, são na forma e no conteúdo da inteira responsabilidade dos respetivos autores. O uso do novo Acordo Ortográfico é livre. Este número inclui as atas das referidas Jornadas, sendo distribuído no âmbito das mesmas.

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

Sumário

Medicina e pandemias	3
XXXI Jornadas de Estudo - Programa	6
Memória das XXXI Jornadas de Estudo	8
<i>A Peste e Quarentena na Dubrovnik de Amatus Lusitanus</i>	13
Romero Bandeira, Rui Ponce-Leão, Sara Gandra, Isa João Silva, Ana Teixeira e Ana Mafalda Reis	
<i>Fernando Namora (1919-1989): o médico e o humanista em “Minas de San Francisco”</i>	21
Joaquim Candeias da Silva	
<i>Duetos de protesto e raiva – A propósito do grito e da palavra habitada em Fernando Namora</i>	29
Manuel Silvério Marques	
<i>Fernando Namora na imprensa albicastrense na década de 40</i>	43
Maria Adelaide Salvado	
<i>Fernando Namora – o escritor disfarçado na cidade</i>	55
Maria José Leal	
<i>O humanismo em Fernando Namora</i>	59
António Lourenço Marques	
<i>O Arquivo do Tribunal da Idanha. Retalhos da vida de um curandeiro – 1.ª parte</i>	65
José Avelino Gonçalves	
<i>O amor de Fernando Namora por Monsanto</i>	69
Joaquim Manuel da Fonseca	
<i>A ciência iluminista acessível pela obra de Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829)</i>	71
João Rui Pita e Ana Leonor Pereira	
<i>O epitáfio de um médico albicastrense no Museu Municipal de Penamacor</i>	77
Joaquim Baptista e André Oliveirinha	
<i>O humanista Francisco Balmis e a erradicação mundial da varíola no bicentenário da sua morte</i>	79
J. A. David de Morais	
<i>Academicas orações Phisico-Anatomico-Medico-Cirugicas: De Cirurgia</i>	85
Maria Cristina P. Moisão	
<i>Considerações sobre a Licantropia na Arquipatologia</i>	91
José Morgado Pereira	
<i>A dieta alimentar na Regra Medieval da Ordem do Templo – Alimentação e saúde para o corpo e a alma</i>	95
Maria da Graça Vicente	
<i>Dos Partidos Médicos ao Serviço Nacional de Saúde</i>	101
Aires Antunes Diniz	
<i>Cérebro, Natureza e Saúde</i>	125
Maria de Lurdes Cardoso	
<i>Pandemias y culturas: diversas formas socio-culturales de afrontar las enfermedades colectivas</i>	129
Ángel Baldomero Espina Barrio	
<i>Del rostro humano al rostro cósmico según Emmanuel Lévinas</i>	137
Cornélio José Langa	

<i>O Sangue dos Rios poetas celebram Fernando Namora</i>	141
– <i>Antologia de poesia</i>	
Pedro Miguel Salvado, António Lourenço Marques, Carlos d’Abreu	
<i>Uma Ovação ao Fundão – (algumas linhas para “O SANGUE DOS</i>	147
<i>RIOS” e a memória de Fernando Namora)</i>	
António Teixeira e Castro	
<i>Elementos para a memória de Fernando Namora: O Colóquio</i>	151
<i>Organizado pela Liga dos Amigos de Alpedrinha em 1978</i>	
Apresentação do livro <i>Abade de Faria – O Luso Goês criador</i>	153
<i>do Hiptonismo Científico, Precursor da Psicanálise</i> , do Professor	
Doutor David de Moraes	
Maria Adelaide Salvado	
Exposição de Raúl Martins Mendonça na Casa do Arco do Bispo com o	157
patrocínio Junta de Freguesia de Castelo Branco	
O Pintor Rodrigo Dias	159
Luís Filipe Maçarico	

MEDICINA E PANDEMIAS

Pouco tempo depois da realização das XXXI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Séc. XXI”, desencadeou-se, com origem na cidade chinesa de Wuhan, uma infecção altamente contagiosa, alarmante, devida a um novo vírus, o SARS-CoV-2, que a uma velocidade espantosa alastrou, no mais curto espaço de tempo de sempre, a todo o mundo. A possibilidade de vir a surgir uma pandemia fulgurante não podia constituir uma surpresa total, pois o próprio século XX, com maior força na sua parte final, tinha sido cenário do aparecimento de vários novos agentes patogénicos, num ritmo quase regular e sem fim. As doenças emergentes, muito numerosas, fazem parte da história atual, e a contingência de originarem catástrofes sanitárias, nos locais onde se manifestam, é uma realidade patente, que tem sido sobejamente comprovada.

O estudo das epidemias, no olhar dos historiadores, obviamente, interessa para dele se tirarem também lições, que facilitem os combates futuros em situações comparadas. Mas, curiosamente, já em 1919, o historiador francês, Lucien Febvre, que foi um dos precursores da História das Mentalidades, face à devastação brutal que a gripe espanhola provocara, acrescentando-se às ruínas da guerra mundial chegada, se questionava sobre a utilidade desse conhecimento do passado.

Também agora, uma vez que a doença provocada por este coronavírus foi considerada totalmente

nova, houve um espanto geral e como que uma total ausência de saber para se lidar com ela. Tinha primeiro de se aprender com a própria doença e, portanto, a incerteza presente iria prolongar-se. Até porque o tempo da ciência não é imediato, e é muito exigente. Novos problemas necessitam de respostas amadurecidas. Por exemplo, a existência de muitos indivíduos infetados, contagiantes, mas assintomáticos, que baralhou as estratégias de controlo.

Ora, em tais circunstâncias, teria mesmo valor a afirmação de o estudo do passado não iluminar o presente a inspirar o futuro? Lucien Febvre, face à descrença manifestada perante o grande surto pandémico de há cem anos, não deixou de ensinar que seria, sim, também útil “imaginar novas práticas, novos objetos, novos paradigmas”. A História nunca perde o sentido.

Estamos, pois, em tempo de pandemia pautado por restrições e de duração desconhecida. As nossas jornadas de estudo anuais, ininterruptamente realizadas desde 1989, foram inevitavelmente afetadas. A reunião física dos participantes não pôde assim ser equacionada no devido tempo. Este 34º número dos Cadernos de Cultura continua, no entanto, a registar quer os trabalhos anteriormente apresentados, quer a memória do último encontro, que teve lugar na Biblioteca Municipal de Castelo Branco.

O diretor





Decorridas mais de três décadas após a realização das primeiras Jornadas de Medicina na Beira Interior, iniciativa dos incansáveis Doutores Lourenço Marques e António Salvado, 2020 ficará na nossa memória como o ano em que, pela primeira vez, por força da crise sanitária que o Mundo atravessa, e à qual Castelo Branco também não é alheia, este Encontro é interrompido!

Este evento, centrado em torno da figura de Amato Lusitano, mas abrangendo inúmeros aspectos da actividade médica, tem vindo a contribuir decisivamente para um melhor conhecimento e compreensão da obra e da vida deste insigne médico albicastrense, bem como da História da Medicina nacional e internacional, fruto das comunicações apresentadas pelas centenas de investigadores que nele têm vindo a intervir.

Apesar de todos os constrangimentos, a Câmara de Castelo Branco, parceira desta iniciativa desde a sua primeira edição, continua empenhada em apoiar e valorizar estas Jornadas.

Através da publicação destes Cadernos, onde ficam registados os valiosos contributos de todos os que nelas participam, pretendemos enriquecer a já vasta bibliografia amatiana, contribuir objectivamente para o enriquecimento cultural da nossa comunidade e honrar a memória de uma das maiores figuras albicastrenses, cujo labor em prol da ciência de Hipócrates tem vindo a ser reconhecido nacional e internacionalmente! Os inúmeros estudos, artigos, teses ou conferências produzidos ao longo dos últimos anos sobre a sua obra são prova disso, o que muito nos orgulha!

Bem-haja a todos!

Cor. José Augusto Alves
Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXI JORNADAS DE ESTUDO
“MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
- DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI”

8 E 9 DE NOVEMBRO DE 2019

PROGRAMA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Dia 8 – Sexta-Feira - 18:30H

Sessão de abertura, com Saudação e palavras previstas do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Sr. Presidente do IPCB, Sr. Representante da UBI e Sr. Presidente da USALBI.

Conferência inaugural: *Um médico comprometido: Fernando Namora, literatura e sociedade, por Rui Jacinto.*

Apresentação 33º número dos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Século XXI”.

Abertura das mostras expositivas:

- “Ecos de Fernando Namora em Castelo Branco.”
- “Desenhos infatigáveis” – Leituras imagéticas de Manuel Ribeiro de Pavia, dos *Retalhos da vida de um Médico*.

“A árvore” – tapeçaria reproduzindo um quadro de Fernando Namora, de Maria José Leal.

Dia 9 – Sábado*

09:30H – Mesa I Amato Lusitano

Castilla y Portugal, Fuchs, Amado, Laguna e Matthiolo, por Alfredo Rasteiro.

A Peste e Quarentena na Dubrovnik de Amatus Lusitanus, por Romero Bandeira, Rui Ponce-Leão, Sara Gandra, Isa João Silva, Ana Teixeira, Sandra Pereira-Pinto, Ana Mafalda Reis.

Amato, Caravaggio e anatomia como sincretismo inicial, por Daniel Cartucho.

10:15H - Mesa II Fernando Namora

Fernando Namora: o médico e o humanista em “Minas de San Francisco”, por Joaquim Candeias da Silva. Nome não dá, recebe: grito e palavra habitada em Namora, por Manuel Silvério Marques.

Os «retalhos» de Fernando Namora, por Albano Mendes de Matos.

Fernando Namora – o escritor disfarçado na cidade, por Maria José Leal.

O humanismo de Fernando Namora, por António Lourenço Marques.

Fernando Namora na imprensa albicastrense na década de 40, por Maria Adelaide Salvado.

O amor de Fernando Namora por Monsanto, por Joaquim Manuel da Fonseca.

11:45H Intervalo

12:00H – Mesa III Outras contribuições para a História da medicina

Alimentação e saúde para o corpo e a alma. A dieta alimentar na Regra medieval (1229) da Ordem do Templo, por Maria da Graça Vicente.

Academicas orações Phisico-Anatomico-Medico-Cirurgicas: De Cirurgia, por Maria Cristina P. Moisão.

Francisco Tavares Proença Júnior, fundador do Museu de Castelo Branco, e a História da Medicina, por Pedro Miguel Salvado.



Apresentação do livro "*A arte das Mãos: Cirurgia e Cirurgiões em Portugal, durante os séculos XII a XV*", da Dra. Maria Cristina Piloto Moisão, pelo Dr. Luís Aparício Fernandes.

13:00H - Almoço livre

14:30H (Continuação dos trabalhos)

Francisco Balmis. O humanista que se empenhou na erradicação mundial da varíola. No bicentenário da sua morte, por J. A. David de Moraes.

Considerações sobre a licantropia na Arquipatologia, por José Morgado Pereira.

Etnomedicinas pastoris. Algumas recolhas no concelho de Idanha-a-Nova, por Eddy Chambino.

A ciência iluminista acessível pela obra de Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829), por João Rui Pita; Ana Leonor Pereira.

Priapo e falos na Cova da Beira, por Filomena Barata, Pedro Miguel Salvado e André Oliveirinha.

Os médicos de partido duraram quatro séculos e foram uma solução para a Saúde Pública até 1980, por Aires Diniz.

Os últimos expostos – Dia dos Fiéis Defuntos no Dia de Todos os Santos em meados do Séc. XIX – Observações de um viajante Inglês em Portugal, por Júlio Vaz de Carvalho.

O epitáfio de um médico albicastrense no Museu Municipal de Penamacor, por Joaquim Baptista e André Oliveirinha.

Cérebro, natureza e saúde, por Maria de Lurdes Cardoso.

17:00H – Intervalo

17:15H - Apresentação do livro "*Abade de Faria, O Luso-Goês criador do Hipnotismo Científico, precursor da Psicanálise*", do Prof. J. A. David de Moraes, pela Dr.ª Maria Adelaide Salvado.

17:45 – Conferência de encerramento

O poeta Diogo Pires e o médico Amato Lusitano amigos inseparáveis na Diáspora europeia, por António Salvado.

19:00H – Inauguração na Casa do Arco do Bispo, da exposição "*Monsanto e Namora – horizontes de duma amizade sem tempo*", de Raúl Mendonça. Abertura por Joaquim Fonseca, director da Rádio Club de Monsanto e por Leopoldo Rodrigues, Presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco.

20:30H – Jantar de encerramento. Apresentação da antologia "*O sangue dos rios – poetas homenageiam Fernando Namora*". Organização: Pedro Salvado, Carlos d' Abreu e Lourenço Marques. Leitura de poemas. Coordenação Maria de Lurdes Gouveia Barata.

*Cada intervenção: limite máximo de 10 minutos.



MEMÓRIA DAS XXX JORNADAS DE ESTUDO

Auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco



Início das XXXI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Século XXI”.

Da esquerda para a direita: António Lourenço Marques, da organização, António Salvado, da organização, Professor Doutor Rui Jacinto, Arnaldo Brás, Presidente da Assembleia Municipal de Castelo Branco, Coronel José Augusto Alves, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maria José Leal, da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos e representante do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Conferência Inaugural



Doutor Rui Jacinto proferindo a conferência inaugural:
“*Um médico comprometido: Fernando Namora,
literatura e sociedade*”.

Abertura das mostras expositivas:

- “Ecos de Fernando Namora em Castelo Branco.”
- “Desenhos infatigáveis” – Leituras imagéticas de Manuel Ribeiro de Pavia, dos *Retalhos da vida de um Médico*. Comissariada por António Lourenço Marques e Pedro Miguel Salvado



EM OUTUBRO COM FERNANDO NAMORA

– Não foi em Pavia que o conheci. Nas minhas errâncias, fui parar à terra natal do Manuel Ribeiro, que acrescentara ao seu nome o nome da sua própria terra, mas só o conheci pessoalmente depois, creio. Não estou muito certo já, pois eu vinha a Lisboa com frequência. De qualquer maneira, a minha convivência com o Manuel Ribeiro aconteceu depois, quando passei a residir em Lisboa. Ele já tinha feito capas de vários livros meus, na verdade, mas o convívio intenso com o Pavia deu-se posteriormente. Esse convívio foi, como disse, diário. Referi-me já, nestas conversas, às tertúlias que tive em vários cafés, lembra-se? O Pavia frequentava, também, várias tertúlias. Na realidade, ele dividia o seu tempo entre o café e o quarto em que vivia, e onde trabalhava. Onde trabalhava muito mais do que as pessoas imaginavam. Ele passava por ser um tanto preguiçoso, e não o era. Trabalhava intensamente. Desenhava, desenhava infatigavelmente, por vezes o mesmo tema, as mesmas personagens, a mesma figura, os mesmos motivos. Desenhava muito. E depois oferecia, ou vendia. Ele teve uma vida muito difícil. O Pavia foi, digamos, talvez a personagem mais fabulosa nessa atmosfera quase mítica em que muitas vezes julgamos o artista meio boémio, pessoa que não pensa no dia seguinte, que vive ao deus-dará. O Pavia era um pouco de tudo isso. E era, simultaneamente, um homem muitíssimo inteligente e culto. Tremendamente sarcástico.

Quirino Teixeira



“A árvore” – tapeçaria reproduzindo um quadro de Fernando Namora, de Maria José Leal.

Memórias das XXXI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Séc. XXI”



Alfredo Rasteito



João David de Moraes



Lourenço Marques e Romero Bandeira Gandra



Manuel Silvério Marques



Maria José Leal



Ángel Espina Barrio



Maria da Graça Vicente



Joaquim Candeias da Silva



Cristina Moisão



José Morgado Pereira



Maria de Lurdes Cardoso



João Rui Pita



Daniel Cartucho e Lourenço Marques



Lourenço Marques e Maria Adelaide Salvado



José Avelino Gonçalves



Albano de Matos



Aires Diniz



Pedro Salvado



Eddy Chambino



Joaquim Baptista



Joaquim Fonseca e Lourenço Marques



Júlio Vaz de Carvalho

A PESTE E QUARENTENA NA DUBROVNIK DE AMATUS LUSITANUS

Romero Bandeira*

Rui Ponce Leão**

Sara Gandra***

Isa João Silva****

Ana Teixeira*****

Ana Mafalda Reis*****

Resumo

Os autores procuraram com base em informação disponível após a emergência das medidas de Quarentena determinadas na cidade de Dubrovnik em 1377, fazer o seu acompanhamento conceptual, através dos séculos até ao momento presente sem esquecer as múltiplas opiniões de vários autores, procurando sempre trazer à evidência a importância das medidas quarentenárias, face às doenças do foro infecto-contagioso que no decurso do tempo têm vindo a acompanhar e a vitimar o Homem, sem nunca esquecer a importância da Sanidade Marítima, pois, em boa verdade, a Quarentena foi uma medida dela derivada.

Palavras-chave

Amatus Lusitanus, Catástrofe, Dubrovnik, Peste, Quarentena.

Introdução

Decameron é uma coleção de cem novelas escritas por Giovanni Boccaccio entre 1348 e 1353. O livro é estruturado como uma história que contém 100 contos narrados por um grupo de sete moças e três rapazes que se abrigam em uma vila isolada de Florença para fugir da peste negra, que afligia a cidade, configurando em termos actuais uma Catástrofe.

Da edição de Círculo de Leitores (s/d), págs 16, 17 e 18 extratamos:

págs 16/17, "A peste mortal, hoje terminada, mas cuja recordação é tão custosa para aqueles que viram

ou souberam das devastações que ela fez, tal é, com efeito, o frontispício do meu livro."

"Já tinha chegado o ano de 1348 da fecunda encarnação do filho de Deus, quando a cidade de Florença, nobre, entre as mais famosas da Itália foi vítima da mortal epidemia. Fosse a peste obra de influências astrais ou a consequência das nossas iniquidades..."

"Por mais que os guardas especialmente encarregados disso limpassem a cidade dos montes de imundice, por mais que se proibisse a entrada a todos os doentes e se multiplicassem as prescrições de higiene, por mais que se recorresse as suplicas e as orações que se usam nas procissões e àquelas, de outro género de que os fiéis se desobrigam para com Deus, nada deu resultado."

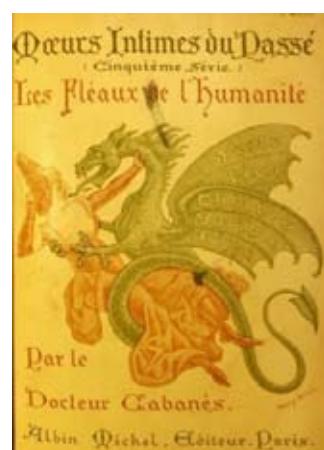


Fig. 1 - Capa



Fig. 2 - Pág. 104

pág 17, "Mas não foi como no Oriente, em que o facto de sangrar pelo nariz era o sinal evidente de uma morte inelutável. Na nossa terra, ao inicio da epidemia, quer se tratasse de homens ou de

mulheres, produziam-se certos inchaços nas virilhas ou nas axilas: alguns desses inchaços tornavam-se do tamanho de uma maça vulgar, outros como um ovo, outros um pouco maiores ou mais pequenos.

Chama-se-lhes usualmente bubões. E, no duplo domínio onde tinham aparecido de inicio, os bubões não tardaram, a fim de semear a morte, a crescer indiferentemente em qualquer parte do corpo. Mais tarde, os sintomas mudaram e transformaram-se em manchas negras ou lívidas que apareciam nos braços nas coxas ou em qualquer parte do corpo, de umas vezes grandes e separadas, de outras muito juntas e pequenas. Tal como o bubão que fora de inicio, e continuava a sê-lo, o indicio de uma morte certa, também manchas o eram para aqueles em que apareciam. Quanto ao tratamento da doença, não havia receita médica ou remédio eficaz que parecesse bom ou desse qualquer alívio. A natureza do mal opunha-se-lhe? Era culpa dos médicos?"

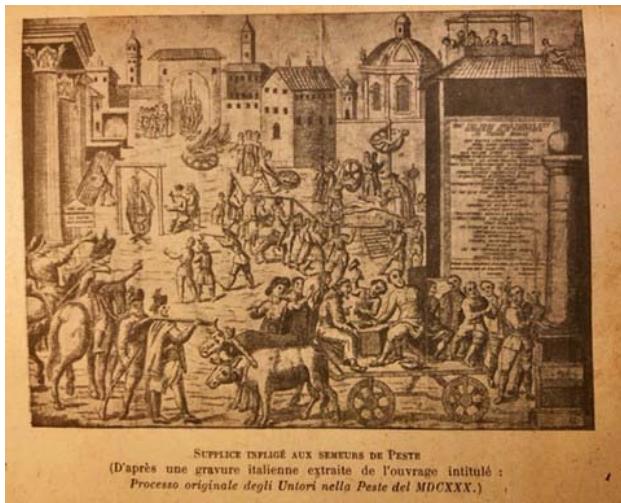


Fig. 3 - Pág. 57

pág 18, "...fugia-se ao doente e a tudo o que o cercava."

A mítica cidade de Dubrovnik tem a ela iniludivelmente ligado o nome de Amatus Lusitanus pela sua 6ª Centuria; como sabemos, Amato, morreu, exatamente, a ajudar a combater uma epidemia de peste em Tessalónica.

Este trabalho, apresentado em Novembro de 2019, mas reduzido a escrito em Setembro de 2020 não pode deixar de evocar a epidemia COVID-19, até porque circunstancialmente se reveste de condicionalismos médicos e sociais que fazem retrospectivar o Passado.

No momento presente, autores como Didier Raoult (2020), Christian Perronne (2020), Jean-Michel Vernochet (2020) fazem-nos olhar para a mediática Pandemia actual, através duma reflexão crítica em

que avulta o conceito de confinação que não é, senão uma mega-quarentena.

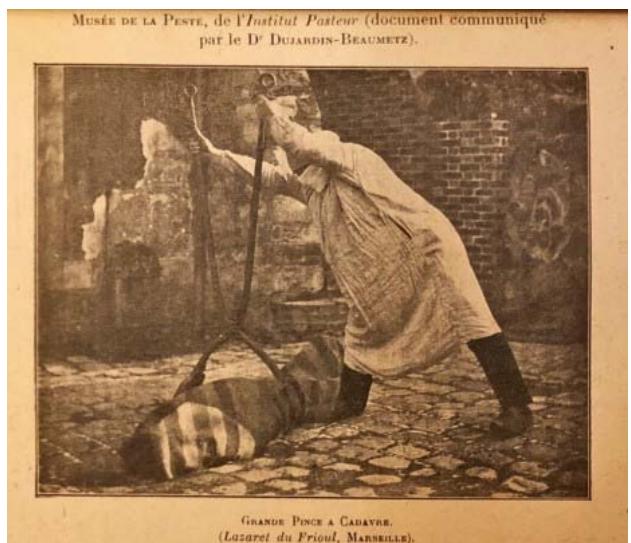


Fig. 4 - Pág. 21, GRANDE PINCE A CADAVRE

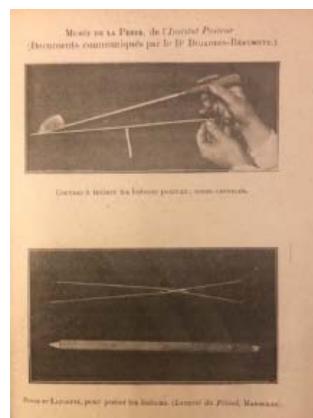


Fig. 5 - Pág. 25

A Peste

Múltiplos foram os literatos que escreveram sobre a peste, sendo de destacar o clássico de Albert Camus, intitulado "A Peste".

E não podemos igualmente deixar de evidenciar do Docteur Cabanés (s/d), as interessantes imagens constantes das páginas referenciadas na obra "Moeurs Intimes du Passé."

Patrick Berche et al (2011) na sua interessante e actual História da Medicina diz-nos a págs 120:

"On organize des systems de quarantaine dès 1377 dans la petite république de Ranguse (Dubrovnik) en Croatie. Un médecin de cette ville, Jacob de Padoue, instale, en 1423 dans une petite île proche de Venise, le premier "lazaret" un moséle suivi par la suite par les ports de Marseille et de Pise, puis dans toute l'Europe. Les autorités portuaires édictent des lois pour imposer un isolement de trente jours, puis de quarente jours,

pour maintenir dans un lieu distant du port tout navire ou toute personne arrivant par voie de terre en provenance d'une région où sévit la peste." e Gorny P. (991) escreve a págs 19:

..."C'est alors que Simond découvrit le rôle de la puce. Un curieux animal la puce! La puce est un insect sauteur aux performances exceptionnelles: elle mesure 1 a 10 millimètres, saute cent fois sa hauteur et se nourrit du sang des animaux parasites. La puce existe depuis cent quatre-vingts millions d'années. Ainsi en témoignent les fossiles."



Fig. 6

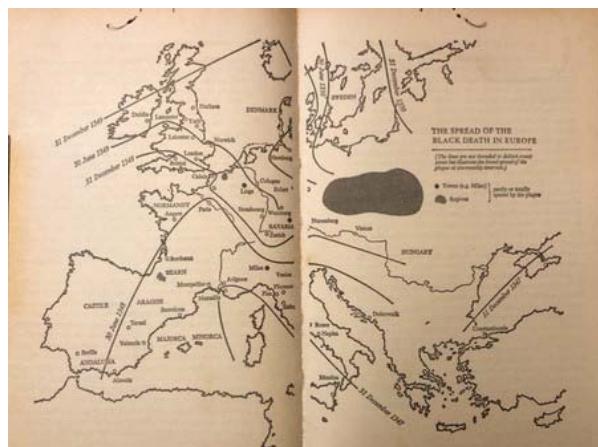


Fig. 7

Múltiplos autores dissertam sobre a Peste, designadamente Ruffié e Sournia. Com este último, conversamos longamente sobre a história das epidemias e da sua lúcida visão sobre as mesmas, uma vez que foi Director Geral de Saúde (1978–1980) quando Simone Veil exercia a função de Ministra da Saúde. Igualmente McNeill W. (1984) em "Plagas e Pueblos" e Ziegler (1982) em "The Black Death" expõem-nos nas referidas obras, dois mapas extraordinariamente interessantes, em que pesem embora as eventuais dificuldades de leitura, nos permitimos mostrar respectivamente a págs 164 e 106/107 e nos quais se avalia a difusão da peste negra através da Europa, extraíndo deste último autor, Zigler, a págs 113 o seguinte:

"Dalmatia seems to have received the plague across the Adriatic from North Italy. Dubrovnik was attacked in January 1348, and Split about two months later. In this latter city the wolves, unlike their more superstitious colleagues in Styria, saw the Black Death as nothing but a happy accident which immeasurable improved the prospects for the season's hunting."

Portugal foi pioneiro na divulgação de medidas contra o terrível flagelo, sendo de evidenciar a publicação, em 1496 de um pequeno incunáculo intitulado "Regimento proveitoso contra a pestenência" da autoria de Johannes Jacobi; traduzido por Frei Luís de Rás, em 5 cap. E 20 pág, de que reproduzimos o frontispício, com a finalidade de ser divulgada junto das pessoas a fim de que as mesmas pudessem estar familiarizadas com as medidas profiláticas elementares, postas em curso, ao tempo e mesmo já anteriormente.

Uma delas foi a Quarentena.

Não podemos deixar aqui de chamar atenção para a obra do Doutor António Perez (1598) intitulada "Breve Tratado de Peste", como sabemos foi o cirurgião-mor da Armada Invencível, nomeado por Filipe II. Português, era um médico que se interessava por múltiplos assuntos do foro médico-cirúrgico e que pelo seu perfil e provas dadas de capacidade, foi designado pelo Rei, para aquele importante cargo.



Fig. 8

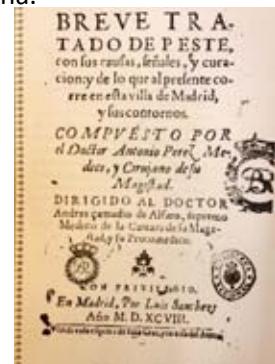


Fig. 9

Igualmente é considerado um clássico notável acerca deste tema "A Journal of the Plague Year" (fig. 10), de Daniel Defoe (1986) que num relato vivo e penetrante nos dá o quadro social e clínico sobre a epidemia de peste de Londres no ano de 1665, que nos permite avaliar a postura das autoridades sanitárias que nem sempre actuaram de acordo com os padrões que se lhe exigiam.

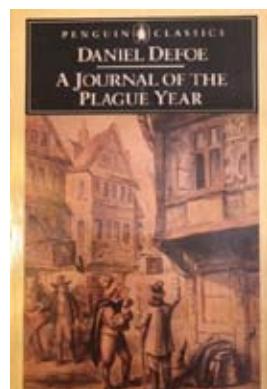


Fig. 10

Em Portugal, Vieira de Meireles (1866) citado por Bandeira R (2008), publicou umas memórias intituladas “Epidemiologia Portuguesa” (fig. 11) nas quais elenca uma lista, dos surtos de Peste em Portugal de 1348 a 1680, a qual podemos consultar no índice (fig. 12) desta obra e em que se demonstra que o nosso País foi atravessado por múltiplos surtos que fizeram ao longo dos tempos milhares de vítimas.

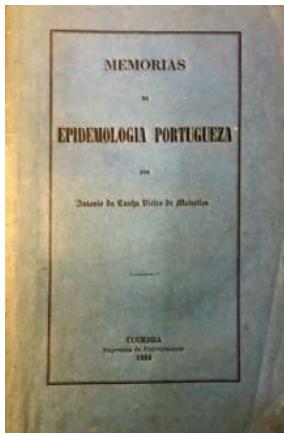


Fig. 11

INDICE	
Prefácio	5
Introdução	7
Da Peste no Portugal	10
Peste no Portugal	11
Peste de 1348	12
Peste de 1369	13
Peste de 1372	14
Peste de 1388	15
Peste de 1390	16
Peste de 1391	17
Da Peste Avençada em Portugal	180
Peste Avençada de 1391	181
Peste Avençada de 1393	181
Peste Avençada de 1397	182
Peste Avençada de 1400	183
Peste Avençada de 1407	184
Peste Avençada de 1408	185
Peste Avençada de 1409	186
Peste Avençada de 1410	187
Peste Avençada de 1411	188

Fig. 12

Quarentena

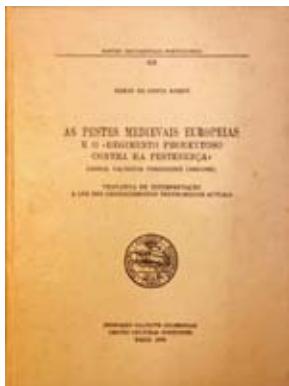


Fig. 13

Mário da Costa Roque (1979) nosso particular amigo, infelizmente já desaparecido, escreveu uma obra (fig. 13), autêntico monumento documental sobre esta temática, evidenciando-nos, com clareza meridiana, no que concerne ao estabelecimento da Quarentena:

pág 171 “1377 – O Conselho Municipal de Ragusa (Dubrovnik), ordenou um *fundeadouro de desembarque*, afastado da cidade, onde se praticou o *isolamento preventivo de barcos, pessoas e mercadorias durante 30 dias (trentina)*, e logo em seguida, por considerar certamente insuficiente este número, passou-o para 40. Daí a quarentina=quarentena. A esta mudança de trintena em quarentena, parece não ter sido estranha a rememoração do retiro de quarenta dias, praticado por Cristo, antes da sua entrada na vida pública.

- São deste mesmo ano de 1377, e pertencem também a Ragusa, as primeiras notícias referentes à indicação de *casas extramuros*, destinadas

à recolha dos pestosos, o que verosimilmente constituiu um grau de avanço técnico, a colocar entre o primitivismo das cabanas de Bernarbo Visconti e as, como direi, já evoluídas *infirmaries* de Marselha. Assim, o estabelecimento de nosocomios, embora rudimentares, juntamente com a prática de quarentenas de isolamento, generalizou-se mais ou menos rapidamente e subsistiria até aos nossos dias, com ponto de partida na, por isso, muito celebrada República ragusana.

1383 – Marselha, a exemplo de Ragusa, estabeleceu *quarentenas de isolamento* e, como medida de grande alcance...”

A cidade de Dubrovnik configura a pedra angular desta vetusta medida sanitária, ou seja o isolamento por quarenta dias. A cidade tinha ao tempo uma organização notável; de Nikica Talan (1996) relatamos:

“Entretanto, na cidade ao sopé de Srd, na altura já completamente croatizada, iam-se introduzindo muitas das aquisições da civilização: canalização (em fins do século XIII), serviço médico (1301), farmácia (1317), lar de idosos (1347), larde crianças abandonadas pelos pais (1432), aqueduto (1436) e já em 1416 fora também proibido o comércio de escravos.”

A cidade possuía uma estrutura orgânica compatível com as largas tarefas marítimas do Adriático.



Fig. 14

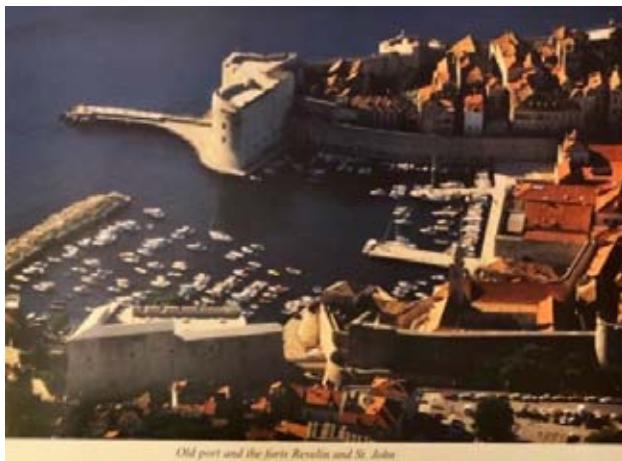


Fig. 15

Para corroborarmos o conceito de quarentena trazemos colacção a definição da mesma de Maximiano Lemos (1906):

- Demora a que são sujeitas as pessoas, mercadorias e bagagens, provindas de paiz atacado de moléstia contagiosa ou suspeito de tal, n'um lazareto ou a bordo dos navios, antes de comunicarem com os habitantes do paiz ou do porto onde querem entrar.
- A idéa das quarentenas data da Edade- Média, por occasião da aparição da peste do Oriente. O regimen quarentenario subsistiu até aos nossos dias, por um acordo tacito de todas as potencias européas; e existem estabelecimentos de quarentena na maior parte dos portos de mar.
- *Lazareto de Lisboa*. A uns quinhentos metros ao O. de Porto-Brandão, mandou D.João II pelo ano de 1490, construir uma fortaleza, a que deu o nome de Castello de Porto-Brandão

Igualmente de acordo com Vasconcelos e Menezes (1987)

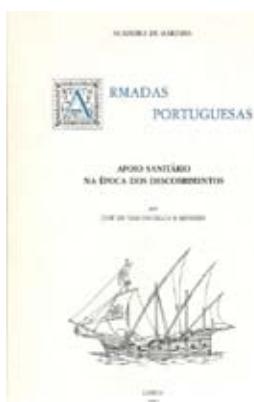


Fig. 16

- Novembro de 1487, D. João II determina à Câmara isolamento por trinta dias, posteriormente passa a quarenta dias.
- Ano de 1552, Arzila – Envio de um Boticário. Peste nos Reinos de Fez e Marrocos. Isolamento no baluarte da Couraça.

E com Pinto Ferreira (1977):

- Regimento de 7 de Fevereiro de 1695

Que se hade Observar, succedendo haver peste (de que Deus nos livre) em algum Reino, ou Província confinante com Portugal

- 14 de Janeiro de 1486 - “entaipar a Rua do Olival”

Sem dúvida alguma que desde 1377 Dubrovnik e Veneza regulamentaram a Quarentena, devendo as embarcações apresentar: Patente limpa, Patente suspeita, Patente “bruta” (Schwartz 2000).

A quarentena permaneceu em vigor em termos de doenças infecto-contagiosas até aos nossos dias, como bem sabemos. Acontece que durante larguíssimo tempo o grande meio de ligações intercontinentais foi a via marítima; Assim, a sanidade marítima teve um grande desenvolvimento e importância obrigando a codificação de normas que se implementaram pela sua necessidade e pertinência.

Permitimo-nos expor aqui alguns conceitos e mostrar alguns documentos, em que pese embora alguma dificuldade para poderem ser lidos com clarividência, podem, no entanto, deixar uma imagem em esboço, que permita aquilatar da importância dos mesmos bem como da amplitude e pormenor, facilmente constatáveis.

Do manual de Sanidade marítima de Domingues D’Oliveira (1911) extratamos:

pág 189 – “A Hespanha, que foi assaltada frequentes vezes pelas epidemias, e da febre amarela sete vezes só em Cadix, de 1730 a 1819, chegou a tomar medidas extremas: os navios com caso de peste, febre amarela ou cholera a bordo eram incendiados e metidos a pique. Estas medidas radicais mas barbares não podiam deixar levantar protestos de indignação. Os interessados no tráfego marítimo, os armadores e seus associados, ameaçaram tumultos e, apesar do terror que nessa época tinham a essas pestilências, preferiam a invasão da doença á miséria em que os deixavam estes rigorosos processos de defesa sanitária.



Fig. 17

Pensou-se então em aplicar aos navios o isolamento, imitando o que se fazia os leprosos, e pôz-se em vigor o regime das quarentenas.

Depois da invasão da peste negra (1334) creou-se nos portos uma espécie de hospitais para esse isolamento á semelhança d`um estabelecimento destinado a receber pestíferos na tomada de Jerusalém pelos cruzados, construído fóra da cidade e baptisado com o nome de Hospital São Lázaro, que deu a denominação Lazaretos que estas instalações ainda hoje conservam.

Marselha, por esta época, tomou medidas enérgicas para se defender. Creou o seu Lazareto com isolamento tão completo que os médicos só observavam os doentes através das grades de ferro e por elas passavam os longos bistouris de 0,65m de comprido para lhes abrirem os bubões. No Lazareto de frioul podem vêr-se ainda d'estes exemplares do arsenal cirúrgicos e no de Ratoneau as pinças de 1,80m que serviam para pegar nos pestíferos."

pág 63 – "Em janeiro de 1897 foi publicado um novo Regulamento de sanidade marítima,...."

pág 65 – Aquele, "Definia quarentena o período de tempo que as pessoas sujeitas á vigilância sanitária passavam em logar isolado, e que era de sete dias quando se referia febre amarela, de cinco cholera e de doze á peste, para se observar se havia manifestação de doença suspeita durante estes períodos;..."

págs 108/109 – Do espírito do documento "Le Régime Sanitaire Maritime du Portugal d'après le règlement du 24 Décembre 1901", da autoria do Prof. Ricardo Jorge, extrai-se:

"Para as pessoas, as medidas quarentenárias vão desde o simples exame médico feito a bordo até á quarentena cumprida no Lazareto. O termo quarentena traduz apenas a observação em isolamento, a que se refere a Convenção de 1903, que não quis no seu texto o termo próprio e, só em nota, explica que le mot "isolement" signific isolement du malade, des personnes qui lui donnent des soins d'une façon permanent et interdiction des visites de toute autre personne."

"Esta observação com isolamento a bordo, diz o prof. Ricardo Jorge, ou n'uma estação sanitária, o que é senão uma quarentena? Mudou-se a palavra por pudor, como se a pílula da quarentena tendo outro nome fosse mais fácil d'engulir".

págs 111/112

Prescrição das medidas quarentenarias

Na prescrição d'estas medidas tem o guardamór de attender á qualificação das condições sanitárias da embarcação e dos portos da procedência, escala u arribada, ás comunicações no mar, á duração da viagem, á regularidade da carta de saúde, á sua origem, conforme se depreende do art. 279º do Regulamento de 1901; e sujeitos a ellas ficam o navio, os passageiros, os tripulantes, os trabalhadores, os empregados, as bagagens e a carga, segundo a distinção feita nos nove casos que para este efeito se consideram.

Os navios são classificados em *indemnes*, *suspeitos* e *inficionados*, d'acordo com a Convenção de Veneza de 1897. É posta de parte a designação de limpos, suspeitos e sujos que lhes era dada pelo Regulamento de 1897 em estricta da classificação da carta de saúde, como vimos.

Navio indemne é aquelle que não teve antes da partida, nem durante a travessia, nem no momentos da chegada, casos suspeitos a bordo.

Navio suspeito é aquelle que teve caso suspeito a bordo, terminado por cura ou morte antes dos últimos sete dias de viagem.

Navio inficionado é aquelle que teve caso a bordo nos últimos sete dias de viagem."

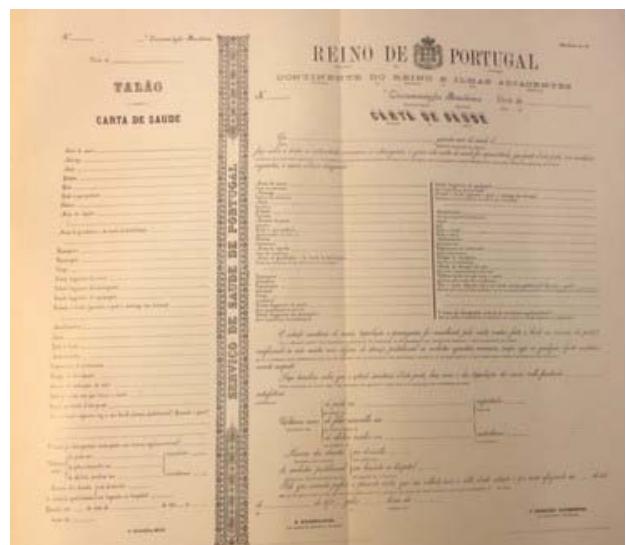


Fig. 18

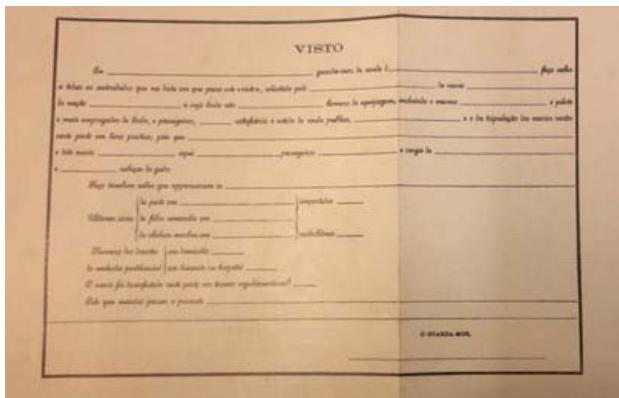


Fig. 19

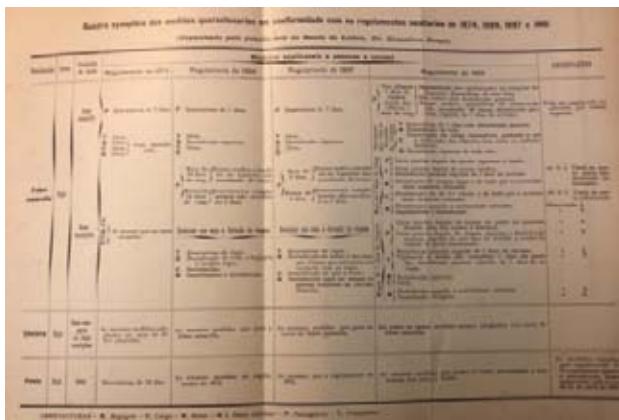


Fig. 20

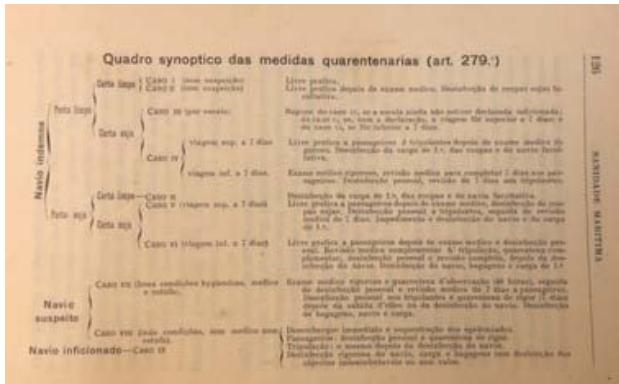


Fig. 21

Na actualidade obrigatoriamente temos que tomar em linha de conta que em todos os Continentes este tipo de medida permanece em actividade e evidência. Assim juntamos aqui dois quadros elucidativos acerca da História e da época presente atinentes à quarentena nos EUA.

Brief U.S. Quarantine History	
	• 1799 The first quarantine station and hospital in America was built in 1799 at the port of Philadelphia after a yellow fever outbreak in 1793.
	• 1878 The National Quarantine Act was passed in 1878, shifting quarantine powers from state to federal government.
	• 1944 The Public Health Service Act formed the federal government's quarantine authority in 1944.
	• 1967 CDC (National Communicable Disease Center) took over federal quarantine functions in 1967.
	• 1970s CDC reduced the number of quarantine stations from 55 to 8 because infectious diseases were thought to be a thing of the past.
	• 2004-2007 Number of quarantine stations increased to 20 because of concerns about bioterrorism after World Trade Center attack in 2001 and worldwide spread of disease after SARS outbreak in 2003.



Fig. 23

Não podemos deixar de referir que hoje, altura em que a Humanidade é trespassada pela COVID-19, várias medidas de confinamento e contingência, radicadas quer na Quarentena, quer no uso de vestuário e peças de protecção adequadas designadamente luvas e máscaras, têm vindo a ser postas em prática, mas sem grandes resultados práticos quanto ao controle efectivo da Pandemia.

Obviamente que o confinamento de umas dezenas de passageiros de tráfico marítimo nada tem a ver com os passageiros, às centenas, das carreiras turísticas e nas grandes cidades as medidas de clausura impostas causam obviamente perturbações do foro psico e físico à População a elas submetida.

Nas circunstâncias do momento presente são múltiplas opiniões acerca das medidas a tomar para o debelar da presente pandemia; sabemos no entanto que existem muitos pontos de vista quer no plano individual, social, científico e técnico que não são sobreponíveis às orientações dimanadas dos poderes públicos com particular ênfase no que diz respeito aos Ministérios da Saúde e suas várias direcções gerais ou organismos equivalentes, podendo ser posta em evidência a situação existente na União Europeia.

Não quisemos pois deixar de mencionar alguns autores cujas opiniões não são muitas vezes sobreponíveis às oficiais mas que merecem ser analisadas e discutidas, assim mencionamos a título de exemplo: Didier Raoult (2020) fig. 24, Perronne C.(2020) fig. 25 e Vernoche JM (2020) fig. 26.



Fig. 24

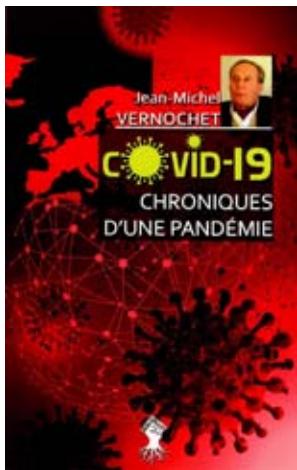


Fig. 25 e 26

Reflexões Conclusivas

A Quarentena é uma medida que desde a sua instalação em Dubrovnik em 1377 tem sofrido múltiplas adequações, mas que hoje em dia continua a ser actual; tenhamos em vista as situações múltiplas de confinamento que se têm vindo a verificar num número elevado de Países embora não tenham atingido, por vezes, os resultados julgados previsíveis.

Trata-se de uma medida que nasceu para o transporte marítimo dizendo respeito a dezenas de pessoas e não a milhares simultaneamente. Assim há que ser reavaliada e operacionalizada para os tempos que correm.

Obviamente que face a doenças do foro infecto-contagioso a Quarentena ou outra medida equivalente do mesmo jaez, ouvidas as várias posições científicas em profundidade, sobre as matérias em questão, aquelas devem estar na primeira linha de combate às Epidemias.

Agradecimento

Os autores agradecem ao Senhores Mário Ferreira, 2º Comandante dos BV. S. Pedro da Cova e Vol. nº 43 Isilda Silva, Monitores da UEIFIS, dos BV. S. Pedro da Cova pela colaboração prestada na elaboração do manuscrito.

Bibliografia

- Ameisan JC, Berche P, Brochard Y (2011) *Une Histoire de la Médecine ou le souffle d'Hippocrate*. Ed. De la Martinière Université Paris Descartes.
- Bandeira R (2008) *Medicina de Catástrofe, Da Exemplificação Histórica à Iatroética*. Dissertação de Doutoramento. ICBAS, Porto.
- Boccaccio G (s/ data). *Decameron*. Trad. Urbano Tavares Rodrigues. Círculo de Leitores. Lisboa
- Cabanés (s/data) *Moeurs Intimes du Passé (cinquième série)*. Les Fléaux de l'Humanité. Ed. Albin Michel. Paris
- Defoe D (1986) *A Journal of the Plague Year*. Penguin Books. Middlesex
- Didier-Raout (2020) *Épidémies. Vrais Dangers et Fausses Alerts*. Ed Michel Lafon. Neuilly-sur-Seine
- Gorny P (1991) *L'Aventure de la Medecine*. JC Lattès. Poitiers
- Maximiano Lemos (1906) *Encyclopédia Portuguesa Ilustrada*, Vol. VI. Ed Lemos e Cª, Suc. Porto
- McNeil (1984) *Plagas y Pueblos*. Trad. Thevenet H. Siglo Veintiuno. Madrid
- Nikica Talan (1996) *Croácia / Portugal. The Croatian Writers Association*. Zagreb
- Perronne C (2020) *Y a-t-il une erreur qu'ils n'ont pas commise?* Ed. Albin Michel. Paris
- Roque MC (1979) *As Pestes Mediavais Europeias*. Fund. Cal. Gulbenkian – Centro Cultural Português. Paris
- Schwartz J (2000) *Reflexions sur l'histoire de la Medicine*. Presses Universitaires. Estrasburgo
- Vasconcelos e Menezes (1987) *Armadas Portuguesas*. Academia de Marinha. Lisboa
- Vernoche JM (2020) *COVID 19. Chroniques d'une Pandémie*. Ed. Le Retour aux Sources. Mauves
- Vieira de Meirelles AC (1866) *Memorias de Epidemiologia Portugueza*. Imprensa da Universidade. Coimbra
- Zigler P (1982) *The Black Death*. Penguin Books. Middlesex.

* Prof. Doutor Société Française de Médecine de Catastrophe (SFMC), Société Européenne de Médecine de Sapeurs Pompiers (SEMSP), CEIS20 – Universidade de Coimbra uefis.pr@gmail.com

**Médico, Hospital Santa Maria, Porto ruipleao@gmail.com

*** Enfermeira Mestre, Centro Hospitalar e Universitário do Porto saragandra@gmail.com

**** Interna FE em Medicina Interna, Hospital de Cascais isa_jbs@hotmail.com

***** Enfermeira, Hospital Escola Fernando Pessoa, Gondomar

***** Prof. Doutora ICBAS – Universidade do Porto docmaf@sapo.pt

FERNANDO NAMORA (1919-1989): O MÉDICO E O HUMANISTA EM “MINAS DE SAN FRANCISCO”

Joaquim Candeias da Silva*

Introdução

Antes de mais, saudações aos presentes e calorosas felicitações aos organizadores pela entrada na 3.ª década destas tão regulares quanto profícias *Jornadas de Estudo*, com votos de que a chama e o fulgor das mesmas persistam por muitos anos e bons. Felicitações também pela oportuna evocação e homenagem ao grande médico, escritor e humanista do século XX, que foi Fernando Gonçalves Namora, neste ano centenar do seu nascimento; mas não só pelo centenário, também pelo 30.º aniversário da morte (ocorrida a 31.1.1989), devendo ainda ser lembrado que, passados dois meses exactos sobre essa data (a 31 de Março), tinham lugar nesta cidade as I.ªs *Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior"*, onde lhe seria feita a 1.ª homenagem nacional a título póstumo.



Fig. 1 – Dr. Fernando Namora

Muito embora não seja eu um profundo conhecedor da sua obra e, apesar de o tema em epígrafe já ter sido avocado neste fórum e por mais que uma vez – mormente em 2009 pela referida passagem do 30.º aniversário da morte do nosso homenageado de hoje¹ –, não quis deixar de aqui

trazer um testemunho pessoal acerca dele e da sua obra, pois não só o conheci pessoalmente e fui desde muito cedo um admirador confesso do seu extraordinário perfil e percurso humanos, mas também andei por alguns dos sítios mineiros que lhe serviram de inspiração para o livro em apreço.

Com efeito, para além da sua vastíssima obra e das suas raízes de beirão, que de si próprio afirmou ter sido «sazonado pela vida crua», sabendo «fundir-se» com todo o tipo de pessoas, fossem elas «camponeses e mineiros», ou «caciques, latifundiários e bacharéis», recordo dele, acima de tudo, a imagem serena e afável daquele homem que no cálido Agosto de 1985, encontrei em Armação de Pera, quase diariamente, ao lado da esposa [Isaura / Zita Mendonça Namora, que era natural de Monsanto], a fazermos praia no mesmo sítio. Foram poucos os diálogos travados, mas dele guardo este autógrafo dado descontraidamente no dia 12, sentados lado a lado, no areal.

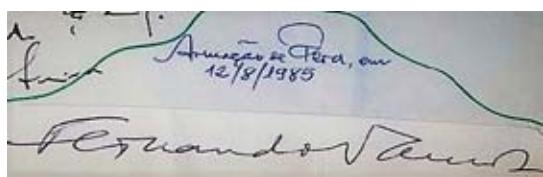


Fig. 2 – Autógrafo pessoal, datado de 12-8-1985

- Oh, se fosse hoje... o que não quereria eu saber mais, meter mais conversa, acerca das suas andarilhagens pelas terras desta nossa Beira, de Tinalhas a Monsanto e sobretudo da Mata da Rainha, das gentes e sítios conhecidos de ambos, alguns até meus familiares directos, que trabalharam nas minas (caso do meu tio Félix, ou até minha mãe) quando o Autor por lá andou em observação ou recolha de elementos, que depois incorporou no romance quase biográfico... Mas não. Infelizmente, muito pouco se falou disso e nada guardei para além do autógrafo e da memória visual, nem sequer me lembrando de que ele publicara o livro precisamente no ano em que nasci.

¹ Albano Mendes de Matos, «Fernando Namora nas Minas de San Francisco», [Jornadas de 2009], pub.º in *Medicina na Beira Interior*, n.º 24, 2010, pp. 44-47; e, na mesma ocasião e em linhas algo semelháveis, A. Lourenço Marques, pp.40-43, e M. Lopes Marcelo, pp. 48-50.

Minas da Mata: o suporte ambiental

Um romance como este tem sempre um espaço subjacente, um ambiente a servir de suporte inspirador. Conforme o próprio médico-escriptor viria a declarar, ele assentava «as traves do seu edifício literário» na realidade dos factos, para maior segurança. O romance nasce a partir de situações experienciadas, vividas. E assim ele ia compondo o texto baseado no que via, ouvia e vivia. Cito, de Armindo José Pires de Azevedo Nunes, «A feição autobiográfica de Fernando Namora», in *Fernando Namora: Do Neorrealismo ao Humanismo*, dissertação de doutoramento em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, 2017, p. 197:

«Por conseguinte, as temáticas da produção literária namoriana associam-se estreitamente aos ambientes geográficos e sociais que o autor percorreu ao longo da vida».

E que ambiente, que geografias de *Minas* eram essas?

Houve já quem tentasse identificá-lo com as Minas da Panasqueira ou com a Aldeia de S. Francisco de Assis, no concelho da Covilhã. Ora, não obstante o título do livro conter o tópico “San Francisco”, tal identificação é rotundamente falsa. O sítio mineiro que enforma o romance existiu e ainda existe, mas nas proximidades da Mata da Rainha; e disto, por testemunhos vários, uns retirados da análise interna da obra e outros da crítica externa, não podem restar quaisquer dúvidas. Ficou, inclusivamente, uma declaração do próprio autor a atestar o que afirmamos, a propósito dos seus tempos de clínico em Tinalhas, aldeia onde ele começou a escrever o romance, pois aí chegou pelo mear de 1943 e só em Outubro de 1944 se mudou para Monsanto:

*Tinalhas, tempo rude. O imberbe clinicastro vindo do Norte suspeitoso teria de ser recebido com desconfiança pelos caciques em compita e pelas gentes calejadas no agravo social e revolvidas pelo furacão do volfrâmio. A Tinalhas acrescentou-se a fabulosa experiência das minas da Mata da Rainha*².

Isto escreveu Namora na sua *Autobiografia*, Lisboa, 1987, pp. 30-31, e daí o registo de Armindo Nunes no seu estudo citado, p. 199:

*«Também a dura realidade observada nas minas da Mata da Rainha, próximo de Tinalhas, o inspira na elaboração de *Minas de San Francisco*».*

Mas há mais: também o “nossa” Dr. António Lourenço Marques, num excelente texto datado de 6.6.1988 [*Fernando Namora médico rural na Beira Baixa*, separata do “Notícias Médicas”, p. 2], afirma preto no branco: «A oportunidade [de vinda para Tinalhas] surgiu por indicação de um amigo, enredado na aventura do volfrâmio e então funcionário nas minas da Mata da Rainha». Ora, esse amigo era Manuel Vidal Almeida Lima; viria, infelizmente, a falecer pouco depois; e foi exactamente a ele que o autor dedicou a obra, em jeito de homenagem, nestes termos:

A memória de Manuel Vidal Almeida Lima – companheiro deste livro e dos mineiros que o viveram.



Fig. 3 – Placa de Rua, em Tinalhas

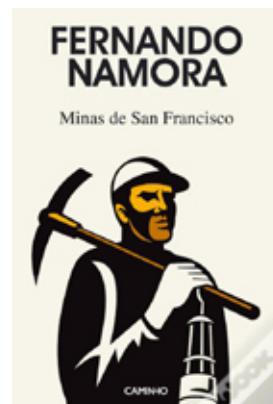


Fig. 4 – Capa do romance, Ed. Caminho, 2018, com prefácio de Marisa Matias e ilustrações de Rogério Ribeiro

Uma particularidade vinda a público num periódico regional (o jornal *Beira Baixa*, de 17.6.1944, quando o Dr. Namora ainda vivia em Tinalhas),

² Vejam-se ainda testemunhos confirmativos de autores dessa região, como Albano Mendes de Matos (*Cadernos MBI*, vol. XXIV, de 2010, pp. 44-47) e Isaura Reis («O volfro nas minas da Mata», no seu blog online *O Barbilho*, de 26 de Maio de 2018. <https://www.facebook.com/notes/o-barbilho/o-volfro-nas-minas-da-mata/229875174412118/>).

agora revelada pela Dr.^a Adelaide Salvado – a quem agradeço a informação –, veio também fazer alguma luz sobre a génesis desta obra: o primeiro título concebido e anunciado para esta obra não era «Minas de San Francisco», mas sim “TUFO”. Trata--se de uma “nuance” deveras interessante esta, de alteração de um título quando a obra já ia adiantada ao ponto de ser publicitada, o que nem sempre se documenta na literatura. E podemos perguntar: Porquê «Tufo»? e o que teria levado o autor a um tal mudança?

Com efeito, por diversas vezes a palavra/conceito emerge no texto e, na verdade, o tema era um problema sanitário grave, que terá impressionado seriamente o jovem médico de visita às minas e ao seu ambiente por vezes irrespirável:

- «Agora, que se sente capaz de discutir “assuntos da mina”, arrisca mais uma vez a história das máscaras. Anda um ror de gente a escarrar negro. O tufo condensa-se nas máscaras, corrói os pulmões, é impossível respirar com essa mordaça a sorver o que resta de ar puro» (p. 37).

- «Sente-se o ar cada vez mais empastado. O suor, a respiração, a poeira fina, fundem-se num granizo mole que se aninha nas máscaras, que se condensa nos alvéolos dos pulmões» (p. 52).

- «Almeida [engenheiro de minas] é o único que aparece nas galerias, acamaradando com os homens; os seus pulmões conhecem o tufo» (p. 57).

- «Passou o lenço pelos bigodes e cuspiu. O camponês espantou-se da cuspina suja. O guarda rodou sobre os pés, nervoso. – Isto é tufo» (p. 64).

- «Vinharam todos eles (...) e logo se emaranhavam no tufo de San Francisco» (p. 327).

Contudo, a palavra não agradaria ao romancista, que a terá achado fria e pouco sonante, não traduzindo o verdadeiro ambiente rústico e mesmo algo mítico que em 1943/44 ali foi encontrar e que desde logo o seduziu, portanto já com a exploração mineira em pleno. Então, o panorama da aldeia da Mata da Rainha e das Minas, com os seus quase dois milhares e meio de pessoas em sôfrega labuta, era mais ou menos este, segundo o próprio nos dá conta no Cap. II do livro, p. 28 da edição na Caminho, 2018, logo a abrir:

San Francisco [Mata da Rainha]. Um planalto de estevas, sem arvoredo, o casario de madeira a descer, em degraus, a encosta bravia. As casas, de noite, adivinhavam-se pelas janelas iluminadas, com o seu ar fantástico de olhos a pesquisar a escuridão. Vinha um poiso extenso, matizado de searas maninhas, morrer subitamente no cabeço de San Francisco, que o rio [Rib^a do Taveiró], cingido pelas ravinas, contornava em arco, como se o quisesse isolar. Mas logo que um

homem atravessasse a ponte [ponte velha (não a actual), a separar duas freguesias e dois concelhos, Fundão e Penamacor], mirando-se no espelho das águas incendiadas pelas luzes da mina, topava uma aldeia de barracões baixos e amontoados, de largos portões, por onde a voz martelada dos geradores se escapava para o silêncio aturdido da campina.

A geografia da zona, mesmo romanceada e à distância de 75 anos, condiz quase na perfeição.

Ora, localizavam-se estas minas em diversos pontos de ambas as margens da Ribeira do Taveiró, três na direita, pertencentes àquela freguesia (do concelho do Fundão), e mais três na esquerda já inseridos na freguesia de Pedrógão (Penamacor), ocupando no conjunto cerca de 7 hectares, com reservas que constituíam no seu conjunto outras tantas concessões com número de inventário oficial, a saber: Espadanal (n.º 1136), Monte Queimado (n.º 1137), Canchal da Terrinha (n.º 2552), Mata da Rainha (n.º 2979), Cabeço do Seixo (n.º 372) e Vale das Pinhas (n.º 373). Os minérios identificados eram estanho e volfrâmio (= tungsténio), podendo ainda hoje ver-se no terreno diversas galerias e escombreiras, bem como alguns poços de grande extensão e profundidade (0-30m).

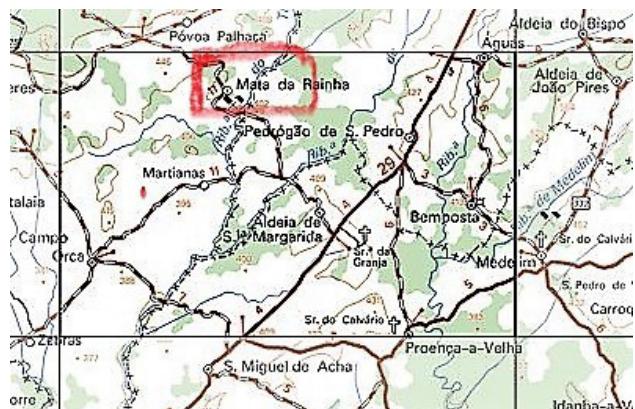


Fig. 5 – Mapa de localização



Fig. 5A- Alternativo: Vista aérea, Google earth

Assim, na encosta e margem direita da Ribeira, onde se fizeram as mais antigas explorações (Terroeiras, terras revolvidas, tudo o que vinha dos

buracos com “bolsadas” de volfro), podemos destacar: antigas habitações em ruína (do tempo dos Burnay?); um tanque de lavagens; restos de uma chaminé com base de tijolo e que se via de longe a fumegar [«Após a elevação, a chaminé altíssima dos fornos de arsénio» (p.317)]; galerias (uma delas, a da Figueira, de que o livro fala); a mina de água potável, esta bem conservada; e a sólida “torre do seixo” (que recebia o cascalho em bruto das minas para ali ser triturado, antes de ir para a lavandaria e que provocava grande ruído).

Na encosta e margem esquerda da Ribeira, onde se situavam as principais estruturas habitacionais e administrativas, transpostos os portões da quinta actual (agora encimados lateralmente por duas emblemáticas vagonetas) e subindo o caminho térreo de acesso ao complexo, encontramos: a casa onde vivia o chefe das minas [Engº Garcia] e mais uns tantos da brigada técnica [“moradia de pedra e cal, murada por uma cerca de buxo”], bem contrastante com a “casa da malta” [que era «fria e onde não se pode cozinar, que a Companhia não quer incêndios»], da qual restam apenas alicerces; o sítio da forja do ferreiro que aguçava guilhos e picaretas (o Ti Félix, da Orca, com ajuda do seu pinche e enteado, meu tio Joaquim dos Santos Saraiva), sítio ainda pejado de carvões; mais galerias e escombreiras, por vezes com restos de minério; etc.



Fig. 6 – O edifício principal da antiga concessão: «casa dos senhores engenheiros, aquela moradia de pedra e cal, murada por uma cerca de buxo (...) Ali vive o chefe da mina, o senhor engenheiro Garcia, e mais uns tantos da brigada técnica de San Francisco» (p.32).



Fig. 7 – O volfro em bruto, ainda agarrado aos seixos... «O pão de todos eles, seja árvore, seara ou volfrâmio, é sempre uma dádiva ou um apelo da terra» (p.37). «...o volfrâmio também salta da enxada como quem cava uma vinha e vai destorroando os calhaus» (p.40).



Fig. 8 e 9 – Alguns aspectos da área mineira (entrada de galerias).



Fig. 9A – Antigas habitações em ruína, na margem direita da Ribeira.



Fig. 9B – Restos de uma chaminé com base de tijolo.



Fig. 9C – Mina de água potável.



Fig. 10 – Vagoneta. «Vinharam motores e vagonetas, homens da cidade especializados em máquinas, arrogantes e sombrios, vinham canos chupar o rio, transportando as águas para as cristas do morro. Lavandarias e carris de ferro acompanhavam a fortuna das galerias. A dinamite abria cavernas, estonteando os dias serenos de San Francisco» (p.47).



Fig. 11 – “Torre do seixo”: a maquinaria aqui instalada para triturar os seixos em bruto e fazer saltar o minério provocava um barulho ensurdecedor. «Perfurava os ouvidos, os ossos, tal uma verruma» (p. 44).

E quando terão começado as explorações?

Provavelmente pelos finais do século XIX. Sabe-se que já funcionavam em 1911, pois se sabe que em Agosto desse ano ali faleciam de acidente dois mineiros; e continuaram em laboração durante a I Guerra Mundial. Mas o seu período áureo foi sobretudo por alturas da II Grande Guerra (anos de 1943-1945), período em que estiveram concessionadas à Sociedade Mata da Rainha L^{da}, do grupo Minero-Silvícola, que era controlado pela *Rowak* (Berlim), sendo o volfro canalizado sobretudo para a Alemanha (para a indústria bélica nazi – tendo em vista o endurecimento do aço, a ser utilizado nos canhões e em bombas). A população residente na Mata era, em 1940, de 488 habitantes e 114 fogos, mas depois chegou a ter mais de 2000 pessoas, provenientes de várias partes, maioritariamente das terras mais próximas. Em termos comparativos, a aldeia já não chega agora [2019] aos 200 moradores...

Com o fim da Guerra, a exploração veio a encerrar e as minas ficaram abandonadas, até hoje. Os bens alemães deixados nas instalações foram inventariados por uma Comissão Liquidatária nomeada pelo governo (c. 1960). A maior parte dos terrenos foi adquirida por três irmãos, de Castanheira de Pera (um deles era cônsul na Alemanha), mas por falta de pagamento foi de novo posta à venda. Adquiriu-a então um tal Joaquim Rodrigues Correia, que constituiu com seus irmãos a companhia Rodiacor, com sede nas Caldas da Rainha. Até que, a 1 de Abril de 1980, passou ao actual proprietário, Sr. José Leal Antunes, filho da terra, hoje a caminho dos 90, mas que apesar da avançada idade ainda vai cuidando com desvelado amor daquele quinhão de história, a que sabe dar valor e que nele bem gostaria de ler melhor futuro³.

As Minas – Entre o ficcionismo do romance e a realidade histórica

Vivia-se, portanto, em plena II Guerra Mundial. Em 1943 o Dr. Namora já exercia clínica em Tinalhas (Castelo Branco); e no ano seguinte, informado por um amigo de que havia uma vaga em Monsanto, para esta vila beirã se deslocou, ali se mantendo dois anos. Mas o médico-escritor, já antes se deslocava nalguns fins de semana à Mata, a convite do seu amigo Almeida Lima, um técnico superior das Minas. E, com o seu apurado sentido de observação do social e talvez antevendo o manancial que dali lhe poderia advir para um novo livro, aproveita então para conviver com aquelas gentes, tudo observa e regista «as relações sociais entre os mineiros e entre estes e os capatazes, mestres e engenheiros».

O romance, embora não sendo dos mais conhecidos nem dos mais elogiados pela crítica, é de uma força tremenda. Pertence ao chamado “ciclo rural” do autor e debruça-se sobre um tema como este, de enorme relevância para a Literatura Portuguesa, mas não só, também para a História regional e local, para uma caracterização sociológica e antropológica das gentes e do ambiente vivido ao tempo neste interior beirão (com epicentro na Mata da Rainha), e mesmo para a História da Medicina.

E será que o médico-escritor, que se integra na corrente Neo-realista, captou mesmo o real e nos transmitiu uma narrativa verídica? **Romance/ficção ou verdade / realidade histórica?**

³ Para mais pormenores, V. Carlos Manuel Cleriguinho Inverno, *Contributo para o Estudo das Minas da Mata da Rainha (Fundão-Penamacor)*, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 1986 (policop.).

A propósito, dele escreve Marisa Matias no Prefácio desta edição:

(...) É a narrativa de um lugar que aos nossos olhos parece remoto, mas que reflecte exemplarmente o que era um país feito da soma de lugares remotos, sedentos de esperança e de dignidade. Este é o lugar para onde nos transporta Fernando Namora. Deste *Minas de San Francisco*, um dos mais imprescindíveis dos seus livros, levamos um murro no estômago e saímos com um banho de humanidade.

San Francisco é um «não-lugar» e é, ao mesmo tempo, a soma das vidas dos homens que ali vivem e que se matam a trabalhar e das suas circunstâncias. É uma lição sobre a queda e o reerguer-se, o desespero e a esperança, sobre a complexidade humana, sobre a desistência ou a redenção. É uma obra que traduz uma busca incessante, uma urgência de futuro (...). Os personagens de *San Francisco* são o retrato realista e humano de vidas (...).

Retrato de vidas. Sim, a maior parte daqueles homens e mulheres que figuram naquela narrativa têm e tiveram nome próprio, embora na maior parte das vezes nos sejam apresentados com nomes fictícios; tal como os lugares ou cenários, que nem sempre correspondem aos verdadeiros, mas muitas vezes o são. Dizem-no ainda algumas pessoas idosas da Mata da Rainha, como o actual proprietário Sr. José Leal, que já leu o livro várias vezes e sabe “tirar identidades”. E, pela nossa análise, também não temos dúvidas de que as paisagens são as mesmas e que a maior parte daquelas personagens que evoluem no palco romanceado de *Minas de San Francisco* tiveram existência própria, algumas perdurando na memória colectiva. Seguem alguns exemplos.

- João Simão, dito originário de Sarzedas: protagoniza grande parte do romance e parece ser um personagem ficcionado, mas a sua filha (Maria do Freixo), que engravidou de um engenheiro, corresponde a um perfil verdadeiro ainda lembrado na aldeia;

- Ti Cardo: parece corresponder ao Sr. António Fernandes, “o Pelado”, pessoa respeitada, que também foi regedor da terra;

- Quirino, “espécie de fiscal de *San Francisco*”: corresponderia a um indivíduo conhecido pelo apelido de Salsa, minhoto tal como sua mulher, ambos tidos como pessoas “reinadias”;

- Leocádia, a dona da venda / taberna: é identificada com Maria Lopes dos Santos (a “Maria da Mina”), que depois fechou a tasca e foi viver para o Entroncamento, onde acabaria por falecer;

- O Faustino, do comércio local e armazém de miudezas: é identificado com Joaquim Nunes

dos Santos Reis (n.Orca, 23.2.1918), o qual pouco depois passou a Águas (Penamacor) mas que deixou como sucessor na Mata um irmão, José Reis Nunes (1922-2020)⁴;

- O contrabandista / candomgueiro: é identificado com Joaquim Torres;

E há outros...



Fig. 12 – Com o actual proprietário Sr. José Leal Antunes, a quem agradecemos a visita guiada e toda a amabilidade no fornecimento de informações complementares.

Mas o exemplo de personagem quanto a nós mais significativo, por ser ele que acaba por dar título ao livro, é **Joaquim Chamusca de *San Francisco*** (assim mesmo, com o vocábulo *San* grafado desse jeito). Encontramo-lo na página 262 do romance [edição de 2018], a encarnar a figura de um rico proprietário local que emigrara para Boston, onde grangeara fortuna (por isso o trata por “americano”), e que no regresso fizera construir a expensas suas a igreja local. Diz o texto:

«A igreja é enorme, sólida, majestosa. Foi restaurada por um americano que trouxe de Boston uma moto que investe pelos caminhos como um toiro de lume nos olhos e que tem força para aguentar uma meia dúzia de mastronças. Ele mesmo ditou os dizeres da placa do lado nascente, para que receba a luz do alvorecer antes de qualquer outra casa da aldeia:

TEMPLO SAGRADO É A PORTA DO CÉU E CASA DE DEUS QUE MANDOU FAZER JOAQUIM CHAMUSCA DE SAN FRANCISCO EM 1935. EXISTA DE PÉ ESTE TEMPLO ATÉ QUE UMA FORMIGA BEBA TODA A ÁGUA DOS MARES E UMA TARTARUGA DÊ UMA VOLTA EM REDOR DO MUNDO.

O nome é, obviamente, ficcionado; mas o personagem inspirador é real e histórico. A sua

⁴ Numa excelente crónica de Jolon, no *Jornal do Fundão* de 6.9.2012, José Reis Nunes contou como foi da Orca para a Mata em 1943, de burro, ajudar o irmão no estabelecimento de mercearia, fazendas e outros produtos» e como, nas suas frequentes visitas às minas, muitas vezes se cruzou com o Dr. Fernando Namora. “Ele vivia em Monsanto, mas vinha cá dar consultas aos mineiros”.

verdadeira identidade era **Manuel Francisco Clemente**, de Peroviseu, que as pessoas mais idosas ainda conheciam muito bem na Mata, com boa casa na aldeia. Ora, o Sr. Francisco como era mais nomeado, que também tinha muitas terras em redor (presumo que também na zona das minas), mandou efectivamente (re)construir a igreja da terra, em 1897, e quis perpetuar o seu nome nela, numa placa que ainda lá está, muito semelhante à do livro, apenas com duas pequenas alterações: a data e o nome do benemérito.

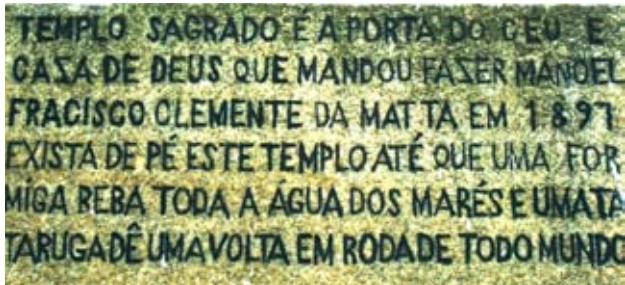


Fig. 13 – A placa autêntica, sobre a porta lateral esquerda.

A inscrição incrustada numa parede exterior da igreja, como disse, é bem conhecida. A primeira frase é claramente retirada da Bíblia (*Génesis*, versículo 28-17): «*Quão terrível é este lugar! Não há aqui outra coisa senão a casa de Deus e a porta do Céu*». E a leitura completa é esta: «*Templo sagrado é a porta do Céu e / Casa de Deus, que mandou fazer Manoel / Fracisco Clemente da Mattà, em 1897. / Exista de pé este templo até que uma for- / migá beba toda a água dos mares e uma tar/taruga dê uma volta em roda de todo mundo.*»

Mais posso adiantar que o Sr. Manuel Francisco Clemente, que ao presente ainda dá nome à rua que contorna a igreja, deixou geração na Mata da Rainha e também na Fatela (Fundão), hoje com prolongamentos noutras partes. Disso mesmo me deu conta, por carta datada de 24.2.1994, uma sua bisneta, D. Teresa Maria Gralha Salvado, hoje com 73 anos, cujo avô paterno Fernando António, casado com Ana Ramos Salvado, já nasceu na Fatela, mas que guarda do bisavô algumas memórias.

Em síntese, acerca dos actores a evoluir no palco deste romance, são cerca de quarenta indivíduos de carne e osso, personagens que são retratos reais, muito embora romanceados. Não são apenas figuras simbólicas – mineiros, os engenheiros, o candomgueiro, o capataz ou a taberneira – não, são eles próprios, com as suas virtudes e os seus defeitos, as suas venturas e desventuras. E que nos fazem reflectir... acerca de um tempo que já passou mas que ainda foi nosso, de um lugar que ainda existe e que também é nosso porque fica aqui

bem próximo, e, acima de tudo, acerca da condição humana.

Namora: um escritor do social e, acima de tudo, um humanista

Sobre esta faceta do médico-romancista se escreveu (e falou) já bastante, inclusivamente neste fórum e nestas Jornadas de 2019, pelo que vou tentar ser breve neste ponto e cedendo a palavra a provou já ser mais competente nesta matéria. Isto porque, tratando-se de uma evocação num ano centenar, não poderíamos deixar de lado estas duas vertentes da sua extraordinária obra: a social e humanista.

Socorro-me, assim e para o efeito, de um escrito recente de um académico profundamente conhecedor da obra namoriana, o já citado Armindo de Azevedo Nunes, na sua dissertação de doutoramento [p. 131]:

*As primeiras obras de Fernando Namora deixavam antevers uma franca adesão do escritor à luta heróica dos mais desfavorecidos da sociedade pela sobrevivência, mas é quando o médico se desloca, por motivos profissionais, para a inóspita zona raiana da Beira Baixa, verdadeira “geografia de mínguas”, que tal adesão se torna verdadeiramente significativa. As obras do ciclo rural namoriano – *Casa da Malta* (1945), *Minas de San Francisco* (1946), *Retalhos da Vida de um Médico* (1ª Série - 1949) e *A Noite e a Madrugada* (1950) – constituem, assim, detalhados quadros das vivências sofridas de toda uma imensa massa de pessoas que diariamente, com a sua labuta, o seu suor e, por vezes, o seu sangue, procura sobreviver a tantas e tão duras provas e privações. Como salienta Joel Serrão, nas obras neorrealistas “o povo miúdo é chamado a desempenhar papel de relevo no drama social”. De acordo com o ponto de vista apresentado por Namora nessas obras, viver na zona raiana é fundamentalmente sinónimo de sobreviver, excepto para uma pequena minoria de cidadãos que se destaca no tecido social, frequentemente responsável pela opressão e alienação dos mais desfavorecidos*⁵.

Mais, muitos mais testemunhos poderíamos aduzir a este propósito. Lembro, por exemplo, o de Albano Mendes de Matos, nosso amigo e companheiro destas lides jornadas, experiente

⁵ O texto é extraído da Parte I – 4. «A luta pela sobrevivência na sociedade rural raiana e os contrastes sociais», com continuidade no ponto 4.2, «*Minas de San Francisco* (1946) – a demanda sofrida do ouro negro (pp. 140-148), e ainda na Parte III – «Do existencialismo ao Humanismo». Do mesmo autor, ver também «A raia beirã, espaço paradigmático do sofrimento humano na ficção namoriana», in *Nova Síntese – Textos e contextos do Neo-Realismo*, n.º 4, Colibri, Lisboa, 2009, pp. 103-125.

antropólogo, publicado nos *Cadernos Medicina na Beira Interior*, vol. XXIV, de 2010, pp. 45-47:

Minas de San Francisco é o primeiro romance português do volfrâmio (o volfro), temática também abordada por Aquilino Ribeiro e Miguel Torga. A corrida ao mineral, como exploração em minas e desmontes a céu aberto, por conta de patrões, ou ao quilo, por conta própria, escarafunchando ravinas e cerros, perseguiendo o filão superficial, ou vasculhando no fundo dos ribeiros, foi um acontecimento pitoresco, com laivos de rusticidade e aventura, com significado histórico-cultural, que Namora descreve como um trabalho árduo, de ilusórios eldorados, com profunda e objectiva humanidade. (...) Nas descrições há [?] de visualização do mundo rural dos meados do século XX, com inúmeras referências ao campesinato, às vivências e aos modos de agir do homem, com os seus valores, as suas tradições, as suas crenças, comportamentos sociais, morais e religiosos, os modos alimentares, as sociabilidades, as manhas e as vinganças. (...)

E concluía:

Fernando Namora não foi apenas o médico cuidadoso, arrepiado até aos confins da alma, perante o mundo das pobres gentes, que mourejavam de sol a sol, nas terras crestadas pelos rigores do Estio e atormentadas pelos códãos das inverniás, nas brenhas da charneca ou nas campinas da Idanha. Namora foi, também, testemunha das condições sociais difíceis dos míseros camponeses sonhando com o ganho do ouro negro, o volfrâmio, que arrancavam nas entranhas das minas, entre escoras, ao sabor das pôlvoras e aos odores do carboneto. (...) Nesta obra, palpita o realismo social, numa evidência humanista, na luta e no sonho dos camponeses por uma vida melhor, que o escritor e médico muito bem ilustrou, com o realismo social a superar o realismo pícaro de obras anteriores, com as personagens embebidas nas suas vivências existenciais.

E fecho de vez com o testemunho breve mas certeiro de mais dois companheiros nossos, estudiosos do médico-escritor:

- Manuel Lopes Marcelo, nos *Cadernos MBI* de 2010, p. 48: «A obra de Fernando Namora contribuiu de forma muito relevante para o conhecimento da nossa realidade cultural, designadamente da matriz rural e tendo o Homem desta região como núcleo central. Na sua obra está presente toda uma humanidade essencial, uma autenticidade pungente (...) ao serviço de um itinerário de dignidade humana». «Relembre-lo, constitui oportunidade de reflexão muito pertinente e de grande significado cultural.»

- Rui Jacinto, nos *Cadernos de 2013*, p. 101:
«O país em geral e a Beira Baixa em particular

não podem desperdiçar o importante activo que representa o legado de Namora, património cujo significado pode ombrear com alguns recursos, materiais e intangíveis, que se tentam valorizar e promover, actualmente, como única redenção de todos os males que enfrentam os deprimidos territórios deste vasto Interior».

Bem dizia, acerca de *Minas de San Francisco*, Marisa Matias (atrás citada), que este livro foi «um dos mais imprescindíveis» dos livros de Namora. Como ela, também nós levámos «um murro no estômago» e saímos «com um banho de humanidade».

NOTA FINAL

Segundo o "Diário Digital Castelo Branco", de 8-11-2019, está em marcha um projecto de parceria entre a ESART de Castelo Branco e o Geopark Naturtejo, que recria as *Minas de San Francisco*: "Mata da Rainha – As Minas de Fernando Namora" é o título e pretende dar uma abordagem artística multidimensional à obra do escritor português Fernando Namora, no final das comemorações do centenário do seu nascimento. Diz a notícia:

Entre ruínas e memórias, este novo projecto, que se inclui no âmbito das atividades de investigação do CIPEC – Centro de Investigação em Património, Educação e Cultura, promete reavivar os espaços factuais que alimentaram a imaginação, mas também as vivências de Fernando Namora. Mais de quarenta alunos encontram-se a explorar as antigas Minas da Mata da Rainha no terreno desde os inícios de Outubro, os espaços do romance e as memórias dos habitantes da aldeia, assim como as suas percepções sobre as realidades e personalidade por detrás das histórias e das personagens de Minas de San Francisco.

No final do semestre, os grupos de trabalho prometem uma exposição de criatividade sob vários suportes visuais à disposição dos habitantes de Mata da Rainha, bem como dos municípios trespassados pela antiga área mineira, Fundão, Idanha-a-Nova e Penamacor. Este será também o arranque do Geopark Naturtejo no Grupo de Trabalho para o Património Mineiro da Rede Europeia, de Geoparques e terá o apoio na divulgação do Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal, uma plataforma nacional de promoção do património geológico e geomineiro à qual a Naturtejo, Empresa Intermunicipal, aderiu na sua origem».

*Doutor em Letras (História), Professor aposentado, da Academia Portuguesa da História.

DUETOS DE PROTESTO E RAIWA A PROPÓSITO DO GRITO E DA PALAVRA HABITADA EM FERNANDO NAMORA

*Manuel Silvério Marques **

"[...] o bebé, como naufrago arrojado à praia / pelas ondas cruéis jaz no chão, incapaz de falar, carente / de todo o apoio à vida, logo que a natureza o derrama / do útero da mãe, entre dores de parto, nas regiões da luz, / e enche o lugar com o seu vagido lúgubre, / como é razoável para quem tem de atravessar na vida tantos males"

Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, V, 218-226
(trad. L. M. Gaspar Cerqueira), 2015

Minh'alma vai à frente, eu de rojo trás dela: / Porque eu sou feio e triste, / Mas a minh'alma é bela [...] / Sim, a minh'alma sabe essas palavras ébrias / Que nos atiram para o Infinito. / Quando a minh'alma fala, a sua voz é um grito, / Grito de oiro que vara a solidão do espaço. / E Deus acolhe no regaço. / Que pena que a minh'alma / Só pela fala do meu corpo fale! / Que a fala do meu corpo é intolerável, / Mas a minh'alma é bela, / E eu ou hei-de pedir-lhe que se cale,/ Ou hei-de dar-lhe a voz da minha língua miserável! [...]

José Régio, *Ronda dos Braços Quebrados I*,
in *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925



Resumo

Investigam-se três vectores da poética do médico Fernando Namora. Identifica-se e desconstrói-se o sentido da palavra habitada "que nasce como um grito", mas contesta-se a validade da analogia entre leis da sociedade e leis da fisiologia e problematiza-se, com sobriedade, a tese da alienação (ou alexitimia?) citadina e cidadã e dos gestos que "não nos pertencem" "falsificados pela deliberação" (sic). Com a ajuda de brevíssima incursão nos palcos literário, ideológico e clínico, realçam-se aspectos do significado, trágico e consolador, do grito, da diálide turbulenta da falsa consciência pelo sentimento do falso e da

complexidade monádica do Eu na historicidade da pessoa disfarçada.

Palavras chave: Namora, neo-realismo, grito, fisiologia, sociedade, falsa consciência

Abstract

We will address three drivers of the poetics of the doctor physician, Fernando Namora. We will identify and deconstruct the meaning of the inhabited word "that is born as a cry", but we contest the validity of the physiological model of the society. We cautiously problematize the thesis of the city or citizens' alienation

(or alexitimia?), of gestures which “do not belong to us”, “falsified by deliberation”. With the help of a brief excursion into the literary, ideological and medical spheres, we will enhance aspects of the cry’s meaning, both in its tragic and in its consoling dimensions. We will also look briefly into the dialysis of the false conscience by the feeling of falseness, and into the monadic complexity of the I in the historicity of the disguised person.

Keywords: Fernando Namora, neo-realism, cry, physiology, society, false conscience

Introdução

Muitos artistas neo-realistas, agastados com os fastos e nefastos literários dos nefelibatas e, entre nós, desiludidos com a metafísica e a poética subjectivista da Presença, viraram-se para as realidades do dia-a-dia penoso da vida e do trabalho na sua/nossa terra. E chegaram-lhes os gritos que enchem a História, no justo juízo do autor de *El-Rei Junot*. Gritos que alimentaram e inspiraram a criação de Fernando Namora, da pintura, à novela, ao ensaio. Proponho-me comentar e ampliar alguns escritos ficcionais e ortónimos de Namora com a lupa de Helmuth Plessner, *Rir e Chorar...* (1970/1941). E, paralelamente, sondar a diferença entre inteligibilidade expressiva e inteligibilidade estrutural ou categorial, mostrando que chorar – lacrimejar, gemer, gritar, soluçar – exprime a precipitação de uma crise na relação do ser humano com o seu corpo, tomado por automatismos psicológicos. Reacções homólogas às emoções de sinal contrário associadas ao sorriso, riso e gargalhada, intensificações de bem-estar, alegria, elação. Nada direi da agitação e berraria das multidões no “futebol” e nos “concertos”, nem dos protestos e gritos das “massas” nas “manifs” e comícios. Focarei, tangencialmente, o complexo de imbricações (*entrainments*) dos programas co-implicados na vocalização (e grito e choro) emocional, nomeadamente as subrotinas de hipersecreção lacrimal, mimética facial e regulação emocional do organismo e do comportamento, os subsistemas de experiência subjectiva emocional e das condutas sociais associadas (cuidados maternais, apego, atenção e cuidado a outrem, etc.). Além do “aparelho” afectivo, estão envolvidos os sistemas simpático e parassimpático, que constituem processos ortogonais, complementares e não antagónicas. Grosso modo, o primeiro, gere a activação (arousal) e o segundo regula a secreção, de valência potencial positiva ou negativa; o simpático é termogénico, o vagal termolítico. Hugo Lövheim correlacionou o “cérebro visceral”, o sistema

nervoso vegetativo e as principais emoções, num modelo triaxial, em cubo, a partir de um referencial básico: o simpático em abcissa, mapeia o eixo das sub-rotinas ingestão, sexo, fight e flight; na ordenada, o vago (ou parassimpático), o repouso e a digestão; o grau zero de medo na origem; no vértice da diagonal simétrica, a excitatio ou irritatio. De acordo com Stephen Porges (que perfilha o modelo jacksoniano da evolução e involução neurofisiológica), há dois subsistemas vagais: (i) o complexo vegetativo arcaico (núcleo dorsal do vago), associado às respostas poupadões de energia, da apneia dos anfíbios ao freezing (imobilização defensiva) animal, da paragem respiratória do amuo pueril à estupefacção e ao susto ritual; (ii) o complexo ventral (núcleo ambíguo) dito “smart”, associado a mímicas e valências emotivas, regula o “jogo social”, a socialização e afiliação, “compensando” e neutralizando a mobilização agressiva para fight e flight (Damásio, 2017: 152 *passim*, 348¹¹¹). Compreender-se-á que destas polaridades dinâmicas deva resultar a unidade, o tónus e a intensidade da imagem (ou representação), da emoção, da acção, dos sentimentos básicos¹, e a possibilidade de sincronização e “sintonização” diádica ou poliádica do grupo parental ou familiar. Apesar de simplista, submeto a seguinte sugestão de ontologia histórica: a activação do parassimpático inclui o regime *laxus*, seus “equivalentes emocionais” diastólicos e a serotonina; o sistema simpático, o regime *strictus*, seus equivalentes emocionais sistólicos e a noradrenalina (e adrenalina) (não considero aqui o terceiro eixo do cubo, sob regência da dopamina, nem outras hormonas do stress, as endorfinas, etc.).²

Plessner recorda a antiga classificação de Charlotte Spitz, que distingue três fases no desenvolvimento dos modos de pranto, a saber (i) de dor, ansiedade e pânico infantil, expressões de um eu remoto e embrionário; (ii) da pessoa, tipicamente o adolescente, associado a frustração e raiva; (iii) oriundo de instâncias espirituais, ligado à dor mental e a vivências morais, à revolta e à contrição. É inegável, creio, a inscrição subreptícia (e impensada?) destas três camadas emocionais na segunda tópica freudiana, Id, Ego e Super-Ego. Outra análise, mais actual, descreve o choro/grito de glória da mãe que acabou de parir, a primeira vocalização dispneica do neonato, o choro/grito “comum” sofredor e ansioso (de fome, sede, etc.) e o doloroso (o choro da “cólica”) dos lactentes, o choro de ira, o choro/grito de vergonha, de perda, de depressão, de excitação, de

¹ Damásio, 2017: 152s: “os sentimentos [básicos] referem-se primordialmente à qualidade do estado

² Uma revisão de alguns aspectos e domínios da auto-regulação em Marques, 2000.

alegria, o grito e lágrimas do êxtase erótico, as lágrimas incoercíveis da violência e da senilidade, etc.³ Em geral, estas reacções revelam a opacidade da “dialéctica” experiencial ser corpo e ter corpo (Plessner, 1970: 121, 32, 143, 148). Acolhendo um princípio da psicologia de Wundt – vestígio do corpo fibrilista ou solidista dos séculos XVII e XVIII – a polaridade radical entre tensão (ou espasmo) e distensão, Ch. Spitz separava quatro modalidades fisiológicas do choro: tenso, predominantemente tenso, distenso ou relaxante e predominantemente relaxante. Os movimentos expressivos do choro (e do riso) são, na perspectiva interna, desorganizados, imediatos, espontâneos, intrusivos, “modulares” e, na perspectiva externa, sociais, inintencionais, contagiosos, de conteúdo mental não proposicional, evocando situações limite, insusceptíveis de respostas outras (Plessner, 1970: 138, 25, 54 *passim*). Mas, efeito imperativo, o indivíduo deve atribuir um significado às experiências, conferir-lhes sentido, fazê-las “dizer” algo de si a Si, pessoa em situação (Plessner, 1970: 140). Condição que se aplica (com as inevitáveis modificações) aos gritos elementares de alarme, medo, susto ou pânico (Panksepp, Biven, 2012: 311S). Noutras vezes – vozes e vocalizações porventura mais frequentes, de fundo emocional simétrico e contraditório, o grito, a lamentação, o choro, o carpir –, funcionam como trabalho de luto, purga, catarse, consolação... (Trimble, 2012). É o caso da perda inesperada da companheira de uma vida, que põe certo viúvo de 88 anos psiquicamente muito estável (pessoa saudável, equilibrada, serena, eutímica), como possesso, a soltar altos brados, gritos, clamores, lamúrias e invectivas durante quase duas horas; é o quadro dilacerante do jovem soldado russo aprisionado berrando cheio de dores em mal de agonia...⁴ Tais comoções horripilantes, tais pesares hercúleos, podem reverter miraculosamente com o puro silêncio compassivo, com gestos simples de apego, atenção e fraternidade, com sincero e límpido olhar amigo ou o toque terno

³ Georges Bataille (2012). O neuropsiquiatra Michael Trimble (2012: 162) sugere que as lágrimas no rosto de outrem acentuaram o sentimento de empatia e compaixão dos hominídos perante o sofrimento em geral, e não apenas os dos membros da sua prole e clã.

⁴ O primeiro caso, testemunho pessoal do A.; o segundo da literatura (com gratidão a Isabel Fernandes): “-The Germans dumped a young Soviet prisionner one night. The ward was full, so I put him in my room as he was moribund (...). He had obvious bilateral cavitation and a severe pleural rub. I thought the later was the cause of the pain and the screaming. I had no morphia (...). I felt desperate. I knew very little of russian (...). I finally instinctively sat down on the bed and took him in my arms, and the screaming stopped at once...” (B. Hurwitz, 2017, referindo a autobiografia de Archie Cochrane, *One Man’s Medicine*, 1989)

e verdadeiro, com o amplexo da “mónada” falagueira ou a palavra certa e meiga.⁵

No horizonte estão as condições de cidadania aqui e agora – a vanitas insuportável dos medíocres de sempre que não se calam para (se) pensar –, a partir da fala centenária de um português nado a 15 de Abril de 1919 e criado em Condeixa e Coimbra: “o vento cala a desgraça”. Fá-lo-ei auscultando o sentido e o sentir do grito (e do choro) e de alguns brotos de uma ontologia monádica do Sujeito. Tentarei pôr em relevo acções e reacções que nascem com o grito, o que me levará a criticar a validade do “modelo fisiológico” da sociedade (Namora, 1981/1975: 218) e a problematizar a tese da alienação (ou alexitimia?) tribal urbana, e a consciência putativamente falsificada pela deliberação: até que ponto “fazemos parte de uma pantomima” (Namora, 1969/1963: 163)

1. A palavra habitada

Dizem alguns críticos que Namora “rasurou toda a gramática da dessubjectivação despessoalizando, dessubjectivando, desumbilicando a poesia em confronto poético com o presencismo.”⁶ No entanto, o próprio explicou que a sua foi “Uma obra que nasce como um grito” (Namora, 1969: 120), e, na verdade, os seus escritos são expressão hospitaleira de um autor empático e telúrico que, noutra ocasião, reconhecia ser alguém que “ao mesmo tempo que escrevendo se define a si-próprio”, vai sendo no quotidiano cruelmente sangrado pelas “feridas alheias” (Namora, 1989/1988: 42 e 168). Mais, nos seus textos abundam as páginas que implicam a intersubjectividade⁷ e a solidária disponibilidade para outrem: por exemplo em *Domingo à tarde* (1961) aborda temas “escaldantes” como a p. 275 a hospitalidade, a p. 28 o anonimato,

⁵ Falagueiro, gesto de afago, ternura, do árabe hallag, afago, afagar – o chicoteação da/à criança. A móndada é uno-estrutura, é nexus, é vínculo, conectividade e entre-expressão. Mas é, paradoxalmente, substância simples como a enteléquia, o “se” desinerente ao “Si” (dos corpos orgânicos vivos), mas com virtualidades para a paixão e ação, com disposição para a percepção e o desejo, para a (auto) sugestão e alienação (capturada, hacked); não tem partes, é imperecível, é máquina orgânica de infinitas máquinas, é “viva”, pré-formada (pré-programada) segundo o autor da Monadologia. Questões: a móndada é viva? É informacional? Modular? Clonal? Qual a sua ligação com a característica universal, a computação, a composicionalidade (como a dos seres vivos) e o cálculo?

⁶ A. Pedro Pita (2004:49, corroborando A. Pinheiro Torres, pref. a *Novo Cancioneiro*, 1989).

⁷ Recordo com gosto a excelente lição do Prof. Carmo Ferreira no Seminário: Intersubjectividade e Compaixão, realizado no Departamento de Filosofia da FLUL em 19 de Janeiro de 2001 (organizado pelo Centre de Filosofia da UL, pela SPPsicossomática e pelo CEFM do IPO).

a p. 30 a obediência, a p. 34 a mentira piedosa, a p. 100 o medo, a p. 128 a alteridade (o Quem?), a p. 130 a descoberta da finitude, a p. 140 a separação e perda... O que o marcou e preocupou foram os ritmos e as vidas das comunidades campesinas, a sua dignidade e camaradagem em dias de opressão e miséria – o António Parra e o Pencas de *A Noite e a Madrugada* (Namora, 1994/1950: 98s, 110, 190 passim; também Namora, 1989: 15, 101 passim). Em *A Nave de Pedra* (1975) verbera a civilização da droga, critica o curandeirismo, repete o lugar comum da “aplicação” (?) dos métodos da patologia individual à patologia social e condena pechas nossas, do activismo tribal ao canibalismo de desespero, dos eus narcísicos, à proliferante burocracia da pequena tirania e da má-fé... sobre o fundo pantanoso de impotência e inveja generalizada; esta escrita é dominada pelas imagens hiponímias e inversões metafóricas da body politic.⁸

Se é ficcional o texto que “declara a sua relação com o lugar singular da sua produção” (Certeau, 2002: 89) nos planos do imaginário e do simbólico, uma boa parcela dos escritos de Namora – subordinada ao investimento emocional e afectivo de grande médico hipocrático que foi no troço primeiro do seu itinerário – pertence ao género testemunhal ou documental.⁹ Tal é patente nas múltiplas reflexões em primeira pessoa, à clé e programáticas, dispersas pela sua obra. No Jornal sem Data, assinala (estava-se em 1988) “Atenção, o récit está de volta. [...]. E neste brado sente-se alívio [...]/. É a inevitável lei da alternância.”; “o neo-realismo, entre nós, e tal como nos é pintado, nunca existiu”; “Voltando às falsas dicotomias. É melhor escrever sem cuidar dessas pautas artificiais [...] sem mandos, sem tutelas (...); e atira-nos à cara com uma declaração nada equívoca, mas de contestável pertinência e generalidade:

“Estou há uns anos na cidade [...] os gestos quedam postícios [...]. É a deliberação que os torna falsos.” (Namora, 1969: 92, 95, 163 respectivamente). – A deliberação?! Então, que pensar da epiqueia e da frônesis aristotélicas (de facto fortemente inspiradas e apoiadas em situações e problemas clínicos)? Tal juízo de facto e de valor, liga-se, provavelmente, à atmosfera viciada do espaço público da época (anos 60, guerras coloniais e civis africanas), ao bolor, à fácil

⁸ Namora, *A Nave de Pedra*, (1981/1975), pp. 144, 169, 218, 223, 272s, 278. Acerca da má-fé como “mentir-se” e mal radical ver Guillaume, 1995: 431ss.

⁹ Leia-se a excelente obra de Fernando T. Batista, Fernando Namora. Retratos ficcionais de um País Real, V.N. Famalicão, Húmus, 2016.

perda da face, do carácter e da honra do musiliano homem disfarçado (título de obra do ciclo rural, de 1957): Todo o homem verdadeiro traz da juventude uma direcção. Depois só lhe resta ter vergonha e manter-se-lhe fiel; ou então apodrecer.” (Namora, 1967/1957: 127).¹⁰ É que todas as ditaduras e todos os “maximalismos” vivem das atmosferas tóxicas, do dogmatismo, da castração – do ódio ao indivíduo e ao cidadão livre: o poder consiste em infligir dor e humilhação (Orwell, 1985).¹¹

De volta a Monsanto, Namora reflecte em temas afins no meio das convulsões incendiárias de 1975: “a violência cega é uma escalada [...]. Assim é na biologia humana, assim é no corpo social. [...]; quanto aos mecanismos de resposta, que eles possam em definitivo voltar a página deste canibalismo de desespero e ir ao encontro de uma sabedoria que aponte as vias de uma autêntica atmosfera de inquietude.” (Namora, 1981/1975: 278). Corajosamente, contra os semeadores de ventos e ódios, motivava-o “Fazer amar o que ele próprio ama; eis a vocação irresistível do escritor [...]”,¹² pois tendo exercido no IPO, conhecia bem as vidas e as mortes traíçoeiras dos cancros. Em contraste, a errância moral de homem disfarçado afundava o Dr. João Eduardo na angústia e no desespero de Si, quando se olhava ao espelho, percebendo que “Em certo momento, já não interessa escolher a saída. O que é preciso é que surja alguém. Que aconteça seja o que for. Era disso que [ele] tinha medo: que chegasse o dia em que qualquer saída lhe servisse” (Namora, 1967/1957: 243).¹³

Saliento duas fortes “intuições” que terão norteado parte significativa da intervenção de

¹⁰ A voz do Dr. João Eduardo, na primeira pessoa, rememora, a pp. 276-286, a progressiva perda da “fé nos homens e na vida” e a entrada na mascarada dos condenados a desviver, em contraste com um seu confrade, inteiramente devotado aos doentes: “O Medeiros, um homem livre, usufruía a liberdade de conhecer o seu rumo e de lhe ser coerente” (p. 270). Hannah Arendt, com a autoridade que lhe é reconhecida.

¹¹ Humilhação, vampirismo, sadismo que alimenta os tiranos e torcionários de todos os tempos e lugares, de direita e de esquerda, leste e oeste, norte e sul. Para os fundamentalistas de hoje, recordemos que a sua política foi a do “(...) progresso no sentido de maior dor. As velhas civilizações proclamavam-se fundadas no amor e na justiça. A nossa funda-se no ódio.” (Orwell: 1985: 270).

¹² Namora (1990), prefácio a *Casa da Malta*, 15^a ed., p. 24.

¹³ Os sintomas repetem-se: à náusea de origem intestina junta-se a revolta de origem externa: para muitos de nós, mais do que a cleptocracia, amadorismo e negligência que medram pelo país (incluindo parte da classe política, ligada ao nepotismo, caciquismo e familialismo de sempre), os mais graves problemas (resolúveis!) são a justiça de classe capturada pelos poderosos e o enfeudamento de personalidades influentes da Intelligenzia e de “profissionais” dos media.

Namora como médico-político e escritor neo-realista, empenhado na luta pela dignidade e pelos direitos humanos sob a ditadura e a censura do regime de Salazar. Sintomática e simbólica, a primeira, "As árvores estavam sempre presentes na sua vida. [...] Esse alvorecer agónico em que a paisagem escolhera uma árvore solitária para cobrir a sua nudez." (Namora, 1967/1957: 271) – árvore da vida, árvore do saber, árvore, que na palavra exacta de Fernando Gil, é a imagem perfeita da passagem do sensível ao inteligível. A segunda "evidência", mais me parece maldição iatrogénica e perigosa: "Nunca será abusivo equiparar a fisiologia da sociedade à fisiologia humana" (Namora, 1981/1975: 218),¹⁴ e "Assim é na biologia humana, assim é no corpo social" (Idem.: 278). Porventura, o erro trágico consiste em instilar o fatalismo da visão mecanicista-organicista do corpo (a mais consistente ideia do vivo desde os tempos de Malpighi, Stahl e Leibniz) ao "corpo social", como mostro de seguida.

2. Da necessidade fisiológica à falsa consciênciа

2.1. Submeto agora ao leitor a inferência para a arte médica e para a governação política de uma famosa Carta a Lucílio de Séneca, onde discorre das virtudes do (seu) cozinheiro (para cozinheiro desejaria um chef sabedor, competente, criativo, não cuidando da sua moralidade): se vale a analogia, se o "meu" médico não for um profissional competente, não será honesto, mas se o "meu" representante político não for honesto, não estará sequer para tal qualificado (qualquer que seja a competência) nem capacitado. E a honestidade na política (na vida!), nesta era de vertigem e mitificação, exige resistência e imaginação moral, estudo, reflexão, escrúpulo, transparência, apreciação do pluralismo, gosto da controvérsia. E bons modelos e exemplos. Dois neurocientistas M. Solms e O. Thurnbull (2002: 281s, 287, 301) ofereceram uma explicação para o esforço do pensar: é acto do imaginário que afere os resultados da acção; a inibição é pré-requisito e mediação do processo de pensamento; os materiais reprimidos são exteriores aos sistemas inibitórios dos processos secundários

¹⁴ Mas há que concordar, no entanto, com algumas consequências e conselhos que o A. extraí da analogia: "A animação cultural, portanto, nesta fase de rudimentarismo das populações, deveria ter em vista fundamentalmente a sensibilização dos espíritos para os seus próprios valores" [...]; "Educar, revelar, adestrar o gosto. Mas primeiro que tudo, incitando as iniciativas espontâneas dos interessados." (idem., p. 218s).

do pensamento e funcionam, portanto, como processos primários, estereótipos compulsivos (em modo de Se, Isso, ou Id).¹⁵

O que nos conduz à comparação, esquemática e sucintamente explicitada de seguida, de três cenáculos pertinentes: o literário, o médico e o político. Com efeito, uma das inovações de Freud, em 1900, para a interpretação dos sonhos, consistiu no bom uso de tropos e técnicas literárias e teatrais para a presentificação do sentido: a figuração (depiction), a metáfora, a metonímia, a paródia, a alegoria, a ironia (consequentemente, estas deverão ser inscritas em instâncias internas de mentalização, processo simétrico da somatização).

Sejam dados os regimes de práticas nos campos das Letras e Artes, da Ideologia e da Clínica, e alguns dos traços das narrativas (teóricas) que os sustentam, valorizados sob o signo da tragédia que abala até às lágrimas o Eu, promove o "nosce te ipsum" e "ensina que as esferas da razão, da ordem e da justiça são terrivelmente limitadas" (Steiner, citado por Trimble, 2012: 131):

Três modos de acontecimento e três regimes de narrativa moral Artes e Letras, Judicial e Médico-cirúrgico			
	Letras e Artes	Direito; Ideologia	Medicina & Cirurgia
Moto	"Finge que finges"	Diz porque fazes (Dic cur hic!)	De que te queixas?
Ícone, emblema	Máscara; Cena (tópica ou distópica)	Balança (Thémis)	Caduceu (Esculápio)
Ethos ou regime moral	Hamartia; Krisis (cena do acontecer)	Moral de autoridade & de obediência	Oligokairos (Hipócrates: 1º Aforsmo...)
Harmonia	Abolida, suspensa...	Tertium datur: Harmonia Pré:estabelecida	Natura medicatrix: correcção dos desequilíbrios
Desarmonia	"Dejectos"; absurdo...	Tiranía; totalitarismos	Intempérie (humoral); Estados astotáticos
Efeito(s)	Reificação; Catarse; o fungível;...	Punição; infungível; irreversível	Cura, cuidados, crescimento individual e grupal...
Materialidade	Simulacro; mímica; ficção	Códigos:... civil, penal...	Ciência; Tecnologia, etc.
Autoridade	"Entusiasmo". Dionísio	Poder soberano	"Biopoder". Apolo

¹⁵ As funções do inconsciente freudiano não se cingem ao Hemisfério Direito; existem mais "neurónios em espelho", activados, genericamente, pelas representações, acções e antecipações miméticas, nos sistemas emocionais nucleares (os módulos de Panksepp, adiante referidos) e noutras estruturas cerebrais. A noção de módulo fisiológico não deve ser confundida como gadget ou "peça electrónica" ou "lógico-computacional"; é "mónada" dominante, não um bloco de padrões rígidos ou estereotipados de emoção ou conduta mas instância altamente individualizada (Damásio, 2017: 161s) que dá vida à arte, à literatura, ao teatro.

Duas máximas de índole clínica reforçam esta especulação (Quadro supra¹⁶): a primeira, expressionista, “Le sentir est au connaître ce que le cri est au mot”, de Erwin Strauss (1989: 503); a segunda, impressionista, é de Karl Abraham: “entre a angústia e a depressão existe uma relação como a que existe entre o medo e o pesar (deuil)” (Abraham, 1965:99). Strauss salienta o compromisso empirista e lembra:

“l’expérience corporellement sensorielle est le continu d’où procède toute expérience vécue et vers laquelle elle retourne. Dans cette mesure le sensualisme a raison”

(Strauss, 1989: 449)

Declinando a estranheza seminal do Eu sonâmbulo, preâmbulo (não o moi haïssable¹⁷), anota este filósofo que não nos movemos voluntariamente senão em relação a provações outras, que nos chegam circularmente através dos sentidos:

“dans le réseau d’altérité, me confrontant avec elle, je m’éprouve moi-même et ce qui est mien, mon corps.”

(Strauss, 1989: 448)

Segundo António Damásio, como é sabido, as funções de regulação dos equilíbrios homeostáticos (térmicos, metabólicos, hormonais), as condutas de prazer e desprazer e o fundo humoral dos temperamentos,¹⁸ são sucessivamente mapeadas por marcadores somáticos da linha média cerebral, da extremidade caudal para a rostral e de dentro para fora; por sua vez, as emoções básicas (raiva (anger), medo, nojo (disgust), surpresa, felicidade, tristeza), são processadas no cérebro límbico, e “envolvidas”, pelas emoções sociais (simpatia, vergonha, compaixão, etc.); teleonomicamente, é a expressão mental destes afectos que se constitui

¹⁶ O Quadro supra – cujo título vem de uma jornada na Biblioteca Nacional de Portugal, organizada pelos filósofos Jorge Rivera e Bruno Barreiros (em 24 Out. 2018), foi aí apresentado e, depois, defendido numa comunicação feita pelo A., em 2 Mar 2019, ao V Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Psicossomática, Lisboa (conferência de encerramento subordinada ao tópico prescrito “Liberdade, Harmonia e Ética”), em homenagem ao Dr. José António Barata (Marques 1999c).

¹⁷ O problema do odioso do Eu, segundo alguns autores, refere-se às exigências interiores e escrutinadas da honestidade intelectual e – especialmente – à probidade científica e política (lembremo-nos da vaidade necrófila de um primeiro-ministro e da arrogância venal de tantos eleitos...); cp. Thirouin (2005).

¹⁸ Panksepp designou estas estruturas centro medianas do mesencéfalo, incluindo as camadas profundas dos colículos e os núcleos do cinzento periventricular (PVG), de verdadeiro epicentro do Si (Self) primordial; constituem, na terminologia de Damásio, os operadores da proto-consciência ou do esquema do Eu emocional.

em sentimentos.¹⁹ Um sentimento hegemónico é, sigo Fernando Gil, o sentimento de si: estrato pré-intencional, é energia (nisus ou força de apetição, diria Leibniz) ou tendência de conteúdo pulsional, inscreve o mundo no sujeito; é resistência e esforço conformantes de pré-consciência, não-Eu “introjectado” pela actividade do Eu (FGil, 2003/2000: 83s, 112s), mas constitui um tipo de acto mental não reflexivo e, imediata mas indirectamente, factor de exteriorização e exterioridade.

Mercê de investigações relativamente recentes das equipas de cientistas associados aos Damásio, a Jaak Panksepp e outros, verificou-se que os gritos de separação, o choro, expressões do módulo emocional do PÂNICO & LUTO ou PESAR, estão na base das ligações sociais em geral (particularmente importantes em animais altriciais, como os primatas) e os seus mecanismos e mediadores participam das experiências do apego ou vinculação (attachment), do alívio e regulação eferente da dor, das situações de adição a opioides (e outras toxicodependências), da depressão.²⁰ A “fricção” originária entre o corpo que se é e o corpo que se tem, entre a criatura encarnada (leibhaften) e a criatura no corpo (im Körper) funda a explicação dada por Plessner da natureza do choro e do riso, sempre fenómenos totais, irruptivos e disruptivos (Plessner, 1970: 32), como os vagidos do nascituro que Lucrécio cantou: com efeito, o sentimento pressupõe o sistema da sensibilidade e o das emoções, não sendo o

¹⁹ Panksepp, Biven, 2012. Esta é uma das mais robustas e elegantes propostas actuais acerca das emoções. Quatro dos sistemas afectivos primários, ou módulos evolucionários da conduta emocional, de “sinal” positivo, são: (i) o subsistema ou subprograma SEEKING ou BUSCA, proporciona “energia psíquica” (entusiasmo) aos mamíferos para explorar o ambiente (necessidades básicas, incluindo sexuais); (ii) as forças da LÍBIDO ou LUST, atração dos sexos e transfer genómico...; (iii) o módulo CARE ou CUIDAR, funções parentais – a prole requer atenções especiais –, cooperação grupal e sobrevivência dos melhores; (iv) as sub-rotinas LÚDICAS, JOGO, PLAY, essenciais para a aquisição de competências sociais e motoras (ver também Damásio, 2017: 164). Um módulo básico de sinal negativo é CÓLERA/RAGE (ira, raiva, fúria) associado, nos mamíferos, à amígdala e gerador do “crescendo” (piloerecção” e assanhar do gato ou rosnar do cão, etc.) do ataque agressivo. Distingue-se dos comportamentos de ataque de predação (ou agressão fria) – “A lion chasing a springbok is not angry; it is hungry” (Ellis, Solms, 2018: 93), comandado pelo módulo de BUSCA/ALERTA (“SEEKING, AROUSAL e LEARNING). “Rather than looking for reinforcement signals, the more productive vision here may be that primary process affective circuits ‘pull’ associated informational events into their own ‘orbits’, yielding ever more structured and effective emotional action systems.” (Panksepp, Biven, 2012:135). Ulteriormente, diversos investigadores têm salientado que a náusea (incluindo a sartriana), a repugnância é mais um sentimento modular arcaico, que um reflexo digestivo, mais essencial para a sobrevivência: evitar tóxicos e noxas alimentares, inalatórias, trasndérmicas, etc.: módulo NOJO, DISGUST (Ellis, Solms, 2018: 99).

²⁰ Panksepp, Biven, 2012, cap. 9 (p. 325 dependências e p. 335 depressão e stress).

da sensibilidade, ele próprio, sentido.²¹ Ora, a narrativa literária proporciona a imersão em mundos possíveis, elenca personalidades ou personificações e produz presentificações – a experiência vicariante de uma ou mais presenças, incluindo a do narrador e narratário. A intriga ou história canónica tem a sua atmosfera, ambiente (atmosfera, setting), tema, enredo (plot), suspense, crise (erro, falta, por ignorância ou... pecado, a hamartia²²) e resolução. Os autores de uma recente teoria neuropsicológica do processamento retórico, através da “construção mental” do “mapa cénico fundamental”, vazio, aberto, advertem para dois aspectos prevalecentes: o princípio do enfoque (retórico) e a imersão experiencial (Stanford, Emmett, 2012). Por seu turno, os mecanismos psicológicos da compreensão da narrativa começam a ser correlacionados com conhecimentos ainda muito enigmáticos e difíceis de integrar nas temporalidades do sistema nervoso.²³ O dispositivo mínimo de uma intriga literária (simplifico) inclui o elemento diegético, cronologia, estabelecimento da ligação causal do evento ulterior pelo anterior. Notoriamente, como para a mente humana, muitos elementos ou componentes genéricos precedem os particulares (o mesmo para muitas estruturas cerebrais e somáticas, a genética antes da epigenética, o genótipo antes do fenótipo, o “lamarckismo” do sistema imunitário).²⁴ Enfim, a boa interpretação de um texto (cena, quadro)

²¹ O conhecimento que se adquiriu ultimamente acerca das competências emocionais dos bebés anencefálicos obriga a grande prudência na atribuição do seu transitório e pungente estatuto ontológico e do correspondente “diagnóstico” de ainda – ou já-não pessoa – retrato-me de afirmações algo brutais acerca deste dilema que noutra ocasião me atrevi a produzir e escrever. Cabe recordar, neste contexto, o clássico e não sectário *Pour une Étique de la Médecine* de J-F. Malherbe e a posição anti-dogmática de Adela Corina, no seu breve ensaio *Política, Ética y Religion*, concordantes de que a escolha moral e “igualdade social exige[m] que não exista – na comunidade – um bem dominante”, portanto, conclui-se, cabe evitar o messianismo e o “paternalismo” de “élites”, cleros ou partidos, que se achem no dever/direito de impor os seus valores e o seu bem dominante (opção fundamental, etc.) a outrem.

²² Veja a sucinta e perfeita análise efectuada por Mário Sacramento (Sd, 1967?: 166).

²³ As partes do sistema nervoso que se designavam, com eloquência, de relação e vegetativo: recordo a referência na secção inicial do trabalho ao modelo de Löhweim.

²⁴ Lembro polaridades fundamentais nos animais dentro/fora, céfálico/caudal, direito/esquerdo, etc.; proliferação/apoptose, mesênquima/parênquima, etc.; o mimetismo e a relação fusional dos colectivos versus a emancipação e relação adulta dos indivíduos. Ao nível “autobiográfico” e do modelo narrativo do Eu ou do Si (Self), o “cérebro social” com os subsistemas neuronais em espelho, a imitação interna e o modelo cénico da consciência, cabe realçar a correspondência entre manejo com mão dominante/ deixis e nome/foco ou tópico (assinalada por Jerome Bruner) e as propriedades complementares do “lado esquerdo”.

deve possuir, pelo menos, os seguintes requisitos: fixação e justificação de inferências sobre modos, eventos, personagens e acções, abranger o uso de conhecimentos das situações quotidiana (cenários) e permitir a representação de mundos contrafactuais.

Qual terá sido a motivação profunda do Autor de *A Noite e a Madrugada*? Movia-o a saudável raiva contra a exploração e injustiça que sabia abater-se há gerações sobre os proletários rurais da Beira? Ou, realista e picareco, anti-romântico consequente, exprimia uma cena colectiva visando “a coincidência dos homens consigo próprios, a consciência como instância fundamentadora do conhecimento, a verdade prática construída na experiência” (Pita, 2004: 48)? Terá sido o reflexo mais ou menos sectário de “uma autodialéctica de classe pela qual o escritor [...] procura identificar-se com as massas trabalhadoras.

/...Mesmo sabendo...] que não se transforma ou transpõe uma consciência de classe sem luta (...)? (M. Sacramento, 1985: 34)?²⁵ Não parece abuso perceber na palavra habitada de Namora o grito de revolta, que o mundo poderia ser efectivamente mais justo e a humanidade mais feliz se um dos lemas das Revoluções de 1848 inspirasse uma governação representativa, honesta e sage: “A cada um segundo as suas necessidades”, “de cada um segundo as suas possibilidades” (como se sabe, a bandeira de Saint-Simon, dos anarquistas, de Marx e tantos outros).²⁶ Com consciência social e alguma cultura psicanalítica – nomeadamente acerca da fase retentora do carácter –, poder-se-iam talvez “reabilitar” dirigentes venais, canibais e/ou vitalícios...²⁷ Cumpre-nos, portanto, inquirir acerca das ideologias (e do poder soberano, do direito) na História recente, tendo em conta os holocaustos do século XX e os genocídios e os ecocídios de ambos os séculos, XX e XXI. Para as sociedades fechadas, para os crimes lesa-humanidade, haverá múltiplas razões

²⁵ Mário Sacramento explica-se melhor neste magnífico livro, a propósito da “passagem do naturalismo ao realismo, e deste ao neo-realismo mediante a crítica e autocritica” na trajectória de escritor de ficção (p. 82) e da dialéctica desdobramento/adesão ao personagem (o médico Jorge, em *Domingo à Tarde*), do imaginário militante “marxiano” e do Real reificado ou mitificado: “o enquadramento num serviço hospitalar de doenças incuráveis dá à dimensão existencial [...] um fundo legítimo e bem caracterizado do autêntico neorealismo. É esse degelo da consciência formalizada (representada pelo caso de Jorge) que eu vejo a contribuição do existencialismo para o futuro do realismo: funcionar como um descongelador do que as ideologias e as escolas deixaram estático ou hirto” (p. 39s).

²⁶ Também em Actos dos Apóstolos, 4: 32–35: 32 (compare-se com Mateus, 25;15). (É tempo de revisitar Marx com espírito antidiogmático e pós-materialista e... reler Simone Weil e Hannah Arendt).

²⁷ Da compulsão, do “vale-tudo” e do chamado carácter anal: estrabo simboliza capital, capital significa bolo fecal.

(não justificações), salientando-se a hamartia por evacuação do sentido do outro (o sobre determinante existencial, sugere Guillaume, 1995: 72, 433), o fanatismo (Schwermerei, exaltação ou doença da alma, Kant, 2012: 110), a fragilidade do bem (Martha Nussbaum), a banalidade do mal (Hannah Arendt/Karl Jaspers).

2.2. "Assim é na biologia humana, assim é no corpo social" (Namora, 1981/1975: 278). É clara a mensagem de um médico "militante" de rara sensibilidade social e de cultura cosmopolita—bom conhecedor das morfologias, das escalas, das distâncias gritantes e colossais entre as respectivas funções, estruturas e objectos: aviso à navegação? Determinismo sociobiológico avant la lettre, de aroma existencialista? Ou defesa sebástica, anacrónica, do modelo "médico-cirúrgico" (ablativo, abrasivo, passe a terminologia), malthusiano, spenceriano, do equilíbrio, evolução, progresso e transformação social? Compreensível porque se vivia o estertor dos antigos Impérios Europeus – incluindo o soviético—, ou seja, a Era das descolonizações e do rasgar das máscaras (diagnosticado por F. Fanon)? Mas não foram esses, também, tempos da constatação da crise dos socialismos reais, das metanarrativas e do fracasso das super-revoluções e dos super-heróis? — Afinal, os horrores de "equiparar a fisiologia da sociedade à fisiologia humana" eram conhecidos desde as guerras do século e as próprias ciências da complexidade provavam o imperativo do pluralismo epistémico (contra Namora, 1981/1975: 218; Marques, 2019a)?! Princípios venerados como "tal causa, tal efeito"²⁸ têm mera validade local; quando se generalizam e descontextualizam o seu significado enfraquece ou desaparece: que postulam enunciados como "tal na biologia, assim no corpo social"? Não mais do que o reconhecimento trivial de que "tudo tem o seu efeito, o seu preço e tudo, por fim, acaba por desencadear os mecanismos de resposta", uma determinação (sociológica, antropológica?) que inclui, profeticamente, o canibalismo de desespero (Namora, 1981/1975: 278).²⁹ Entendo, pois, que nenhuma "verdade revolucionária", nenhuma teoria

²⁸ Marques, Bacelar-Nicolau, 2019b.

²⁹ Registe-se, por um lado, a diversa interpretação (outras as premissas) do Dr. Mário Sacramento acerca da "unidade bipolar da contradição [que] está aí bemposta aclaro: consciência social – consciência individual. Ou seja: predomínio do outro-eu, o que adere aos interesses das classes dominadas, ou hegemonia do eu-subjectivo que, em última análise, é fruto da informação aristocrática ou minoritária desse domínio social. E essa unidade especifica-se em Namora sob dois aspectos: o do médico e o do escritor (Sacramento, 1967: 80). Por outro lado, insisto, na inesperada pertinência do famoso pacto canibal universal (que o antropólogo e filósofo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro inventariou), uma "metafísica" normativamente antagônica da medicina hipocrática.

da consciência, e, ainda menos, nenhuma concepção de organismo poderiam legitimar tal metáfora – nanja o reducionismo –, nesses derradeiros anos do milénio. E a experiência da doença maligna que iria atingir Fernando Namora – e Miguel Torga, Jorge de Sena e João Lobo Antunes –, e a patologia degenerativa ou incurável, instituem a dolência, a dor individual como violento grito da carne (Havi Carel: 2010): o sofrimento, pessoal, singular, único..., transfere para um próximo disponível ou para um profissional eleito – o médico assistente (com os familiares, etc.) – a responsabilidade e o privilégio de tratar como o supremo bem, a seu melhor interesse, o doente.³⁰ Isto Namora sabia e veio, infelizmente, a experimentá-lo na própria carne, nos seus derradeiros tempos.

Emanterior trabalho realçou-se a coincidência do fim do pensamento aforístico (prescritivo, generalizante, anti-dialógico) com a fixação do conceito de organismo e o início da aplicação da teoria das probabilidades em Medicina Marques, Bacelar-Nicolau, 2019b, cap. 3). Erwin Strauss criticou o organicismo puro em nome da orientação e vivência animal do ambiente, do mundo circundante (*Umwelt*), da homeostasia social e da significação (Strauss, 1989: 327), sublinhando a singular propensão para o movimento espontâneo de todas as formas de vida animal, dependentes do (Se) sentir (*épreuve, feeling, Empfinden* – Strauss, 1989: 43, 337). O organismo assim constituído fica voltado para a entre-expressão e para a empatia e ligado às "forças" de aproximação e afastamento (Strauss, 1989: 329). Em consonância, mais tarde, Maurice Merleau-Ponty destacava as sensibilidades somestésica e cinestésica na constituição da corporeidade, do Si, da Ipseidade, descrevendo a função fenoménica do Se (Ger.: Man; Fr: On), do Aqui, do Ali. É o berço de nascimento da volição, conjectura, de círculos virtuosos enredados no Eu posso. Atentos a estes e outros avanços nas Humanidades Médicas, muitos clínicos nos últimos anos – em resposta ao império da tecnomedicina – tentam reconciliar a corporalidade (centralidade do organismo e da inscrição) com a textualidade (a narratividade, incluindo a talking-cure). — Trata-se de promover as aquisições decisivas das semiologias, clínica e laboratorial, que articulam biologia e voz do doente, a palavra (na sua alteridade definitiva, no seu anonimato temporário) e a deliberação (hoje, obrigatoriamente participada) fazendo da medicina a prática prudencial por excelência. Estamos nos antípodas do fatalismo: a praxis médica-cirúrgica é (também) partilha, confiança e contrato.

³⁰ Nunca é demais repetir em Portugal: urge avaliar, formar, profissionalizar e acreditar os milhares serviços e lares de apoio a idosos.

Fernando Gil, creio, desperto para a semiologia e para a expressividade metonímica, suportaria este compromisso. Num artigo pouco conhecido ao qual regresso amiúde, contrapôs a inteligibilidade narrativa (e paradigmas dos estudos literários) à inteligibilidade expressiva,³¹ cuja determinação, à época, revisitava:

As oposições de paradigmas (estilísticos, literários – vg filológico, comunicacional, metapsicológico) dão-se no seio de uma mesma inteligibilidade textual [...]. [Se] nenhum paradigma parece pôr decisivamente em causa a textualidade e literariedade, tal não retira às outras dimensões/paradigmas a sua originalidade e pertinência, nomeadamente ao paradigma ‘metapsicológico’ [...]. Por seu intermédio se transita da análise paradigmática para a metafísica da literatura [...] graças à noção crucial de resto – que funciona como um operador de uma representação da literatura como ‘máquina produtora’, estabelecida sobre uma dissociação fundamental de verdade e Sentido (Fernando Gil, 2001: 424).

Ouvindo a voz e a vontade dos (seus) pacientes, é também contra a dissociação entre verdade e sentido que se batem (!?) os profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, etc.).

2.3. Como reconhecer a falsa consciência?³² A razão instrumental, a atenção preguiçosa, os ditames de gestão, embotam os sentimentos inatos de justeza, do falso, de injustiça, da desproporção, tantas vezes agravados pela má-fé e pela cultura da irresponsabilidade, pelas formas falhadas da presença humana – distorção, presunção, maneirismo (Biswanger: 1956).³³ A falsa consciência, é, à superfície,

³¹ Veja-se também F. Gil, 2006: 84; cp. filósofos da ciência distinguem objectividade estrutural da objectividade sem imagens e validam a interdependência entre ciências do espírito objectivo (nomotéticas) e ciências do objectivo do espírito ou idiográficas.

³² Não confundir com ilusão, delírio, alucinação, falso reconhecimento, autismo, estados confusionais e demenciais, etc. (Henry Ey, 1963; Henry Ey et alii, 1966: 84s). J. Gabel, 1979: 320; também: 220, falsa consciência e feiticismo, por desestruturação das totalidades e distinção com falso juízo e com mentira, 276; 322 – robustas discussões acerca do tempo e do espaço psicológicos e a pp. 326s o estado e “síntoma do espelho”, articulados com a falsa consciência, o modo anti-dialéctico, a Daseinsanalyse; nos domínios dos Direitos Humanos (Gabel, 1979: 315ss) e da Justiça (sobretudo a justiça social). Para um necessário programa de “reforma” nos modos e fins da política ver João Freire (2018) *Um Projecto Libertário Sereno e Racional*, Lisboa, Colibri.

³³ Biswanger considera o maneirismo, a substituição das formas expressivas próprias pelas de outrem, a alienação da presença que não toca (nas pessoas, ideias, coisas), o como se da alexitimia, da personna de máscara que finge não o ser (2002: 107, 11, 206); temos o melhor exemplo diariamente nas vozes e

consciência capturada pela temporalidade da mentira (ou mitomania), pela culpa, pela ignorância, pelo fanatismo, pelo obscurantismo, pela persuasão, etc. É, essencialmente, se bem percebi Fernando Gil (2001: 60), um modo de pensamento inautêntico, mágico, dicotómico, caracterizado pela “ocultação da actividade de fundação por um fundamento petrificado”: engendra e alimenta-se, insidiosamente, do “duplipensar” orwelliano e dialectiza o facto alternativo: “O intelectual do Partido sabe em que direcção as suas recordações devem ser alteradas. [...] O processo deve ser consciente ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, sob pena de provocar uma sensação de falsidade” (G. Orwell, 1954: 217). Na mentira, não há comunidade possível, diziam S. Weil e V. Jankelevitch, vaipara um século (Gabel, 1979: 278 e 295 N152); ela está na origem da disruptão da comunicação simpática (E. Strauss), da coisificação de outrem e da reificação do Si num Se anónimo. São, paradoxalmente, as distorções, presunções e maneirismos arrogantes dos pequenos e grandes títeres, o auto-etnocentrismo, a má evidência que, puxam o pensamento “da pressuposição da referência para a posição da existência”.³⁴ É também, no pólo epistémico oposto, a origem das vulgares falácias nomotéticas nos campos ético, científico, jurídico, etc., designadamente na dedução dos “mandamentos morais”³⁵ e nas leis ditas dialécticas. A pedra de toque clássica (acerca da natureza) da falsa consciência virá, sugiro, da determinação proba, autêntica (esta autenticidade, sim, afásica – Sollers) da natureza do sentimento do falso e da sua relação com tonalidades afectivas: da vigilância atenta e focada,

falsas públicas de prosódia e conteúdos repetitivos (cassetes e agitprop) das capelas, casernas e “células” das instituições do totalitarismo orwelliano.

³⁴ Sigo Fernando Gil, inspirado, aqui, numa pérola literária retirada da obra em português que mais admirava, o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: “o nome não dá, o nome recebe” (tema tratado em Paulo Tunhas, 2007, p.61; acerca da má-fé como “mentir-se” e mal radical: Guillaume, 1995: 431ss. (a posição Sartriana em *O Ser e o Nada*, do núcleo fixo de má-fé na consciência – inevitabilidade da insinceridade ou impossibilidade da sinceridade – não parecem colher apoio nas recentes aquisições das neurociências).

³⁵ Enquanto A. de *O Espelho Declinado* (1999) tenho que me penitenciar pelo erro que cometí – por uma vez faço-o por escrito – no cap. I.3 (“Antes do acto médico”, p. 158, esquema de subsunção do caso sob a norma): o ponto é a homologia enganadora entre dedução – como se tal fosse possível – do bem moral e dedução da boa conduta (ou correcção) técnica e clínica; o bem moral prático, concreto, impõe particularização, é local; responde a exigências diversas na intencionalidade, no procedimento, no respeito e atenção à igualdade moral, à pluralidade de valores, às situações e circunstâncias, etc.; vale acrescentar que o final desse mesmo capítulo o estabelece.

da proto-consciência e do morsus do juízo crítico. A vulnerabilidade, simbolicidade e existência real destas instâncias foi “humildemente” comprovada pela hipnose e pela sugestão, pela verificação da singular intimidade da psique consigo mesma: “L’âme humaine puise souvent dans les idées sensitives des motifs de s’affection et exprime ses dispositions par des sensations internes.” José Custódio de Faria, o padre luso-goês autor de *De la Cause Sommeil Lucide*, teve um papel decisivo – apesar de ignorado – nesta descoberta (Faria, 2005/1819: 21).³⁶ Barahona Fernandes (1998: 658s) designava de Proprium a ordem elementar da corporalidade, a reactividade dinâmica, o temperamento, os automatismos não conscientes, efeitos do mapeamento permanente do organismo visceral e sensório-motor (somestésico, quinestésico, cenestésico, etc.) no cérebro “visceral”, ou seja, a imagem neuro-hormonal, dinâmica, de orientação e prontidão (para a acção) do corpo e respectivos (sub)programas vitais e emocionais (límbicos). António Damásio (2017: 118), que herdou de Barahona o interesse pela ontologia de Nicolai Hartmann – como se lê expressamente na sua dissertação de doutoramento –, verificou que os componentes nucleares dos sentimentos são as imagens mais antigas do mundo interno, “que descrevemos em termos de bem-estar, fadiga ou desconforto; dor ou prazer; palpitações, azia, cólicas (...). Sentimentos menos “nobres” como os de repugnância (a “náusea”), de culpa, do falso, mas também sentimentos mais elevados, de compreensão, de justiça, de penitência, de si, vêm daquele fundo. Ostentam uma mui sólida linhagem, do Teeteto de Platão, a Leibniz, Fichte e entre nós, Fernando Gil: a recta ratio, em seu estado de saúde, no qual “é impossível acreditar no falso” (Gil, 1995: 261), pois “ninguém jamais produz afirmações divergentes e contraditórias sobre si mesmo”, porque “ao homem repugna mais o sentimento do falso de que tudo o mais que é contra a natureza, concedida a inteligência das coisas e de si” (Idem.; Gil, 2003: 91 passim). Temática difícil que abordo de seguida, em brevíssimos passos de dança “proto-moderna” entre góndolas móndadas.

³⁶ Faria, 2005: 68 e 149-150: “L’âme humaine puise souvent dans les idées sensitives des motifs de s’affection et exprime ses dispositions par des sensations internes.” [...] “Le sommeil, en général, est de la catégorie des effets du mouvement nécessaire et non libre. La seule volonté sensitive ne suffit donc pas pour le provoquer; il faut aussi la volonté intuitive qui en est la seule cause immédiate.” / “Il est constant chez les psychologists (sic) que la vie de l’âme gît dans la pensée, et que conséquemment elle pense nuit et jour”.

3. Porque grita o Eu monádico

3.1. Leibniz, o poliglota precoce, o jurista e polímata inventor da dinâmica, do cálculo infinitesimal, do cálculo binário, da analysis situs, da teoria computacional, da teoria dos mundos possíveis, o estudioso da filosofia chinesa clássica, etc., assinalou em muitas ocasiões e de múltiplas formas a passagem do menos ao mais, os poderes multiplicadores explosivos da “ignição”, que depois outros, em seus campos chamarão catálise, potenciação, emergência, bootstrap, arranque (sigo William Wimsatt em interessantes pesquisas de filosofia da biologia). A teoria leibniziana da consciência, da apercepção da mente, foi dominada (por algum tempo) pela noção e potência do ictus (Leibniz, 1676). Notavelmente, o influente neuropsiquiatra francês Henry Ey e a sua equipa – propuseram uma teoria da mente de essência evolucionária (Jacksoniana) ictocomcial (H. Ey et alii., 1966: 370). Estudando aspectos “biomédicos” do pensamento de Leibniz (com a ajuda de um grupo de amigos, esses especialistas na matéria), “coube-me” afrontar a maldição que pesa sobre a atitude reducionista que realmente ilumina e assombra a clínica, a biomedicina e a tecnomedicina: a implicação do infinito no finito, o todo que precede e é mais do que soma das partes, a parte que pode exceder o todo (por ser hiperconexa, infinita, fractal). Por outras palavras, a relação de quantidades infinitesimais do cálculo, exactas (e ficcionais disse Leibniz uma vez) é (à primeira vista) contraditória com as percepções monádicas e as apetições ou disposições instantâneas – tudo o que há de mais real no movimento e na dinâmica da matéria. Irei, para tal, visitar algumas estações arcaicas e menos frequentadas das aporias da auto-afecção e da auto-consciência:

Em *La Physiologie de Frenel* (1545), no capítulo De l’appétit et de la faculté mouvante, a percepção da faculdade reprodutiva é, curiosamente, dominada pela relação apetitiva:

Cet appétit naturel est autre que l’appétit commun sensitif, qui est mis et posé dedans le cerveau, duquel toutes fois en sont aussi repandus des rejettons dans toutes les autres parties, car la nature a jetté de très-grands feux et embrasements dedans les testicules et les parties honteuses [...]. Tout le genre donc des animaux est régi et gouverné par ce commun appétit sensitif (...). (Frenel, 2001: 381).

Mais adiante, no capítulo sobre *Les fonctions animales*, são evocados os dispositivos instrumentais e as “forças psíquicas” oníricas da “noite” e do sono:

Mais pourquoi et d'où arrive-t-il, qu'il se présente une si grande et inouie quantité de visions, et d'où en peut être tirée et prise une si grande abondance: l'on ne les peut certainement rapporter qu'à l'affection et à la disposition du corps et des humeurs et à leur différente confusion, car l'affection et la disposition est cause que dedans les songes, les rêveries et délires, quelques uns agitent dedans leur esprit des choses effroyables, horribles et pleines de terreurs [...] et d'autres des plaisirs et des voluptez pleines de contentement. (Frenel, 2001: 526).

Sem pretender insinuar qualquer continuismo epistémico, uma pergunta impõe-se: que mediações ligam o humorismo e os espíritos animais de Frenel, à homeostase e à cibernética dos sucessores de Canon? Pareceu-me encontrar uma passagem no jogo entre os estados strictus e laxus (espasmo e distensão, sístole e diástole) das fibras (dos “tecidos” e órgãos) consideradas elementos universais pelos neometodistas e naturalistas pré-Bichat. Para fundamentar essas teorias, foram determinantes as descrições microscópicas e a descoberta dos minima naturaliae e da anatomia subtilis dos viventes, e alguns conceitos inovadores: mecanismo orgânico e organismo (termo que Stahl e Leibniz, para lá das suas divergências, fixaram), tecido e célula. Em conformidade, Leibniz nos *Ensaios de Teodiceia*, afirmava: “A operação dos autómatos espirituais, isto é, das almas, não é mecânica; mas ela contém eminentemente o que há de belo na mecânica (...)” (1710: §403).³⁷ Erasmus Darwin, médico erudito escocês (na esteira de Boerhaave, Malpighi, Leibniz, Hoffmann e Cullen, que foi seu mestre em Zoonomia, or the Laws of Organic Life (1794-1796), concebeu uma “lei da economia animal”: o animal ou é afectado pela “sensação” ou agencia a sua “volição”, jamais em associação simultânea mas em alternância, deduzindo um elegante e racional sistema nosológico e fisiopatológico.³⁸

Não é trivial obter, com a generalidade necessária, a boa perspectiva e a justa fórmula de síntese entre múltiplo e uno, de nexo entre parte e todo. Em carta a Arnaud de 9 Out 1687, Leibniz,

³⁷ Tópicos desenvolvidos em Marques, Bacelar-Nicolau (2019a e 2019b). Algo surpreendentemente para o leitor de hoje, o paradigma era então a actividade das glândulas secretórias e o estado tenso ou laxo das suas fibras e da vasculatura local, levando o mecanicismo às suas consequências lógicas e fisiológicas.

³⁸ Por mim estudado noutro lugar (Marques, 2014: 393s).

propunha que uma coisa é expressão de outra quando ocorre uma relação constante e ordenada entre o que pode ser dito de uma e de outra. “Assim uma elipse exprime um círculo, ou seja, uma é função do outro.” Dizer que uma imagem ou uma substância expressa todo o universo é afirmar que dos predicados de cada uma os (predicados) de todas as outras podem ser inferidos, o que é o mesmo que dizer, da substância ou substracto, que espelha todo o universo (Prefácio de Leibniz a Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano, publicada postumamente em 1765, mas escritos em 1704 em resposta à leitura do Ensaio de Locke). É um mundo em que tudo conspira com tudo (panta rei, dizia Hipócrates), e todos os estados possíveis deverão ser simbolizados na correspondente noção completa (Leibniz, *Discurso de Metafísica*, ## 15 e 33, 1995: 55, 81).

Como se sabe, na obra póstuma conhecida por Monadologia (escrita em 1714), o filósofo de Hanôver, sintetizou (qual “síntese química”) o seu Sistema, focando os conceitos (de sua autoria) de percepção confusa ou insensível, infinitesimal, e de microapetites, isto é, desejos e conhecimentos não conscientes, prenúncio da teoria freudiana. Esta história tem capítulos rocambolescos e silêncios comprometedores, como indiquei antes: os romissóres escritos (infelizmente por completar) de psicologia da consciência de José Custódio de Faria³⁹ foram escamoteados por todos, à exceção de Janet e Bernheim. Faria realizou uma investigação clínica longitudinal (não introspectivista) dos efeitos da sugestão e hipnose (o conceito e o termo viriam depois) em indivíduos em estado de sonambulismo ou sono lúcido (e “histeria”)⁴⁰ com resultados que Pierre Janet adoptou e desenvolveu. Explicou, o psicólogo colaborador de Charcot em La Salpêtrière, que aqueles estados alterados da vigília e da auto-consciência, eram efeito do estreitamento do campo da consciência e de sub-rotinas e comportamentos automáticos, isto é, de actos subconscientes, incluindo condutas de récit (por exemplo, orar em estado de angústia e êxtase): “Cette remarque [Le groupe des phénomènes psychiques [...] toujours en dehors de l'état de la conscience [...], qui nous montre déférents existences subconscientes comme différents somnabulismes, n'a

³⁹ Marques, 2019b. Ver o estudo sobre *Le Sommeil Lucide* e a mais importante obra sobre a vida do Abade de Faria em João David de Moraes, 2019.

⁴⁰ Faria, ibidem., p. 207: “La lucidité est incalculable dans ses variations comme l'intuition dont elle suit les nuances.” Ambas se organizam em quatro tipos: absoluto, relativo, conjuntivo, fictivo.

pas grande importance théorique, mais est souvent très utile dans la pratique." (Janet, 1998: 377).⁴¹

3.2. O Professor Egas Moniz, ainda falava em 1948 – é verdade que amanhando o idioma (sinapses e comunicação inter-neuronal) –, da redução da actividade mental à vibratilidade (sic) das fibras (e das vis nervosa da antropologia bicentenária de Harley, creditáveis às fisiologias de Cullen e Glisson).⁴²

Estávamos ainda distantes da explicação das componentes qualitativas e quantitativas do grito, do pranto e das lágrimas, da ida atrás do choro, das dores e outras situações de incontinência emocional ou verbal, do riso, tiques e outros actos compulsivos, algumas variantes clínicas do síndrome de Gilles de la Tourette e da doença obsessiva-compulsiva: dispomos de uma importante revisão da matéria de Parvisi, Damásio e colaboradores.⁴³ O grito humano, cujas propriedades acústicas foram registadas em amplitudes de 30 a 150 Hz, corresponde ao som desagradável do acto de raspar as unhas (ou o giz) na ardósia, um som áspero, "rugoso", dissonante, efeito monótono universalmente desagradável. É, por isso, replicado em alarmes artificiais e sirenes. Estes sons actuam pela "excitação" da amígdala cerebral, órgão associado às emoções sociais e ao processo de tomada de decisão implicado por situações de alarme e de pânico (Arnal et al., 2015). Comanda uma espécie de infralíngua gestual, sensoriomotora, afectiva, de mecanismo mimético e emocional, todavia não seria idêntica às respectivas emoções. Vocalizações de ataque e defesa, dor, alarme, separação, perda, ameaça, prazer, etc., e actos de fala ontologicamente económicas – as interjeições por exemplo – são passagens ao acto noutra banda de frequências, descoisificantes,

41 Cp. Janet, *Ibidem.*, 365: "a própria ideia de unidade pessoal pode ser considerada como uma aparência que pode sofrer modificações".

42 Porventura com este "corolário" remoto: "Nestes casos o corte destas fibrilhas adesivas doentes, podem estabelecer um certo equilíbrio de funcionamento (...). É o que se dá na leucotomia pré-frontal./ As fibrilhas e as sinapses são, segundo julgo, os órgãos fundamentais do pensamento (...). / As doenças mentais têm nas sinapses, o principal substrato anatómico. (p. 42)." (Egas Moniz, 1948: 44).

43 Parvisi et alii, 2005 : "According to our hypothesis, the deficits on the Tower of Hanoi and Stroop tasks are consonant with a dysfunction of the reciprocal communication between the prefrontal/anterior cingulate cortices and the cerebellum [...] / According to our hypothesis, either deafferentation of the cerebellum from cortical and subcortical inputs related to cognitive/affective processing, or a specific lesion in the cerebellum itself, will alter the communication of the cerebellum to cortical and subcortical areas involved in generating emotional responses."

concretizam e infinitizam, supõem o grupo social e põem o sujeito em modo de reconhecimento tácito, directo, imediato, adverbial, de eventos, pessoas ou coisas.

É bem sabido que as crianças, sobretudo se próximas – os irmãos gémeos maximamente –, facilmente "empatizam" e imitam gestos, emoções, gritos, expectativas uns dos outros (actings de elementos beta, à maneira de Bion) por uma espécie de "contágio".⁴⁴

Vimos que segundo Helmuth Plessner o choro, o riso, o grito, consistem na precipitação de uma crise na relação do ser humano com o seu corpo, confuso, anónimo, "cego", cativo por automatismos (e não máquinas instintivas em acto) – efeitos do quiasma entre ser corpo e ter corpo (Plessner, 1970: 32, 143, 148). Vão corridos alguns anos que Susanne Langer, no luminoso e compreensivo *Mind: An Essay in Human Feeling*, assinalou que o acto, o agir, a praxis, exprime dois princípios, o da continuidade (de totalidade, permanência, adveniência) e o da harmonia pré-estabelecida (o carácter global, unitário, holístico da melodia motora). Monadicamente, o envolvimento interno das acções umas com as outras, mais conhecido por integração das funções, é o factor mais pregnante da individuação (Langer, 1970: 342). Em suma, cabe reconhecer que, na acção volicional em geral, cognição e emoção são inseparáveis, que os estados mentais humanos (e pré-humanos?) superiores são intencionais – o que não inclui o chorar, o gritar e o rir, segundo Plessner. Os estados mentais devem ser interpretados em termos do seu conteúdo; porém, apesar dos avanços impressionantes da robótica e das próteses enxertadas – que "pegam" e são assimiladas (encarnadas) em esquemas e imagens motoras de um se (ou "Si") autotélico (R. Andersen, 2019; D. Kwon, 2018) –, são irredutíveis à mereologia clássica e, ainda menos, à análise entradas-saídas (input-output) sincrónicas. Conseguirão as ciências cognitivas, com a inegável composicionalidade das representações, superar a hegemonia dos modelos computacionais? Afinal, contrariamente às ciências "duras", nomotéticas, as ideográficas, as "moles", requerem atenção ao particular e aos elementos diacrónicos, históricos e genéticos para a descrição adequada dos particulares, o conhecimento do singular, a compreensão do indivíduo. E este – para mim – é o efeito do grito emancipador que

44 Notar-se-á que a filia, negação da indiferença – impulso ad extra e aspiração ad alter –, funda a socialidade, a civilidade, a cidadania.

vem do início dos tempos e ecoa corajosamente nas melhores obras dos neorrealistas, desde o *Cancioneiro* e os *Retalhos da Vida de um Médico*.

4. Em conclusão:

João Bénard da Costa, num artigo intitulado “*O Último auto-retrato*” (publicado no suplemento de *Público* a 23 de Novembro de 2008) contemplava o (e contemplava-se no) derradeiro dos 42 auto-retratos conhecidos de Rubens. O artista, que ostenta um fáceis distorcido pelos rictos da senectude, parece gritar por auxílio impossível, em terrível lamento sem lágrimas. Bénard da Costa evoca, propositadamente, a conversa entre Demócrito e Heráclito a respeito do acesso à beatitude por via do riso ou por via do choro. Uma possível resolução do dilema deve-se a Maria Zambrano (1904-1991) aluna e colaboradora de Ortega. Em 1934 dava à estampa *Ante la Introducción a la teoría de la ciencia de Fichte* e, em 1992, oferecia postumamente *Los Sueños y el Tiempo*, concebido sob a metáfora da viagem; aí postula que a vida seria como um sonho “se a ideia imanentista do homem correspondesse à realidade”, perfeita passividade. Um dos corolários é, no mínimo, perturbante: “Se o homem estivesse rodeado de ser, sem ele ser, só padeceria como que em sonhos, sem nunca acordar. Seria por definição o inferno. Se o homem estivesse rodeado de ser, ele sendo já, co-sendo, não haveria padecer algum. Pura actualidade, móndada una e diversa, no centro do ser, mesmo que ele não fosse o centro.” (Zambrano, 1994: 21). Porque o sentido da tablatura da acção do Eu é despossessão, afastamento, não do ser, mas do poder (p. 114) – escreve-o uma resistente desterrada pelo franquismo –, para preencher o lugar vazio do sujeito (p. 142): cabe-nos portanto aceitar que ser humano é padecer e é transcender.⁴⁵ E escolher. Em tempos de chorar e tempos de rir, em tempos de gritar e tempos de dançar... uns habitando as palavras e outros, contra elas, inchando e calando a revolta...

PS: Desagrada-me o título deste trabalho, mas não por ser pouco simpático e nada correcto politicamente. Confere um tom equívoco que cola, enviesando a interpretação de eventuais leitores de abstracts e/ou apressados. Nas perspectivas da palavra namoreana, da clínica e da psicologia emocional, raiva, ira e cólera seriam alternativas. Honra seria outra. Como terra, sangue, rua (vd

João Fatela (1985) “O sangue e a rua. Elementos para uma antropologia da violência em Portugal” *Prelo*, 67-98). Por outro lado, não há carência de vocábulos no léxico das emoções (vd Diana Luz P. de Barros (1989-1990) “Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos”, *Cruzeiro Semiótico*, 60-73). Seja.

Agradecimentos: Agradeço a Isabel Fernandes a ajuda no inglês e a Maria de Jesus Reis Cabral a leitura do escrito e as oportunas sugestões. Os erros que persistem são meus.

Bibliografia

- Abraham, Karl (1977/1912) *Oeuvres Complètes*, 1. *Rêve et Mythe*. Paris, Payot.
- Andersen, Richard (2019) “*The Intention Machine*” *Sci. Amer.* 320,4: 19-23.
- Arnal et al., (2015) *Human Screams Occupy a Privileged Niche in the Communication Soundscape*, *Current Biology*, <http://dx.doi.org/10.1016/j.cub.2015.06.043>.
- Bataille, Georges (2012/1961) *As lágrimas de Eros*. (trad. A. Fernandes). Lisboa, Sistema Solar.
- Batista, Fernando Teixeira (2016) *Fernando Namora. Retratos Ficcionalis de um País Real*, V. Nova de Famalicão, Húmus.
- Biswanger, Ludwig (2002/1956) *Trois formes manquées de la Présence humaine. La présomption, la distorsion, le maniérisme*, Puteaux, Le cercle herménéutique
- Cardoso, Adelino (2016) *Introdução a Monadologia*, Lisboa, Colibri.
- Carel, Havi (2010/2008) *Illness. The Cry of the Flesh*, Dyrham, Acumen.
- Certeau, Michel de (2002) *Histoire et Psychanalyse, entre ccience et fiction*. Paris, Gallimard
- Damásio, António (2010) *O Livro da Consciência, A construção do cérebro consciente* Lisboa, Círculo de Leitores.
- Damásio, António (2017) *A estranha ordem das coisas. Há vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Ellis, George, Solms, Mark (2018) *Beyond Evolutionary Psychology. How and Why Neuropsychological Modules Arise*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Ey, Henry (1963) *La conscience*, Paris, PUF.
- Ey, Henry et alii. (1966/1965) *Tratado de Psiquiatria*, Barcelona, Toray-Masson (2ª imp.)
- Frenel, Jean (2001/1554) *La Physiologie*, (trad, José Karnin-Turpin), Paris, Fayard.
- Gabel J. (1979/1962) *A Falsa Consciência*, Lisboa, Guimarães Editores (pref. e trad. Alfredo Margarido).
- Faria, Abade José Custódio (2005/1819) *De la Cause du Sommeil Lucide. Étude de la nature de l'Homme*, Paris, L'Harmattan.
- Gil, Fernando (1995) *Tratado da Evidência*, Lisboa, IN/CM.

45 Ib., ib., p. 21.

- Gil, Fernando (2003/2000) *A convicção*, Porto, Campo das Letras.
- Gil, Fernando (2006) "Inteligibilidade estrutural, inteligibilidade expressiva", in Leonel Ribeiro dos Santos (coord.), *Kant, Posteridade e Actualidade*, CFUL, pp: 77-84.
- Gil, Fernando (2011), *Mediações*, Lisboa, IN/CM.
- Guillaume, Anne-Marie (1995) *Mal, Mensonge et Mauvaise Foi*, Namur, Presses Universitaires de Namur.
- Horia, Vintila (1978/1976). *Introdução à Literatura do Século XX, Ensaio de Epistemologia Literária*. Lisboa, Arcádia.
- Hurwitz, Brian, (2017) "What Archie Cochrane learn from a single case" *Lancet*, 389, 11 Feb. pp. 594-5.
- Janet, Pierre (1998/1889) *L'Automatisme Psychologique*, Paris, O. Jacob.
- Kant, (2012/1764) *Ensaio sobre as doenças mentais* (o volume também inclui *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Trad. Pedro Panarra), Lisboa, Edições 70.
- Kwon, Diana (2018) "Self-Taught Robots", *Sci. Amer.*, 318, 3: 20-25.
- Langer, Susanne (1970/1967) *Mind: An Essay in Human Feeling vol I*, Baltimore, John Hopkins.
- Leibniz *Da reminescênciae da Reflexão da mente sobre si mesmo* (1676) (trad. Nuno Fereoo) Cadernos Centro de Estudos de Filosofia, UN, 2008
- Leibniz (1995/1685) *Discurso de Metafísica* (trad., introd. e notas Adelino Cardoso), Lisboa, Colibri.
- Marques, M. Silvério (2000/1987) "Auto-regulação" *Encyclopédia Einadi*, Lisboa, IN/CM, vol. 34, pp. 399-441.
- Marques, M. Silvério (2014) "Um vaso de ambrósia" in José Pinto de Azeredo, *Isagoge Patológica do Corpo Humano c. 1802*, (Ed. A. Braz de Oliveira e M. Silvério Marques), Lisboa, Colibri, 375-411.
- Marques, M. Silvério (2016) "O fogo frio e as Morfologias da Evidência: leituras de Fernando Gil". *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, 35: 75-108.
- Marques, M. Silvério (2019a) "Organisme, Système et Sujet en Médecine. Mes consultations giliennes." In P. Biron, O. Capparos (Eds.) *Logiques de la Forme*, Paris, Garnier, pp. 225-253.
- Marques, M. Silvério (2019b) "Luz negra, Eu, M', me, mim e outros seres dissociados" (submetido)
- Marques, M. Silvério (2019c) "Liberdade, harmonia e ética. Do Equador de Tlön – Ditos, aforismos e contradições", *Revista Portuguesa de Psicossomática* 1: 45-52 (online)
- Marques, M. Silvério, Bacelar-Nicolau, Helena (2019a) "Sobre la constitución del cuerpo, el ictus y el dolor" apresentado na UNL, FCSH, Lisboa 2018 e submetido a Juan Nicolàs (Ed.) *Acerca da Monadologia* (obra em preparação para celebrar o tricentenário).
- Marques, M. Silvério, Bacelar-Nicolau, Helena (2019b) "Monadologia §28, as teorias do organismo e da causalidade na medicina setecentista", Livro de Homenagem a José Barata Moura, org. CFUL, no prelo (aceite em 2018).
- Merleau-Ponty, J. (1962/1948) "O filósofo e a sua sombra" in *Sinais* (trad. F. Gil), Lisboa, Minotauro.
- Moniz, Egas (1948) "Ramon y Cajal..." *Memórias da Academia Ciências*, Lisboa, tomo V, pp. 35-45.
- Moraes, João David de (2019) .O Abade de Faria. *O Luso-Goês criador do Hipnotismo Científico, precursor da Psicanálise*, Lisboa, Colibri.
- Namora, Fernando (1990/1945) *A Casa da Malta*, Mira-Sintra, Europa-América (15ª ed.).
- Namora, Fernando (1994/1950) *A Noite e a Madrugada*, Mira-Sintra, Europa-América (12ª ed.).
- Namora, Fernando (1967/1957) *O Homem Disfarçado*, Mira-Sintra, Europa-América (5ª ed.).
- Namora, Fernando (1961) *Domingo à Tarde*, Lisboa, Livros de Bolso RTP.
- Namora, Fernando (1969/1963) *Retalhos da Vida de um Médico*, Segunda Série. Mira-Sintra, Europa-América.
- Namora, Fernando (1981/1975), *A Nave de Pedra*, Amadora, Bertrand (3º ed.).
- Namora, Fernando (1989/1988), *Jornal Sem Data*, Mira-Sintra, Europa-América (2ª ed.).
- Namora, Fernando (1990/1945) *Prefácio de A Casa da Malta*, Mira-Sintra, Europa-América (15ª ed.).
- Orwell, George (1985/1949), 1984 (trad. Paulo Santa Rita), Lisboa, Unibolso.
- Panksepp, Jaak, Biven, Lucy (2012), *The Archaeology of Mind, Neuroevolutionary Origins of Human Emotions*, New York, Norton.
- Plessner, Helmuth (1970/1941) *Laughing and Crying. A Study of the Limits of Human Behavior*, Evanston, Northwestern University Press.
- Pita, António Pedro (2004) "Uma secreta expectativa do instante" in José Manuel Mendes et alii, *Desassossego e magnitude. Itinerários de Fernando Namora*, CC Região Centro, CM de Condeixa-a-Nova, pp. 19-53.
- Sacramento, Mário (S.d. 1967?) *Fernando Namora*. Lisboa, Arcádia. Sacramento, Mário (1985) Há uma estética neorrealista? Lisboa, Veja.
- Sanford, Anthony J., Emmett, Catherine (2012) *Mind, Brain and Narrative*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Strauss, Erwin (1989/1935) Du sens des sens (trad. fr.G. Thynnes, J-P-Legrand). Grenoble, Millon. Solms, Marc, Turnbull, Oliver (2002), *The Brain and the Inner World*, N.York, Other Press.
- Trimble, Michael (2012) *Why Humans like to Cry. Tragedy, Evolution and the Brain*. Oxford, Oxford University Press.
- Thirouin, Laurent (2005) "Le moi haïssable, une formule équivoque", Rudolf Behrens, Andreas Gipper, Viviane Mellinghoff-Bourgerie (Eds.) *Croisements d'anthropologies... Pascals Pensées im Geflecht der Anthropologien*, Universitätsverlag Winter, Heidelberg, pp. 217-247, <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01804834/document>
- Tunhas, Paulo (2007) *O essencial sobre F. Gil*, Lisboa, IN/CM.
- Zambrano, Maria (1994/1992) *Os Sonhos e o Tempo*. Lisboa, Relógio de Água. (trad. C. Rodriguez, A. Guerra).

*Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa,
m.marques46@gmail.com

FERNANDO NAMORA NA IMPRENSA ALBICASTRENSE DA DÉCADA DE 40

Maria Adelaide Neto Salvado*

Um parto (...) com o seu assombroso mistério, as suas horas ansiosas (...). sempre representam para o povo uma hora solene e terrível: nele se decidem duas vidas e também as qualidades de calma, arrojo e saber de um profissional.

Fernando Namora, *Retalhos da vida de um médico*



Fig.1 – Mulher morrendo de parto (estela funerária do século VI a.C.) encontrada em Oropos. Museu de Atenas

A primeira notícia sobre Fernando Namora na imprensa albicastrense surge no jornal *Beira Baixa*, de 28 de Agosto de 1943. Trata-se de um agradecimento pela exemplar intervenção de Namora num parto difícil ocorrido em Tinalhas, povoação do concelho de Castelo Branco, onde Namora prestava serviço como médico de Partido na Casa do Povo desta aldeia da Beira Baixa. Nela se lê:

«Agradecimento
Baptista Marques vem por este meio agradecer ao
Ex.º Sr. Dr. Fernando Namora, distinto Clínico da
Casa do Povo de Tinalhas, a maneira inteligente e
caridosa como prestou assistência a sua mulher,
num difícil parto, de cuja assistência resultou o
completo bem-estar de sua mulher e de seu filhinho
recém-nascido»

Particular cuidado dedicava Fernando Namora ao apoio às parturientes. Melhor do que ninguém sabia ele quanto a hora do parto era «solene e terrível», quanto nela se jogavam e se podem decidir «duas vidas».¹

Esse mesmo jornal, no seu número de 11 de Março de 1944, informa que, na sua Secção – Vida Literária, contará com a «colaboração alternada» de vários críticos e escritores, entre os quais surge Fernando Namora. Lê-se na notícia:

«Na nossa Secção – Vida Literária – que terá a colaboração alternada de consagrados críticos e escritores, tais como Humberto de Mergulhão, Dr. Fernando Namora, Dr. Francisco de Matos Guedes,

¹ A sua primeira mulher, Armando Bragança de Miranda, com quem casara, em 1940, morrera ao dar à luz a sua primeira filha, Arminda Maria.

Dr. Frade Correia, Duarte de Montalegre, etc, incluirá semanalmente críticas pormenorizadas de todas as obras de que recebamos 2 exemplares e outrossim uma resenha da actividade literária portuguesa».

Quem eram os críticos e escritores colaboradores deste jornal albicastrense?

Humberto de Mergulhão Botelho (1912-?), que usou o pseudónimo *I Berto*, crítico literário e jornalista, foi locutor do Rádio Clube Português e, pelos anos 40 do século XX, grande dinamizador cultural, divulgando e promovendo programas de teatro radiofónico. Identificado com o regime político, foi contratado pelo Serviço Nacional de Propaganda com a função de «preparar e ler revistas de Imprensa». Colaborou no jornal *O Século* e foi Director-chefe e Editor de *Microfone* (o jornal da Rádio), propriedade da Editorial Império Lda.

Francisco de Matos Gomes, que adoptou o pseudónimo de Jorge Vernex, foi um dos mais activos propagandistas da ditadura. Colaborador da PIDE/DGS, a 24 de Setembro de 1975 foi-lhe emitido um pedido de captura e preso em Caxias.² Em 1948, editado pela editorial PAX, publicou um livro intitulado *Ruralidade*, onde traça um retrato do mundo rural português da época. O capítulo VI intitula-se «Médicos rurais». Dividido em quatro pontos: 1º- Assistência Municipal, 2º Assistência Corporativa; 3º O bom médico; 4º João Semana».

Dr. João Frade Correia (1913-1978), licenciado em Histórias-Filosóficas, natural do Rosmaninhal (Concelho de Idanha-a-Nova), foi poeta e autor de uma vasta obra de significativo valor. Figura de relevo na cultura albicastrense, à sua iniciativa se deve a fundação, em Castelo Branco, no ano lectivo de (1943-1944) da Escola Comercial de Pedro Nunes e da Escola do Magistério Primário Particular, no ano lectivo (1950-1951). Ambas particulares, estas Escolas desempenharam, no entanto, um importante papel social na medida em que proporcionaram a muitos albicastrenses o acesso a uma formação profissionalizante.

Duarte de Montalegre, pseudónimo adoptado, durante uns anos, pelo Professor José Vitorino de Pina Martins (1820-2010), professor da Universidade de Coimbra, poeta e ensaísta, filólogo, tradutor, grande e prestigiado estudioso da cultura portuguesa renascentista.

Eram estes os «críticos e escritores» os parceiros de Fernando Namora no jornal albicastrense *Beira Baixa*.

² Ver <https://ephemerajpp.com/20/8/05/27> entradas documentos sobre a prisão de Francisco de Matos Gomes

1 – A primeira colaboração de Fernando Namora no jornal Beira Baixa

E quando as palavras não eram suficientes pintava redondos rostos de camponeses ou o invisível equilíbrio duma paisagem a mostrar o desamparo de grandes silêncios.

Alfredo Pérez Alencart, «Evocação de Namora, in *O Sangue dos Rios*

A 11 de Março de 1944, no jornal *Beira Baixa*, com o título «Entrevista da Semana» surge a primeira colaboração de Fernando Namora.

O texto, pouco conhecido, é no entanto de um imenso valor documental pelo que dele se apreende não apenas sobre a mentalidade camponesa do interior da Beira da década de 40 do século XX, como igualmente sobre o pensamento de Fernando Namora em relação ao que deveriam ser as linhas norteadoras da sua acção numa aldeia do Campo de Castelo Branco, no início dos anos 40. Despertar consciências, rasgar horizontes, dar voz a anseios apenas sonhados, ensinar o caminho em busca da dignidade, deveriam correr a par com o seu trabalho de médico curador dos males do corpo.

Por este texto de Namora perpassa o sonho e a riqueza efémera da saga do minério. Mas é sobretudo a mentalidade do camponês beirão, talhada no conformismo, é a resignação a uma vida de dureza e de futuro incerto, modelada apenas por dois profundos anseios que fortemente sobressaem, sintetizados em duas simples frases:

"Se há de comer estamos bem";

"O que eu queria era ter sempre trabalho".

A satisfação destes dois anseios abafava a curiosidade sobre o mundo e sobre as coisas, que se passavam para lá do horizonte da aldeia, adormecia as reivindicações aos donos das terras, sintetizadas apenas num desejo humilde e simples:

"Dar que chegasse para a gente. E na velhice dar-nos fanega".

O sonho que fervilhava bem no fundo da alma: «Ter terra que chegasse para mim e para a família», trabalhar naquilo que fosse seu – esse era um sonho tão longínquo como as estrelas que brilhavam sobre os cumes escuros das serranias em noites sem lua.

«Saiu e eu fiquei triste, por ele. Pela sua inconsciência secular, à mercê de todos os ventos. Tanto que temos de caminhar ainda, por ele, pela sua dignidade de homem nosso semelhante, por todos nós!» – palavras com que Fernando Namora encerra a entrevista, e que deixam antever todo um programa que haveria de lhe nortear a vida:

a de, através da escrita, denunciar injustiças, agitar consciências adormecidas e lutar pela igual dignidade de todos os homens.

É este o texto, é esta a entrevista conduzida por Fernando Namora:

«ENTREVISTA DA SEMANA

Alto, seco, com as linhas da face vincadas e duras. Tem os olhos contemplativos e negros de português. Uma boca fina, delicada, apesar da sua condição de campónio.

Conheci-o numa daquelas noites de que falam os romances. Veio procurar-me, aflito, para que assistisse ao parto da sua mulher. Só reparei bem nele e o admirei quando senti alguém constantemente debruçado sobre o leito, à minha beira, de expressão aterrada e humilde perante o grande mistério, com a gola do casaco grosso alçada e o seu chapéu na cabeça como um senhor. O vento entrava por ali dentro, pela porta e pela janela de frinchas e a luz do candeeiro dava-lhe uma cor de sonho. Atrapalhava-se a procurar na arca alguma coisa que eu pedia e ia lá dentro atiçar as mulheres que aqueciam água.

Na manhã seguinte veio feliz e íntimo procurar-me e trazer-me o que lá tinha deixado. Então pedi-lhe uma tarde em que permitisse que o retratasse. Achou graça à minha pretensão. Conversámos.

- Agora não tenho trabalho. Posso vir em qualquer dia.

- Então não vai às minas?

- Já não nada. Vai a gente para lá, paga, e somos até capazes de perder. Eu também fui pouco do minério. Agora peço ao senhor visconde para me dar trabalho.

- Está contente com o nascimento do seu filho?

- Agora não estou!... A gente casa-se e é assim mesmo.

- Alguns de vocês ganharam muito nas minas; E agora estão miseráveis como dantes.

- Eu por mim, nunca ganhei muito. Mas os outros ganharam-no, comeram-no e beberam-no. Andavam com a barriga a pedir isso. Veio o dinheiro e nem pensaram em casas nem em nada.

Dei-lhe razão. O dinheiro foi um deslumbramento para famintos. Vejo-os agora recostados às paredes, ao sol, com o olhar furioso. Sem humildade, ríjos! Alguém tem o direito dos que sempre tiveram pão, de lhes pedir contas?

Um dia, resolvi-me à pintura. Marquei-lhe uma tarde por minha conta. Cedido pelo Senhor Visconde, abonecou-se para o retrato. Corria já na aldeia que eu pintaria todos os maridos das parturientes a que assistisse...

Ficou desiludido, quasi desconfiado quando dispensei todo o aparato e lhe pedi simplesmente a roupa de todos os dias. Esteve sentado a dois metros de mim,

durante cinco horas, sem enfado. Então pareceu-me que este camponês seria um curioso entrevistado anónimo, sem títulos nem grandezas e sem floridos para dizer. E conversámos para nos protegermos contra as horas e o cansaço. Falei-lhe na felicidade, essa coisa tão relativa, tão fugidia e inacessível, por quem todos vivemos.

- Está contente com a sua vida?

- Pois não hei-de estar?

- Mas porquê?

- Ora gosto dela.

- Mas não desejaria melhor, alguma coisa mais?

- Ser rico. Rico é que eu desejava ser.

- Para quê rico? Parece-lhe que os ricos são felizes?

- Pra não trabalhar. E, comer e beber.

- Não trabalhar? É a nossa obrigação...

- Quero eu dizer: trabalhar naquilo que fosse meu. Ter terra que chegasse para mim e para a família. Toda a gente o deseja pois não é assim?

- Não tem nada?

- Não tenho nada.

- E que lhe parece que os donos da terra, os patrões, deveriam fazer?

- Dar que chegasse para a gente. E na velhice dar-nos fanega.

- Tem pensado então como essas coisas deveriam ser?

- Oh, tantas vezes! Mas a mim é como uma tontura. Não percebo muitas coisas, nem sei o que devo querer.

- Sabe ler? Já conversou com alguém sobre isto?

- Sei ler qualquer coisa. Pouco. A gente nunca sabe nada. Se há de comer estamos bem.

- Já teve curiosidade em saber o que vai lá fora pelo mundo?

- Não senhor. O que eu queria era ter sempre trabalho.

Ia-me desiludindo. Esperava ouvir qualquer coisa cheia de pureza e de valor. Mas o camponez, o nosso camponez, é isto mesmo: um corpo de músculos enrijados na sua faina.

Interrompia por vezes as perguntas e falava-lhe então do que eu próprio sabia deles e das suas esperanças. E ele, na verdade, encontrava nas minhas palavras o eco dos seus desejos sem voz. E debruçava-se para a frente, entusiasmado, perdendo o embaraço.

Saiu e eu fiquei triste, por ele. Pela sua inconsciência secular, à mercê de todos os ventos. Tanto que temos de caminhar ainda, por ele, pela sua dignidade de homem nosso semelhante, por todos nós!

F. N.»

Foi esta a primeira colaboração de Fernando Namora na imprensa albicastrense na década de 40 do século XX.

1.1-A trajéctória de vida do «Camponês de Tinalhas»

«*O indivíduo faz corpo com os seus dramas, os seus júbilos e o seu ambiente.*»

Fernando Namora, Encontros

A entrevista e as circunstâncias em que ela ocorreu não foram ficção. Aconteceram na realidade. Corria o ano de 1943, Fernando Namora, então médico em Tinalhas, foi, numa noite tempestuosa, chamado por um jovem camponês para assistir a um parto. Chamava-se António Ramos, era natural de Tinalhas onde nascera em 1919 e onde morreu em 27 de Julho de 2007, com 88 anos de idade.

Quando Fernando Namora o retratou, tinha 24 anos. O parto que é descrito nesta entrevista é o da sua primeira filha, Maria José Amoroso Ramos.

Escreveu Fernando Namora na entrevista:

«*Um dia, resolvi-me à pintura. Marquei-lhe uma tarde por minha conta. Cedido pelo Senhor Visconde, abonecou-se para o retrato. Corria já na aldeia que eu pintaria todos os maridos das parturientes a que assistisse...».*

Que motivações teriam levado Namora à realização do retrato deste jovem camponês, cujo primeiro filho ajudara a nascer?

“Tanto a medicina como a arte embora por meios diferentes nos defendem das agressões e das obscuridades...” – escreveu Namora. Então, esta região do interior da Beira era, na sua exemplar definição, “um mundo de primarismo e servidões, por isso áspero e implacável”.

Ouçamos Namora: «...Que é para nós a arte? Um abrir de entradas? Uma compensação para as amarguras ou frustrações da existência?»

Será esta pintura reflexo de inquietude, fruto da “necessidade de testemunho imediato” ou um meio de assumir e reinventar o mundo?

Creio que nesta tela de Namora se encontram amalgamadas todas estas interrogações. O retrato, uma pintura de cavalete, a óleo, sobre tela (Al.-53,5cm, L.-43cm) intitulado “Retrato de Camponês de Tinalhas” foi, com outras pinturas de Fernando Namora, apresentado numa exposição individual realizada no Cine Teatro de Castelo Branco em 1944.³

³ Este quadro faz parte do acervo, em reserva, do Museu Francisco Tavares Proença. Foi adquirido nessa exposição de 1944 pela Câmara Municipal de Castelo Branco, conjuntamente com um outro que representa os telhados da aldeia de Tinalhas. Foi esta a primeira exposição de pintura de Fernando Namora em Castelo Branco.

A segunda realizou-se 45 depois, em 1989, no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, por ocasião das nossas I Jornadas, que então se chamavam Jornadas da História de Medicina da Pré-História ao Século XX. Nesta Exposição, além do espólio na posse de D. Zita Namora que, gentilmente o disponibilizou, foram apresentadas outras obras de Fernando Namora pertencentes a colecionadores albicastrenses.



Acerca da sua primeira exposição, em Castelo Branco, Fernando Namora, numa entrevista dada a Quirino Teixeira, considerou:

« (...) Estava na Beira Baixa, nos arredores de Castelo Branco, e sem folgas económicas. Então, como reunira vários quadros, fiz uma exposição em Castelo Branco. E vendi. Mas já anteriormente não sei se posso chamar-lhe vender —, trocava quadros meus por vestuário de que necessitava, ou por um par de sapatos. Recordo essas coisas, com uma risonha e branda nostalgia. Há coisas que a memória guarda em silêncio. Parecem soterradas e de súbito, ressuscitam. São elas, por vezes, as grandes referências. Quando se reavivam iluminam como faróis.»⁴



Fig. 2 – O Camponês de Tinalhas, pintura sobre tela de Fernando Namora (Museu Francisco Tavares Proença Júnior).

Tendo como pano de fundo uma linha de serranias em tons que vão do azul ao rosa, do vermelho ao

⁴ Quirino Teixeira, Encontros com Fernando Namora, Lisboa, Flamingo, 1987, p. 97.

violeta, Fernando Namora pintou o jovem camponês a meio corpo (ocupando quase toda a superfície da tela), com a mão direita apoiada firmemente num cajado, envergando camisa azulada, casaco castanho esverdeado e chapéu castanho. A policromia utilizada na modulação do rosto, acentua o encovado da face e confere aos olhos negros, bem abertos, uma fixidez, a um tempo firme e desencantada.

Teria sido esta exposição, realizada na sede do concelho da aldeia pobre onde vivia, o fruto da tentativa de fuga ao mundo «de primarismo e servidões, por isso áspero e implacável», como exemplarmente Fernando Namora caracterizou, por esta época, os viveres das aldeias da Beira Baixa.

Um feliz acaso levou-me à identificação deste jovem camponês. Num colóquio realizado no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, com larga participação de gente de Tinalhas, uma senhora da assistência reconheceu no quadro um seu conterrâneo. Do diálogo que depois se travou afirmou ter ouvido Fernando Namora, que conhecera como médico na sua aldeia, afirmar que este jovem era o exemplo de todos os camponeses da Beira Baixa. Procurei saber o porquê desta afirmação. Creio que o motivo se encontra explícito na entrevista: o conformismo e a submissão que ressaltam nas suas respostas é o mesmo que durante décadas, com alguns raros momentos de revolta, caracterizou o campesinato beirão. Mas fiquei curiosa...

Qual teria sido a sua trajectória de vida?

Teria conseguido realizar o seu sonho de juventude: trabalhar numa terra que fosse sua, uma terra que chegasse para si e para a sua família?

António Ramos permaneceu camponês toda a sua vida, sempre ligado à casa agrícola do visconde de Tinalhas: primeiro como assalariado, vivendo como era usual na época, na angustiante incerteza de conseguir trabalho.

Só em 1958, já com 49 anos, ano em que lhe nasceu o seu segundo filho, António José Amoroso Ramos, conseguiria uma certa estabilidade, ao ser contratado como caseiro da Quinta do Vale do Freixo, uma das propriedades do visconde de Tinalhas. Aí viveu com a sua família até à idade da reforma. O seu sonho de juventude, de trabalhar uma terra que fosse sua nunca se concretizou, mas a revolução de Abril de 1974 trouxe-lhe para a sua velhice, sob a forma de uma justa reforma aos trabalhadores rurais, a garantia da «fanega», a única reivindicação que, em 1943, considerava dever ser exigida aos donos da terra, aos patrões.⁵

⁵ Informações prestadas por seu filho senhor António Manuel Amoroso Ramos.



Fig. 3 – António Ramos (O «Camponês de Tinalhas»), aos 65 anos.

Na fotografia que tirou aos 65 anos, e tal como surge no retrato que Namora dele fez aos 24 anos, vemo-lo com o mesmo rosto vincado, as mesmas sobrancelhas fartas e negras, o mesmo arranjo do cabelo, caído sobre a testa, os mesmos olhos negros bem abertos, olhando em frente.

Mas um certo brilho no olhar e os lábios abertos num sorriso substituíram a fixidez desencantada do olhar da sua juventude.

As palavras de Namora que servem de epígrafe a este sub-capítulo, parecem adejar na fotografia deste camponês de Tinalhas, que ele retratou aos 24 anos.

2 – Fernando Namora na crítica da «Secção – Vida Literária» do jornal *Beira Baixa*

*As obras que os homens criam têm destes,
as boas e as más horas.*

Fernando Namora, *Encontros*

A 6 de Abril de 1944, com o título «Feira de Letras», noticia o *Beira Baixa*:

«Sabemos que Fernando Namora ultimou um livro de contos, a publicar dentro em breve, e começou a escrever o seu anunciado romance – Adeus Abril. Fazemos sinceros votos para que as brisas beirôas lhe estimulem a inspiração e lhe sejam cem por cento propícias».

Premonitórios foram os votos expressos nesta notícia.

«As brisas beirôas» foram propícias a Fernando Namora nesse ano de 1944. E em várias vertentes. Nesse ano casou com Isaura de Campos Mendonça, natural de Monsanto. Este casamento levou-o a esta aldeia raiana do concelho de Idanha-a-Nova, «a aldeia das aldeias», como lhe chamaria anos mais tarde, numa passagem dos Adoradores do Sol. Na

sua Autobiografia assim se refere ao seu casamento: «Isaura (Zita) era estudante em Castelo Branco. Mocinha ainda, iria arriscar-se aos mutismos e insulamentos do desterrado que eu era, nunca decerto tendo imaginado que na partilha dos dias com um escritor desgasta ou tempra uma vontade. (...). Esse casamento levou-me a Monsanto.

E a 17 de Junho desse mesmo ano de 1944, com o título «Fernando Namora e o seu novo romance» lê-se no Beira Baixa o seguinte:

«Fernando Namora, há mais de um ano entre nós, tendo trocado a paisagem enterneida da cidade de Coimbra, está a completar um novo romance, Tufo, onde perpassa a ânsia angustiosa do ouro negro, as aflições do camponês, que tudo abandonou, por vezes, terra e lar, para procurar a realização do seu sonho material na aventura do volfrâmio.

Já tem uma grande parte da obra manuscrita e podemos afirmar que Tufo constitui o drama do camponês mineiro aproveitando o aspecto campesino para estocar o problema da terra da Beira Baixa. Como psicólogo penetrante e artista de invulgares qualidades, Namora apresenta no seu romance, não pura arte de ficção, mas como espelho do natural, reproduzindo a linguagem da Beira, os costumes do camponês, as aventuras do minério, e finalmente o retorno do mineiro, depois de desiludido, à terra madrasta e avara.

Certamente, Tufo, pelo fundo humano que encerra, pela realidade das figuras descritas, arrancadas à labuta árdua da aventura, hâ-de constituir grande êxito e será sofregamente lido por todos, principalmente por beirões.

Namora publicará, a seguir, o anunciado romance de tema, o problema dos trabalhadores rurais que, embora localizado em Tinalhas, são as personagens de todos os tempos e de todas as terras.

E ainda antes da publicação do seu romance, Namora publicará, num dos diários da noite da capital, uma série de crónicas sobre o aspecto aldeão, pitoresco e trágico da Beira Baixa, reportando-se às particularidades domésticas das terras estreitas e pequenas».

Certas passagens desta notícia merecem algumas considerações: o romance a que se refere a notícia com o nome de *Tufo*, viria a chamar-se *Minas de San Francisco*. Escreveu o autor da notícia que, em *Tufo*, Fernando Namora embora retratando o drama do camponês mineiro, teria aproveitado «o aspecto campesino para estocar o problema da terra da Beira Baixa.» O uso do termo estocar

(matar/atacar com estoque) expressão usada em tauromaquia ou em esgrima, remete-nos para a profunda distorção da posse da terra, geradora de um quotidiano de injustiça e miséria que marcava, por estes anos, os sofridos viveres dos camponeses da Beira Baixa, e que Namora, através da escrita, denunciou e procurou alterar, numa atitude que, julgo eu, anos mais tarde expressou deste modo: «Mudar o mundo, pois, mas para que nele a esperança, tantas vezes sacrificada e iludida, nos olhe confiadamente».⁶

A afirmação de que, como refere a notícia, Namora a seguir a *Tufo* iria publicar «o anunciado romance de tema, o problema dos trabalhadores rurais que, embora localizado em Tinalhas, são as personagens de todos os tempos e de todas as terras», não aconteceu.

A ordem da publicação destas obras foi inversa.

O livro sobre «os problemas dos trabalhadores rurais» chamou-se *Casa da Malta* e seria publicado em 1945 pela Coimbra Editora. Esta inversão deveu-se o ter sido, como anos mais tarde confessou Namora, «este o único livro de ficção, que até hoje escrevi de rajada. E todavia, é de todos o mais tranquilo».

Escreveu-o em oito dias. E no seu prefácio afirmou: «Os meus livros representam quase sempre um itinerário de geografia humana, por mim percorrido; as andanças do homem explicam as do escritor».

O nome de *Tufo* dado ao romance sobre a odisseia dos camponeses mineiros, merece uma particular atenção. *Tufo* era a designação popular para a ideia de *Mofetismo*, teoria que atribuía as doenças à infecção do ar provocada por gases tóxicos impróprios para a respiração e que com ele se misturavam. Chamavam *mofetas* a esses vapores ou exalações, que se produziam em subterrâneos profundos, grutas e minas. Enraizada em Hipócrates, a ideia de que existia uma estreita correlação entre o mau odor do ar infectado e as doenças, marcou durante séculos, a medicina europeia. Esse ar entrando no corpo humano, ou através do aparelho respiratório ou através da pele, era a causa principal de um variado leque de doenças⁷. No século XVIII, António Ribeiro Sanches (1699-1783), na sua obra *Tratado da conservação da saúde dos povos e considerações sobre os terramotos*, demonstrou, com vários exemplos, a correlação

6 *Encontros com Fernando Namora*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981, p. 216.

7 Cientificamente este conceito corresponderia à intoxicação por monóxido de carbono.

entre o organismo e o seu ambiente.⁸ Nesta obra assinalou que «das minas, do fundo dos poços sujos, das sepulturas, das latrinas e das grutas se evolam exalações que tornam o ar tão pestífero que matam no momento em que o respiramos».

Apesar do título *Tufo* se adaptar à realidade vivida pelos camponeses mineiros, Fernando Namora alterou este primeiro título. *Tufo* viria a chamar-se *Minas de San Francisco*. Foi escrito em Monsanto, e a sua publicação, pela mesma Editora coimbrã, só se concretizou em 1946.

No número 17 da revista *Ver e Creer* de Setembro de 1946, Fernando Namora resume em 15 páginas este seu romance.

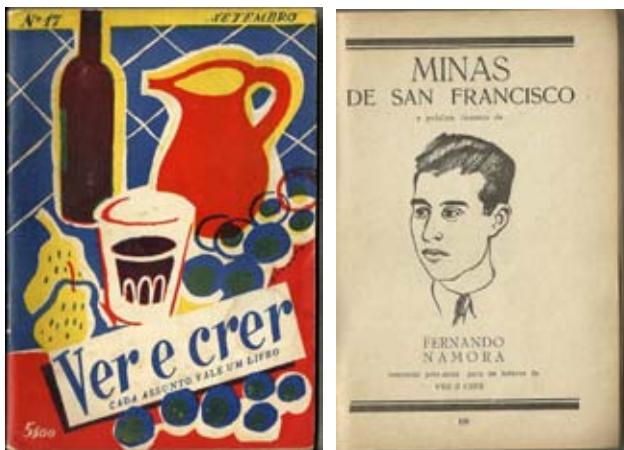


Fig. 4 – Capa da revista *Ver e Creer* e primeira página do resumo de *Minas de San Francisco*

Este livro, cuja acção decorre em Tinalhas e na Mata da Rainha, possui, no entanto, na sua parte final uma forte marca do imaginário monsantino. António, a personagem do candongueiro, na noite da sua fuga aos que o perseguiam, vê, no negrumo da noite no pinhal onde se acoitava, despertar todos os medos e todas as assombrações que haviam atormentado a sua infância e a sua juventude: a *Diabólica* e o *Barrete Vermelho*. Medos e assombrações que marcaram, durante séculos, os sentires dos monsantinos. Escreveu Namora:

«A *Diabólica!* (...) Nos seus tempos de homem de enxada ou de rapazinho ainda feloso, a guardar o rebanho do pai, ouvia os ganhões, à ceia, contando o mistério sátanico da *Diabólica*: lembrava-se da noite em que dormira no montado, na companhia de um pastor da Aldeia de Joanes, que o fora acordar à choça de colmo para lhe dizer:

⁸ Entre outros exemplos, referiu que: o mercúrio aplicado sobre a pele produzia um aumento de salivação; a aplicação de um emplastro de cantárides ocasionava ardorez na urina; as folhas de tabaco esmagadas, misturadas com migas de pão e algumas gotas de vinagre, aplicadas sobre o estômago, produziam vômitos...

- Ouves?

Era a mesma toada, crescendo no espaço como saída das remotas goelas dum furacão. (...)

*E o resto da noite tinha sido um recordar de feitiços e assombrações: os medos do Barrete Vermelho acoitados entre dois penedos que se abraçavam nas silvas enroscadas, os Sete-Couros-de-Monsanto, que, à meia noite, abrem as portas do inferno e transmitem às fragas os coros dos degredados de satanás.*⁹

Um outro livro nasceu, por estes anos, tecido pelas rudes e agrestes «brisas» que sopravam em Monsanto e marcavam o viver das suas gentes, livro «talvez decisivo no meu itinerário de escritor», como o classificaria Namora, anos mais tarde. Foi, deste modo, que a ele se referiu numa entrevista:

«Vivia eu numa aldeola tristonha, empoleirada em penhascos, misturando os meus dias com os dos campónios (...) quando recebi uma carta da cidade, (...), Escrevera-a José Ribeiro dos Santos, e eu estava muito longe de prever que ela me iria valer um livro, e um livro talvez decisivo no meu itinerário de escritor. José Ribeiro dos Santos (...) lembrara-se deste escriba exilado para que colaborasse no *Ver e Creer*, um magazine de qualidade que ele e Mário Neves dirigiam com mão conhecedora do ofício. Com o alvoroço de um serrano descoberto, entre as urzes, por um senhor das terras grandes, enviei-lhe páginas soltas de um romance, que viria a ser *A Noite e a Madrugada*.»¹⁰

As «páginas soltas» que Namora enviou a Ribeiro dos Santos, intitulou-as **DOIS PARRAS NO CONTRABANDO**.¹¹

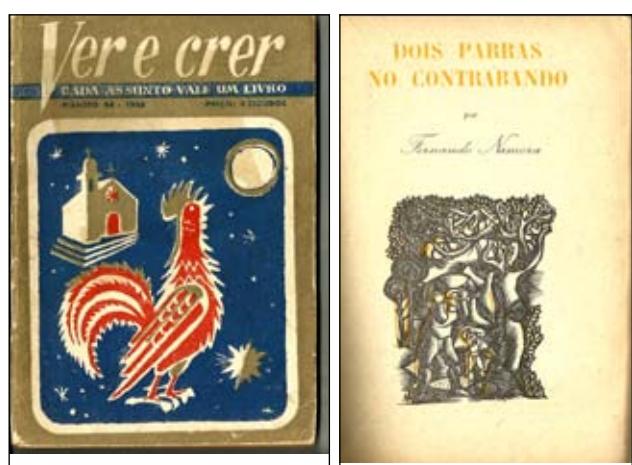


Fig. 5 – Capa de *Ver e Creer*, nº 44 – 1948. Primeira página da colaboração de Fernando Namora.

⁹ Fernando Namora, *Minas de San Francisco*, Lisboa, Guimarães Editora, 1955, 4^aedição, pp. 301-302

¹⁰ *Encontros com Fernando Namora*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981, p. 53.

¹¹ *Ver e Creer*, nº 44, 1948, «Fernando Namora, 'DOIS PARRAS NO CONTRABANDO'», pp. 87-108.

Realidade e ficção urdem as páginas deste romance.

Factos bem reais, como a expulsão dos camponeses do lugar do Pomar, das terras que, com o suor do seu rosto ao longo de muitos anos, haviam transformado incultos e matos bravios em terras férteis e produtivas, ou a usurpação dos barrocais do povo de Monsanto, por um 'grande' da aldeia, acontecimentos que marcaram fortemente os viveres da povo, perpassam pelas páginas deste romance; a grandiosidade mutante das paisagens monsantinas, com a dureza das invernias, que paralisavam o trabalho dos campos e transformavam os rios em armadilhas que semeavam a morte; a odisseia dos contrabandistas que, nas noites sem lua, se aventuravam pelos trilhos da serra, afrontando a Guarda dos dois lados da raia. E o velho Parra, símbolo dos camponeses que ousavam aventurar-se na luta desigual dos camponeses contra os feitores das casas grandes.

Apesar de Fernando Namora, no final do texto da 1ª edição de *A Noite e a Madrugada*, ter escrito: «Pavia, Alentejo. De Novembro de 1946 a Outubro de 1948», é Monsanto (Montalvo, como lhe chama) com as suas gentes, as suas paisagens e a forte clivagem social dos anos 40 que se desdobra ao longo das páginas deste romance.



Fig. 6 – *A Noite e a Madrugada*, 1ª edição

2.3 - A última colaboração de Fernando Namora na imprensa albicastrense da década de 40

Na primeira coluna da página 8 do jornal *Beira Baixa*, de 24 de Junho de 1944, sob o título «A Experiência Médico-Social na zona de Castelo Branco um projecto de Tinalhas», surge a última colaboração de Fernando Namora na imprensa albicastrense da década de 40. Trata-se de uma

carta enviada ao Director do jornal *Beira Baixa*, na qual Fernando Namora procurou esclarecer a sua adesão ao projecto jizado pelo Dr. José Lopes Dias, da criação na Casa do Povo de Tinalhas de um Posto de Assistência Infantil, tornando, deste modo, extensiva às zonas rurais a assistência médica materno-infantil, tão necessária na região onde a mortalidade infantil atingia elevados índices. Namora abraçou incondicionalmente este humanitário projecto social...

«*A Experiência Médico – Social na zona de Castelo Branco e um projecto de Tinalhas*

pelo Dr. Fernando Namora

No último artigo publicado neste jornal acerca da Obra de Assistência realizada pelo Sr. Dr. José Lopes Dias, lembrou-se entre as povoações merecedoras de Assistência era Tinalhas.

Devo elucidar ao Ex.º Articulista e aos leitores que Tinalhas, assim como tantos outros centros rurais que aspiram a sua hora, está, desde há muito, no completíssimo programa criteriosamente estudado e elaborado pelo Sr. Dr. José Lopes Dias.

Há cerca de um ano foi-me referido pela direcção da Casa do Povo de Tinalhas que a freguesia de Tinalhas tinha já merecido e atenção e os esforços do Sr. Dr. José Lopes Dias. Como a política de Assistência Médico-Social me interessava particularmente e como tinha constatado pela experiência de médico da região da urgência de um Posto de Assistência Infantil, avistei-me pela primeira vez com o Ex.º Colega Sr. Dr. José Lopes Dias, que, desde logo, para mim a honra e o alto prazer de me dar a conhecimento detalhado do seu entusiasmo, projectos e realizações pela obra de Assistência. Assim, soube que esse programa era vasto e criterioso e que anualmente seriam propostos mais centros, sempre mais centros... Posteriormente, tive a honra de reconhecer que as nossas ideias sobre clínica e assistência rural coincidiam quase sempre, designadamente no conceito básico de que a assistência devia «irradiar» dos centros rurais para os centros citadinos. Um programa de assistência, num país pobre de meios e de técnicos, luta sempre com uma série de dificuldades que impedem realizações tão rápidas como seriam do nosso desejo.

Tinha ficado decidido entre nós que eu elaborasse um trabalho médico-social sobre a região de Tinalhas. O Sr. Dr. José Lopes Dias mostrou-se sempre interessado na marcha desse trabalho, orientou-o em todas as indecisões, corrigiu-o em todos os erros. Conjugados os nossos esforços com os das entidades

oficiais e tendo o modesto projecto merecido essa atenção e, ainda, tendo sido anunciada a sua realização como próxima, apesar dos despiques locais terem dado sinal de vida desde logo, para evitar má compreensão local e para que o Posto de Assistência Infantil pudesse estar acima de míseros conflitosinhos domésticos, o Dr. José Lopes Dias ainda se prestou à delicada missão de, em nome da bem-intencionada Casa do Povo de Tinalhas (à qual o Posto ficaria anexo) e em meu próprio nome, convidar o Ex. mo Senhor Dr. Ferreira da Silva para colaborar na direcção médica do futuro Posto e o Ex.º Senhor Visconde de Tinalhas para aceitar o lugar destacado na sua Direcção Administrativa. (Devo referir que já nessa altura tínhamos conhecimento de reclamações recebidas no Sub-Secretariado afirmando que a criação do Posto era inútil).

Realmente delicada e infrutífera missão... Os Ex.ºs Senhores convidados para colaborar recusaram o seu apoio.

Fica, assim, pois, esclarecida a situação de Tinalhas em face da Obra de Assistência do Sr. Dr. Lopes Dias.

Nota da Redação – «Do Sr. Dr. Fernando Namora ilustre pintor e distinto médico da casa do Povo de Tinalhas recebemos a carta que antecede.

Sobre o assunto ainda recebemos algumas cartas anónimas que não publicamos por duas razões, sendo a primeira – serem sem louvor, o Sr. Dr. Lopes Dias e o Director do «Beira Baixa» dois mestres no jogo das armas, sabendo o Sr. Dr. José Lopes Dias muito bem onde há-de alfinetar o seu despeito, e o director de «Beira Baixa» onde está a vesícula da vaidade do seu antagonista e por isso há-de espantar o seu florete; sendo a segunda a repugnância instintiva que sentimos por todas as criaturas gelatinosas sem a coragem para assumirem a responsabilidade dos seus actos.

Nesse mesmo número, embora em páginas diferentes, sob o título «A experiência médico-social na zona de Castelo Branco», foi publicado um artigo do Dr. José Lopes Dias, no qual são apresentadas as linhas gerais do seu projecto assistencial nas zonas rurais, e igualmente um outro da autoria do padre Dr. José Ribeiro Cardoso, sob o mesmo título, a que foi acrescentado «réplica ao Dr. José Lopes Dias». Nesta ‘réplica’, para além de críticas demolidoras ao projecto apresentado, Ribeiro Cardoso tece desagradáveis considerações sobre as suas motivações.

Deste modo, a declaração pública de Fernando Namora, do seu incondicional apoio a este criticado projecto, envolveu-o na acesa polémica travada entre

José Lopes Dias e José Ribeiro Cardoso. Bacharel em Direito, à data ocupando o cargo de Presidente da Junta Provincial da Beira Baixa, o padre Ribeiro Cardoso dominava a política local. Monárquico convicto, preso durante as convulsões da I República, tornou-se acérrimo defensor da ideologia do Estado Novo, viu no projecto da extensão aos meios rurais da assistência materno-infantil, iniciada em Castelo Branco pelo Dr. Lopes Dias, uma crítica e uma afronta à débil política assistencial do Estado, exercida através das Casas do Povo.

Fernando Namora, ao manifestar publicamente a sua concordância com o projecto do seu colega Lopes Dias, tornou-se aos olhos das ‘politiquices’ locais uma pessoa não grata. E é neste contexto que se deve entender o teor da notícia que surge no número do *Beira Baixa* de 22 de Julho de 1944 com o título «A Casa do Povo de Tinalhas e a criação do seu Posto de Assistência Infantil», onde, por meio de uma carta dirigida ao Director do jornal, o médico do partido de Alcains, Dr. Ferreira da Silva, responde à carta de Fernando Namora. Esta resposta é, no entanto, antecedida por considerações do próprio Director do jornal, que nos dão a medida (usando as palavras de Namora), dos «despiques locais e míseros conflitosinhos domésticos» que marcavam a classe médica albicastrense da época, evidenciando, igualmente, a dominância da ideologia que dominava na cidade. Lê-se nas considerações que antecedem a carta:

«Do Sr. Dr. Ferreira da Silva recebemos a carta que, por todos os motivos e mais um, gostosamente publicamos. Quando o Dr. Fernando Namora nos enviou a sua epístola, andávamos em acesa pugna sobre a localização dos Centros de Assistência na zona rural de Castelo Branco, e ao tempo outro empenho não tínhamos senão esclarecer o assunto. A carta do Sr. Dr. Namora mereceu-nos alguns reparos enquanto à sua forma, mas por palpite a mandámos publicar, na esperança que daria de si coisa digna de registo. Não nos enganou o faro de jornalista, como se vê da carta que agora se publica. (...)»

E, depois de fazer uma síntese da polémica entre Lopes Dias e o poderoso político local Ribeiro Cardoso, o Director do *Beira Baixa* não se limita a informar os leitores do seu jornal sobre um tema de saúde pública que agitava a cidade, expressa as suas próprias opiniões. - Considerando necessária enquadrar a carta de Ferreira da Silva no contexto dos acontecimentos geradores da acesa polémica, esclareceu o Director do jornal, que a 9 de Março

de 1944 a «Casa do Povo» de Tinalhas enviara ao Sub-Secretário de Assistência uma petição com o seguinte programa: – Criação de um Posto de Assistência Social Infantil dirigido localmente por uma Comissão constituída pelo Presidente da Casa do Povo de Tinalhas, por um elemento a escolher entre as pessoas representativas da freguesia, e pelo médico privativo da Casa do Povo. Este posto ficaria a funcionar no edifício da casa do povo sob a sua protecção...». E de seguida, tecendo louvores ao Visconde de Tinalhas que classifica de «alma aberta a todas as benemerências», justifica e louva a recusa do Visconde em fazer parte da Comissão, comentando: «Sabia o Sr. Visconde de Tinalhas que a Casa do Povo é um organismo corporativo que tem na lei reguladora da sua actividade o art.º 6 do decreto 23.051 que diz assim: "Para realização dos seus fins de assistência entra na esfera da acção das casas do Povo a criação de lactários, dispensários, creches e asilos para crianças e velhos proporcionados às possibilidades locais"». E, baseado no teor deste artigo, concluiu o director ser ilegal a criação de Postos Médicos nas Casas do Povo, expressando sobre a posição de Fernando Namora contida na carta enviada ao jornal e publicada a 22 de Julho de 1944 a opinião seguinte:

«Só colocando-se fóra da lei é que o Presidente da Casa do Povo de Tinalhas pôde solicitar a criação do referido Posto, não integrado na instituição que lhe foi confiada para dirigir. Muito bem fez o Sr. Visconde de Tinalhas em não querer colaborar em tal atropelo. Que fique essa honra e glória ao Sr. Presidente da Casa do Povo de parceria com o Sr. Dr. Namora (...).».

Se neste preâmbulo ressalta o sarcasmo do Director do jornal à posição de Namora, certas passagens da carta do médico Ferreira da Silva vão mais longe. Nela se lê:

«Senhor Director do Jornal «Beira Baixa»:

No número 365, de 24 de Junho, publicou o Sr. Dr. Fernando Namora uma local, tão injusta como insidiosa, que tenho de esclarecer, a bem da verdade. Não desejando alijar as consequências dos meus actos, não quero ir para onde me empurrem injustamente.

(...) «(a) Que o Sr. Dr. José Lopes Dias foi a Tinalhas na delicada missão de, em nome da bem intencionada Casa do Povo e em seu nome pessoal, me convidar a colaborar na direcção médica do futuro Posto e do Exmº Sr. Visconde de Tinalhas a aceitar um lugar destacado na direcção administrativa.

Diz o sr. Dr. Fernando Namora, entre outras coisas, o seguinte:

Os Ex.mos Senhores convidados para colaborar recusaram seu apoio.

Fica, pois, mais esclarecida a situação de Tinalhas em face da obra de Assistência do Sr. Dr. Lopes Dias. Talvez, antes do sr. Dr. Namora estar em Tinalhas e, com certeza, antes de él pensar na Assistência Social, já eu me tinha lembrado da criação desse Posto em Tinalhas, que não foi viável, apesar das facilidades oferecidas para a sua efectivação.

Quando o Sr. Dr. José Lopes Dias foi a Tinalhas, aonde o acompanhei, já sabia que não aceitava, por uma razão conhecida e aplaudida por S. Ex.ª. O Sr. Dr. José Lopes Dias foi a Tinalhas propor, só em seu nome pessoal, uma alteração às condições combinadas e propor ao Sr. Visconde de Tinalhas que aceitasse a presidência: não concordando S. Ex.ª com essas alterações, não aceitou. Assim está certo. Novamente repito: foi só em seu nome pessoal que o Sr. Dr. José Lopes Dias falou. No regresso o Sr. Dr. Ramos Proença pediu-me para eu tentar uma modificação na resolução de S. Ex.ª, o que estou impossibilitado de fazer, depois da publicação da sua infeliz local.

Ainda o Sr. Dr. Namora insiste na existência da tal declaração ao Sub-Secretariado, que já lhe afirmei desconhecer. Procurando informações, foi-me dito que não existe.

Mas, para boa elucidação deste caso o Sr. Dr. Namora a publicará. Não o fazendo concluirá que não existe tal declaração. Há ainda, nesta época convulsionada, pessoas que se dedicam a exercer a caridade e a assistência sem reclames, escondida e ignoradamente, absolutamente à sua custa, recebendo em troca, ingratidões, censuras e insinuações injustas.»

Estranha e contraditória é a posição do Dr. Ferreira da Silva expressa nesta carta. Em 1943, ele havia apoiado com entusiasmo o plano do Dr. Lopes Dias, abraçando a tal ponto a ideia da criação de Centros de Assistência Social Infantil nas aldeias, em colaboração com as Casas do Povo, que conjuntamente com outro médico, Dr. Manuel Lopes Louro, fundara na então aldeia de Alcains, onde residia, um Posto de Assistência Social Infantil, com o apoio do Presidente da Casa do Povo, Joaquim Marques Barata. Dada a falta de condições do edifício da Casa do Povo, o Posto foi instalado num edifício da estrada de Santo António. Gerido provisoriamente por uma Comissão Administrativa, composta pelo Dr. Ferreira da Silva e Dr. Manuel Lopes Louro, este Centro de Assistência

dependia do Dispensário de Puericultura de Castelo Branco, ao qual informavam sobre os serviços clínicos prestados, e sobre os dispêndios financeiros. No Posto funcionava um Lactário, que desempenhou um papel de significativa importância. O leite em pó distribuído, as farinhas, garantiram uma melhor alimentação, o que aliado aos serviços clínicos prestados permitiu que muitas crianças sobrevivessem à generalizada miséria que então se vivia.¹²

A estes anos de distância, o teor desta carta dá-nos a medida não apenas da divergência de opiniões entre a classe médica sobre a implementação de medidas de saúde pública, mas, igualmente nela ressaltam outros aspectos: traços da personalidade deste médico do partido de Alcains e práticas que marcaram, negativamente, durante séculos, os viveres das aldeias da Beira Baixa. Nesta carta claramente se evidenciam as rivalidades e a ânsia de protagonismo por parte do seu autor (bem patente na passagem que transcrevi em negrito), a par da influência marcante que o apoio ou a desaprovação dos grandes proprietários locais poderiam ter na concretização ou no bloqueio da implementação de medidas sociais. O caciquismo continuava a vigorar na região da Beira Baixa...

Que aconteceria se o visconde de Tinalhas tivesse aceitado o convite de Fernando Namora e de José Lopes Dias?

Qual teria sido a posição do Director do jornal *Beira Baixa*?

São perguntas que ficam sem resposta.

Certo é que, depois da publicação da carta de Ferreira da Silva, na imprensa albicastrense da década de 40 do século XX, não surge nenhuma outra colaboração de Fernando Namora, nem qualquer referência ao seu nome ou à sua vida literária. E ele continuava a viver na Beira Baixa... Deixara Tinalhas e o seu casamento com D. Zulmira Mendonça levou-o até Monsanto da Beira.

Monsanto da Beira – «o velho roble» de Fernando Namora

«Quem seria Namora sem Monsanto?»

Quirino Teixeira, *Monsanto sem Namora*

Os votos expressos na notícia «Feira de Letras», publicado no *Beira Baixa* a 6 de Abril de 1944, «para que as brisas beirôas» lhe estimulassem «a inspiração» e lhe fossem «cem por cento propícias», concretizaram-se plenamente. Mas as «brisas

¹² Sobre a importância deste Lactário ver. Florentino Vicente Beirão, *História de Alcains II*, Coimbra, Alma Azul, 2004, p. 258.

beirôas» inspiradoras tomaram a forma de uma aldeia: Monsanto da Beira. Nesta aldeia encontrou Namora (tal como a personagem do príncipe André do romance de Tolstoi), um velho roble «símbolo da permanência mas também da renovação, símbolo de uma perdida, ou sonhada ignorada ou desiludida conciliação entre o homem e o mundo», como confessou o próprio escritor numa entrevista concedida a Artur Portela, publicada em Março de 1978 no semanário *Opção*:

«Também eu tenho o meu velho roble. Sinto o que sentia o príncipe André quando em Monsanto, olho a montanha em frente, depois, a página branca do papel que é um deserto que esforçada e dolorosamente me proponho a habitar – habitar de quê e para quê»¹³

E, numa outra entrevista (conduzida por Josué da Silva) publicada no *Diário de Lisboa*, em Março de 1973:

«Em Monsanto (...) a capacidade de trabalho revigora-se. Sobretudo em Monsanto, onde, dentro de mim, tudo se passa num esclarecedor e sedimentador reencontro – reencontro comigo, com seres e a natureza. Em Monsanto sinto-me deliciosamente isolado (pacificado) e, ao mesmo tempo, envolvido de humanas comunhões».¹⁴



Fig. 7 - Fernando Namora em Monsanto da Beira, rodeado do povo humilde que deu a conhecer ao mundo.

Mas o mundo mudara e com ele Monsanto...

No ensaio *Os Adoradores do Sol*, escrito em 1971 depois de uma viagem aos Países Nórdicos e

¹³ *Encontros com Fernando Namora*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981, p. 202.

¹⁴ *Ibidem*, p. 141.

à União Soviética, Namora traduz, deste modo, o contraste entre a paisagem natural de Monsanto, imutável com o passar do tempo, onde os penhascos que compara a «dinossauros negros», permaneciam os mesmos, e a aldeia que, marcada pelo despovoamento e a deserção da década de 60, emurchecia de ano para ano:

«É aqui em Monsanto, a aldeia das aldeias, que estou a rememorar a Escandinávia. Os penhascos, os dinossauros negros que nem a Primavera veste são os mesmos que encontrei há mais de duas décadas, mas o burgo murcha de ano para ano. Muitas janelas e portas se fecharam de vez, túmulos de lembranças, ou são olhos cegos para o silêncio que esventra e mirra as coisas (...)»¹⁵

No entanto, o fascínio que o ligava às aldeias e aos seus viveres afloram na resposta à pergunta de António de Carvalho na entrevista conduzida por esse jornalista, e formulada deste modo: «Nos seus livros o campo é solidário, a cidade impiedosa e egoísta. Que tem a dizer-nos sobre isto?», publicada no jornal *A Capital* em Março de 1978:

«Os dias, na aldeia, preservam ainda aquele mínimo de viver contemplativo, sem o qual não existe plenitude, de viver afectivo, de um gregarismo sentido como tal e que como tal nos impregna»¹⁶.

E a aldeia, a aldeia amada: «Monsanto se chama, de pedra é feita – minha nave coalhada», como lhe chamou em *A Nave de Pedra* (livro publicado em 1977) reafirma essa religião profunda à terra e às gentes:

«Monsanto, pois, meu poiso dos anos em que, junto destes homens de tolerância gasta, me alistei na vida. Anos viris, incrustados numa paisagem sem lirismos, ela própria o azougue que a fustiga, ela o frio que os longes exalam, solenidade que lhe vem de dentro, a plebe que a lavoira sem a domesticar».¹⁷

E, numa entrevista dada ao jornalista Quirino Teixeira, publicada em 1987, afirmou:

«Na aldeia reparem. Esta luz faz da montanha um mar. As ondas de côr e volume sucedem-se como vagas. A espuma lateja sobre o secreto da profundidade. E, aos poucos, sentimos a lua, o volume, a montanha. Nós é que somos o milagre.»¹⁸

¹⁵ Fernando Namora, *Os Adoradores do Sol*, Mem Martins, Europa-América, 1971, p. 113-116.

¹⁶ Ibidem, p. 213.

¹⁷ Fernando Namora, *A Nave de Pedra*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p. 20.

¹⁸ In Quirino Teixeira, *Em Outubro com Fernando Namora*. Entrevistas, 1987.

Afirmação onde ressalta não só o olhar maravilhado de Namora sobre a beleza mutante de Monsanto, como também o reflexo que essa beleza despertava no mais profundo do seu ser, despertando nele sentimentos profundos que expressou deste modo: «Nós é que somos o milagre»

Bibliografia

- NAMORA, Fernando, *Minas da San Francisco*, Lisboa, Guimarães Editora, 1955.
 - *A Noite e a Madrugada*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1950.
 - *Os Adoradores do Sol*, Mem Martins, Europa América, 1971.
 - *A Nave de Pedra*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.
 - *Retalhos da Vida de um Médico*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1949.
- TEIXEIRA, Quirino, *Encontros com Fernando Namora*, Lisboa, Flamingo, 1987.
- *Em Outubro com Fernando Namora*, Entrevistas, 1987.

Jornais e Revistas

- Jornal *Beira Baixa*: nº 28 de Agosto de 1943; nº de 11 de Março de 1944; nº de 6 de Abril de 1944; nº de 24 de Junho de 1944; nº 22 de Julho de 1944.
- Ver *e Crer*, nº 17, 1946;
Ver *e Crer*, nº 44, 1948.

*Geógrafa. Investigadora

FERNANDO NAMORA

- O ESCRITOR DISFARÇADO NA CIDADE

*Maria José Leal**

*Cada homem que vem no mundo, por mais miserável que apareça,
por mais desprezível que pareça, pode ser um deus disfarçado.*

Agostinho da Silva



Em 2019, muitos foram os eventos comemorativos do centenário do nascimento de Fernando Namora (FN), Condeixa-a-Nova, 15 de Abril 1919 – Lisboa, 31 de Janeiro 1989:

15 de Abril – “Retalhos de uma Vida”, início das comemorações na Casa-Museu Fernando Namora, em Condeixa-a-Nova.

23 de Abril – Colóquio Literatura e Medicina, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

11 de Maio – na Casa da Baía, em Setúbal: Centenário de Fernando Namora e Cinquentenário da SOPEAM – Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos. FN foi sócio-fundador desta Sociedade, em 1969; ocupou também o lugar de Vice-Presidente da Direção de 1969 a 1977.

De 18 de Maio a 17 de Novembro – Exposição “E não sei se o mundo nasceu”, no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira¹.

¹ *E não sei se o mundo nasceu – Fernando Namora 100 anos*, Coord. Fátima Pires, Coord. cient. António Pedro Pita, Textos de Alberto Mesquita... [et al.], Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2019.

29 de Agosto – FN foi distinguido pelo Presidente da República com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, honra atribuída a pessoas com feitos de especial relevância para Portugal, e cujas insígnias foram entregues à filha mais nova do homenageado, Margarida Namora.

24 e 25 de Outubro – Congresso Internacional Fernando Namora “E não sei se o mundo nasceu”, na Reitoria da Universidade de Lisboa, no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira e na Casa-Museu Fernando Namora, em Condeixa-a-Nova.

8 a 10 de Novembro – XXXI Jornadas de Estudo de Medicina na Beira Interior, em Castelo Branco. Por diversas vezes, FN já tinha sido homenageado como médico, como escritor e como pintor, por ocasião de preegressas Jornadas, em Castelo Branco².

Edição da Antologia Poética pela Câmara Municipal do Fundão, *O Sangue dos Rios – Poetas celebram Fernando Namora*, (2019), com a participação de 70 poetas portugueses, espanhóis e ibero-americanos.

De 27 de Junho a 6 Setembro, esteve patente, em Lisboa, na Mezanine da Biblioteca Nacional, a Mostra “O escritor não tem poder nenhum”, organizada segundo os diversos percursos do autor, terminando no período em que residiu em Lisboa e aí exerceu a sua atividade como médico e como escritor. A Mostra teve o subtítulo “O escritor disfarçado na cidade”. Mais do que qualquer outro, este epíteto expressa uma vertente não apenas de grande parte da obra³ mas da própria vivência de FN, que afirmou: “...há entre mim e a cidade uma desavença insanável”.

² Leal, M.J., Fernando Namora – Outras Itinerâncias, in *Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior*, vol. XXXI, Castelo Branco, 2017, p. 71. <http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos.html> http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol21.pdf

³ Fernando Namora:

- (a) *O homem disfarçado*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1957.
- (b) *Cidade solitária*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1959.
- (c) *Domingo à tarde*, Lisboa, Livros do Brasil, 1961.
- (d) *Os clandestinos*, Mem Martins, Europa-América, 1972.
- (e) *Resposta a Matilde*: Divertimento, Amadora, Bertrand, 1980.

O tema do disfarce⁴, da duplitude, da clandestinidade é motivo para se embrenhar no mais profundo das motivações das suas personagens, desvendando os mais sublimes, os mais iníquos ou os mais abjetos comportamentos e porque não dar face, teatralizar a sua própria alteridade.

Na Apresentação/Prefácio que FN escreveu para o texto de Ana Maria Urbano – “Propostas de análises textuais aplicadas a *era um desconhecido*, *Resposta a Matilde*”, de Fernando Namora⁵, é bem explícita a sensação de ser “des-disfarçado” pela autora:

Creio que será sempre com um sentimento de perplexidade, de estranheza, e até de pudor violentado, que um autor se vê posto numa mesa anatómica, com as tripas de fora....

Dai, talvez, que o escritor mostre sincera surpresa quando “os outros”, os leitores, que são o complemento inseparável do acto literário, lhe desvelam às vezes com impiedosa e desmistificadora minúcia, o mecanismo interno dessa criação, com os ínvais mas inelutáveis objectivos, os seus disfarces, os seus sortilégios e os seus dramáticos equívocos.

Ana Maria Urbano, citando Edward Morgan Forster⁶, *disseca no conto em questão as personagens planas-lineares de traço único, imutáveis – e, sobretudo, as personagens redondas/esféricas – complexas que a qualquer momento surpreendem o leitor.*

FN, através do enredo destas personagens complexas, põe a lume situações inconfessáveis, que para além do agrado dos leitores comuns fizeram tremer poderes instituídos e tidos como inatacáveis. Tal aconteceu em 1957 com a publicação de *O Homem Disfarçado* (3a). Advieram-lhe incómodos não displicentes, sendo ameaçado de ser expulso da Ordem dos Médicos (OM), com instauração de processo, como ele próprio refere na sua Autobiografia⁷ e em entrevistas publicadas⁸.

⁴ *Disfarce*, não tem uma origem absolutamente certa, *dis-des* – prefixo polissémico de origem latina com o sentido de separação, afastamento, negação, contrário e ainda direcção para diversas partes; com origem grega indica dois e dificuldade; *farcire*, latim/italiano “engordar um animal para abate”, Culinária: *farcire pan dispagna*, “recheiar, encher”. Como muitas roupas usadas em peças cómicas eram acolchoadas, recheadas de tecido ou palha, daí teria surgido a noção de “roupa que altera o aspecto de alguém”. Disfarces são peças de vestuário ou qualquer método ou técnica que muda a aparência de algo ou alguém de modo a esconder a sua verdadeira identidade.

⁵ Urbano, A.M. *Propostas de análises textuais aplicadas a “era um desconhecido”, “Resposta a Matilde”, de Fernando Namora*, Coimbra, Almedina, 1982.

⁶ Forster, E.M., *Aspects of the novel*, New York, Harcourt, Brace, 1940.

⁷ Namora, F., *Autobiografia*, Lisboa, O Jornal, 1987.

⁸ Mendes, J.M, Introdução, in: Namora, F., *Encontros*, Lisboa,

As características do protagonista da obra fugiam ao protótipo do médico santo e impoluto, e descambava para uma realidade menos abonatória. O processo não teve seguimento, talvez pela poderosa influência de Francisco Gentil e Jacinto Simões em oposição aos acusadores, mas ainda hoje em 2019 não há acessibilidade ao processo que, ao que foi apurado, desapareceu. Não consta dos arquivos de modo a poderem ser avaliadas as verdadeiras razões da queixa instaurada.

Nova acusação foi formulada por parte da OM, em 1961, relativa a *Domingo à Tarde* (3c), mas tal como no processo anterior a decorrência foi idêntica.

No Estatuto da Ordem dos Médicos, que fora regulamentado pelo Decreto-lei nº 40.651 de 21 de Junho de 1956, no Capítulo III artigo 28, são enunciados os órgãos dos Conselhos disciplinares e, no Capítulo VI artigos 121 a 143, as ações disciplinares da Ordem. À data era Bastonário Jorge Augusto da Silva Horta (1956 a 1961) e Presidentes da Secção Regional Sul Jacinto Croner Moniz de Bettencourt (1956 a 1958) e José Macedo de Borja Araújo (1959 a 1961), sob cuja jurisdição se encontrava FN. Na pesquisa efetuada não foram obtidos os nomes dos titulares que constituíam os respetivos Conselhos Disciplinares.

“...HÁ PESSOAS QUE SE VÊM DE SÚBITO FRENTE AO ESPELHO” (FN)

FN aborda frontalmente o tema do disfarce, da máscara por ele próprio experimentado. Urbano Tavares Rodrigues disserta sobre esta duplitude em *O rosto e a máscara na obra de Fernando Namora*⁹ - não apenas na construção ficcional, mas também na sua poesia. Um exemplo:

Clandestinidade

Secreto me acho/e secreto me sentes/quando/secreto me julgas,

Impuro me reconheço/quando/o nosso silêncio/são vozes turbas.

Dúbio é o desejo/quando/não é transparente/a água em que se deita/ precavidamente.

Clandestinos somos/quando/o que somos/teme a face que pesquisa.

Os olhos são claros/quando/a superfície do espelho/é lisa¹⁰.

Bertrand, 1979 (Súmulas de 16 entrevistas de 1963 a 1978).

⁹ Rodrigues, U.T, *O rosto e a máscara na obra de Fernando Namora*, Lisboa, Academia das Ciências, 1980.

¹⁰ Namora F, *Marketing*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

Não serão repetidas as itinerâncias profissionais e familiares de FN já abordadas¹¹ e que decerto tiveram peso em todo o processo evolutivo do homem e do autor, no disfarce quer de si próprio quer das suas personagens. Recordar sim, as entrevistas que pelo olhar de terceiros nos desvendam muito dos seus motivos, objetivos e também da sua personalidade. José Manuel Mendes fez uma recolha notável, reunindo súmulas de 16 entrevistas de 1963 a 1978¹². Mário Sacramento penetra na intimidade familiar, e aborda a sua intrépida mãe, Albertina Gonçalves Namora, figura de enorme peso nas opções de vida do filho¹³, como este evoca no:

Poema Cansado de Certos Momentos

*Foi-se tudo/como areia fina escoada pelos dedos.
Mãe! aqui me tens,/metade de mim,/sem saber que
metade me pertence.
Aqui me tens,/de gestos saqueados,/onde resta a
saudade de ti/
e do teu mundo de medos/estendendo a face de
justo...*

*Mãe! tu nunca previste/as geadas e os bichos/roendo
os campos adubados
e o vizinho largando a fúria dos rebanhos/
pela flor menina dos meus prados.
E assim, geraste-me despido/como as ervas,/br/>e não olhaste os pegas nem as cobras,/verdes,
viscosas, espreitando dos nichos./De mão nua,
entregaste-me ao destino./Os anjos ficaram lá em
cima, cobardes, ansiosos./E sem elmos ou gibões,/br/>nem lutei nem vivi: /fiquei quieto, absorto, em
lágrimas/ — e lá ao fundo esperavam-me valados/e
chacais rancorosos./ Mãe! aqui me tens,/restos de
mim./Guarda-me contigo agora, /que és tu a minha
justiça e o exílio/do perdido e do achado./ Guarda-
-me contigo agora/e adormece-me as feridas/com as
guitarras do fado.
Mas caberá no teu regaço/o fantasma do perdido?¹⁴.*

(Clandestino – do Latim *clandestinus*, “escondido, secreto”, de *clam*, “às escondidas”, da base do verbo *cellare*, “esconder, disfarçar”).

¹¹ Leal, M.J., Fernando Namora – Outras Itinerâncias, in Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior, vol. XXXI, Castelo Branco, 2017, p. 71.

<http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos.html>
http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol21.pdf

¹² Mendes, J.M, Introdução, in: Namora, F., *Encontros*, Lisboa, Bertrand, 1979 (Súmulas de 16 entrevistas de 1963 a 1978).

¹³ Sacramento, M., *Fernando Namora*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1967.

¹⁴ Namora, F., *Mar de Sargaços*, Lisboa, Atlântida, 1939,

Quirino da Fonseca descreve FN como um solitário? ...um melancólico? ...um tímido? ¹⁵ O poeta evoca a figura distante do pai, figura de retaguarda no contexto familiar, também usando um disfarce que só na maturidade o filho comprehende.

Um Segredo

*Meu pai tinha sandálias de vento/só agora o sei.
Tinha sandálias de vento/e isto nem sequer é uma
maneira de dizer/andava por longe os olhos fugidos
a expressão em nenhures
com as miraculosas instantaneidades que nos fazem
estar em todos os sítios.*

.....
*Andava por longe meu pai sonhando errando
vadiando/mas toda a sua ausência era o malogro de
o ser/só agora o sei....*

.....
*e então sei-o agora calçava as ágeis sandálias
miraculosamente leves soltas imaginosas
indo de acaso em acaso de astro em astro
eram de vento as suas sandálias fabulosas
levando-o aonde mais ninguém poderia chegar....*

.....
*Um segredo simples: o que sentiste pai/sinto-o eu
agora por ambos/
sinto-o por ti/sinto-o por mim/Ainda que por ele
devorados. ¹⁶*



¹⁵ Fonseca, Q., *Em Outubro com Fernando Namora*, Lisboa, Flamingo, 1987.

¹⁶ Namora, F., *Nome para uma casa*, Lisboa, Bertrand, 1984.

Antónia de Sousa entrevista FN para o Diário de Notícias em 14 Fev. 1988, numa fase já de desespero em termos de saúde e intitula o seu artigo *Um Ateu com Costela Mística*. Fica surpreendida, como qualquer leitor ficará, pelo desabafo de FN: “Nenhum dos meus livros me satisfez”. Um autor de grande sucesso editorial, traduzido numa quantidade de línguas, com prémios e condecorações multiplicadas, já recebidas ou a receber!

Prémios e distinções

Prémio Ricardo Malheiros (1953).

Prémio literário SOPEM – Soc. Port. Escritores Médicos (1972).

Medalha de Ouro da “Société d’Encouragement au Progrés” (1979).

Grande-Oficial da Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem Militar de Sant’Iago da Espada, do Mérito Científico, Literário e Artístico (1979).

Proposto para o *Prémio Nobel* da Literatura (1981).

Prémio D. Dinis (1982).

Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (26 de Maio de 1988).

Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (29 de Agosto de 2019, a título póstumo).

Artes Plásticas

Prémio Mestre António Augusto Gonçalves de artes plásticas (1938).



Exposição individual de pintura, em Castelo Branco (1944).

Exposição colectiva e internacional de artistas médicos, em Paris (1949).

2.º Prémio de Pintura na Exposição Colectiva de Artistas Médicos, realizada na cidade do Porto e posteriormente repetida em Lisboa (1964).

Este “escritor disfarçado na cidade”, nascido em Condeixa, que aprendeu a pintar na Escola de Artes e Ofícios do volumoso Padre João Antunes – Padre Boi, que não queria ser médico, mas que esta sua segunda arte lhe fez conhecer o mais profundo do corpo e da alma humana, que alcançou um lugar cimeiro na literatura, diz numa espécie de confissão de fim de vida, em 1988, ao seu colega da Medicina e das Letras, Armando Moreno: “não sei até que ponto fiz mal em abandonar a medicina”.¹⁷

O escritor disfarçado de médico na cidade ou o médico disfarçado de escritor na cidade?

“A cidade tem uma textura própria, que facilita a dissimulação, o anonimato, mais tarde dir-se-á: clandestinidade.”¹⁸

* Médica. Investigadora.

¹⁷ Moreno, A., *Os meus encontros com...*, Lousã, Apolo 70, 2015.

¹⁸ E não sei se o mundo nasceu – Fernando Namora 100 anos, Coord. Fátima Pires, Coord. cient. António Pedro Pita, Textos de Alberto Mesquita... [et al.], Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2019.

ÁRVORE DAS LABAREDAS

*As Labaredas lamberam os lambrins, os letreiros, as latrinas
Os lenhos dos loureiros, dos licopódios, dos limoeiros
Ladinhas as lebres lerparam das lorcas
Os labregos lograram libertar os lerdos leitões
Liquefeitas as lesmas, as larvas, as libelinhias, os lacraus
Ligados no lume, os lilases, os lírios, o lúpulo, a lavanda
Na lástima, os larápios lobrigam as libras, os loquetes e os legados
Na lamúria da lama dos leitos das levadas
Lanugos, linhos, ligaduras e lençóis são lixo latente
Libelo p’ras lucubrações da licitação legislativa da limpeza
Savana lúgubre, a Lua luminescente e lédida, lamenta
O langor do Jardim, do Bosque, da Floresta.*

M. J. Leal

O HUMANISMO DE FERNANDO NAMORA

António Lourenço Marques*

Afirmar sobre um autor, que a sua obra está impregnada pelo humanismo, o que é que pode significar? Ou, no caso concreto de Fernando Namora, tendo presente a sua vastíssima obra literária, qual é, verdadeiramente, o alcance de uma afirmação de um tal teor?

Ora, o humanismo é uma palavra polissémica. Diz o filósofo Karl Jaspers que humanismo, "por um lado, designa um *ideal de cultura*, que implica a assimilação da tradição clássica; por outro, a *recriação* do homem de hoje a partir da sua origem; e, finalmente, o *sentido do humano*, que permite que em cada homem reconheçamos a sua dignidade."¹

Será este último significado – sentido do humano que permite que em cada homem reconheçamos a sua dignidade – que, indubitavelmente, e a nosso ver, se ajusta ao humanismo do autor dos *Retalhos da Vida de um Médico*. Com efeito, não encontramos nele um humanismo meramente formal. Ou seja, algo que é exposto através de uma retórica pomposa, em que a avocação do homem, na trama da escrita, o que acaba por servir é a afirmação de uma superioridade moral por parte de quem escreve. Um humanismo retórico que, no fundo, o que faz, usando as fragilidades e o drama humanos, é mostrar desprezo condenatório por esses mesmos seres humanos.



Fig. 1 - *Retalhos da Vida de um Médico*, 1^a ed., 1949

¹ Karl Jaspers, Condições e possibilidades de um novo humanismo. In: Encontros Internacionais de Genebra (1949), *Para um novo Humanismo*, Publicações Europa-América, 1964, p. 179.

Em Fernando Namora não é isto que vemos. Na sua obra encontra-se, essencialmente, uma sensibilidade fraterna pelo outro, o outro que reflete o próprio escritor. Como disse Urbano Tavares Rodrigues, "Namora quis falar dos outros, do mundo dos outros, e falou de si próprio através deles."²

Numa das entrevistas reunidas em *Encontros*, o escritor, ao trazer à superfície as nuances e as persistências que sobressaem na sua obra escrita, fazendo a comparação das duas séries de *Retalhos da Vida de um Médico*, forjadas em tempos diferentes, afirma, quanto à primeira série, de 1949:

"O herói que vai de povo em povo, descobrindo os homens e os cenários da sua luta, surpreendendo-se e misturando-se, leva consigo a solidariedade e a confiança. (...) Esse herói abre o peito às injustiças, às dores, às misérias que encontra e o dilaceram e nunca se protege com um escudo de descrença ou de reserva."³

E sobre a segunda série, escrita quinze anos depois, observa: "O herói continua solidário, continua a sentir como suas as amarguras alheias, mas é já um homem cicatrizado."⁴ O herói, claro, é o escritor, "um homem entre os outros homens", em que "os livros traçam com fidelidade a jornada" do próprio escritor.



Fig. 2 - *Retalhos da Vida de um Médico* (2.^a série), 1^a ed., 1963

² Urbano Tavares Rodrigues, *Também do Alentejo*. In: JL, Ano XXXIX, nº 1276, p. 10.

³ Fernando Namora, *Encontros*, Livraria Bertrand, 1981, p. 28.

⁴ Ibidem

O SENTIDO HUMANO

Fernando Namora, que exerceu a medicina até 1965, altura em que se desvinculou do lugar de assistente do IPO de Lisboa, teve um conhecimento singular das realidades da doença, da dor e do sofrimento. Então, em 1965, já tinha publicado mais de uma dezena de livros, entre os quais estão alguns dos títulos mais emblemáticos da sua fecunda criação, como: *As Sete Partidas do Mundo*, *Fogo na Noite Escura*, *Casa da Malta*, *Minas de San Francisco*, *Retalhos da Vida de um Médico*, *A Noite e a Madrugada*, *Deuses e Demónios da Medicina*, *Domingo à Tarde* e *O Homem Disfarçado*. Vários destes livros cultivam matérias do universo da medicina, e cativam-nos porque engrandecem, de uma forma peculiar, os valores humanos. Nos Encontros, afirma:

"A medicina, mesmo aos retraídos como eu era e sou, predispõe à receptividade, ao solidarismo activo, e entrega-nos as chaves que abrem os esconderijos, menos acessíveis, lá onde o homem é verdadeiramente o que é."⁵

Num dos livros, *Deuses e Demónios da Medicina*, inseriu um prefácio esclarecedor (tendo-o embora retirado a partir da 3^a edição). Reflete aí sobre o conflito entre os renovadores e as forças que se lhes opõem, mas afirmando um facto:

"sempre que a ciência médica galga espectacularmente na sua evolução, assistimos a um regresso ao leito do doente" (...) "aproveitando-se a lição da experiência para nunca subestimar o doente como pessoa humana".⁶

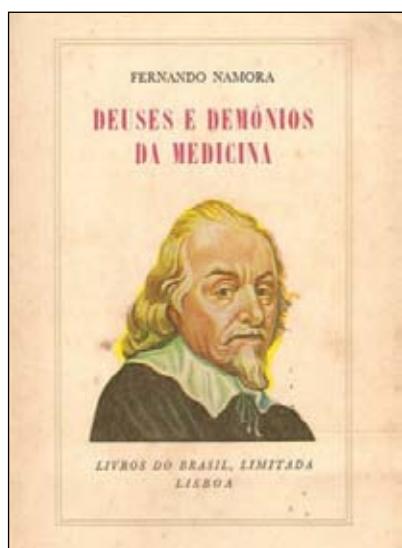


Fig. 3 - *Deuses e Demónios da Medicina*, 1^a ed., 1952

⁵ Idem, p. 18.

⁶ Fernando Namora, *Deuses e Demónios da Medicina*, Livros do Brasil, Limitada, 1952, p. 9.

Fernando Namora era severo no seu ofício literário, pois mantinha "uma permanente autocritica", o que o levou a reescrever vários dos seus textos, como podemos verificar nas variações encontradas de acordo com as sucessivas edições. *Deuses e Demónios da Medicina* tem as biografias romanceadas de médicos que teceram a história da medicina, observados na perspetiva de num movimento de "conflito entre os renovadores da medicina e as forças de reação"⁷, resistências estas que sempre atravancam o progresso. Outras obras, mesmo quando o tema central não é a medicina, utilizam muitas expressões, metáforas, imagens e vocábulos, que são desse domínio.

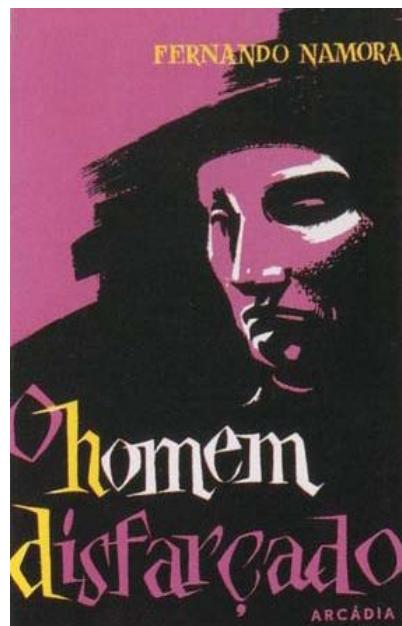


Fig. 4 - *O Homem Disfarçado*, 1^a ed., 1957

Domingo à Tarde, por exemplo, é um romance que explicita uma magnífica lição sobre a relação médico-doente. E *Um Homem Disfarçado*, obra de 1957, é outra narrativa sobre a vida de um médico medíocre que foge às suas responsabilidades. Este romance provocou um coro de ira no meio médico de então (e não só!), talvez "ofendido" pela crueza do testemunho que revelava a "degradação a que o antigo sacerdócio fora conduzido"⁸, como observou Mário Sacramento. Fernando Namora chegou então a ser ameaçado de expulsão da Ordem dos Médicos. Tinha ousado denunciar as mazelas do seu meio.

Outro livro, tão cheio de ressonâncias dos sítios de Castelo Branco, *Casa da Malta*, que Fernando Namora escreveu, quando fazia clínica em Tinalhas, em 1943, e que publicou, já médico em Monsanto, em 1945, tem

⁷ Ibidem

⁸ Mário Sacramento, *Fernando Namora*, Arcádia, s. d., p. 155

múltiplas alusões relacionadas com a medicina: partos, “pernas ulceradas e imundas”, “sangue dos pulmões”, “mistura de chagas, trapos purulentos e comida”, dor, morte, etc., etc. *Casa da Malta* é sobre “a fabulosa experiência das minas da Mata da Rainha”, que o autor conheceu ao ser atraído, para clinicar em Tinalhas, por um seu amigo dileto, falecido precocemente de tuberculose, e que trabalhava, então, nas minas situadas entre Penamacor e S. Miguel de Acha.

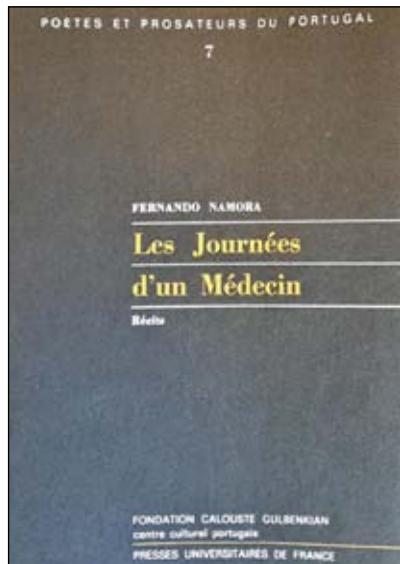


Fig. 5 - *Les Journées d'un Médecin*, Presses Universitaires de France, 1974

É Mário Sacramento ainda que chama a atenção para a importância em não se “dissociar nunca o escritor do médico, em Namora. A obra do primeiro vive da experiência do segundo”⁹, atribuindo a este facto “uma originalidade e uma singularidade” própria do escrrior. É a célebre questão do médico-escritor ou do escritor-médico, que foi tão esgrimida. Ora, não temos dúvidas que Fernando Namora seria sempre um escritor, embora a sua experiência de médico lhe tenha dado muito do material de que necessitava, e tenha modelado o seu estilo. Mas dizer que ele evoluiu de médico-escritor para escritor-médico penso não ter sentido, embora haja quem o afirme.¹⁰ O que há, sim, é uma maravilhosa unidade, tal a harmonia da sua obra.

A AFIRMAÇÃO DA FRATERNIDADE

Os temas da doença, das ofensas à integridade física das pessoas, das relações violentas e humilhantes despertadas à volta das mazelas físicas ou dos padecimentos psicológicos, e de todo um mal-estar associado à pobreza e à exclusão social,

⁹ Idem, p. 124.

¹⁰ Ibid.

não podem ser vistos como simples extensão da atividade profissional. O olhar de Fernando Namora perante essas situações, expressa a sua posição sincera sobre os valores humanos onde sobressai, desde logo, a fraternidade.

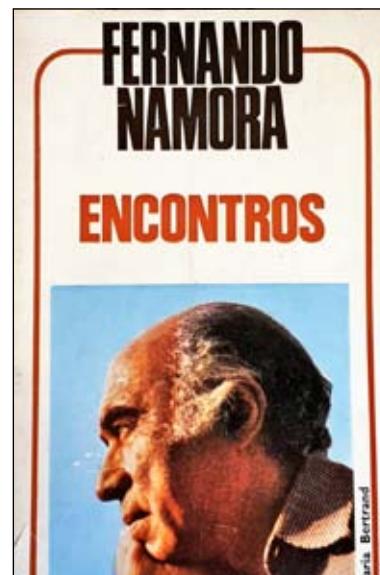


Fig. 6 - *Encontros*, 2ª ed., 1981

O escritor identifica-se com os seus personagens ofendidos. “Misturei-me” com essas vidas, diz nos *Arquivos Implacáveis*, que Mário Sacramento cita na biografia referida:

“Escolhi o António Parra, que me trazia de Espanha as sedas e os conhaques; o Pencas que me burlava quando lhe era indispensável encontrar alguém disposto a deixar-se burlar; o Clemente que me saltava dos caminhos da serra para me vender notícias fantásticas do meu agrado; e outros, outros ao acaso, como poderia ter preferido espécimes da mesma igualha que, com eles e comigo, se identificavam.”¹¹

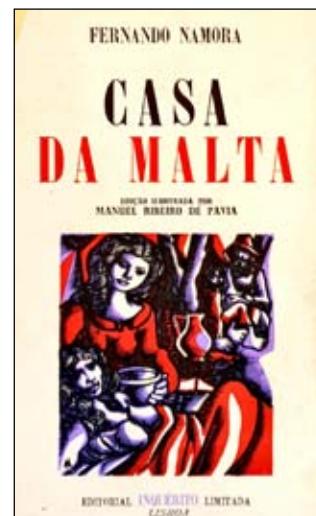


Fig. 7 - *Casa da Malta*, 2ª ed., 1951

¹¹ Idem, p. 97.

Outro valor é o da autenticidade. Foi Eduardo Lourenço que escreveu:

"Fernando Namora incorpora as observações, as imagens da sua experiência como médico, perseguindo através delas a única busca que o mundo da doença lhe proporcionou no campo de eleição: a de uma autenticidade radical, por sua vez pessoal e social, protegida das marcas inexauríveis por trás das quais a privilegiada humanidade dos ricos, poderosos e abastados esconde uma miséria comum."¹²

Esta adesão a uma "autenticidade radical" comprova-se na compreensão da forma por vezes implacável como se refere a muitas situações reais, da vida, que verdadeiramente o incomodam, reveladas sem rodeios, mostradas como personificações de indignidade, até no limiar da repelência, quer do povo natural quer de personalidades pretensiosas, sem poupar os próprios pares, como por exemplo nesse libelo que é *O Homem Disfarçado*.

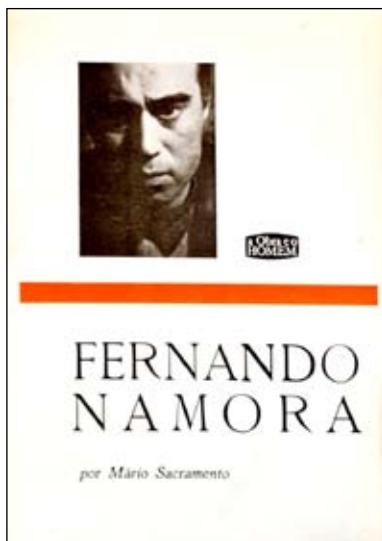


Fig. 8 - Mário Sacramento, *Fernando Namora*, s.d.

Neste romance, denuncia a medicina como negócio. Expõe, em particular, a farsa da relação do médico com o doente, quando aquele quer enriquecer a qualquer preço. Tem a coragem de expor a existência de práticas desonestas e mesmo perigosas, como seja o médico determinar cirurgias desnecessárias apenas pela sua pulsão do dinheiro. São trapaças, mas vestidas da ilusão de se tratar de uma ação indispensável, mesmo urgente, na pretensa defesa do superior interesse do doente. Ora, é do humanismo, que também tem na sua essência o compromisso crítico com o ser humano, o dever da denúncia dos atropelos praticados sobre

¹² Fernando Namora, *Les Journées d'un Médecin*, Presses Universitaires de France, 1974, p. 17.

ele. E, no universo da medicina, que Fernando Namora conheceu tão bem por dentro, "pela maldita tentação do dinheiro" quantas prepotências não são cometidas? *O Homem Disfarçado* continua assim de uma atualidade tremenda. Ainda nas palavras de Eduardo Lourenço, Fernando Namora não acolhe "a teatralidade, a aparência que toma o lugar da realidade"¹³. Mas nada melhor que escutar o próprio autor:

"A minha experiência de médico começou a bem dizer, na Beira Baixa. Os primeiros meses de profissional, na vila, ali a dois passos de Coimbra e dos amigos, amparado pela euforia de meus pais e pelo afago de um ambiente que me estimulava desde a infância, foram apenas um prolongamento suave dos anos de Universidade. Os interesses que tinham despontado durante esses anos, e que seriam, daí em diante, o sal da vida, eram ali permitidos: havia um povo comunicativo, tolerante; havia colegas e gente variada ainda do tempo em que, nas escolas, se misturavam códigos e anatomias com uma ávida curiosidade pelos problemas do homem, em que os mestres manejavam o bisturi com dignidade e com a mesma dignidade desciam à rua a contagiar de audácia, entusiasmo e ardor os jovens de alma tão aberta como um prado virgem."¹⁴

(...)

"A perplexidade que nos espreita logo os primeiros passos, feita do encontro súbito entre o mundo fictício donde saímos e as realidades de uma profissão enredada em limitações, despiques, sentenças de soalheiro – de tão amaciada pelo ambiente, só mais tarde, da distância, a apercebi."¹⁵

AUTENTICIDADE

A questão do disfarce "é um tema subjacente" a toda a obra de Fernando Namora, como afirma Eduardo Lourenço¹⁶. A máscara, a fachada, o fingimento, a hipocrisia são atitudes que a integridade e a autenticidade do escritor não suportam: "Os literatos, os filósofos e os políticos são uns palavrosos românticos a falar do povo. A convenção lírica de um povo sofredor, crédulo, ingênuo, que chamou a si todas as qualidades que a tradição confunde com a pobreza e o obscurantismo – representa possivelmente uma deformação intencional. O povo tem as excelências e

¹³ Idem.

¹⁴ Mário Sacramento, op. cit., p.84.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Fernando Namora, *Les Journées...*, p. 18.

os defeitos das outras classes, que as suas condições de vida lhes consentem. O pobre não é necessariamente bom e heroico porque é pobre e nem o rico tem de ser mau por ter dinheiro. Esta simplicidade em sistematizar os problemas morais e sociais do homem, se em parte tem o seu fundamento, representa uma visão jornalística do literato que chora o povo porque julga que chorá-lo é redimi-lo". Ora "só se desvendam vidas e ambientes quando com eles nos misturamos sem a menor preocupação de comentá-los."¹⁷

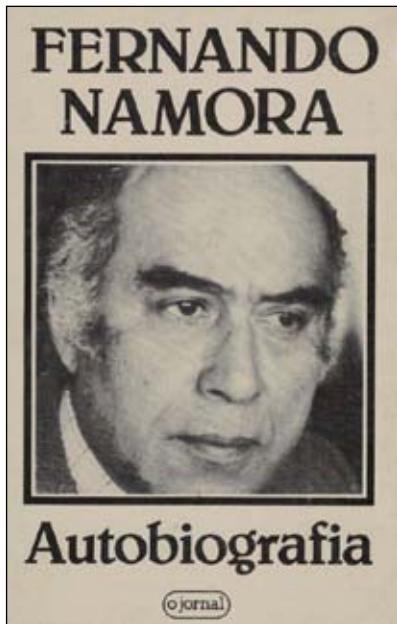


Fig. 9 - *Autobiografia*, 1^a ed., 1987

São, pois, os valores humanos, carreados pela medicina, que encontram um porto na obra de Fernando Namora. Falámos na fraternidade. Falámos na lealdade ou na autenticidade ou no amor à verdade. Mas podíamos também falar da bondade, da compaixão, da generosidade, da justiça, etc., qualidades que transparecem na obra, a qual é também o espelho de uma vida.

Voltamos aos *Retalhos da Vida de um Médico*, e à forma como o escritor entendeu a aventura humana, que as narrativas descobrem. Novamente, nos *Encontros*, diz:

*"O herói (ele o médico) que vai de povo em povo, descobrindo os homens e os cenários da sua luta, surpreendendo-se e misturando-se, leva consigo a solidariedade e a confiança. Se elas são com frequência traídas, nem por tal se rendem. Esse herói abre o peito às injustiças, às dores, às misérias que encontra e o dilaceram e nunca se protege com um escudo de descrença ou de reserva."*¹⁸

José Saramago sintetizou:

*"Fernando Namora abriu-nos o caminho. Pelo valor da sua obra, Namora entrou para a história da cultura portuguesa, mas também da sua bondade e a sua generosidade permanecerão na nossa lembrança, como lição de luminosa humanidade."*¹⁹

Acrescento: porque também abraçou a medicina, nesse sentido de sacerdócio, ou de um compromisso humanitário com os outros, compromisso que às vezes até parece, com o tempo que passa, uma qualquer coisa que pode... passar de moda.

¹⁷ Mário Sacramento, op. cit., p. 94.

¹⁸ Fernando Namora, *Encontros...*, p. 28.

*Médico. Cuidados Paliativos.
Universidade da Beira Interior.

¹⁹ Jornal de Letras, Ano VIII, nº 344, p. 8.

“O ARQUIVO DO TRIBUNAL DA IDANHA. RETALHOS DA VIDA DE UM CURANDEIRO – 1.ª PARTE

José Avelino Gonçalves*

“E se um de nós, cercado de curandeiros nesta província onde eles rebentam como as ervas, pensa em chamar a atenção da lei, o povo dirá que receamos a concorrência, a lei exigirá testemunhas que repentinamente se escondem e juram o seu desconhecimento dos factos, ou, então, a Justiça limita-se a umas decisões convencionais, e o curandeiro volta para a sua clínica mais apoiado do que nunca, enaltecido pela sua coroa de espinhos.”

Fernando Namora, in *Retalhos da Vida de um Médico*.



Penha Garcia nos anos 40 (séc. XX). A seta indica a casa/“consultório” do curandeiro Artur.
Fotografia do arquivo do Dr. Américo André.

Penha Garcia, Julho de 1958.
De automóvel, Monsanto fica a vinte minutos.
De cavalo, uma hora e meia.
Os ventos quentes, vindos da meseta ibérica,
aconchegam a tempestade. O Ponsul corre sereno.
O ano tinha corrido mal para os pastos.
O vice-presidente da câmara de Idanha, a bem da
nação, “incomoda” o senhor delegado do ministério
público.

O barbeiro de Penha Garcia utiliza a barbearia e
as suas ferramentas para outras andanças.

A mulher do Manuel 21, raparigaça de vinte e
poucos anos, morrera de um aborto. Resmunga-se
que tinha dedo do curandeiro lá do sítio.

O médico do partido de Monsanto, que aí se
desloca todas as segundas-feiras, confirma que
“esta tinha uma infecção “monstruosíssima”, a
maior que viu até hoje. Na hora da morte diz que

o aborto fora causado por ter molhado os pés ao atravessar uma ribeira. Não acreditou.

O Manuel Mourão, doente de reumatismo crónico. Não prescindia do seu cabritinho no forno, da sua chouriça à moda do raiano, acompanhado por uma bela vinhaça, vinda ali dos lados do Tortosendo. Bela pinga. O amigo Artur, seu companheiro nos petiscos, dava-lhe umas injecções. A coisa "abcedou". O Artur aconselha as "papas santas", feitas de farinha centeia e mel. Não resulta. Abre o "abcesso" ao Mourão hemofílico. Foi transportado de urgência para o hospital de Castelo Branco. Esteve às portas da morte.

O Manuel André, homem das penedias de Penha Garcia. De poucas falas. Pagava um alqueire de centeio, depois trigo. A avença era para barba, cabelo e tratamentos médicos. Mais à frente rectifica o seu depoimento. Que não, que os únicos tratamentos que o Artur fez, foram a "uma burra do declarante a quem tratou um carbúnculo, levando-lhe cerca de cem escudos de injecções". Ah... também a sua Maria foi tratada por este. A um "nascido" na cova do braço. Com papas de linhaça e panos de água quente. Que depois "picou-lhe" o tumor quando "estava maduro".

Falava-se, na penumbra das ruelas, que o Artur "procedera a transfusões de sangue de cabrito" num desgraçado, que finou nas garras de Hades (grego)."Tirara dentes que voltara a colar no alvéolo e chegara a cortar hemorróidas com a navalha da barba".

Esculápio, o deus da medicina, arrepelava os cabelos.

Fernando Gonçalves Namora, natural de Condeixa-a-Nova, médico e residente em Lisboa, presta as suas declarações ao inspector Sá Pereira.

"Que era do domínio público que na freguesia de Penha Garcia, existia um indivíduo de nome Artur, o qual exercia a medicina e a enfermagem, não sendo possível indicar casos concretos". Tinha saído daquelas terras há mais de catorze anos. "Com vinte e quatro anos medrosos e um diploma de médico", tinha começado a sua vida em Monsanto.

"Ali, a província bravia despede-se da campina, ergue-se nos degraus das fragas para olhar com altivez as serras de Espanha, enquanto o friso do planalto que corre as linhas da fronteira espreita

as surtidas do contrabando e a fuga dos rios". Os curandeiros andavam por aí.

O poder judicial ordenou uma busca em casa e na loja do Artur.

O José Inácio, motorista e o Victor Baptista, funcionário público, são testemunhas.

O pelourinho, obra dos mestres Estêvão Simão e Domingos Fernandes, vigia.

A medicina ilegal, transpira das caixas de "Sannistesina", "Sanocal", ampolas de "vitamina forte", de "Arseniato", "Bluconato de Cálcio", soro fisiológico, "Arseniato de Estricnina", comprimidos "anti-asmático", uma caixa de cortiça com supositórios "Rectofaringil", um pacote contendo "Benjoina em pó grosso", uma pinça em ferro cromado, várias receitas passadas por médicos portugueses e espanhóis... uma lista de instrumentos cirúrgicos.

Os livros, "Lunario e Prognostico Perpetuo", Aviso ao Povo acerca da sua saúde", "A Medicina Doméstica ou Tratado de Prevenir e Curar as Enfermidades", "Enfermidade das Mulheres, das Crianças, da Cirurgia, das Deslocações, das Fracturas dos Ossos", fazem parte da cátedra. Literatura interessante, para um fazedor de barba e cortador de cabelo.

A coisa estava completa. Não faltavam as notas da clientela.

Um livro com cinco relações dos doentes avençados. Um outro, já gasto e sujo, com quarenta e cinco folhas escritas com outros "doentes". A Farmácia Taborda de Monsanto fornecia os medicamentos. Vários maços de pedidos.

Espanha estava ali.

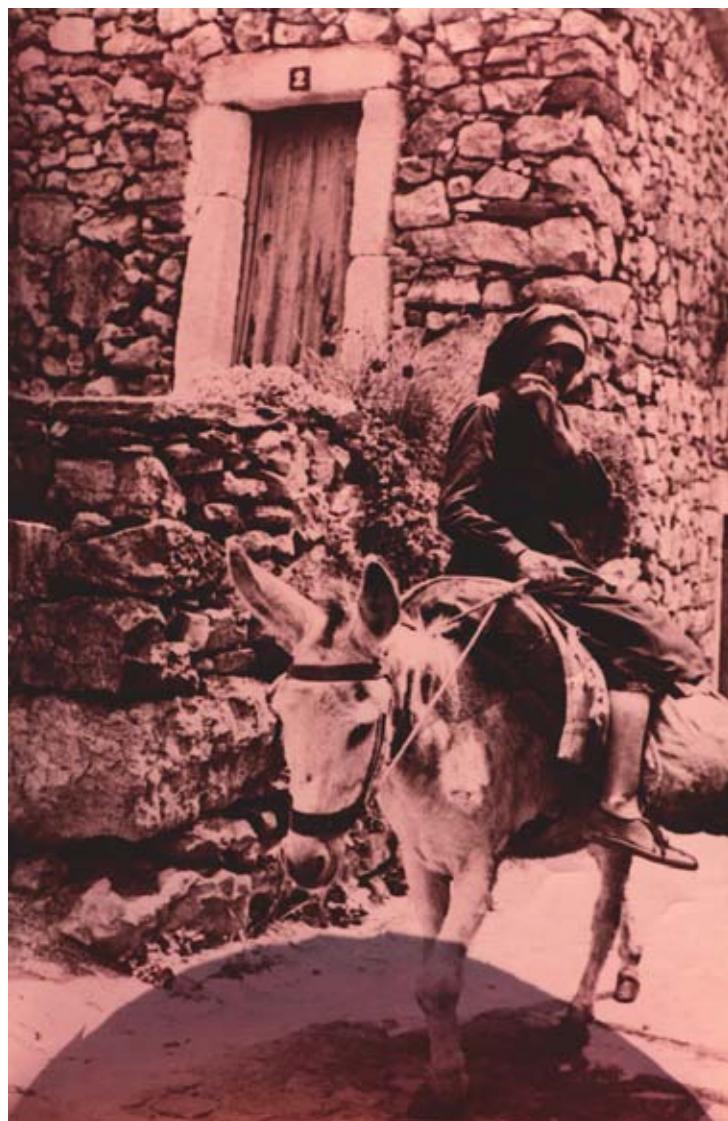
Don Pedro Garcia Casila, médico de Valverde del Fresno, trocava correspondência com o barbeiro Artur. O Director del Centro Primário de Higiene, de Eljas, envia uma receita médica, três reclames de medicamentos e dois reclames de Parche Poroso Fieltro Rojo "Sor Virginia".

Linguagem e rituais de inspiração religiosa, com o propósito de colher os "clientes", marinavam na "botica" do Artur. Uma folha de papel de vinte e cinco linhas, azul como os céus de Penha Garcia, com os "Milagres que fez Nossa Senhor Jesus Cristo" e o "Responso do Milagre de Santo António".

O delegado do ministério público queixa-se ao procurador da república, junto do Tribunal da Relação de Coimbra.

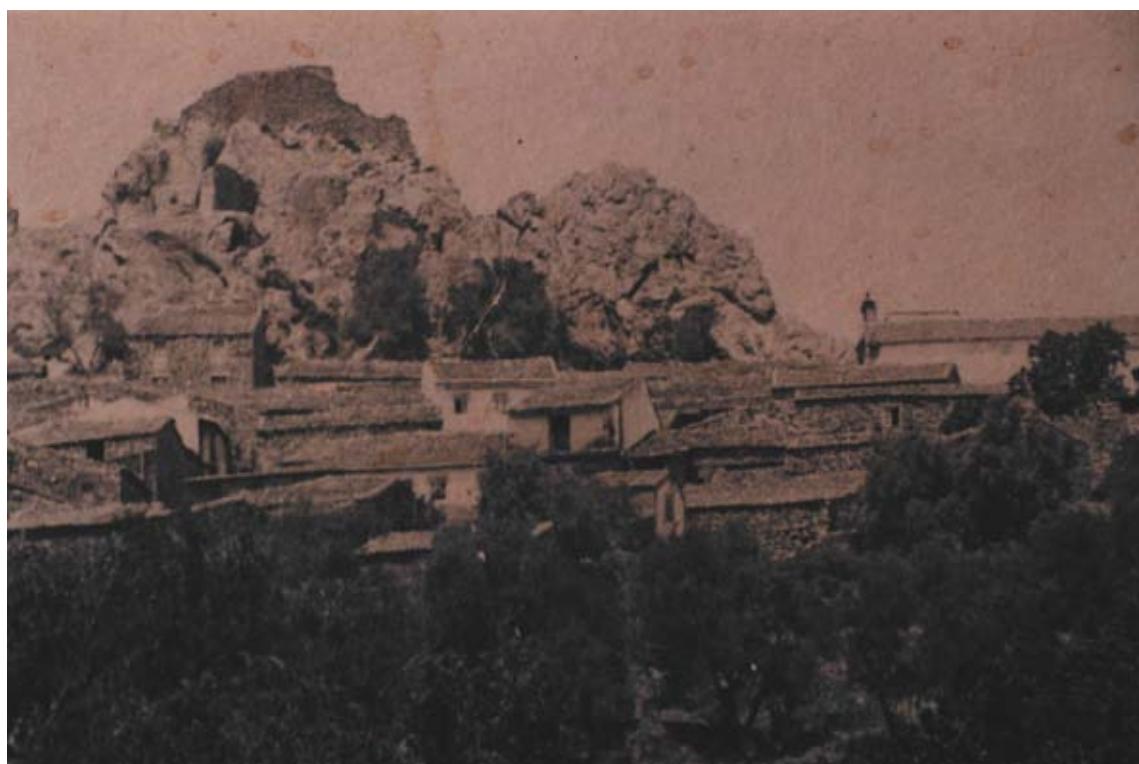
"Toda a população de Penha Garcia se solidariza com o arguido, juntando à natural desconfiança que o camponez tem da justiça, a simpatia que nutrem para com o arguido, que imaginam possuidor de dotes milagreiros, descontando-lhe mortes de quem indubitavelmente é responsável, por pretensas curas milagrosas que contam e são já legendárias na povoação" (...).

A investigação vai ser dura e demorada". (Continua)



Mulher de Penha Garcia em meados do séc. XX.
Fotografia do arquivo do Dr. Américo André.

*Juiz Desembargador.



Vista geral de Penha Garcia em meados do séc. XX.
Fotografia do arquivo do Dr. Américo André.

O AMOR DE FERNANDO NAMORA POR MONSANTO

Joaquim Manuel da Fonseca*

42.

LEGALIZAÇÃO RADIODIFONICA | ANO 1987



Rádio Clube de Monsanto, C. R. L.

AO SERVIÇO DO REGIONALISMO

Frequência Modulada: 107,9 MHz

Telefone 32415

6085 MONSANTO

Despacho:

INSCRIÇÃO
COMO
COOPERADOR
(Artigo 6.º)

N.º 141

Aceito a minha inscrição
15.1.6 1987

O PRESIDENTE

Nome Fernando Namora

Filho de Antônio M. Namora e de Albertina f. Namora

Data de Nascimento 15 - IV - 1919 Natural de Candeixa

Residência Av. Zéfaide Santo, 67-5º Eej. - 1300 Lisboa

Telefone 668602 Código Postal 1300

pede a sua inscrição como cooperador do Rádio Clube de Monsanto, adere aos estatutos e subscreve

3 títulos de 500\$00 cada um e jóia de 500\$00, no montante de 2.000 \$ 00

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1987

Assinatura,

Fernando Namora

SUBSCRIÇÃO DE TÍTULOS DE 500\$00

(Artigo 5.º)



Ano de <u>1987</u>	Ano de	Ano de	Ano de	Ano de
Título N.º <u>141</u>	Título N.º	Título N.º	Título N.º	Título N.º
Título N.º	Título N.º	Título N.º	Título N.º	Título N.º
Título N.º	Título N.º	Título N.º	Título N.º	Título N.º

OBSERVAÇÕES: Freli do
em 31/1/1989

A Esposa
D. Isaura de Campos Mendes
assumiu a presidência da Sociedade
M

A ligação de Fernando Namora a Monsanto e às suas gentes foi estreita, perdurante e forte.

«A experiência que tive como médico rural nestas paragens foi da maior importância para a minha carreira de escritor. Aqui conheci a dureza, mas também a verdade e a desmistificação dos homens, que transplantei para os meus livros.

Ainda hoje aqui me refugio para ultimar os meus trabalhos, aproveitando o sossego e o silêncio. E aproveitando também da inspiração deste meio humano tão singular.» – são afirmações suas ao repórter do Diário de Notícias que ressaltam na notícia publicada neste jornal, no seu número de 18 de Setembro de 1978, com o título: «Na aldeia de Monsanto Fernando Namora homenageado pelo povo da Beira Baixa».

Nela se lê:

«As gentes da Beira Baixa, «aquele povo soturno, endurecido a subir e a descer abismos, lá junto à raia de Espanha, prestou significativa homenagem ao escritor Fernando Namora, que com ele tanto se identificou, e tão bem retrataria, na sua vida e anseios, em muitas das suas obras, particularmente nos romances a «Noite e a Madrugada» e «Retalhos da Vida de um Médico».

E, no desenvolvimento da notícia, esclarece-se:

«A iniciativa que teve o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, Museu Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco e da Casa do Povo de Monsanto, partiu do povo desta aldeia, onde Fernando Namora exerceu clínica e escreveu grande parte dos seus livros.

As cerimónias iniciaram-se no sábado, com um colóquio, às 15 horas, no Museu de Castelo Branco, em que Namora esclareceu numerosas questões de índole pessoal e profissional. Ao fim da tarde, em Monsanto, inaugurou-se uma exposição, na casa do Marquês da Graciosa, as obras literárias e pinturas do escritor, juntamente com fotografias, trajes regionais e troféus do rancho folclórico da aldeia. Em seguida foi descerrada uma placa evocativa, na casa onde Fernando Namora exerceu clínica de 1944 a 1946.

Desde que iniciou a sua produção literária, há 40 anos, Fernando Namora, esteve sempre em contacto com as gentes e a aldeia de Monsanto – 'ou em permanência física, ou em amor e dedicação, que são outras presenças de não menor importância'. A terra tem beneficiado assim, tanto pela escrita como pela voz do romancista, de uma extraordinária promoção, no País e no estrangeiro. Não admira que, portanto,

que os monsantinos tenham querido manifestar ao escritor toda a sua gratidão.»

O Diário de Lisboa, no seu número de 18 de Setembro de 1978, ao noticiar esta homenagem, esclarece:

«Aliás a homenagem a Namora teve um triplo significado ao nível das efemérides, pois que os 40 anos da sua vida literária coincidem com os 40 anos do «Galo de Prata» de Monsanto e com outros 40 anos ainda, os do rancho de Monsanto. Com bonomia Namora aceitou esta amálgama regional, e vale acrescentar que ele se tem mantido como um defensor perseverante de Monsanto e da sua população.»

Na verdade, nas mais variadas vertentes a presença e a adesão de Fernando Namora às iniciativas de promoção da aldeia e da defesa do seu singular património tiveram neste médico-escritor de apurada sensibilidade, um amigo incondicional.

Quando em 1987, se funda em Monsanto uma Cooperativa de rádio, cujos fins como expressava o Artigo 4º dos seus Estatutos eram: «primordialmente, preservar e desenvolver os valores e interesses de Monsanto e, genericamente, da zona raiana da Beira Interior e do País», comprometendo-se, no seu «espaço de cobertura radiofónica a: «Divulgar e promover a música portuguesa e sobretudo os valores culturais de Monsanto» como refere a alínea a) do ponto 2 deste artigo, Fernando Namora abraçou e acarinhou a iniciativa. Foi um dos seus sócios fundadores.

Apesar das mutações que a Rádio Clube de Monsanto sofreu, esta rádio prossegue o ideário inicial para que jamais se perca a alma do nosso povo de rija têmpera, como rijo é o granito que caracteriza e tipifica a «Aldeia mais Portuguesa», a «Nave de Pedra», como muito bem lhe chamou, em livro, o saudoso escritor e grande amigo de Monsanto, Dr. Fernando Namora, ao escrever:

«Assim de facto o sentimos, remoto e em degredo.
E Monsanto se chama, de pedra é feito – minha
pedra coalhada – minha nave de pedra.»

Para Fernando Namora, também ele sócio-fundador da nossa Rádio, e um lutador pela divulgação e promoção da cultura do Povo Português, aqui fica a expressão do meu profundo e sentido reconhecimento envolto numa infinita saudade.

*Fundador e director do Rádio Clube de Monsanto

A CIÊNCIA ILUMINISTA ACESSÍVEL PELA OBRA DE MANUEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA (1752-1829)

João Rui Pita*

Ana Leonor Pereira**

Introdução

Manuel Joaquim Henriques de Paiva é uma figura relativamente pouco conhecida da história da medicina, da história da farmácia e da história da química em Portugal. Foi um vulto marcante da vida científica portuguesa da transição do século XVIII para o século XIX. Legou-nos uma vasta produção científica devendo sublinhar-se o sentido de divulgação que Henriques de Paiva atribuía a muitas das suas publicações¹.



¹ Para publicação deste estudo os autores tiveram essencialmente como base os diversos textos já publicados sobre Manuel Joaquim Henriques de Paiva. A vida e obra deste médico e boticário português tem sido objeto de pesquisa destes dois autores. Assim, refiram-se os estudos de João Rui Pita, Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a publicação do Preservativo das Bexigas. *Cadernos de Cultura. A Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI.* 16 (2002) 45-51; Contributos para a história das farmacopeias portuguesas. Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a Farmacopéa Lisbonense. *Cadernos de Cultura. A Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI.* 22 (2008) 126-130; Manuel Joaquim Henriques de Paiva: Um luso-brasileiro divulgador de ciência. O caso particular da vacinação contra a varíola. *Mneme - Revista de Humanidades.* 10: 26 (2009) 91-102; A Farmacopéa Lisbonense (1785) de Manuel Joaquim Henriques de Paiva. In Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Farmacopéa Lisbonense* (edição em fac-símilada). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. [pp. 11-41]. De Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora. *In Vivo.* 2:4 (2001) 43-45. Refira-se ainda, de Sandrine Martins Pinto, João Rui Pita e Ana Leonor Pereira, "O contributo do luso-brasileiro Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829) na divulgação da vacina contra a varíola em Portugal". In Carlos Fiolhais; Carlota Simões; Décio Martins - *Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências. Universidade de Coimbra, 26 a 29 de Outubro de 2011. Livro de Actas.* Coimbra: 2011. p. 633-644. Veja-se também o estudo de Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo". *Revista de História das Ideias.* 15 (1993) 437-559.



Manuel Joaquim Henriques de Paiva viveu num período de profundas alterações científicas e de práticas profissionais e também de forte conturbação política e social. Assistiu à revolução química de Lavoisier, foi espetador do termo da vigência da medicina galénico-hipocrática, foi contemporâneo do surgimento de novos modelos de doença, de saúde e de medicamentos (como, por exemplo, as doutrinas de Cullen, de Brown e de Bichat).



Fig. 1 - Tradução e adaptação da obra Ensaio sobre a nova doutrina medica de Brown em forma de carta

Pela presente procuração por mim feita e assinada
dou poder ao Senhor João dos Santos Correia para
por mim e em meu nome cobrar na Junta da Fa-
zenda da Universidade de Coimbra o prímeiro qua-
tel desse anno, que levo em folha como Lenda d.
Farmacia da mesma Universidade: e para 4/5
como também para pagar retribuir assinar on-
de necessario for, me concedo todo o poder, que
por Direito me são concedidos. Libra no prímeiro
de Janeiro de mil oito centos e vinte.

Manuel Joaquim Henrique de Paiva.

Fig.2 – Manuscrito de Manuel Joaquim Henriques de Paiva (Arquivo da Universidade de Coimbra).

A.U.C.—PAIVA, Doutor Manuel Joaquim Henriques de . IV - 1ºD - 7 - 5 - 197

Também durante a sua vida consolida-se a higiene pública e surge a primeira vacinação – a vacinação contra a varíola – o braço mais visível da higiene pública. Tratou-se do primeiro medicamento preventivo. Assistiu, igualmente, ao isolamento dos primeiros princípios ativos a partir de vegetais, como foi o caso da cinchonina isolada pelo português Bernardino António Gomes em 1810 e da quinina isolada pelos franceses Joseph Pelletier e Joseph Caventou em 1820.

Não hesitamos em afirmar que Henriques de Paiva foi o principal divulgador médico e farmacêutico português de finais do século XVIII e do início do século XIX. Desempenhou um papel relevante e ímpar na medicina portuguesa na difusão das ideias médicas, farmacêuticas e químicas em Portugal e, por isso, como referimos, “estudar a sua obra equivale a fazer uma elucidativa viagem pelo estado da ciência portuguesa em finais do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX. A sua atividade política reflete, também, as principais preocupações cívicas e políticas do Portugal iluminista, pré-liberal e até liberal”². Manuel Joaquim Henriques de Paiva escreveu sobre medicina, farmácia, química, botânica, agricultura, entre outras áreas do saber.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva: esboço biográfico

Manuel Joaquim Henriques de Paiva nasceu em Castelo Branco em 1752. Seu Pai era cirurgião e boticário, cristão-novo. Sua Mãe era descendente de um boticário de nome João Henriques. Alguns historiadores dizem parecer existir uma relação de parentesco entre Manuel Joaquim Henriques de Paiva e o famoso médico português António Nunes Ribeiro Sanches³ que viveu na Holanda, Rússia e França, um dos discípulos científicos do famoso referente europeu Hermann Boerhaave, figura tutelar da medicina europeia do século XVIII.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva foi para o Brasil ainda era criança. Tinha sete anos de idade. No Brasil obteve o diploma de boticário em 1770, tendo ficado fascinado pela flora brasileira. Recorde-se a importância que a flora tinha na época para a preparação dos medicamentos. Dois anos depois Henriques de Paiva trocou o Brasil por Portugal. Foi para Coimbra para tirar o curso de medicina na Universidade, a única existente no país. Recorde-se que em 1772 a Universidade de Coimbra havia

² Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, “Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora”, art. cit., p. 44.

³ É oportuna a consulta do seu processo de professor na Universidade de Coimbra no Arquivo desta Universidade — PAIVA, Doutor Manuel Joaquim Henriques de. IV-1ºD-7-5-197.

sofrido a reforma considerada a mais marcante de toda a sua história⁴ — a reforma pombalina. Com esta reforma foram estabelecidos e incentivados estudos experimentais. Foram fundadas duas novas Faculdades (Filosofia e Matemática) que se juntaram às de Teologia, Leis, Cânones e Medicina e fundaram-se diversos estabelecimentos destinados ao ensino e investigação das ciências experimentais: Hospital Escolar, Teatro Anatómico e Dispensário Farmacêutico, todos dependentes da Faculdade de Medicina; Laboratório Químico, Jardim Botânico, Gabinete de Física e Gabinete de História Natural, dependentes da Faculdade de Filosofia; Observatório Astronómico, afeto à Faculdade de Matemática⁵.

Henriques de Paiva fundou em Coimbra, no bairro de Celas, a *Sociedade de Celas ou Sociedade dos Mancebos Patriotas*, uma pequena agremiação para discutir e promover a ciência, uma instituição que tinha por objetivo “difundir junto do mais vasto público possível a mentalidade científica que começava a impor-se e a rivalizar com a mentalidade religiosa, teológica e metafísica do passado”⁶. Esta ideia divulgadora da ciência, neste caso da medicina, marcou toda a vasta obra de Henriques de Paiva.

Em 1775 Henriques de Paiva formou-se (bacharel) em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Este grau académico era obrigatório para entrada nos estudos médicos. Depois de ter ingressado na Faculdade de Medicina formou-se em 1781. Henriques de Paiva foi demonstrador de química e de história natural na Faculdade de Filosofia entre 1773 e 1777. Entrou

⁴ Sobre a reforma pombalina da Universidade de Coimbra e a fundação do ensino experimental da Universidade vide os estudos: Joaquim Ferreira Gomes, *A reforma pombalina da Universidade (Nótila comemorativa)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1972; Joaquim Ferreira Gomes, “Pombal e a reforma da Universidade”. In *Como interpretar Pombal? No bicentenário da sua morte*. Lisboa: Edições Brotéria, 1983, pp. 235-251; Maria Eduarda Cruzeiro, “A ‘Reforma Pombalina’ da História da Universidade, *Análise Social*. 24:100 (1988) 165-210; Manuel A. C. Prata, “Algumas notas sobre a produção científica na Faculdade de Filosofia (1772-1820)”. *Revista de História das Ideias*, Coimbra. 12 (1990) 73-87; Manuel A.C. Prata, *Ciência e Sociedade. A Faculdade de Filosofia no período pombalino e pós-pombalino (1772-1820)*. Coimbra: Tese de mestrado, 1989; Manuel Augusto Rodrigues, “Alguns aspectos da reforma pombalina da Universidade de Coimbra - 1772”. In *Pombal revisitado*. vol. 1. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, pp. 209-223. Rómulo de Carvalho, “As ciências exactas no tempo de Pombal”. In *Como interpretar Pombal? No bicentenário da sua morte*. Lisboa: Edições Brotéria, 1983, pp. 215-232. Sobre a reforma pombalina dos estudos médicos veja-se: João Rui Pita, *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*. Coimbra: Livraria Minerva, 1996. Veja-se, também, de Aires Antunes Diniz, “O albi-castreense Manuel Joaquim Henriques de Paiva, a Reforma Pombalina e a Emancipação Científica do Brasil”. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX – Cadernos de Cultura*. 32 (2018) 69-86.

⁵ Cf. João Rui Pita, *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*, ob. cit.

⁶ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, “Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora”, art. cit., p. 45.

em divergência com as autoridades académicas e abandonou o cargo. Em 1777 foi para Lisboa e iniciou a prática da medicina mesmo antes de ter tirado o curso. Henriques de Paiva foi depois médico da Casa Real, encarregado da administração do armazém e da botica da Marinha Real, deputado da Real Junta do Protomedicato. Foi nomeado professor da cadeira de farmácia criada em Lisboa em 1801, dependente da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Foi membro da Academia Real das Ciências de Lisboa⁷. Foi Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Censor Régio da Mesa do Desembargo do Paço⁸.

Foi para o Brasil em 1809 onde manteve uma intensa atividade política e social⁹. Após a independência do Brasil em 1822, Manuel Joaquim Henriques de Paiva preferiu a nacionalidade brasileira. Continuou a manter uma significativa atividade pedagógica e científica. No Colégio Médico Cirúrgico da Baía foi professor da Cadeira de Matéria Médica e Farmácia¹⁰. Faleceu a 10 de Março de 1829¹¹.

⁷ Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*. tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, p. 12, refere que Henriques de Paiva abandonou a Academia Real das Ciências de Lisboa em 1787, “instigado de desconsiderações que julgou praticadas a seu respeito por esta corporação”.

⁸ As relações que manteve com os franceses aquando das invasões, as suas ideias liberais e maçónicas levaram a que Henriques de Paiva deixasse Portugal. Perdeu direito aos títulos, honras e cargos que recebera, o que veio a recuperar. Para Renilda Barreto: “tudo indica que contou com aliados no centro do poder político, pois em 22 de Maio de 1816, na coroação de D. João VI, obteve o perdão dos crimes políticos e foi reintegrado às honras e prerrogativas de que gozava em Lisboa” (p. 37).

⁹ Cf. Maria Renilda Barreto, *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*. Rio de Janeiro: Casa Oswaldo Cruz, 2005. Para esta autora: Tudo indica que contou com aliados no centro do poder político, pois em 22 de Maio de 1816, na coroação de D. João VI, obteve o perdão dos crimes políticos e foi reintegrado às honras e prerrogativas de que gozava em Lisboa” (p. 37). Manuel Augusto Rodrigues, na obra *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937*. Coimbra: Arquivo da Universidade, 1992, refere a reintegração de Manuel Joaquim Henriques de Paiva nas suas honras e prerrogativas por decreto de D. João V de 6.2.1818 e Aviso Régio de 14.11.1818.

¹⁰ Cf. Maria Renilda Barreto, *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*. Ob. cit., p. 38. Sobre Henriques de Paiva e o pensamento médico luso-brasileiro veja-se Jean Luiz Neves Abreu, “Higiene e conservação da saúde no pensamento médico luso-brasileiro do século XVIII”. *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. 62:1 (2010) 225-250.

¹¹ Cf. Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*. tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, p. 13 indica que havia dúvidas quanto ao ano de falecimento de Henriques de Paiva, apontando como data provável 1819. No tomo XVI da mesma obra (9º Suplemento), datado de 1893, afirma como data de falecimento 10 de Março de 1829. Sobre Manuel Joaquim Henriques de Paiva vejam-se: J. Lopes Dias, “Manuel Joaquim Henriques de Paiva, médico e polígrafo luso brasileiro”, *Imprensa Médica*, 18:3 (1954) 145-171; O. Carneiro Giffoni, *Presença de Manoel Joaquim Henriques de Paiva na Medicina Luso-Brasileira do século XVIII*. São Paulo, 1954; M. Costa Roque, *Manuel Joaquim Henriques de Paiva, estudante coimbrão*. Sep. “Arquivo de Bibliografia Portuguesa” 115:59-60 (1969); Carlos A.L. Filgueiras, “The mishaps of peripheral science: the life and work of Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Luso-Brazilian chemist and physician of the late eighteenth century”. *Ambix*, 39:2 (1992) 75-90. Veja-se o que é dito a este propósito por Maria Renilda Barreto, *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*, ob. cit. que sublinha o seu papel como elemento importante de ligação da medicina luso-brasileira.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva: e a divulgação das teorias e práticas científicas

É muito vasta a obra escrita de Manuel Joaquim Henriques de Paiva: foi autor e tradutor. Mas em algumas obras comentou, acrescentou e adaptou os textos originais. Teve, também, um importante papel editorial em publicações periódicas como aconteceu no *Jornal Encyclopedico*, a partir de 1788, quando foi seu redator.

Traduziu e adaptou obras de história natural de autores como Scopoli, Lineu e Brisson. Por exemplo, refiram-se a *Divisão methodica dos animaes mammaes, conforme a distribuição de Scopoli* (1786), a *Divisão methodica dos quadrupedes, conforme o metodo de mr. Brisson* (1786), a *Divisão methodica das aves, conforme o metodo de Scopoli* (1786), os *Fundamentos botanicos de Carlos Linneo* (1807). No campo da química, citem-se, como exemplo, entre várias, a publicação da *Philosophia Chimica, ou verdades fundamentais da chimica moderna, dispostos na nova ordem por A. F. Fourcroy* (1801; 1816); da obra de sua autoria *Memoria Chimico-Agronomica* (1787), etc.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a popularização da medicina

Foi na divulgação e popularização da medicina que mais se destacou. Relativamente aos textos médicos e farmacêuticos publicou obras originais, traduziu outros livros e traduziu e editou obras de autores estrangeiros sendo algumas aumentadas e adaptadas. Assim, entre várias, refiram-se:

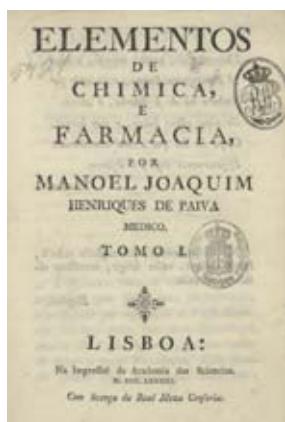


Fig. 3 - Folha de rosto da obra,
Elementos de chimica e far-
macia, por Manuel Joaquim
Henriques de Paiva

¹² Veja-se João Rui Pita (coordenação científica da edição, com estudo introdutório da edição em fac-símile) – Manuel Joaquim Henriques de Paiva – Farmacopéa Lisbonense (edição em fac-símile da obra editada em 1785). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

que não estudaram nas Universidades (1792), Instituições ou Elementos de pharmacial (1792), Exposição sobre os meios chimicos de purificar o ar das embarcações (1798), Reflexões sobre a communicação das enfermidades contagiosas por mar (1803), Bosquejo de Physiologia, ou sciencia dos phenomenos do corpo humano no estado de saude (1803), Pharmacopea Naval (1807), Memoria sobre a excellencia, virtudes e uso medicinal da verdadeira agua de Inglaterra da invenção do doutor Jacob de Castro Sarmento, actualmente preparada por José Joaquim de Castro (1815).

Ficam muito claros os objetivos de Henriques de Paiva ao divulgar obras médicas. Na tradução que fez da *Medicina Domestica* (1787) de Guilherme Buchan escreveu: "tendo a Medicina por objecto dois importantíssimos fins, que são a conservação, e restabelecimento da saúde dos homens, parece que se há alguma Ciência ou Arte, que deva ser popular, é sem dúvida esta [a medicina]". Como já tivemos oportunidade de referir, "o autor traduziu e adaptou muitas obras estrangeiras no domínio da higiene insistindo, por regra, em dois princípios: o valor político da saúde e a sua afirmação através de uma pedagogia eficaz"¹³.

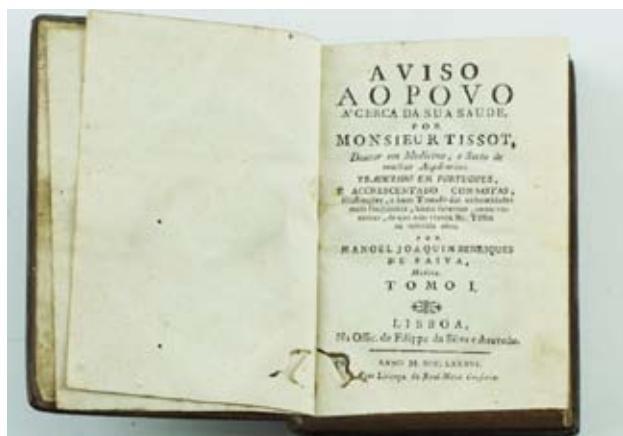


Fig. 4 - Tradução adaptada da obra de A. Tissot, *Aviso ao povo acerca da sua saúde*, por Manuel Joaquim Henriques de Paiva

É o caso da obra de André Tissot, *Aviso ao Povo Acerca da sua Saude*, livro de enorme divulgação na Europa nos finais do século XVIII. Mas podemos falar de outras como a referida Medicina Domestica (1787) de Buchan, obra que teve várias edições.

¹³ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo". *Revista de História das Ideias*. Art. Cit. p. 462. Sobre a vulgarização das práticas médicas por parte de Henriques de Paiva veja-se, também, António Lourenço Marques, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a literatura médica dos pobres. A dor nos finais do Antigo Regime". *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX — Cadernos de Cultura*, 6 (1992) 7-10.

Trabalhou com igual sentido sobre algumas obras de Weikard como, por exemplo, a Chave da Pratica Medico-Browniana (1800) e Prospecto de hum Systema Simplicissimode Medicina (1816). Mas também sobre obras de Plenck como, por exemplo, Methodo novo e facil de applicar o mercurio nas enfermidades venereas, com uma hypothese nova da acção do mesmo mercurio nas vias salivares (1785), Instituições de Cirurgia Theorica e Practica (1786; 1804), Doutrina das enfermidades venereas (1786; 1805). Entre outras traduções citem-se, por exemplo, Methodo de restituir a vida ás pessoas apparentemente mortas, por affogamento ou suffocação: recommendedo pela Sociedade Humana de Londres (1790), etc., Aviso ao Povo sobre as asphyxias ou malles apparentes... (1786), Aviso ao Povo, ou signaes e symptomas das pessoas envenenadas com venenos corrosivos, como seneca, solimão, verdete, cobre, chumbo, etc.... (1787), Aviso ao Povo, ou summario dos preceitos mais importantes concernentes é creaçao das creanças... (1787), Methodo seguro e facil de curar o gallico, composto por J.J. Gardane (1791), etc.



Fig.5 - Folha de rosto da obra Preservativo das bexigas de Manuel Joaquim Henriques de Paiva

Lisboa e impressa por João Procopio Correia da Silva¹⁴. Terá sido a primeira obra redigida por um português a divulgar a vacinação de Jenner contra a varíola em Portugal embora este tenha sido traduzido em Portugal em 1803. Em 1806 foi publicada nova edição da obra.

¹⁴ Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Preservativo das bexigas e dos seus Terríveis Estragos ou Historia da Origem e Descobrimento da Vaccina*, Lisboa, Na Offic. Ptar. de João Procopio Correa da Silva, 1801, s.n..

Conclusões

Pelo que foi exposto, pode concluir-se que um denominador comum de toda a obra de Manuel Joaquim Henriques de Paiva é o intuito de divulgação do saber científico, em particular da medicina: da química à botânica passando pela agricultura. Particular destaque, contudo, para a medicina, para a farmácia e para a higiene, o seu forte campo de investimento científico. Por isso, retomamos nestas conclusões o que já escrevemos a propósito desta figura ímpar da medicina portuguesa de finais do século XVIII: "Henriques de Paiva não pretendia popularizar a medicina no sentido em que todos pudesse ser polícias-médicos de si próprios ou em que qualquer pessoa pudesse ter acesso ao livre exercício da medicina. O que defendia era uma pedagogia da população em termos sanitários, isto é, a efetivação social do higienismo. Assim, por exemplo, dever-se-ia colocar ao alcance de todos a higiene da casa, da alimentação, das águas, do vestuário, do repouso, do trabalho, etc.. Todos deviam conhecer as normas higiénicas básicas para viver um quotidiano saudável, pois só assim se garantia a sua (sobre)vivência coletiva"¹⁵.

Em 1801, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, por "Ordem e Mandado do Principe Regente" publicou a obra Preservativo das Bexigas e dos Terriveis estragos ou Historia da Origem e Descobrimento da Vaccina, dos seus Efeitos ou Symptomas, e do Methodo de Fazer a Vaccinação &c., um pequeno livro de 46 páginas, editada em

*Professor da Faculdade de Farmácia

**Professora da Faculdade de Letras

*Investigadores do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20 (Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia) Universidade de Coimbra
Email:jrpita@ci.uc.pt;aleop@ci.uc.pt

¹⁵ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Liturgia higienista no séc. XIX. Pistas para um estudo". *Revista de História das Ideias*. Art. Cit. p. 463.

O EPITÁFIO DE UM MÉDICO ALBICASTRENSE NO MUSEU MUNICIPAL DE PENAMACOR

Joaquim Baptista*

André Oliveirinha**

Aquando da preparação de uma comunicação a apresentar no II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, realizado naquela vila em Outubro de 2019, sobre a epigrafia portuguesa daquela localidade, localizamos nas reservas do Museu Municipal várias inscrições funerárias de diversas cronologias, sendo uma delas, a de um cirurgião, cuja proveniência tinha sido o Cemitério Público daquela vila, e razão pela qual a trouxemos às Jornadas da História da Medicina do ano de 2019.

Chamamos a atenção para as possíveis e evidentes lacunas deste humilde estudo, devido à impossibilidade de consultar presencialmente arquivos onde outra documentação existe, devido à pandemia como é do conhecimento geral.

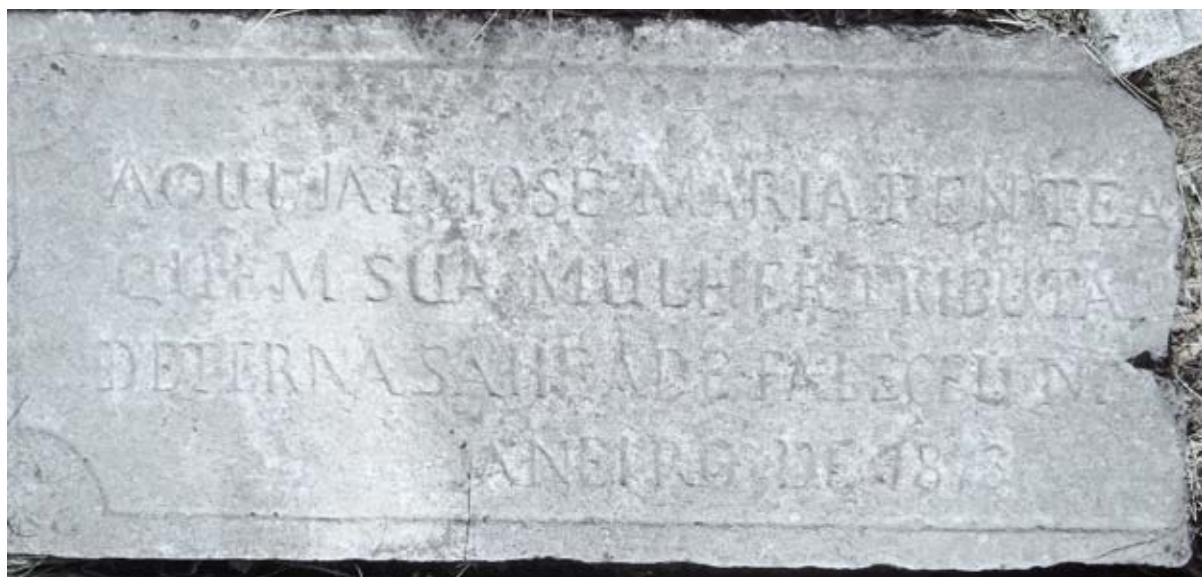
Trata-se de uma placa, em granito, de contorno geral sub-rectangular, fragmentada na sua parte direita. Tem campo epigráfico rectangular, também ele incompleto e com os ângulos sobreviventes

côncavos, sendo a sua superfície rebaixada 18 milímetros em relação à cercadura da peça.

As dimensões totais da inscrição são: 67 x 156 centímetros. As medidas do campo epigráfico são: 50 x 130 centímetros.

O texto é constituído por letras capitais de fábrica com 4 centímetros de altura e alinhado à esquerda da superfície que nos resta, embora devemos supor sem pouco erro que todo o texto, com exceção da última linha, seria justificado. A quarta e última linha possui texto centralizado. A leitura é fácil, mesmo na parte que não está presente, tanto por comparações como pela leitura do registo de óbito. Ao começo da terceira linha possui nexo formado pelas letras D e E e que vão sublinhadas adiante. A leitura e interpretação é a seguinte:

AQUI JAZ JOSE MARIA PENTEA[DO A]
QUEM SUA MULHER TRIBUTA [UM VOTO]
DE ETERNA SAUDADE FALECEU NO [DIA 11 DE]
JANEIRO DE 1873



O estado de conservação do epitáfio é bom, mas a necessitar uma limpeza cuidada, pena estar fragmentado. Desconhece-se tanto o ano como as circunstâncias em que esta peça deu entrada no Museu Municipal.

José Maria Penteado nasceu em Castelo Branco a 28 de Junho de 1820, no seio de uma família burguesa bastante abastada, comerciantes de panos e lãs e com ligações à lavoura. Era filho de José Silvestre Penteado, natural de Idanha-a-Nova e radicado na capital de distrito, e de Maria José da Silva do Fundão. Neto paterno de Manuel Nunes Penteado e de Brites Maria, ele natural de Monsanto da Beira, ela de Idanha-a-Nova, sendo seus avós do lado materno Gaspar Pires da Silva e Violante Luísa do Fundão.

É baptizado na Catedral albicastrense a 13 de Julho de 1820 pelo vigário Manuel Domingos Crespo, tendo por padrinhos Joaquim José Machado e sua esposa Quitéria Marques e como testemunhas o padre José Paulo Magro e Luís António Henriques de Almeida.

Deve ter feito os primeiros estudos em Castelo Branco e os superiores em Lisboa na Escola Médico-Cirúrgica, o que está por confirmar pelas condicionantes apontadas anteriormente.

Casa em Penamacor a 15 de Setembro de 1856 com Felizarda Eugénia Mendes, filha de José Mendes Morão e de Libânia Raquel Mendes, naturais desta vila.

Segundo José Manuel Landeiro foi médico civil em Penamacor (LANDEIRO, 1995, p. 95), mas sem outro pormenor. Na certidão de óbito está explícito que era cirurgião.

Bibliografia:

- BRAGANÇA, Joaquim José; LEITÃO, José da Silva; MACEDO, António Vaz de (1897) – *Projecto do Hospital Civil de Penamacor*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CASTILHO, Alexandre Magno; CORDEIRO, António Xavier Rodrigues (1862) – *Almanach de lembranças luso-brasileiro para o anno de 1863*. Lisboa: Typ. Da Sociedade Tipografica Franco-Portuguesa.
- CONSELHO DE SAÚDE PÚBLICA DO REINO (1864) – *Relatório geral do Serviço da Repartição de Saúde no ano de 1862*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LANDEIRO, José Manuel (1995) – *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*. 4ª ed. Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor.

Documentação manuscrita:

- *Livro de registo de baptismos na freguesia de S. Miguel igreja catedral desta cidade [de Castelo Branco]*, fl. 51 vs. Cota: ADCTB – PCTB 05/1/Liv. 01B. mç 21.
- *Livro d'obitos da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Penamacor no ano de 1873*, fl. 1 vs e 2. Cota: ADCTB – PPNC 10/3/Liv. 140, mç. 26.
- *Casamentos de Penamacor 1852 até 1859*, fl. 25. Cota: PPNC 10/2/Liv. 01C, mç. 23.

*Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Castelo Branco

** Museu Municipal de Penamacor

O HUMANISTA FRANCISCO BALMIS E A ERRADICAÇÃO MUNDIAL DA VARÍOLA. NO BICENTENÁRIO DA SUA MORTE

J. A. David de Moraes*

"No es menos necesario saber curar las Viruelas que las enfermedades graves,
pues veemos cada dia que se mueren los que las tienen."

Fray Agustin Farfan (Mexico, 1592)¹

INTRODUÇÃO

No devir da História, várias pestilências – peste, tifo exantemático, gripe pneumónica, etc. – dizimaram, drasticamente, numerosos grupos populacionais, mas tratou-se, o mais das vezes, de surtos epidémicos confinados a períodos limitados de tempo². Todavia, entre as várias pestilências com letalidade muito elevada, a varíola assumiu um carácter peculiar, dado que, para além de surtos epidémicos episódicos, conservou também, até à sua completa erradicação, um sustentado carácter endémico.

Aceita-se, em geral, que a varíola é originária da China, donde se teria disseminado em direcção ao Ocidente, estimando-se que, ao longo dos tempos, terá sido responsável pela morte de um décimo da espécie humana³.

Penetrou na Península Ibérica aquando da invasão árabe⁴ (o primeiro tratado conhecido sobre a varíola, distinguindo-a do sarampo, foi escrito pelo médico muçulmano persa Abū Bakr Muhammad ibn Zakarīya al-Rāzi)⁵, e, rapidamente, assumiu uma importância capital: "(...) Esta enfermidade he tão commun, que poucas pessoas ha que não a

tenhão, n' huma ou n' outra idade: he a enfermidade mais contagiosa dos nossos Paizes, e ha muito tempo o flagello da Europa." (...) No continente europeu, cerca de 400.000 indivíduos faleciam anualmente vitimados pela varíola.

Em Portugal, já no século XX, para além das epidemias de 1906 e 1918-1919, a mortalidade por varíola estendeu-se, endemicamente, até 1949 (Fig. 1)⁷. Aliás, os efeitos drásticos no nosso País não se traduziram tão-só na letalidade – "(...) é vergonhoso o número de óbitos registados em Portugal devidos à varíola." (...) em 21,5% os cegos que perderam a vista em Portugal devido a esta doença. (...)"⁹

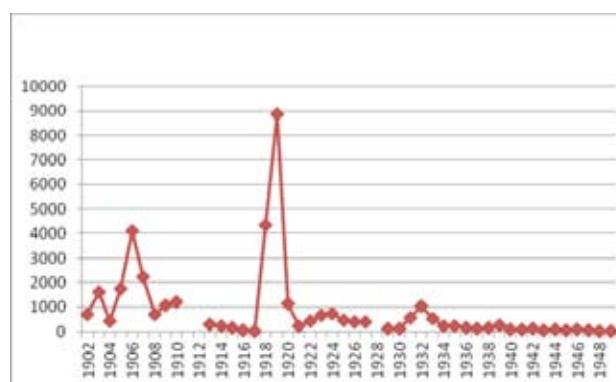


Fig. 1 – Mortalidade por varíola em Portugal no século XX (reproduzido de J. A. David de Moraes, 2012).

¹ FARFAN, Fray Agustin. *Tractado Brebe de Medicina [...]*, 1592, p. 48 (edição fac-similada).

² DAVID DE MORAIS, J. A. *Os grandes surtos epidémicos em Portugal Continental na primeira metade do século XX: enfoque histórico e epidemiológico*, 2010; 24, pp. 114-123.

³ DARMON, Pierre. A cruzada antivariólica, in: Jacques le Goff. *As Doenças têm História*, 1997, pp. 305-321.

⁴ G. E. P. B. *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 34, s. d.

⁵ MICHEAU, Françoise. *A idade de Ouro da Medicina árabe*, in: Jacques le Goff. *As Doenças têm História*, 1997, pp. 57-77.

⁶ BUCHAN, Guilherme. *Medicina Domestica ou Tratado Completo dos Meios de Conservar a Saude*, Parte II, Tomo III, 1790, p. 275.

⁷ DAVID DE MORAIS, J. A. *Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. II – Varíola*, 2012; 19(1), pp. 43-50.

⁸ CORREIA, F. S. *Portugal Sanitário*, 1938, p. 213.

⁹ Idem, 1938, p. 214.

Cerca de 1520 foi introduzida nas Américas pelos espanhóis, tornando-se uma verdadeira calamidade para as populações indígenas, que não possuíam defesas imunológicas para a doença, provocando a morte de milhões de pessoas. Por exemplo, cerca de 3.500.000 de índios mexicanos teriam sido vitimados por esta virose (Fig. 2)¹⁰. Demais, várias doenças transportadas pelos espanhóis para as Américas, as guerras de ocupação e o genocídio levaram a uma situação muito grave em termos de declínio demográfico e à consequente falta de mão-de-obra laboral, o que acabou por determinar o fenómeno de implementação da escravatura africana transatlântica. Em 1584, Frei Diego de Ângelo escrevia ao rei de Espanha: “(...) A dificuldade provém das terras tornadas vagas pela morte dos Índios, porque onde havia mil índios já não há mais que cem. (...)”¹¹



Fig. 2 – Ameríndios aztecas contagiados pela varíola – reconstrução de Paso e Trancoso (1894), a partir de um desenho de 1577-1580, da Biblioteca Laurentiana de Florença.

A problemática da difusão e incidência da varíola só começaria e inverter-se com a instituição da sua ‘vacina’. Foi o caso que, na Inglaterra, se observou que as ordenhadoras de vacas leiteiras apresentavam nas mãos pústulas idênticas às que as vacas desenvolviam nos seus úberes (estavam infectadas pelo vírus da varíola bovina, o “cow-pox”), e, curiosamente, tornavam-se imunes à infecção pela varíola humana. Edward Jenner, em 1796, ousou, então, inocular uma criança de oito anos de idade, James Phipps, com pus das pústulas das mãos de uma leiteira, Sarah Nelmes, comprovando que, após a posterior inoculação do vírus da estirpe humana, a criança não desenvolveu

¹⁰ OMS. *Varíola. Alerta Constante*, 1965.

¹¹ SOURNIA, J.-C.; RUFFIE, J. *As Epidemias na História do Homem*, 1986, p. 155.

a doença, isto é, tornou-se imune à varíola. Foi, pois, assim desenvolvida a primeira vacina humana – aliás, o vocábulo “vacina” adveio do facto do vírus ser originário do gado vacum.

Já no século XX, passou então a dispor-se da vacina anti-variólica produzida em condições técnicas modernas, o que possibilitou empreender uma campanha a nível mundial, e em Maio de 1980 a Organização Mundial da Saúde viria a certificar a eliminação da varíola a nível global.

De notar que, já anteriormente, o espanhol Francisco Balmis se tinha empenhado na tentativa de concretização desse desiderato.

NÓTULA BIOGRÁFICA SOBRE FRANCISCO BALMIS

Francisco Xavier Balmis nasceu em Alicante (sudeste de Espanha), em 2 de Dezembro de 1753, e era neto de cirurgiões/barbeiros.

Aos 17 anos de idade, iniciou-se como praticante de cirurgia no Hospital Militar da sua cidade natal.¹²

Aos 22 anos de idade, embarcou numa esquadra enviada por Carlos III de Espanha para combater os piratas berberes de Argel.

Regressado a Espanha, obteve o título de cirurgião pela Universidade de Valência.



Fig. 3 – Francisco Xavier Balmis (gravura de Elias Corona).

Seguiram-se, então, várias viagens e estadias no México, onde praticou clínica médica e fez importante investigação no domínio da botânica:

– **primeira viagem ao México (1781)**, onde permaneceu cerca de 10 anos: partiu incorporado num regimento militar, mas depois de desvinculado

¹² FUNDACIÓN DR. BALMIS; ROTARY CLUB ALICANTE. *Francisco Javier Balmis*, <https://www.youtube.com/watch?v=9E8PryJdN54>

do exército empenhou-se no estudo da flora local. Beneficiando da estreita colaboração de um curandeiro local, dedicou especial atenção a duas plantas nativas que possuiriam hipotéticas propriedades anti-sifilíticas: a agave (da família *Agavaceae*) e uma espécie de begónia (da família *Begoniaceae*). No seu regresso a Espanha, transportou bastantes exemplares de plantas para o jardim botânico de Madrid.

– **segunda viagem** (1791): num hospital local utilizou as plantas que antes tinha estudado, e regressou a Madrid com suprimentos importantes de raízes de agave e de begónia, que cedia gratuitamente aos doentes, mas a sua utilização clínica, de eficácia duvidosa, suscitou críticas dos seus pares. Procurou, então, defender-se com a publicação de um livro: *Demostracion de las Eficaces Virtudes Nuevamente Descubiertas en las Raices de dos Plantas de Nueva-España, Especies de Ágave y de Begónia, para la Curacion del Vicio Venéreo y Escrofuloso, y de otras graves enfermedades que resisten al uso del Mercurio, y demás remedios conocidos* (1794).¹³

– **terceira viagem** (1795): continuou o estudo e recolha de mais plantas indígenas.

– **quarta viagem** (1798): tinham tido início rebeliões no México contra a ocupação espanhola, e actuou como cirurgião de campanha.

– **quinta viagem** (1803): desta feita, foi como chefe da expedição de luta conta a varíola (vide infra).

– **sexta viagem** (1810): reorganizou as 'Juntas de Vacuna' e, como deflagrada luta pela independência da colónia, criou hospitais de sangue.

Entrementes, depois da terceira viagem ao México foi nomeado "cirujano de cámara" de Carlos IV, e obteve o título de bacharel em Medicina pela Universidade de Toledo.

A CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DA VARÍOLA ORGANIZADA POR BALMIS

Com a introdução do vírus da varíola bovina ("cow-pox") no circuito profilático humano – inicialmente a partir de exsudados de escarificações subcutâneas em bovídeos jovens (Fig. 4) ou a partir de pústulas de indivíduos antes vacinados (Fig. 5) – tornou-se possível organizar campanhas de luta contra aquela temível doença infecto-contagiosa. Todavia, estas acções eram muitas

¹³ BALMIS, Francisco Xavier. *Demostracion de las Eficaces Virtudes Nuevamente Descubiertas en las Raices de dos Plantas de Nueva-España [...], 1794.*

vezes empreendidas mais por simples cidadãos (por exemplo, aconselhavam-se os pais a inocularem os próprios filhos) do que por profissionais¹⁴. Todavia, paulatinamente, as autoridades sanitárias oficiais foram assumindo a organização de campanhas de vacinação, e assim surgiram alguns livros sobre o assunto, sendo que o "*Traité historique et pratique de la vaccine*" (1801), do médico francês Jacques L. Moreau (de la Sarthe), conheceu ampla difusão, e foi traduzido para castelhano por Francisco Balmis¹⁵.



LES ŒUVRES PHILANTHROPIQUES du Petit Journal
La vaccination gratuite contre la variole dans le grand hall du Petit Journal

Fig. 4 – Vacinação gratuita conta a varíola a partir de pústulas provocadas num bovino (reproduzido de: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlmuid-101458843-img>).



Fig. 5 – Pústulas da inoculação da vacina.

Em Espanha, potência detentora de imensos territórios nas Américas, perspectivou-se, então, a necessidade de, nesses domínios, se empreender uma campanha organizada de combate à varíola. As motivações desta iniciativa radicavam no facto

¹⁴ BUCHAN, Guilherme. *Medicina Domestica ou Tratado Completo dos Meios de Conservar a Saude, Parte II, Tomo III, 1790, pp. 216-362.*

¹⁵ MOREAU, J. L. *Tratado histórico y práctico de la vacuna [...]*, traducido por Francisco Xavier de Balmis, 1803.

de a doença ter despovoado vastíssimas regiões, que se viram privadas de mão-de-obra local para a exploração das minas e para a agricultura – como referido anteriormente, “(...) onde havia mil índios já não há mais que cem.¹⁶(...)” –, e a morte de uma filha do rei Carlos IV, vitimada pela varíola, terá sido um estímulo importante para que a coroa de Espanha se empenhasse, então, no projecto de vacinação dos ameríndios.

Todavia, um problema técnico importante se impunha: como transportar o inóculo vacinal para tão longínquos territórios? A viabilidade do vírus recolhido na serosidade das pústulas dos indivíduos vacinados, guardada em tubos capilares, era de escassos dias, e a travessia do Atlântico, rumo às Américas, demorava dois meses. Francisco Balmis concebeu, então, uma estratégia original: levaria a bordo 22 crianças; eram expostos da roda e órfãos da '*Casa de los Expósitos de la Coruña*', de três a nove anos de idade, e, para cuidar delas, foi destacada a reitora daquela instituição oficial, Isabel Sendales y Gómez – entre as crianças, seguia também o filho da reitora (era mãe solteira). Começou por vacinar duas crianças à partida da expedição (ao vacinar duas crianças assegurava-se de que não haveria falhas na cadeia de transmissão), e, semanalmente, a partir das suas pústulas, revacinava outras duas – era a utilização prática da técnica de imunização 'braço a braço'. Chegados ao Novo Mundo, a delicada cadeia de transmissão foi continuada já com neo-vacinados locais.

Demais, a expedição foi ciosamente preparada, sendo dotada de pessoal técnico e auxiliar (subdirector, enfermeiros, ajudantes, etc.) e dos materiais necessários: levaram-se, por exemplo, 500 exemplares do '*Tratado Histórico y Práctico de la Vacuna*'. À chegada ao continente americano, teve início a indispensável formação dos médicos locais que haveriam de prosseguir, sem interrupções, com a campanha de vacinação.

A 30 de Novembro de 1803, a expedição zarpou do porto da Coruña, iniciou o seu trabalho logo nas Ilhas Canárias, de onde rumou à América Central (Porto Rico), seguindo depois para a Venezuela. Aqui, a expedição foi subdividida: Francisco Balmis, com o seu grupo, dirigiu-se para Cuba, Guatemala, Yucatán e México, enquanto o Dr. José Salvany rumou para sul: Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Em Cochabamba, José Salvany faleceu, mas a expedição, agora sob a direcção de Manuel Julian Grajales, continuou para o Chile, e depois até ao extremo sul da Argentina.

Quanto a Balmis, de Acapulco, no México, partiu para oeste, com destino às Filipinas, cruzando o Pacífico. Levou consigo 26 crianças mexicanas para manutenção do vírus 'braço a braço'. Adoeceu na viagem, com disenteria, mas logo no dia seguinte à chegada a Manila, a 15 de Abril de 1805, começou a vacinar, preparando, subsequentemente, pessoal para dar continuação à campanha.

A 2 de Setembro desse ano embarcou para Macau, na fragata portuguesa "A Diligência", que foi assolada por (...) un tifón y furioso huracán, que en pocas horas desmanteló la fragata, con pérdida del palo mesana, jarcias, tres anclas, el bote, la lancha y veinte hombres extraviados.¹⁷(...)" A 16 de Setembro logrou chegar a Macau, com três crianças, e, sabendo que a vacina da varíola ainda não tinha sido introduzida na China, a 5 de Outubro partiu rumo a Cantão, mas aqui a vacinação não logrou suscitar grande colaboração local. Aproveitou, outrossim, a sua estadia em território chinês para estudar a flora nativa, fazendo cerca de três centenas de desenhos de plantas. No segundo trimestre de 1806, empreendeu, finalmente, a viagem de regresso a Espanha (Fig. 6), mas ainda aportou à Ilha de Santa Helena: apesar das hostilidades bélicas entre a Espanha e a Inglaterra, detentora da soberania da Ilha, ignorou este facto e vacinou todas as crianças locais.

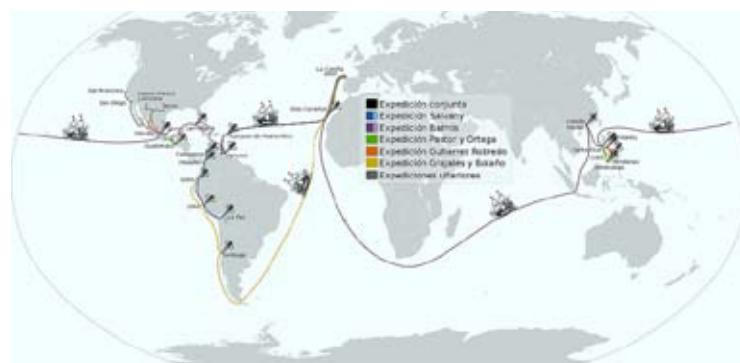


Fig. 6 – Percursos da expedição Balmis de luta contra a varíola (reproduzido, com adaptações, de José Antonio Crespo-Francés, p. 10).

¹⁶ SOURNIA, J.-C.; RUFFIE, J., idem, 1986, p. 155.

¹⁷ DÍAZ DEYRAOLA, Gonzalo. *La Vuelta al Mundo de la Expedición de la Vacuna (1803-1810)* (facsímil de la edición de 1948), 2003, pp. 96 e 148.

De regresso, finalmente, à Europa, após cerca de três anos de viagens por inóspitas paragens, desembarcou em Lisboa, seguindo depois em carruagem para Madrid, onde, a 7 de Setembro de 1806, foi recebido pelo rei Carlos IV.

EPÍLOGO

Entretanto, com a eclosão da Guerra Peninsular, a situação político-militar viria a complicar-se em Espanha. Na sequência da primeira invasão napoleónica, ocorreram repressões violentíssimas perpetradas pelas tropas francesas, de que o pintor Francisco Goya nos legou eloquente testemunho (Fig. 7). Subsequentemente, em 1808 Napoleão nomeou o seu irmão José Bonaparte 'rei de Espanha e das Índias' (1808 a 1813).



Fig. 7 – 'Os fuzilamentos de 3 de Maio de 1808'
(pintura de Francisco Goya).

Por não jurar fidelidade ao monarca estrangeiro, Francisco Balmis veria os seus bens confiscados.

Em 1810, ainda lhe estava reservada uma última viagem ao México, onde permaneceu até ao início de 1813: "... Se ofrece Balmis volver a Méjico, a rectificar la organización de las Juntas de Vacuna¹⁸. ..." Demais, organizou ainda os serviços de sangue: a revolta mexicana pela independência estava em curso (curiosamente, tinha sido estimulada por alguns sectores espanhóis como forma de debilitar o poder de José Bonaparte enquanto 'rei de Espanha e das Índias').

Regressando definitivamente a Espanha, Francisco Xavier Balmis morreria a 12 de Fevereiro de 1819, com 65 anos de idade, quiçá fragilizado pelas longas estadias em regiões tropicais inóspitas.

À guisa de corolário, podemos dizer que Francisco Xavier Balmis foi uma personalidade ímpar:

- como médico: a "Expedição Balmis" foi um passo de gigante para o controlo da varíola a nível mundial, e pode ser considerada o maior projecto filantrópico levado a cabo para bem da Humanidade. A Expedição perdura, pois, como um modelo de organização e execução, sendo de enfatizar a preocupação com a sua continuidade, para o que contemplou a formação de pessoal local na técnica de vacinação e a constituição de 'Juntas de Vacuna' nas várias colónias espanholas (Américas e Filipinas). De notar que Balmis terá sido, quiçá, talvez o primeiro médico – ou um dos primeiros – a efectuar o périplo à volta do Mundo.

- como humanista: talvez por nunca ter tido filhos – apesar de ter casado –, Balmis pôs grande acuidade na assistência às crianças expostas e abandonadas incorporadas na expedição. Para lhes prodigar toda assistência e apoio necessários, integrou no grupo expedicionário a reitora da 'Casa de los Expósitos de la Coruña', e promoveu no México a adopção das crianças por famílias locais ou a sua integração em instituições de assistência pública.

- como cientista: quer na América Central quer na China, estudou a fitofarmacologia local, tendo depois depositado o seu trabalho no Museu de História Natural de Madrid¹⁹. Já antes, dotara o Jardim Botânico de Madrid de uma importante coleção de plantas da flora indígena do México. Aliás, em homenagem ao seu nome, uma das plantas que testou receberia a classificação botânica de *Begonia balmisiana* (Fig. 8).



Fig. 8 – Exemplar de *Begonia balmisiana*. (reproduzido de: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Begonia_Balmisia-na_Wellcome_Loo40961.jpg).

¹⁸ ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA, s.d., vol. 7, p. 385.

¹⁹ Idem, 2003, p. 148.

- como patriota: como dito supra, recusou capitular perante o rei estrangeiro usurpador do trono de Espanha, pelo que os seus haveres lhe foram confiscados.

Todavia, nos nossos dias, este grande benemérito da Humanidade permanece praticamente olvidado, mesmo na sua pátria: “(...) *Como Francisco Xavier Balmis fue español, no le conoce nadie. Y en España, menos que en ningún sitio.*²⁰ (...)”

Assim, é por um acto de elementar justiça que aqui evocamos o bicentenário da morte do grande médico filantropo que foi Francisco Xavier Balmis, procurando quebrar a amnésia que sobre a sua tão nobre acção se instalou.

Bibliografia

- BALMIS, Francisco Xavier. *Demostracion de las Eficaces Virtudes Nuevamente Descubiertas en las Raices de dos Plantas de Nueva-España, Especies de Ágave y de Begónia, para la Curacion del Vicio Venéreo y Escrofuloso, y de otras Graves Enfermedades que Resisten al uso del Mercurio, y demás Remedios conocidos.* Madrid: Imprenta de la viuda de D. Joaquin Ibarra, 1794.
- BUCHAN, Guilherme. *Medicina Domestica ou Tratado Completo dos Meios de Conservar a Saude, Parte II, Tomo III.* Lisboa: Typografia Rollandiana, 1790, pp. 216-362.
- CORREIA, F. S. *Portugal Sanitário.* Lisboa: Direcção Geral de Saúde Publica, 1938, pp. 213-214.
- CRESPO-FRANCÉS, J. A. *210 años de la partida Real Expedición Filantrópica de la Vacuna,* p. 10, disponível in: <http://www.elespiadigital.com/images/stories/Documentos/210%20años%20de%20La%20Real%20Expedicion%20Filantropica%20de%20la%20Vacuna.pdf> (consultado em Janeiro de 2019).
- DARMON, Pierre. A cruzada antivariólica, in: Jacques le Goff (coordenação). *As Doenças têm História.* Lisboa: Terramar, 1997, pp. 305-321.
- DAVID DE MORAIS, J. A. Os grandes surtos epidémicos em Portugal Continental na primeira metade do século XX: enfoque histórico e epidemiológico. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI. Cadernos de Cultura* 2010, 24, pp. 114-123.
- DAVID DE MORAIS, J. A. Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. II – Varíola. *Medicina Interna* 2012; 19(1), pp. 43-50. Disponível on-line: http://www.spmi.pt/revista/vol19/vol19_n1_2012_43_50.pdf.
- DAVID DE MORAIS, J. A. Francisco Balmis, o filantropo que se empenhou no combate contra a varíola a nível global. No centenário do seu falecimento. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas*, 2018; 14(3), pp. 133-137, disponível in: http://spdimc.org/wp/wp-content/uploads/2019/04/RPDI_14-3.pdf
- DÍAZ DE YRAOLA, Gonzalo. *La Vuelta al Mundo de la Expedición de la Vacuna (1803-1810)* (facsímil de la edición de 1948). Madrid: Instituto de Historia, 2003, pp. 96, 148.
- E. U I. E-A. *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana.* Madrid: Espasa-Calpe, s. d., vol. 7, p. 385.
- FARFAN, Fray Agustin. *Tractado Brebe de Medicina [...].* Mexico: en casa de Pedro Ocharte, 1592, p. 48 (edição facsimilada: Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1944).
- FUNDACIÓN DR. BALMIS; ROTARY CLUB ALICANTE. *Francisco Javier Balmis.* Alicante: Universidad de Alicante e Taller Digital: <https://www.youtube.com/watch?v=9E8PryJdN54> (consultado em Janeiro de 2019).
- G. E. P. B. *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 34. Lisboa: Editorial Encyclopédia, s. d.
- LAINZ, Jesús. *El Manifesto*, 27 de noviembre de 2018, in: <https://elmanifiesto.com/tribuna/53304483/Mas-sobre-el-genocidio-americano.html>
- MICHEAU, Françoise. A idade de Ouro da Medicina árabe, in: Jacques le Goff (coordenação). *As Doenças têm História.* Lisboa: Terramar, 1997, pp. 57-77.
- MOREAU, J. L. *Tratado histórico y práctico de la vacuna: que contiene en compendio el origen y los resultados de las observaciones y experimentos sobre la vacuna, con un examen imparcial de sus ventajas, y de las objeciones que se le han puesto, con todo lo demás que concierne á la práctica del nuevo modo de inocular;* traducido por Francisco Xavier de Balmis. Madrid: Imprenta Real, 1803.
- OMS. *Varíola. Alerta Constante.* Praia (Cabo Verde): Imprensa Nacional, 1965.
- SOURNIA, J-C.; RUFFIE, J. *As Epidemias na História do Homem.* Lisboa: Edições 70, 1986.

²⁰ LAINZ, Jesús. *El Manifesto*, 27 de noviembre de 2018.

* Doutoramento e agregação em Medicina; mestrado em Saúde Pública; especialista em Infecciologia, Medicina Tropical e Medicina Interna.

ACADEMICAS ORAÇÕES PHISICO-ANATÓMICO -MÉDICO-CIRURGICAS: DE CIRURGIA

Cristina Moisão*

Introdução

A obra intitulada *Academicas orações phisico-anatomico-medico-cirurgicas* é um livro do século XVIII publicado por Antonio de Monravà y Roca; trata-se de uma compilação dos trabalhos realizados por alunos da Academia das Quatro Ciências, instituição que funcionou com intuito de ensino médico na cidade de Lisboa.

O exemplar que nos referimos neste trabalho é constituído por 10 orações, ou artigos, dos quais o último trata de cirurgia e corresponde ao trabalho do discípulo António Rodrigues dos Santos. Para compreender a obra, é necessário compreender o percurso do Mestre – Antonio de Monravá y Roca – e o objectivo da Academia por ele fundada. Um estudo mais aprofundado do texto de *De Cirurgia*, conduz-nos pelos meandros deste ramo da medicina no séc. XVIII português.

Antonio de Monravà y Roca

Nascido em Pons,¹ na Catalunha, provavelmente nos anos de 1670 ou 1671,² data corroborada no catálogo da Biblioteca de Catalunya. Parece ter estudado em Barcelona, Valencia e Lérida. Segundo palavras do próprio, que se intitula catalão, doutorou-se em Medicina pela Real Universidade de Lérida.³

¹ Inocêncio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 256 / José Manuel Vasconcelos. “Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão” [em linha]. *História. Revista da FLUP Porto*, IV Série, vol. 4 – 2014, p. 250-251. Disponível na World Wide Web: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12922.pdf>, consultado em 21-10-2019

² José Manuel Vasconcelos. “Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão” [em linha]. *História. Revista da FLUP Porto*, IV Série, vol. 4 – 2014, p. 250-251. Disponível na World Wide Web: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12922.pdf>, consultado em 21-10-2019

³ D. Antonio de Mon-ravá y Roca. *Breve Curso de Nueva Cirurgia*, tomo 1. Lisboa Occidental: Imprenta de Musica, 1725 / Inocêncio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 256

Após trabalhar em Espanha durante alguns anos, aceitou o ensino de Anatomia no Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, a convite de D. João V,⁴ em 1721⁵ ou 1722.⁶ Certo é que Monravà se considera “Catedrático de Anatomia do Hospital Real de Todos-os-Santos, presidente e fundador da Nova Academia Physico-Cirugica e doutor anatómico do sereníssimo rei de Portugal”, em 1725.⁷

Vários autores do século XIX e XX o consideraram desonesto, fomentador de rixas entre os alunos, ensinando falsas doutrinas, gerando numerosas polémicas entre professores, alunos e autoridades, o que teria levado D. João V a aposentá-lo e substituí-lo em 1732 por Bernardo Santucci.⁸ De facto, publica nesse ano *A un mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido*, onde

⁴ Manuel de Sá Matos. *Bibliotheca Elementar Chirurgico-Anatómica* [...]. Porto: Antonio Alvarez Ribeiro, 1788, p. 171

⁵ Inocêncio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 256 / Maximiliano Lemos. *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, vol. I. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1991, p. 171-173. ISBN 972-20-0835-8

⁶ J. Martins e Silva. “Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911” [em linha]. RFML 2002; Série III; 7 (5): 237-249. Disponível na World Wide Web: http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Anotac%C3%B5es_sobre_hist%C3%B3ria_do_ensino_medicina_I_ell_2002.pdf, consultado em 21-10-2019

⁷ D. Antonio de Mon-ravá y Roca. *Breve Curso de Nueva Cirurgia*, tomo 1. Lisboa Occidental: Imprenta de Musica, 1725

⁸ Inocêncio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 256 / Maximiliano Lemos. *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, vol. I. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1991, p. 171-173. ISBN 972-20-0835-8 / J. Martins e Silva. “Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911” [em linha]. RFML 2002; Série III; 7 (5): 237-249. Disponível na World Wide Web: http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Anotac%C3%B5es_sobre_hist%C3%B3ria_do_ensino_medicina_I_ell_2002.pdf, consultado em 21-10-2019 / José Manuel Vasconcelos. “Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão” [em linha]. *História. Revista da FLUP Porto*, IV Série, vol. 4 – 2014, p. 250-251. Disponível na World Wide Web: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12922.pdf>, consultado em 21-10-2019

entra em disputa teórica com o doutor Ribeyra, referindo estar já jubilado, ser presidente e fundador da Academia de Quatro Ciencias e médico dos Reais Exércitos de França e Espanha; no prefácio desta obra, da autoria de Paulo Teixeira – académico da Nova Academia Phisico-Anatomico-Medica-Cirugica do Hospital de Todos os Santos de Lisboa – refere-se a acesa disputa que o autor do livro tinha com o doutor Francisco Suarez de Ribera e nomeia três cirurgiões do Hospital – Leote, Delviso e Santucho – que juntamente com Monravà se curvaram perante um caso clínico complicado, em junta médica,⁹ pelo que parece ser recente a sua jubilação. Em sua defesa acorre J. Martins e Silva, referindo que foi autor de diversas obras médicas, embora acusado de ter usurpado uma obra de um colega espanhol, mas que, no entanto, era tido como bom cirurgião, tendo introduzido o estudo anatómico em cadáveres e o ensino privado em Portugal com a fundação da Academia das Quatro Ciências.¹⁰ Antonio de Monravà y Roca faleceu no ano de 1753.; se por uns foi considerado charlatão, outros o designaram por visionário.

O cirurgião e professor do Real Hospital de Todos-os-Santos deixou-nos uma vasta obra publicada:

- *Breve curso de nova cirurgia, 2 tomos (1725 e 1728), Oracion medico-anatomica (1725)*
- *Veterinaria apologética: curación racional de irracionales: órgano donde se tocan las inconsecuencias consus altos, y bajos, y destemplados más que armónicos del Doct. don Antonio Monravá y Roca: dividido en doze registros* (com Francisco García Cabero, ca. 1729)
- *Antiguedad medica y Ribera impugnados, sobre las obras del clarissimo doctor Ribera contra su Cirugia sagrada (1729)*
- *A un mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido, en abatimiento de la Medicina de Hipocrates, y Galeno, para desengaño de los no-poco entendidos Españoles, y Portugueses. Sobre escuela*

⁹ D. Antonio de Monravà y Roca. *A un mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido, en abatimiento de la Medicina de Hipocrates, y Galeno, para desengaño de los no-poco entendidos Españoles, y Portugueses. Sobre escuela medica, um tomo de los 25, que el Doctor Ribera ha dado a luz*. Antwerpia: Offic. Platiniana, 1732

¹⁰ J. Martins e Silva. "Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911" [em linha]. RFML 2002; Série III; 7 (5): 237-249. Disponível na World Wide Web: http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Anotac%C3%85es_sobre_hist%C3%B3ria_do_ensino_medicina_I_ell_2002.pdf, consultado em 21-10-2019

medica, um tomo de los 25, que el Doctor Ribera ha dado a luz (1732)

- *Academicas orações phisico-anatomico-medico-cirurgicas, em que practicam os mais eruditos discipulos da nova academia das quatro sciencias, para a comverçam do errado lastimoso povo apolino (1732)*

- *Fisico certame sobre o sol, lua, luz e olhos: entre um escholastico conimbricense e um academicu ulyssiponense (1732)¹¹*

- *Cinco preciosos remedios (1734)*

- *Operações anatomicas e cirurgicas, que tem feito no mez de janeiro deste presente anno de 1739, na sua Academia das quatro sciencias (1739)*

- *Desterro critico de falsas Anatomias, que um anatomico novo deu á luz em Lisboa neste presente anno de 1739 (1739)*

- *Manifesto da Razam da Queixa, que tem o doutor. Antonio de Monrava e Roca contra a Academia real de chirurgia de Paris (ca 1744?)*

- *Novissima medicina impugnante a nova, velha e velhissima dos authores antigos e modernos, 4 tomos (1744-1747)*

- *Manifesto dos ocultos, novamente acordados, ou singular estudo da novissima medicina que ensina o seu autor o Dro Monrava (1749)*

- *Epistola consultiva apologetica o el Conde de Luna enfermo o medica batalla entre un medico pigmeo, y 20 gigantes (1750)*

- *Novissima e insuperable dissertation sobre las preñadas quando padecen de pica y malacia (1752)*

A Academia das Quatro Ciências

A fundação da Academia das Quatro Ciências é, portanto, atribuída a Antonio de Monravà y Roca, um personagem polémico, como vimos, na História da Medicina portuguesa.

Maximiliano Lemos, em 1899, afirma que o catalão ensinava na Academia das Quatro Ciências, criada depois da sua aposentação;¹² João Clode fornece a data de 1739 para a criação dessa instituição, apesar de referenciar em seguida o título da obra - *Breve curso de nueva cirurgia* - que a contraria;¹³ afirmações porventura incorrectas

¹¹ No *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio refere-se que o único exemplar conhecido está incluído no cod. CXVI da Biblioteca Eborense

¹² Maximiliano Lemos. *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, vol. I. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1991, p. 171-173. ISBN 972-20-0835-8

¹³ João José P. Edward Clode. *A otorrinolaringologia em Portugal*. Massamá: Círculo Médico – Comunicação e Design, Lda, 2010, p. 47-48

quanto à cronologia, como constatámos acima, uma vez que o próprio Monravà já se afirmava fundador e presidente da Nova Academia Physico-Cirugica em 1725. Sabemos, por obra atrás citada, que em 1732 já estava criada a Nova Academia das Quatro Sciencias, com o mesmo presidente e fundador, que consideramos ser a mesma escola com uma reformulação do nome. José Manuel Vasconcelos, baseando-se na obra de Maximiliano Lemos, afirma que a Academia das Quatro Ciência teve funcionamento irregular até à morte de Monravá y Roca.¹⁴

Existe um pequeno texto, de autor desconhecido, que poderá atribuir-se a Monravà ou a um seu discípulo: *Noticia curiosa do novo e grave estylo, com que se ensina toda a materia scientifica pertencente á Medicina na eschola do doutor D. Antonio de Monravà e Roca, lente regio jubilado de anatomia do hospital real de Todos-os-Santos de Lisboa, etc. da qual he presidente, e fundador, que se começoou, em 5 de janeiro de 1769 [1739?].* Nesta publicação de quatro páginas é descrito o modo de funcionamento da instituição: o mestre situava-se no centro de um complexo de vinte e quatro cubículos mobilados com escrivaninha, banca e candeeiro, distribuindo-se cada discípulo no seu cubículo; o curso compunha-se por quatro *faculdades* – Anatomia, Cirurgia, Física Experimental e Medicina – distribuídas por lições com a duração de oito horas em três dias semanais; o ensino incluía alguma prática em corpos vivos ou cadáveres, assim como experiências de Física; aos alunos era vedado comer, falar entre si e utilizar tabaco; um sino, manuseado periodicamente por dois dos discípulos, responsabilizava-se por acordar aqueles que cediam ao sono; às duas horas da madrugada terminava o estudo, indo os alunos dormir até ao nascer do sol, altura em que as portas se abriam para saírem cada um para sua casa; os formandos distribuíam-se por três classes, iniciando-se em *Comunitários, Decuriões* (que ajudavam nas matérias práticas) e *Decretados* (estes já voluntários, por estarem adiantados no conhecimento, podendo faltar a algumas das lições); quaisquer alunos poderiam acompanhar o mestre na sua prática clínica fora da escola, caso desejassem.

O livro *Academicas oraçōens phisico-anatomico-medico-cirurgicas*

A obra foi publicada em Antuérpia, na Oficina Platiniana, em 1732; compõe-se de uma dedicatória *al reverendo padre Francisco Xavier Leitam*, médico da Real Câmara dos reis Portugueses e do Patriarca, uma *Introducção* e um *Capitulo Singular*, seguindo-se dez orações escritas por diversos discípulos da Academia; no final encontra-se um *Soneto* oferecido por Manuel dos Santos Ferreira, académico da Nova Academia das Quatro Sciencias e um *Soneto* oferecido por Paulo Teixeira, o *Índice das Oraçōens*, uma Lista de *Oradores* e o *Índice das cousas mais memoraveis deste VTomo*.



Numa breve pesquisa lográmos encontrar 8 exemplares: **ESP** – Madrid, Biblioteca Nacional de España – Sede de Alcalá (cota: 5/3460; digitalizado); **Barcelona**, Biblioteca de Catalunya (cota: 13-II-41; digitalizado; exemplar utilizado para o presente trabalho); **Barcelona**, Universitat de Barcelona – CRAI (cota: 07 M-R-2286); **Zaragoza**, Biblioteca de la Universidad de Zaragoza – B. General-Fondo Antiguo (cota: 81-36). **PT** – Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal (cotas: S.A. 45936 V e S.A. 9507 P.). **USA** – Bethesda, National Library of Medicine (cota: 100928808); **Cambridge**, Harvard University (cota: Countway Medicine, Rare Books, R128.7 .M75); **New York**, Catálogo de vendas de Richard C. Ramer Old & Rare Books, consultado em 07-09-2020.

O exemplar consultado é uma obra in-4º (21 cm), com [28], 320, [32] páginas.

A Oração De Cirurgia

A décima oração do livro supracitado foi escrita por Antonio Rodrigues dos Santos, um “discípulo da Nova Academia Phisico-Anatomico-Medico-Chirurgica do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa Occidental.” Todo o texto de cariz técnico

¹⁴ José Manuel Vasconcelos. “Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão” [em linha]. *História. Revista da FLUP Porto*, IV Série, vol. 4 – 2014, p. 250-251. Disponível na World Wide Web: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12922.pdf>, consultado em 21-10-2019

se mistura com picardias humorísticas acerca dos conhecimentos dos autores Antigos, utilizando com mestria a ironia ao referir os métodos dos médicos e cirurgiões Modernos, sem esquecer uma repetida crítica às teorias e aos seguidores de Ribera.



A oração inicia-se pela definição da cirurgia: dividir o que está unido, juntar o dividido e tirar o supérfluo,¹⁵ enaltecendo os cirurgiões enquanto desdenha o saber dos médicos e dividindo o trabalho em quatro pontos: Apostemas, Chagas, Feridas e Álgebra.

Tratando dos apostemas (ou abcessos ou lesões inflamatórias, incluindo igualmente os cancros), o autor define que se devem a alterações dos humores, discordando, no entanto, dos Galénicos, pois afirma que progridem *das veias para dentro* e não *dos poros para fora* (como afirmavam os antigos) e atribui a sua abertura espontânea não a obra da natureza e sim a um fenômeno de *fermentação*. Para o seu tratamento aconselha uma rigorosa dieta composta por caldo de pão, carneiro, vaca ou galinha e um prato de ervas, acompanhados pela ingestão de água; seguem-se as purgas e as sangrias nos braços ou pés, quantas forem necessárias; por fim, a aplicação local de substâncias *resolutivas* ou *maturativas* para provocar a sua abertura. Quanto aos cancros, advoga que a única solução é a extirpação total, sendo qualquer medicamento ineficaz; após a extirpação deve-se controlar a hemorragia e cicatrizar a ferida resultante, efeitos alcançados com a aplicação de um remédio *consolidante*.

¹⁵ Esta definição provém já da literatura médica do século anterior, na obra do cirurgião António da Cruz, *Recopilaçam de Cirurgia*, publicada em Lisboa por Jorge Rodrigues em 1601.

Define as chagas (úlceras crônicas) como solução de continuidade em partes moles, por onde sai algum suco que se azeda e fermenta, com a consequente corrosão; atribui como causas a obstrução de capilares venosos conduzindo à formação de um abcesso ou a feridas com a correspondente secção de vasos sanguíneos. Refuta as diversas teorias de outros autores quanto à fisiopatologia da formação das chagas, assim como à respectiva nomenclatura, desdenhando a teoria dos Antigos em que procederiam de vícios do corpo, do fígado ou do baço; afirma então que apenas se devem classificar como *solitária* ou *complicada*. Como prognóstico, escreve que todas se podem curar excepto as tuberculosas do pulmão e os cancros em que não for possível a extirpação. No tratamento, declara eficaz um novo remédio, da autoria do Mestre e designada por *Consolidante Trium-virato*, composto por pós de aljôfar (pérolas), cânfora e aguardente. Para chagas particulares recomenda: para a *indigesta*, um remédio digestivo que junta terebentina, gema de ovo e óleo rosado, seguindo-se a aplicação do *Trium-virato*; para a *sórdida*, aconselha a sua extirpação utilizando pinças e ferro cortante ou, não sendo tal possível, um forte digestivo de mel rosado e unguento egípcio ou de pós de Joannes com unguento basilicum; as chagas *putrida*, *calosa*, *cavernosa*, *fungosa* (com tecido de granulação) e *fistulosa* curam-se com a excisão por bisturi até à área de tecido sôlo e aplicação subsequente do *Trium-virato*, enquanto na chaga *corrosiva* se aplica apenas este último; a chaga verminosa trata-se matando os vermes; quando existe atingimento ósseo, deve extirpar-se as partes moles deixando o osso exposto e aplicando o remédio consolidante. As chagas *cancerosas* têm indicação para ser *extirpadas na totalidade até às ínfimas raízes, cortando veias, artérias e nervos*, seguindo-se a aplicação do *Consolidante Trium-virato*.¹⁶ Em todos os casos, o autor refuta o uso de purgantes e vomitórios.

António Rodrigues dos Santos passa ao capítulo das feridas, definindo-as como *solução de*

¹⁶ Quanto aos efeitos terapêuticos das substâncias referidas: a cânfora tem ligeiro efeito analgésico; o teor alcoólico da aguardente faz com que seja um importante anti-séptico; a terebentina é um rubefaciente facilitando a absorção de outros componentes e ligeiramente analgésica; a gema de ovo contém proteínas e algumas vitaminas, facilitando a cicatrização; o mel rosado é adstringente e por isso também hemostático; o unguento basilicum, composto por cera e pez, é cicatrizante. Não foi possível encontrar efeito terapêutico de aljôfar, unguento egípcio (composto de verdete e vinagre aquecidos) e pós de Joannes.

continuidade feita de novo, geralmente com efusão de sangue. Divide as feridas em Incisas, perfuradas e contusas, subdivide-as em penetrantes e não penetrantes e classifica-as em solitárias e complicadas. Quanto ao prognóstico, afirma como mortais aquelas que, penetrando numa cavidade, atingem um vaso sanguíneo principal ou atravessam o cérebro, medula, coração, pulmão, fígado, baço, rim ou outra víscera. A cura consiste na união dos bordos, fazendo com que as fibras cortadas, nutrindo-se, se aumentem e entrelacem de novo. O tratamento adequado consiste em retirar objectos estranhos e lavar a ferida com aguardente; se atinge somente a pele, juntam-se os bordos com sutura; se mais profunda, deixam-se separados os bordos, aplica-se um penso molhado no Consolidante e envolve-se em ligaduras, mudando o primeiro penso sempre após as 24 horas e posteriormente duas vezes por dia; se considerado necessário, realizam-se sangrias, associando-se rigorosa dieta; se porventura está lesado algum vaso sanguíneo mais importante, utiliza-se a sua sutura ou laqueação, evitando a morte por exsanguinação; aplica-se teriaca e *Trium-virato* em feridas que tenham veneno, seguindo-se sangria profusa; nos ferimentos por bala, retira-se esta e preenche-se o orifício com uma mecha embebida no Consolidante ou em aguardente. Nas grandes contusões com formação de volumosos hematomas, estes abrem-se com bisturi, limpam-se os coágulos e aplica-se o *Trium-virato*. Em feridas com fractura do crânio procede-se a ampliação da solução de continuidade da pele, retiram-se corpos estranhos ou esquirolas ósseas e, se necessário procede-se a trepanação quando há ferida da dura-mater ou do cérebro, sendo o penso realizado com o *Trium-virato*; não está indicado o encerramento da pele nas feridas com fractura.

Para as feridas penetrantes do tórax, recomenda que se retire o sangue para o exterior pela própria ferida ou fazendo uma contra-abertura, se introduza na ferida uma mecha molhada em *Trium-virato* e panos molhados por cima; o penso deve ser feito 3 ou 4 vezes por dia, até se ter certeza de não existir mais sangue na cavidade torácica; nas feridas que atravessam o tórax, este procedimento deve ser realizado bilateralmente.

As feridas penetrantes do abdómen lavam-se com aguardente; se o intestino sai pela ferida, lava-se com aguardente e reintroduz-se na cavidade; se está cheio de ar, pode picar-se com um alfinete ou fazer uma pequena incisão para retirar o ar, sutura-

se em seguida a incisão e introduz-se assim mais facilmente; encerram-se igualmente as feridas do intestino com sutura. Se se exterioriza pela ferida o grande epíplano, pode introduzir-se novamente; mas se este se encontra insano, deverá ser atado um fio na parte sã e cortar a porção alterada, após o que se lava a ferida com o *Consolidante* e se introduz o epíplano no abdómen, deixando exteriorizada uma ponta do fio, que será posteriormente cortada; uma técnica semelhante se aplica aos ferimentos da bexiga e útero.

Nas feridas hepáticas, do baço ou dos rins que não forem mortais, introduz-se uma mecha na lesão do órgão de modo a que a outra extremidade se exteriorize através parede da abdominal.

Renega-se a utilização de todos os medicamentos de uso interno ou quaisquer outros tópicos, designadamente aqueles que são *descoagulantes dos grumos de sangue* usados na Antiguidade e por alguns outros autores.

Entrando no último capítulo, o autor da dissertação define como Álgebra a redução de ossos e cartilagens aos seus lugares, dividindo o assunto em fracturas e deslocações; as fracturas podem ser totais ou parciais, em recta, transversas ou oblíquas, e ainda solitárias ou complicadas. A sua cura consiste em igualar os ossos colocando-os no seu lugar, conservando-os depois nessa posição e evitando novos acidentes com o membro afectado; para executar o primeiro gesto são necessários dois ajudantes, cada um puxando o membro nas duas extremidades em simultâneo, enquanto o cirurgião se encarrega de alinhar as duas extremidades ósseas com a força das suas mãos aplicada em correcto sentido no local da fractura; envolve-se depois o membro com ligaduras embebidas em Consolidante, colocam-se 4 talas de madeira em torno do membro e por cima das talas enrolam-se ligaduras em três camadas – a primeira no sentido distal-proximal, a segunda no sentido proximal-distal e a terceira no mesmo sentido da primeira; sangra-se o doente se apresenta sinais de plethora e seguem-se vários dias de dieta rigorosa. Se a fractura está complicada de ferida, primeiro limpam-se a ferida, seguindo-se a redução da fractura, tendo sempre o cuidado de deixar local de acesso para se irem fazendo os pensos da ferida; quando se detectam esquirolas de osso soltas, abre-se a pele com cautério, retira-se o fragmento ósseo ecura-se a ferida de modo semelhante a qualquer outra. As deslocações tratam-se de modo semelhante às fracturas.

Conclusão

A carreira de Antonio de Monravá y Roca pontuou-se por polémica, pondo em causa os conhecimentos de medicina e cirurgia praticados em Portugal no início do século XVIII; a sua permanente contestação foi considerada nefasta na época, assim como por diversos autores posteriores. No entanto, ao renegar as grandes teorias do saber médico da Antiguidade, por entre as quais caminhava a teoria dos humores e a presença dos espíritos vitais, o professor de anatomia do Hospital de Todos-os-Santos e seus discípulos caminharam inquestionavelmente ao encontro de novas linhas de pensamento médico sobre a fisiologia e a patologia; as suas ambições teóricas, apoiadas pelas experiências práticas, dirigiram-se sem dúvida para o percurso de mais recentes saberes. Monravá, não seria louco, mas certamente seria um visionário do qual emanavam ideias inovadoras.

Bibliografia

- CLODE, João José P. Edward. *A otorrinolaringologia em Portugal*. Massamá: Círculo Médico – Comunicação e Design, Lda, 2010

- CRUZ, António da. *Recopilaçam de Cirugia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1601

- LEMOS, Maximiliano. *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, vol. I. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1991. ISBN 972-20-0835-8

- MATOS, Manuel de Sá. *Bibliotheca Elementar Chirurgico-Anatómica*. Porto: Antonio Alvarez Ribeiro, 1788

- MONRAVÁ Y ROCA, Antonio. *Academicas oraçoes phisico-anatomico-medico-cirurgicas*. Antuerpia: Oficina Platiniana, 1732

- MONRAVÁ Y ROCA, Antonio. *Breve Curso de Nueva Cirugia*, tomo 1. Lisboa Occidental: Imprenta de Musica, 1725

- MONRAVÁ Y ROCA, Antonio. *A un mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido, en abatimiento de la Medicina de Hipocrates, y Galeno, para desengaño de los no-poco entendidos Espanoles, y Portugueses. Sobre escuela medica, um tomo de los 25, que el Doctor Ribera ha dado a luz*. Antuerpia: Offic. Platiniana, 1732

Notícia curiosa do Novo e Grave Estilo com que Se Ensina toda a Materia Scientifica. Pertencente à Medicina, na Escola do Doutor D. Antonio de Monravá e Roca, Lente Regio Jubilado de Anatomia do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, etc., da qual He Presidente e Fundador Que Se Começou a Publicar em 5 de Janeiro de 1739. [s.l.: s.n., depois]

- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867

- SILVA, J. Martins e. "Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911". *RFML* 2002; Série III; 7 (5)

- VASCONCELOS, José Manuel. "Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão". *História. Revista da FLUP Porto*, IV Série, vol. 4 – 2014

*Médica. FCSH da UNL.
cristinamaisao@gmail.com

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LICANTROPIA NA ARQUIPATOLOGIA

José Morgado Pereira*

Introdução

De acordo com Stanley Jackson, que dedica um capítulo à Licantropia na sua História da Melancolia, Oribásio de Pérgamo (325-403) denominou Licantropia uma síndrome que descreveu assim: são pessoas que saíam de sua casa à noite e ficavam entre as campas nos cemitérios até amanhecer imitando os lobos em tudo. Apresentavam palidez, expressão lânguida, olhos secos sem lágrimas, cavados no fundo das órbitas, língua seca sem saliva. Além da secura intensa tinham úlceras incuráveis nas pernas porque chocavam frequentemente contra as coisas. Considerava-a um tipo de Melancolia.

Descrição semelhante surge em Galeno (131-201) em *De Melancholia*, provavelmente escrito por Aécio de Amida (502-575). Nesta descrição a Licantropia começava geralmente em fevereiro, é referida também a Cinantropia (loucura de cão), diferentes versões de uma mesma afeção (insânia lupina e canina – formas de Melancolia). Tanto Oribásio como Aécio poderão ter utilizado descrições de Marcelo de Side (século II). Paulo de Egina (625-690) descreve a Licantropia nas doenças da cabeça da mesma forma, como espécie de Melancolia. Também os árabes como Rhasis, Hali Abbas e Avicena (980-1037), bebendo dos autores citados, a consideram e descrevem do mesmo modo (JACKSON, 1989).

Durante a baixa Idade Média e o Renascimento floresce o folclore sobre os homens-lobo e também menções frequentes à Licantropia nos livros médicos. Estes falavam dela como um tipo de Melancolia, mas gradualmente passou também a considerar-se forma de Mania (loucura). Como a bruxaria e a caça às bruxas foi tomando forma durante o Renascimento, a preocupação das autoridades teológicas e legais fez crescer a

convicção da existência real de homens-lobo, e muito dos considerados como tal encontraram por isso a morte. Houve médicos que protestaram dizendo que se tratava de melancólicos, outros começaram a falar de Demonomania, forma de loucura relacionada com diabos ou demónios.

Tommazo Garzoni (1549-1589), um monge, descreveu também a insânia lupina. Robert Burton (1577-1640) igualmente, citando Avicena, Aecio, Paulo Egina, Altomaro, Wier, Foreso, etc. Burton tende a considerar a Licantropia como forma de Mania, embora a maioria dos autores renascentistas continuasse a considerar forma de Melancolia. Para os finais do século XVII e no século XVIII, é considerada uma forma de Melancolia, mas surge cada vez menos nos textos médicos. (JACKSON, 1989).

Thomas Willis (1621-1675), nas conferências de Oxford, no tema "Melancolia ocasional", refere a Licantropia e os estados melancólicos associados com a imaginação de metamorfose. Em "De anima Brutorum" (1672), Willis escreve que alguns melancólicos sofrem "metamorfoses imaginárias", acreditam que são cães ou lobos... outros que estão mortos...outros imaginam-se com um corpo de vidro. O melancólico pode assim "sair da humanidade, sofrer uma metamorfose" (PIGEAUD, 2006). Para Willis a licantropia era uma manifestação extrema dessas metamorfoses imaginárias.

Muitos outros escreveram sobre o tema. Refira-se Boissier de Sauvages (1706-1767) e a Melancolia que denomina Zoantropia, termo genérico para o delírio de se haver convertido em animal. William Cullen (1710-1790) na sua *Nosologia*, considera-a como um tipo de Melancolia. No século XIX as referências são mais raras, como em Esquirol – zoantropia como uma forma de lipemania ou melancolia, ou em Griesinger, que a refere nas perturbações elementares da sensação.

Foi desaparecendo como síndrome, de forma progressiva, nos finais do século XIX e no século XX, com referências ocasionais, como casos particulares dentro do espectro das ideias delirantes, do delírio psicótico. No Dicionário de David.Hack Tuke, o maior desenvolvimento do artigo sobre licantropia, da autoria de Tamburini e Tonnini, é constituído pelas referências históricas. (TUKE,1892).

Se nos debruçarmos sobre a história das classificações encontramos sistematicamente a presença da Licantropia entre os séculos XVI-XVIII, como em Jean Fernel, Johannes Schrenck, Timothy Bright, Felix Platter, Paolo Zacchias, Robert Burton, Thomas Willis, Boissier de Sauvages, William Cullen.

Aspectos Históricos

Aqui se insere Filipe Montalto (1567-1616). Lembremo-nos que escreve na Arquipatologia que os melancólicos sofriam delírios imaginativos e alucinações que normalmente seriam eliminados pela Faculdade Racional. Por isso considerava que a razão e a imaginação se encontravam ambas lesadas. Também realça a multiplicidade das imaginações corruptas dos melancólicos. Ao contrário de outros, achava que a alienação mental não era causada por espíritos malignos, mas exclusivamente por efeitos do humor melancólico.

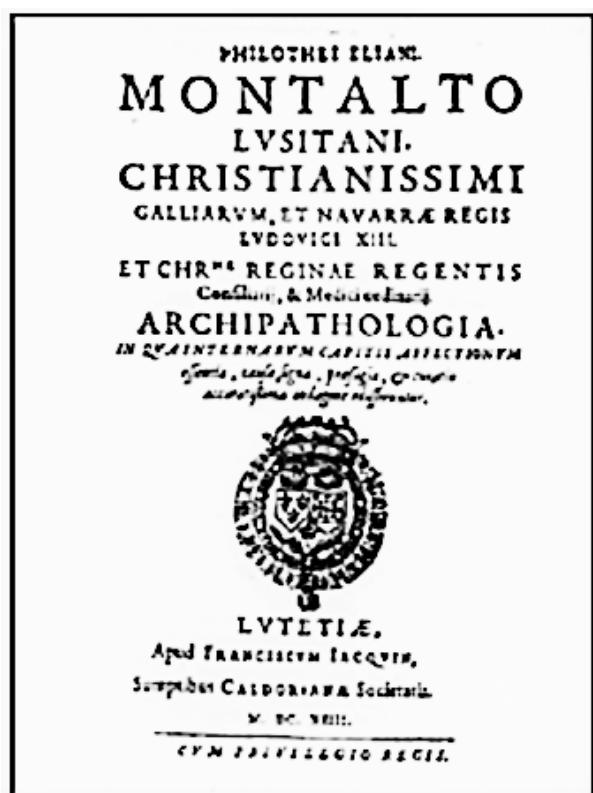


Fig 1: Arquipatologia, Paris, 1614.

A parte mais afectada, por vezes de forma espectacular na Melancolia Hipocondríaca era precisamente a imaginação, que nas formas mais extremas podia levar à crença, principalmente no sexo masculino, de que se era possuidor de títulos especiais, ou pelo contrário, de que se era de vidro, de que havia animais a viver dentro do seu corpo, ou até de que se tinham transformado em animais. A licantropia foi assim discutida por médicos e demonologistas. Os homens melancólicos foram considerados constitucionalmente mais hirsutos, mas era muito discutível que se pudessem transformar em lobisomens. E o demónio era o causador da transformação ou era através de bruxas e de outras pessoas que a influência levava a que percebessem que tinha havido uma transformação?

O início do Renascimento parece ter sido a "idade da imaginação", talvez em parte resultante do eclipse da psicologia das faculdades medieval. As esferas de influência da imaginação eram muito mais amplas do que as que lhe são reservadas pela moderna psicologia, pela filosofia e pelas neurociências (uma "imaginação doentia" podia precipitar doenças nos outros, trazer falecidos à vida, haver curas por influência de vapores subtils, bruxas que podiam curar ou fazer o mal, influenciar outros por perigosos entusiasmos religiosos, alterar o tempo através de meios naturais, não sobrenaturais).

O termo licantropia tinha assim muitos significados na mentalidade europeia mais antiga, derivada da subjectividade dos discursos trazidos pela teologia, demonologia, medicina e folclore. Tanto se podia referir à realidade percebida do fenómeno de metamorfose de homem para lobo, como ao delírio de que alguém foi capaz de tal transformação (como resultado de loucura, melancolia, alucinogénios, ou de doença ou influência diabólica).

Podemos assim distinguir entre werewolf (lobisomem), relegado para o domínio da ficção e do folclore, e licantropo, actualmente absorvido pelo discurso científico da medicina e da psicologia, ao contrário do passado (HIRSCH,2011).

Temos assim a tradição bíblica (1), a literatura clássica, de que as Metamorfoses de Ovídio são um exemplo (2), a demonologia e feitiçaria (3), e a Medicina, que foi progressivamente dando explicações mais psicológicas dos fenómenos.

A Igreja teve preocupação em distanciar-se doutrinalmente da aceitação da realidade

de transformações físicas do homem em lobos ou outros animais, e a Demonologia procurou absorver a licantropia no tema da feitiçaria e pactos com demónio, etc. Na "imagerie" da Idade Média europeia os feiticeiros transformavam-se muitas vezes em lobos para participar no Sabbat, enquanto que as feiticeiras, nas mesmas ocasiões, levavam suspensórios de pele de lobo. Nas descrições do Sabbat feitas por teólogos encontravam-se bruxas entretidas a cozinhar e comer crianças. "Queriam queimar os feiticeiros, precisavam de crimes, assim atribuíam-lhes as mais horríveis ideias, que os obrigavam a confessar com a ajuda dos doces meios da tortura", escreve Colin de Plancy (PLANCY, 1969). A crença nos licantropos ou lobisomens está comprovada desde a Antiguidade na Europa, Virgílio já a menciona. É um dos componentes das crenças europeias, um dos aspectos de que se revestem os "espíritos das florestas" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982).

As atitudes para com a licantropia estavam a mudar nos finais do século XVI com rejeição dos aspectos diabólicos e a favor de um modelo médico, já não o produto de transformação física demoníaca, mas produto de uma mente instável, ligando a licantropia à loucura e à melancolia, e só uma opinião minoritária continuou a defender a sua origem sobrenatural. (HIRSCH, 2011). T.K. Oesterreich ao estudar os fenómenos de possessão demoníaca distingua cuidadosamente a zoantropia da possessão verdadeira, pois na primeira tratava-se de estados duráveis, enquanto que a possessão se manifestava sempre por crises (OESTERREICH, 1927).

Embora tenha havido perseguições e acusações nos tribunais em Inglaterra até finais do século XVII, havia tendência crescente para medicalizar o comportamento de bruxas e da bruxaria, sendo a alternativa progressivamente mais forte psicologizar condições anteriormente definidas como sobrenaturais, quer na origem quer no tratamento. Robert Burton reporta a licantropia à mania, como muitos autores, mas refere que várias autoridades a consideram uma forma de melancolia (BURTON, 2000), sendo que no Renascimento os termos loucura e melancolia eram por vezes usados indistintamente.

"A insânia lupina é uma doença" escreveu o médico Bayfield em 1663, e tratava-se com sangrias, poções e eméticos, para eliminar a bílis negra e levar à cura. Os termos tendem a ser naturalizados,

a doença a ser natural, o tratamento médico. (PORTER, 1991).

Trabalhos recentes procuram identificar ressonâncias políticas e culturais do lobo naquele período histórico na Grã-Bretanha, associando os estereótipos culturais que rodeavam por exemplo os italianos e irlandeses referidos como os "depraved italians and rebellious irish".

O significado do lobisomem ou homem-lobo é de uma criatura "liminar" (no limiar da fronteira do humano). Pela sua precária posição entre humano e animal, ameaça de forma constante o estatuto ontológico do ser humano, provocando uma série de ansiedades acerca das questões identitárias. O lobisomem ameaçava, pois, a identidade de ser humano e rompia a precária fronteira entre homem e besta e a tradição que situa metaforicamente as relações entre homem e animal em termos de moralidade individual e social, minando a base teológica do pecado e da salvação. (HIRSCH, 2011).

Também em França os estudos sobre o "loupgarou" mostram a dualidade histórica entre fábula demonológica e interpretação patológica, com a ideia de metamorfose efectiva a dar lugar a uma metamorfose ilusória (DANDREY, 2015).

Em Espanha, Alonso de Santa Cruz escreve *Sobre la Melancolia. Diagnóstico y curación de los afectos melancólicos*, editado em 1622 pelo filho, originalmente escrito em 1569. Refere um caso de melancolia com "delírio de vidro" e o sétimo enfermo descrito é de Insânia Lupina, conforme designação de Aécio e Galeno. A descrição segue as dos autores já citados (Paulo de Egina, Avicena, Aécio e Galeno), mas também refere o Ovídio das Metamorfoses, descrevendo o aspecto físico habitual e a presença nocturna nos cemitérios. Preso por ordem da autoridade administrativa, esteve depois num hospício para pobres. Fez tratamento com purgas e sangrias, estas repetidas quase até ao desfalecimento, e foi tratado também com teríaca, antídoto contra mordedura de animais venenosos, banhos, limpeza intestinal e fármacos suaves. O sangue extraído era muito feio e com mau cheiro. O humor residual foi deixado à natureza e teve plena recuperação em seis semanas (Santa Cruz, 2005).

Montalto e a Licantropia

Montalto no tratado sétimo da *Arquipatologia* trata a Insânia lupina e canina, de que vou salientar os aspectos mais importantes ou originais. (MONTALTO, 2017).



Fig. 2 - Arquipatologia, versão portuguesa do latim, Lisboa, 2017

Começando logo por distinguir as designações ao jeito dos tratadistas, enuncia a licantropia ou insânia lupina referindo também licáones, alusão á fábula que descreve a metamorfose em lobo de Licáon, rei da Arcádia, efectuada por Júpiter, a que se refere Ovídio nas Metamorfoses (OVÍDIO, 2019). Também cinantropia e insânia canina por transmigração para os cães, e outras designações como cutubut, são reconduzíveis à insânia melancólica, com lesão das faculdades especialmente a cogitativa, sendo a sede afectada o cérebro, causada pelo suco negro ou bílis amarela, se sujeito a adustão ou corrupção. Deve salientar-se que as qualidades da bílis não pertenciam somente à realidade corporal, mas prolongavam-se em influências psicológicas, mágicas, teológicas e até astrológicas. Os atingidos por estes males comportavam-se como cães ou como lobos, ladrado ou uivando, procurando a noite e os cemitérios, podendo atacar os homens, ganhando um aspecto físico correspondente, uma afeção definida como horrível e prolongada, mas passível de tratamento.

Os autores clássicos advogavam como tratamento a sangria espoliadora até ao desmaio, o que merece a reprovação de Montalto, que a considera perigosa e injustificada pois há mais falta de sangue do que excesso e as forças diminuídas não podiam tolerar uma evacuação massiva. Recomenda uma sangria abundante, mas repartida. O ajustamento do humor devia recorrer a alimentos de bons sucos, banhos de água doce e medicamentos bebíveis, e ainda administração de

soro. Também a purga do humor melancólico devia ser feita com o sene e a cuscuta, operações que deviam ser repetidas. Advoga depois a utilização do antídoto teríaca e outros tónicos mais temperados. Também o sono prolongado lhe parece importante, com irrigações da cabeça, perfumes e linimentos soporíferos. Menciona Avicena que advogava, caso o mal persistisse, o uso de chicotes e correctivos, fazendo-o voltar a si através da força da dor, ou de cautério em brasa no sinciput. Mas para a cura completa da afecção, Montalto recomenda que se regresse à cura da melancolia e da mania, de que trata nos tratados Quarto e Sexto, respectivamente.

Bibliografia

- BURTON, Robert – *Anatomie de la Mélancolie*. vol I. Paris: José Corti (2000), pp.222.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont (1982).
- COLLIN de PLANCY, J. – *Dicionário Infernal*. Lisboa: Galeria Panorama (1969).
- DANDREY, Patrick – “Le loup-garou, son double et l’homme intérieur: une fable mélancolique”. In: Cazes, Hélène; Morand, Anne-France – *Miroirs de la Mélancolie*. Paris: Hermann (2015), pp.213-230.
- HIRSCH, Brett D. – “Lycanthropy in early modern England: the case of John Webster’s The Duchess of Malfi”. In: Yasmin Haskell (ed.) – *Diseases of the Imagination and Imaginary Disease in the Early Modern Period*. Turnhout: Brepols (2011).
- JACKSON, Stanley W. – *História de la Melancolia y la Depresión desde los tempos hipocráticos a la época moderna*. Madrid: Turner (1989).
- MONTALTO, Filipe – *Arquipatologia*. Tratado Sétimo. A Insania lupina ou canina. Lisboa: Colibri (2017), pp.335-340.
- OESTERREICH,T.K.– *Les Possédés*. Paris: Payot (1927).
- OVÍDIO – *Metamorfoses*. Lisboa: Livros Cotovia (2019), Livro I.
- PIGEAUD, Jackie – “Délires de métamorphose”. *Gesnerus* 63 (2006), pp. 73-89.
- PORTER, Roy (ed.) – *The Faber Book of Madness*. London: Faber and Faber (1991).
- SANTA CRUZ, Alonso de – *Sobre La Melancolia. Diagnóstico y curación de los afectos melancólicos*. (ca.1569). Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (2005).
- TUKE, D. Hack – *A Dictionary of Psychological Medicine*. Vol. II. Reprint of the 1892 ed. New York: Arno Press (1976).

*Investigador do CEIS20 da U.C.

A DIETA ALIMENTAR NA REGRA MEDIEVAL DA ORDEM DO TEMPLO

ALIMENTAÇÃO E SAÚDE PARA O CORPO E A ALMA

Maria da Graça Vicente*

«Comer para viver ou viver para comer»



Figura 1 - alegoria do mês de novembro – in Calendário da Sé de Miranda, pub. Victor Serrão. Pintor Pieter Balten (c. 1527-1584)

Saúdo os organizadores de mais estas jornadas da Medicina da Beira Interior que têm, por pano de fundo, a comemoração dos cem anos do nascimento do médico/escritor, Fernando Namora.

Sou, naturalmente admiradora da escrita e percurso de vida de Fernando Namora mas, não é de nenhuma das suas obras que vou falar.

Certamente que o médico Fernando Namora teve em muitas ocasiões, especialmente nas vilas da Beira onde exerceu a sua profissão e viveu, de verificar quão pobre e deficiente era a alimentação das gentes destas paragens, como deixa entender uma passagem nos *Retalhos da Vida de um Médico*, quando uma das personagens, uma mulher, manda um futuro pai comer alguma coisa, pois estaria em jejum. Apesar desse futuro pai ansioso não sentir fome, ela deu-lhe «um pão

de vários quilos de peso. Rijo e embolorado [...] azeitonas carregadas de sal [...], escolhendo o bolor o homem comeu e depois «despejou nas goelas uma bilha de água». Naqueles anos das décadas de quarenta/cinquenta do século passado, já se não morria de fome, mas... o regime alimentar, nos campos da Beira Baixa, era muito pobre e muito deficitário sobretudo em proteínas, mas não por opção, e pureza da alma e, a bem da moral como indicado nas dietas alimentares medievais das regras religiosas.

Escolhi para tema da minha comunicação, nestas jornadas, a alimentação medieval segundo a primitiva Regra (1229) da Ordem Religiosa e Militar dos Cavaleiros do Templo – Ordem do Templo que teve uma forte implantação em toda a Beira Interior e, em particular, na região albacastrense.

Introdução

A alimentação durante o período medieval, apesar das dificuldades de transporte e conservação dos alimentos «[...] nunca foi apenas uma questão de abastecimento», nem tão-pouco inteiramente determinada pela ecologia.

A mais recente historiografia tem vindo a tratar o problema da alimentação medieval, não apenas como um fenómeno isolado, mas pelo contrário introduzido num sistema de práticas e representações. Obrigando, por isso a um alargamento do tema e, do respetivo questionário que não se limita, apenas, à enumeração dos géneros consumidos, mas antes inserindo essa alimentação não só sob o ponto de vista de uma perspetiva material e, logo em primeiro lugar parcialmente condicionado pela geografia dos lugares mas também e sobretudo cultural. O gosto, como a moda é, antes de mais, um produto cultural, e, nesse sentido, potencialmente sujeito à pressão e censura social.

A Idade Média foi determinante na história da alimentação europeia. Foi o tempo em que se fundiram dois modelos alimentares – o modelo herdado de Roma – constituído pela trilogia pão azeite e vinho e a dieta alimentar trazida pelos povos bárbaros – o modelo germânico, à base de carne, (da pecuária e não tanto da caça) e da manteiga.

A sociedade medieval, por motivos religiosos¹, de saúde, económicos², e de controlo social, foi «coibindo» abusos, e excessos «evitando a corrupção dos costumes» e, assim, manter o ideal de harmonia baseado, em parte, na estratificação estética da sociedade. Motivos subjacentes, por exemplo, na pragmática de 1340, estabelecida nas Cortes Gerais do Reino³.

Voltando à alimentação medieval, ela determinava e fixava as diferenciações sociais – lembremos o pão branco consumido na Idade Média pelas classes

¹ Todas as religiões impõem algumas restrições alimentares. No período medieval a Igreja Cristã colocava a gula entre os sete pecados capitais. Cf. Adeline RUCQUOI, «?Comer para ir ou vivir para comer», in *Comer ao largo de la Historia*, Ediciones Universidad de Valladolid, Colección de bolsito, 24.

² «Veendo e consijrando o grande dano que Recreçeo e recreçe A todos do nosso ssenhorio porque fezeron e fazem maiores despesas que as que devyam fazer en comer e en vestir e outras cousas.» Cf. «Pragmática de 1340». ANTT, Maço 1 de Cortes, docº 4, documento transscrito e publicado por A. H. Oliveira MARQUES, «A Pragmática de 1340» in *Ensaios da História medieval de Portugal*, 2.ª edição, Documenta Histórica/Editorial Vega, Lisboa, 1980, pp. 93-119.

³ Cortes reunidas por D. Afonso IV, entre «a segunda quinzena de abril e o fim do mês de maio de 1340», na vila de Santarém. Texto desta pragmática transscrito e publicado por Oliveira Marques. Cf. A. H. Oliveira MARQUES. Vide nota 2.

possidentes em oposição ao pão meado ou terçado dos pobres de vilas e cidades e dos camponeses. Ricardo de Inglaterra, o Coração de Leão, ao preparar a terceira cruzada à Terra Santa, mandou reunir uma enorme quantidade de víveres – pão, vinho, legumes secos, porcos e queijos. Os cavaleiros comiam alimentos mais variados e em maior quantidade que o contingente geral, que ingeria mais pão e menos carne⁴. Pão branco de trigo em oposição ao pão de milho⁵ consumido em larga escala, nas áreas rurais de Portugal, ainda durante boa parte do século passado. Diferenciação também determinada pela ecologia, recordemos a oposição entre os comedores de trigo do Alentejo aos comedores de centeio e milho das gentes das Beiras e Norte de Portugal.

Na Idade Média a alimentação e regimes alimentares eram distintos ao nível da qualidade e da quantidade. Mas a alimentação era, também, instrumento de moralização social, sendo elucidativas a esse propósito as dietas alimentares fixadas nas Regras Monásticas, seguidas por monges conventuais e, também, monges guerreiros.

Porém, como escreveu Iria Gonçalves, «os europeus da Baixa Idade Média, independentemente da sua condição social e económica, do seu lugar de residência, da sua profissão, idade, saúde, religião, ou qualquer outra variável que possamos lembrar, eram grandes comedores de pão»⁶, legado do mundo romano em que cada soldado em campanha consumia um quilo de farinha por dia⁷. Dieta alimentar de Roma, à base de pão, vinho e azeite, que foi adotada pelo mundo medieval. Pão e vinho, os alimentos que a igreja católica apostólica romana considerou como dignos na celebração da Eucaristia. Sendo, por isso também, por todos consumidos e considerados alimentos perfeitos⁸. Mas, inseridas neste esquema geral havia variadas dietas, estabelecendo-se logo à partida duas fundamentais:

⁴ Pedro Gomes BARBOSA, «A alimentação dos exércitos em campanha», in História da Alimentação, coordenação de Carlos Guardado da SILVA, Turres Vetera – IX, Edições Colibri/Câmara Municipal de Torres Vedras/Instituto Alexandre Herculano, Torres Vedras, 2007, pp. 41-48.

⁵ Como é sabido o milho, o «maïs» chegou à Europa vindo do continente americano, de maior facilidade de cultivo, em todo o território, menos sujeito a pragas e, por isso com uma produtividade superior e mais regular que o trigo, passou a fazer parte da nossa alimentação ainda durante o século XVII.

⁶ Iria Gonçalves, «A propósito do pão da cidade na Baixa Idade Média». In História da Alimentação, pp. 49-72.

⁷ Pedro Gomes BARBOSA, op. cit., p. 43.

⁸ Carla Devesa RODRIGUES, «Do pão e do vinho. Esboço dos víveres no Portugal da Baixa Idade Média», in História da Alimentação, pp. 73-84.

as dietas dos homens do século, isto é, dos leigos, independentemente do seu grau de riqueza e as dietas alimentares monásticas, de monges e freiras professas ou monges guerreiros. Não esquecendo, porém, como advertiu a historiadora Jacqueline Rucquoi que o controlo da dieta alimentar medieval, deveu-se tanto à religião como à medicina⁹.

É sobre um desses regimes alimentares, a dieta indicada pela Regra Medieval da Ordem do Templo que iremos abordar a alimentação nesse período histórico, como dissemos.

I – A dieta medieval da Regra da Ordem do Templo

Nas Regras Monásticas teremos de considerar a alimentação sob dois principais aspectos que encontramos na Regra Medieval dos Cavaleiros da Ordem do Templo:

- A alimentação em si, os produtos consumidos de acordo com o calendário litúrgico e as muitas interdições da Igreja, e o número e frequência das refeições – duas principais, o jantar e a ceia¹⁰. E por outro lado:

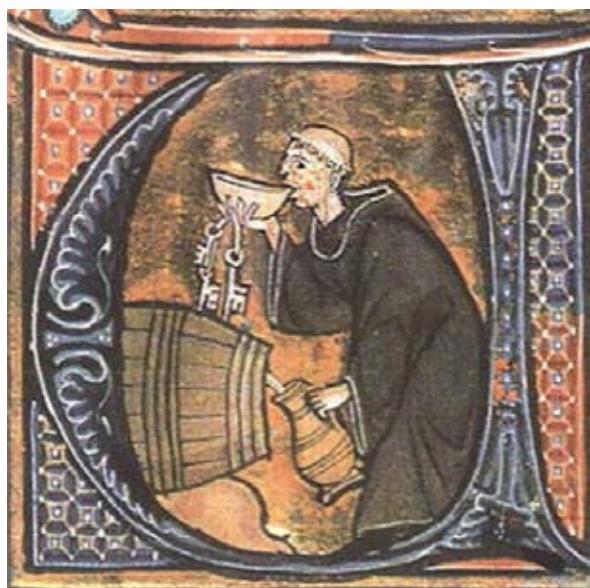


Figura 2 - Monge na adega a beber

⁹ Cf. Adeline RUCQUOI, op. cit., p. 64.

¹⁰ Cf. A. H. Oliveira MARQUES, op. cit., p. 101. Foram também duas as refeições tomadas pelos emissários a Castela enviados por D. Luís, regente de Navarra. O jantar, a mais importante refeição, servido cerca das 10/11 horas da manhã. Cf. Iria GONÇALVES, Acerca da alimentação medieval, Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, IVª série, n.º 2, 1978, p. 444.

- A forma de estar à mesa, em comunhão e em silêncio.

Lembremos, todavia, que ao longo do período medieval Penitência e Caridade, eram dois conceitos muito ligados à alimentação.

Penitência – Havia uma longa lista de dias de abstinência, durante os quais entre outras coisas era proibido o consumo de certos alimentos, especialmente a carne, considerando essa privação como um castigo.

Caridade – De igual modo a oferenda de alimentos, a quem deles necessitava era ação meritória para a salvação. Após a morte de um cavaleiro a Regra mandava os freires a dar de comer – carne e vinho – durante quarenta dias a um pobre, gastando-se com ele o que se gastaria com o irmão agora defunto, se ele continuasse vivo¹¹.

Entre os sessenta e seis (66) Itens da Regra oito (8) são exclusivamente relativos à refeição – alimentação e modo de estar à mesa – e ainda mais três (3) relacionados com as «festas e jejuns» que todos deviam guardar e um outro com as festividades «que se devem guardar na casa do Templo» que, nalguns casos, obrigavam ao jejum. Registando-se ainda um artigo que indicava um prolongado período de jejum «desde o domingo anterior ao S. Martinho até ao Nascimento de Nosso Senhor» excluindo da obrigação deste prolongado período de abstinência os irmãos doentes. Ressalvando, porém, que se o S. Martinho fosse ao domingo todos deviam deixar de comer carne no domingo anterior.

Vejamos, com algum pormenor, o modo como deviam decorrer as refeições e os respetivos alimentos.

A primeira norma obrigava à refeição comunitária: «Entendemos que todos deveis comer em comunidade em uma casa que melhor seria chamar-se refeitório».



Refeitório do convento da Ordem de Cristo - Tomar

¹¹ Cf. Regra da Ordem do Templo, Item «Dos irmãos defuntos».

Faltando alguma coisa devia ser pedida, discretamente, com humildade, «sem fazer ruído», como ensina a lição do Psalmista que manda comer em silêncio «*Manduca panem tuum cum silentio*». Refeições que deviam ser acompanhadas pela leitura de algum livro sagrado.

Prescrevia esta Regra, que não se devia comer carne mais que três vezes por semana, não se comendo também nas festas do Nascimento de Nosso Senhor, nem pela festa de Todos os Santos, nem de Nossa Senhora, nem dos doze Apóstolos. Justificando a Regra que o comer diariamente carne era «um estrago dissimulado do corpo». Contudo, se houvesse algum jejum às terças-feiras, dar-se-ia, a todos, carne com mais abundância no dia seguinte.

A carne era distribuída consoante o grupo a que cada irmão pertencia: aos irmãos do Templo, aos capelões e aos sacerdotes, dois pratos de carne nos domingos; aos escudeiros e criados apenas um, «contentem-se com um e recebam-no dando graças a Deus». Nos restantes dias da semana, segundas, quartas e sábados, apenas seriam servidos dois pratos de legumes ou de sopa, podendo, cada freire, escolher um ou outro.

As sextas-feiras eram dias especiais. No período desde a Festa de Todos-os-Santos até à Páscoa, era aconselhável e louvável alimentarem-se como durante a Quaresma, ou seja, apenas uma refeição diária, com exceção dos dias de Natal, de Nossa Senhora ou um dos dias dos Doze Apóstolos. Norma que, no entanto, não se aplicava aos enfermos – «aos achacados».

Para além destas duas refeições principais era também servida uma «colação» ao pôr do sol, depois de ouvir «o sinal», conforme o costume da região. Mas todos deviam ir a «completas» e, antes delas, tomar a «colação» em comunidade. O Mestre decidia se essa colação era de água ou de vinho «aguado». Advertindo, porém, que não devia ser servida em «demasia» e «destemperança», mas «parcamente» – pois «o vinho corrompe os próprios sábios» como afirmou Salomão.

Apesar dos preconceitos em relação à carne, ela era um elemento essencial na recuperação dos doentes e enfermos – como se diz no capítulo referente aos irmãos enfermos: «Mandamos encarecidamente aos enfermeiros que com toda a atenção dê o que for necessário a qualquer enfermo, como «a carne que devolve a saúde [...]».

Havendo igualmente preceitos de comportamento à mesa. Convinha, por via de

regra, que comessem todos dois a dois, para que, dizia a Regra «um cuide com atenção do outro», ou perguntamos nós para se mutuamente vigiarem?

Mas convinha, segundo esta Regra, que «não se intrometam no comer asperezas da vida e abstinência dissimulada», bem sabemos hoje como é prejudicial para a saúde, física e mental, as refeições apressadas, em frente à televisão ou qualquer outro aparelho eletrónico.

As refeições, eram acompanhadas de vinho, naturalmente, pois essa era a bebida durante a Idade Média, recebendo cada irmão a mesma quantidade de vinho.

A Regra continha uma longa lista dos dias de jejum e, igualmente, uma lista dos dias de festas. Apenas as festas que constavam dessa lista seriam guardadas e festejadas. Todos os irmãos do Templo deviam jejuar desde o domingo anterior ao S. Martinho até ao Nascimento de Nosso Senhor, com exceção dos doentes. Se o S. Martinho fosse ao domingo, a carne devia ser suprimida no domingo anterior, como dissemos.

É certo que, como na questão do celibato dos freires templários, ao longo dos tempos terá havido exceções autorizadas pela cúria papal e, algum afrouxamento na rigidez dos preceitos desta dieta alimentar. Dieta nem sempre exequível especialmente durante as campanhas militares, na Europa e especialmente nas longas cruzadas à Terra Santa. No entanto, nos seus primórdios, a Ordem do Templo, seguia ainda de muito perto a austeridade conceptual da Regra de S. Bento¹², que lhe deu origem depois de passar pelo crivo de S. Bernardo¹³.

A refeição, do jantar e da ceia, só terminava depois de, todos sem exceção, darem graças a Deus. O pão que sobrasse inteiro devia ser guardado já os pedaços seriam dados aos pobres.

Concluindo

A dieta alimentar preconizada pela Regra medieval da Ordem do Templo, fixava duas refeições diárias mais copiosas, o jantar e a ceia e ainda uma colação, ao deitar. Apesar de limitar os abusos de consumo, em especial da carne e do vinho, era uma alimentação bastante abundante e até diversificada. Apresentava-se como uma simbiose

¹² Regra de S. Bento elaborada por Bento de Núrsia no século IV e que serviria de base à grande maioria das futuras regras das ordens monásticas.

¹³ Bernardo de Claraval criador da Ordem e Regra de Cister.

entre dois modelos alimentares – o mediterrânico – do mundo de Ulisses e de Roma – pão, vinho e azeite, e o modelo germânico – à base de carne e manteiga. Uma alimentação, bastante equilibrada e abundante. Abundância e diversidade que não eram a norma para a maioria das gentes durante a Idade Média. É certo que vivendo em regimento conventual estes eram uns freires muito especiais que em vez da pena manejavam a espada, o que, naturalmente, obrigava a cuidados redobrados com a sua saúde e boas condições físicas. Dieta alimentar mediada, como para toda a população da Cristandade, pelos numerosos dias de abstinência e jejum que o calendário religioso a todos impunha.



Refeitório do Mosteiro de Jesus de Aveiro

Bibliografia Sumária

- GONÇALVES, Iria, *Acerca da Alimentação Medieval*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1978.
 - História da Alimentação, coordenação Carlos Guardado da Silva, *Turres Veteras – IX*, Edições Colibri /Câmara Municipal de Torres Vedras/Instituto Alexandre Herculano, 2007.
 - MARQUES, A. H. Oliveira, «A Pragmática de 1340», in *Ensaios da História Medieval Portuguesa*, 2.ª ed., Documenta Histórica, Editorial Veja, Lisboa, 1980, pp. 93-119.
 - MARTINS, Rui Luís da Cunha, *A Alimentação Medieval. Práticas e Representações, Relatório Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1992. [texto policopiado]
 - *Regra Primitiva da Ordem do Templo*, tradução, introdução e notas de Manuel J. Gandra, Mafra, 1998.
 - RODRIGUES, Carla Devesa, «Do pão e do vinho. Esboço de dois víveres no Portugal da Baixa Idade Média», in *História da Alimentação*..., pp. 73-84.
 - RUCQUOI, Adeline, «?Comer para vivir ou vivir para comer?», in *Comer ao largo de la Historia*, Ediciones Universidade de Valhadolid, Colección de bolsito, 24, 2015, pp. 63-96..

*Academia Portuguesa da História.
Centro de História da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

DOS PARTIDOS MÉDICOS AO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

Aires Antunes Diniz*

Um Estranho mundo rural

Dá um retrato maravilhoso e cheio de solidariedade deste mundo rural com muita tradição que organiza o seu viver, que, entretanto, se esvaziou, o professor José Grilo dos Santos em 2019, mas sem nos mostrar como a miséria e a falta de cuidados médicos o marcavam. E tudo foi assim até que foi criado o Serviço Nacional de Saúde, que quebrou o estado de carência generalizada de assistência médica no país e em particular nos desprotegidos meios rurais, pois a assistência médica só era gratuita para os pobres e indigentes tornando-se um fardo insuportável para os remediados e os falsos ricos. Tinham uns e outros que recorrer aos centros hospitalares de Coimbra, Lisboa e Porto para algumas doenças, já que estas especialidades não existiam nas cidades e vilas dos meios rurais, tornando para além de escassa também pouco adequada a assistência médica aí prestada. Em 8 de Abril de 1963 começa-se a falar do domicílio de socorro¹ que cai, no final desta década, quase definitivamente em desuso². Fala-se só duma prática rotineira que é a elaboração do inquérito assistencial³ que também vai desaparecendo.

1 – A assistência médica num mundo rural

Mostrando como é anormal o estado da assistência médica em Portugal, Motta Cabral em 2 de Abril de 1933 fala-nos das muitas mortes por causa desconhecida e no ano de 1920, que escolhe ao acaso, houve 5 concelhos em que todas as mortes são por causas desconhecidas, sendo “para o concelho da Guarda, (capital de distrito!), em 840 óbitos, 726 (setecentos e vinte e seis!) por «causa desconhecida».” Acaba

por isso sugerindo que aquilo que as provoca seja maioritariamente o sezonismo⁴. Mas tinha acontecido há pouco a pneumónica e dela não se dá notícia.

Por isso, a *Direção Geral de Saúde* pede ao Ministro das Obras Públicas e Comunicações “a construção de um conjunto de edifícios destinados à montagem de instituições de higiene em condições de bem poder desempenhar as funções de elevado interesse social e de saúde pública que lhe estão cometidas e em acordo com os princípios orientadores de colaboração entre esse organismo e a Fundação Rockefeller⁵. Não é por isso por mero acaso que a Câmara da Guarda decide em 24 de Janeiro de 1942 adquirir dez mobílias para dez postos rurais a estabelecer no concelho pelo preço de 470\$00 cada⁶. Era o embrião de um centro de saúde, mas tal só aconteceria quase nos finais do Século XX. Não admira que Fernando da Silva Correia, preocupado com a organização da *Direção Geral de Saúde*, procure melhorar a formação e a qualidade da avaliação de conhecimentos dos delegados de saúde, combatendo a pouca exigência tradicional do Curso de Medicina Sanitária com júris de exames que seja o mesmo para as três escolas médicas, formado por um professor de cada Faculdade de Medicina que se deslocarão para fazer os exames deste curso que deve ser essencialmente de aplicação, onde os lugares de delegados de saúde devem ser independentes dos de médico municipal e por fim deve:

“Garantir-se aos delegados de saúde a máxima independência das influências locais.”

E para que tudo corra bem e eficazmente:

“A Direção Geral de Saúde, Direção Geral de Saúde Escolar e Conselhos Médico-Legais elaborarão instruções precisas para o bom desempenho dos diferentes serviços.”

¹ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 11-3-1963 e terminado em 25-11-1963, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 8 de Abril de 1963, folha 23 frente.

² *Idem*, Livro de Atas iniciado em 13-5-1969 e terminado em 18-11-1969, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 12 de Agosto de 1969, folha 88 verso.

³ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 23 de Setembro de 1969, folha 123 verso.

⁴ *Medicina Contemporânea*, ano LI, 2 de Abril de 1933, p. 90, coluna 2.

⁵ *Idem*, ano LII, 25 de Novembro de 1934, p. 434.

⁶ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 15-6-1940 e terminado em 13-6-1942, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 24 de Janeiro de 1942, folha 199 verso.

⁷ *Medicina Contemporânea*, ano LII, 24 de Junho de 1934, pp. 209-212.

1.1 – A situação precária dos médicos de partido neste mundo rural

Nota-se neste concelho da Guarda como noutros o estado precário da vida profissional dos médicos por falta de compensação salarial e de condições de vida e de trabalho, não sendo por acaso que, em 31 de Março de 1936, se ultimam os trabalhos para publicação de uma revista da Associação de Médicos Católicos⁸. Será a *Ação Médica*. É associado a ela que surge, entretanto, António Augusto Pereira Marques, nascido na Meda em 13 de Junho de 1905⁹, que tinha bem presente a situação precária dos médicos de partido em meio rural, pelo que muito publicou nos primeiros números da *Ação Médica*. É onde faz o retrato fiel da assistência médica rural, tendo concluído:

"a análise da vida municipal revela as seguintes deficiências no capítulo da Assistência médica: «Estão disseminados, desconhecendo-se nas suas possibilidades, duplicando-se alguns encargos, os estabelecimentos concelhios de assistência, tais como: Misericórdias, Asilos, Albergues, Lactários, Dispensários que, mantidos por diferentes entidades, vivem separados uns dos outros». Ora, julgamos ter ficado agora bem evidenciado que essas deficiências vão bem mais longe. E pior ainda é que – como se vê claramente pela leitura da Notícia da D.G.S. e como também salientaremos adiante – tal disseminação não chega a existir: nem disseminação nem centralização... (Marques, 1937, p. 143).

Tendo lido a Notícia da D.G.S., ...Marques (1937, p. 142), afirmava:

"Se percorrermos minuciosamente as páginas da Notícia a que nos estamos reportando, encontraremos afirmações como estas transcritas, ou bem piores, referentes mais alguns concelhos: Albergaria-a-Velha, Vila Velha do Rodão, Odemira, Vila Verde, Alfandega da Fé, Oleiros, Sertã, Évora, Portimão, Figueiró dos Vinhos, Monforte, Ribeira de Pena, Mação, Vila Nova de Ourém, Montalegre, Nelas e Tabuaço, além dos concelhos de Aguiar da Beira, Almeida, Pinhel, Sabugal e Vila Nova de Foz Côa pertencentes ao distrito da Guarda, que nos há de merecer uma referência mais larga."

Sublinhando António Augusto Pereira Marques o desemprego médico e com ele paradoxalmente

⁸ Novidades, ano LI, n.º 12748 de 31 de Março de 1936, p. 6, coluna 2.

⁹ Assento de nascimento 26/2019, Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial da Meda.

a falta de assistência médica, propõe ironicamente um aviso nas cidades universitárias feito com um letreiro: *"Fujam das Faculdades de Medicina* (Marques, 1938, p. 212). Voltará a este tema da pobreza dos Povos e da consequente deficiente condição económica e financeira dos médicos em Novembro de 1938 (Marques, 1939, p. 228). É quando aplaude a criação de um Sindicato dos Médicos com a denominação Ordem dos Médicos por natural ironia, escrevendo:

"Queremos uma Ordem que proteja o doente e a Sociedade, mas também uma Ordem que proteja o médico, que realmente tenha por fim a defesa dos interesses profissionais de todos os médicos «nos seus aspetos moral, económico e social».

Veremos mais tarde como esta perspetiva sindicalista será retomada após o 25 de Abril de 1974, mas agora com oposição de médicos que não queriam ser considerados assalariados do Estado perante a perspetiva da sua integração num Serviço Nacional de Saúde então nascente.

Os Estatutos da Ordem dos Médicos são republicados na revista *Medicina Contemporânea*, tendo saído no Diário do Governo nº 273, I Série no dia 24 de Novembro de 1938, assinado por António de Oliveira Salazar¹⁰.

Sauda a fundação da Ordem dos Médicos o médico Américo Pires de Lima, que é o presidente da Secção Regional do Porto da Ordem dos Médicos, recordando então a Associação Médica Lusitana e o seu papel na elaboração do Código Deontológico, terminando por um "Avante pela dignidade da profissão!", sublinhando a necessidade da avaliação rigorosa destes e sua melhor distribuição pelo território e ainda a necessidade de lutar contra a falsificação dos medicamentos¹¹. Objetivo que será atingido com o decreto n.º 32171 de 29 de Julho de 1942 que regulamenta a profissão médica¹².

Marques (1939, p. 193) defende coerentemente os partidos médicos embora conheça bem as suas falhas e a falta de efetivos, pois:

"Para nós, continua a ser de necessidade a medicina domiciliária, o médico de família. E o nosso órgão promotor dessa medicina domiciliária nos meios rurais é ainda, e só, o partido médico."

Também nessa altura na Assembleia Nacional é

¹⁰ *Medicina Contemporânea*, ano LVI, 4 de Dezembro de 1938, pp. 397-402.

¹¹ *Idem*, ano LVII, 5 de Março de 1939, pp. 113-118.

¹² *Idem*, ano LX, 2 de Agosto de 1942, pp. 242-245.

sugerida pelo engenheiro Belfort Cerqueira que se faça assistência médica gratuita nos domicílios¹³.

Contudo os problemas dos médicos repercutem-se na situação económica da Ordem, que é obrigada a fixar normas quanto ao pedido frequente de isenção do pagamento de quotas. Aprovam por isso:

"também por unanimidade, um outro estudo no qual se fixaram as normas a que deve obedecer a prestação dos serviços médicos nos vários organismos da assistência, especialmente no campo da clínica geral.

*Procura a Ordem dos Médicos colaborar na organização de uma assistência perfeita daqueles que são economicamente débeis, harmonizando tal desejo com a justa defesa da classe médica e a dignificação da própria Medicina."*¹⁴

Por isso, em 1939, António Augusto Pereira Marques (1939, c), p. 134), escrevendo sobre a reorganização da Assistência Médica, enquadrava nesta categoria "1244 médicos (Partidistas e Delegados de Saúde) (que considerava) indispensáveis para a Assistência devida pelos Poderes Públicos aos 256 concelhos rurais" (1939, c), p. 135).

Tentava ainda atribuir mais alguns médicos partidistas com recurso a aposentados, fixando número em 1600 (1939, c), p. 136).

Falava aí do louvável propósito aprovado pelo decreto de 6 de Outubro de 1934 "de a DGS, - em colaboração com as Câmaras Municipais, Casas do Povo e Misericórdias – criar em cada sede de concelho rural um *Centro de Saúde* dirigido pelo Delegado de Saúde e com serviços de vacinação, análises clínicas, fisioterápica, radiologia e de luta contra as doenças sociais" (1939, c), p. 136).

Surgia então o conceito de *Centro de Saúde* que vai ser o elemento fundamental do Serviço Nacional de Saúde. E que é o que já estava a ser feito em Figueiró dos Vinhos, sendo sustentado o Centro de Saúde pela Câmara Municipal e Direção Geral de Saúde, tratando das principais doenças infecto contagiosas, assistência clínica pré-natal, proteção às crianças até aos sete anos com distribuição de farinhas e leite às crianças pobres, tentando contribuir para a diminuição da mortalidade infantil e melhorar a geração futura (Barreiros, 1943, pp. 109-110).

Contudo, este modelo inovador só seria implementado como modelo após o 25 de Abril de 1974 em diversos concelhos do Distrito de Vila Real com o apoio da Noruega que interpela a propósito disso a

¹³ *Idem*, ano LVII, 5 de Fevereiro de 1939, p. XXXV.

¹⁴ *Idem*, ano LXII, 2/16 de Abril de 1944, p. 123.

Câmara de Vila Pouca de Aguiar através do Gabinete do Programa de Cooperação Luso-Norueguesa.

Era o sistema de casas do povo o início também muito limitado de acesso aos serviços médicos de um Serviço Nacional de Saúde já que estava destinado a substituir ou tão só a suplementar o sistema de médicos de partido, já que só apoiava os pobres e os indigentes, deixando de fora os remediados e os ricos, onde alguns acabavam por ficar desprotegidos quando o tratamento das suas doenças era muito dispendioso. Era o que só se podia fazer com Centros de Saúde com diversas valências, que não surgiram por o "Estado Novo" ser muito contido nos gastos, incluindo os da Saúde.

Havia por isso alguns que exigiam o fim dos partidos médicos e um sistema de senhas que os pobres entregariam ao médico que escolhessem, trocando estes médicos estas senhas, posteriormente, nas repartições de finanças.

Não admira que na Guarda a Comissão Executiva Municipal resolva convocar em 12 de Janeiro de 1938 os médicos dos partidos de fora da cidade para, em concerto com eles, se estudar a melhor forma de dar assistência médica às populações das aldeias, organizando para isso dispensários nas suas sedes e outras providências julgadas necessárias. Também resolvem ouvir o veterinário municipal e o Intendente de Pecuária, para tomarem medidas urgentes no sentido de evitar a propagação do carbúnculo por força das suas deploráveis consequências na economia agrícola e seus reflexos sobre a saúde humana¹⁵. Contudo, a Ordem dos Médicos estava em 1946 impedida ou melhor proibida por despacho do Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social de tomar posições críticas de afirmações do Ministro do Interior, por:

"o Estado não reconhece capacidade aos organismos sindicais para tratar dos assuntos que dizem respeito aos interesses dos seus filiados como funcionários,

E é bem evidente que a palavra «interesses» comporta, ao mesmo tempo, os que são de caráter material e os que assumem aspeto moral.

*Concluo, portanto, pela incompetência genérica dos órgãos da Ordem dos Médicos, integrada no sistema corporativo, para se ocuparem do assunto a que se refere a consulta formulada pelo Conselho Geral"*¹⁶.

¹⁵ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 27-1-1937 e terminado em 10-9-1938, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 12 de Janeiro de 1938, folha 131 verso.

¹⁶ Medicina Contemporânea, ano LXIV, Junho de 1946, n.º 6, pp. 256-258.

Era este um problema socialmente muito sentido que se estende ao papel da Ordem na luta contra a exploração dos médicos por “organismo, sociedade, associação de socorros, particular ou oficial” (Proença, 1941, p. 62).

O autor assumia que a extensão dos benefícios aos não economicamente débeis atentava contra os interesses legítimos da classe médica. O trabalho excessivo exigido aos médicos não contribuía para a qualidade dos serviços. Por outro lado, as insuficientes remunerações dos médicos não eram correspondentes à sua categoria social, aos interesses dos doentes e às conveniências gerais do sistema. O médico concluía que era justo que se proporcionasse à classe médica as convenientes regalias materiais e morais, de modo a colocarem-se os médicos no nível social devido.

Antes em 27 de Março de 1934, o Governador Civil de Bragança transcreve a circular n.º 331 de 21 de Março do Ministro do Interior que anula as conclusões de uma reunião de Presidentes de Câmaras Municipais do Distrito de Lisboa, relatada no Diário de Notícias, que se reuniram na Procuradoria-Geral dos Municípios para apreciar o decreto n.º 23624 que estabelece novos preceitos sobre a nomeação de funcionários camarários e para a criação de partidos médicos, considerando irregulares e sem valor as relações estabelecidas entre esta Procuradoria-Geral e os Municípios¹⁷.

Estes problemas de assistência médica preocupavam de forma diversa patrões e trabalhadores, sendo matéria de atuação rotineira dos delegados do Instituto de Trabalho Nacional e Previdência (INTP), existente entre 1933 e 1974, que tinha como missão a de assegurar a execução das leis de proteção ao trabalho e a das demais leis de caráter social, tendo sido criado através do Decreto n.º 23 053 de 23 de setembro de 1933, juntamente com a promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e a criação dos tribunais do trabalho, dentro da doutrina corporativa do Estado Novo, funcionando sob a supervisão do subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, onde os delegados distritais do INTP funcionavam também como agentes do Ministério Público junto do tribunal do trabalho do respetivo distrito, tendo após a criação do Ministério das Corporações e Previdência Social, em 1950, sido integrado neste, sendo extinto após o 25 de abril de 1974¹⁸.

¹⁷ Arquivo Municipal de Torre de Moncorvo, Livro de Atas de 30 de Novembro de 1933 a 28 de Fevereiro de 1935, 5 de Abril de 1934, folha 58, frente e verso.

¹⁸ Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Nacional_do_Trabalho_e_Previd%C3%A3Ancia, acesso em 11 de maio de 2019.

1.2 – A resistência da oposição política

Era natural que o fizessem pois estavam pressionados pelos apoiantes, que conheciam os problemas das aldeias e conheciam como nos centros urbanos existiam agora opositores políticos como o PCP, sendo esta atividade clandestina do PCP foi abordada Andreia da Silva Almeida em 2017, pp. 280-282¹⁹ quando escreve:

"As críticas à política assistencialista do Estado Novo partiam, também do Partido Comunista Português. O P.C.P., no seu jornal clandestino Avante, admitia, em 1942, que esta política do regime era um "embuste". Isto porque enquanto se gastava centenas de milhar de contos em armamento, as casas de assistência eram obrigadas a recorrer à caridade e "à pedincha" para se poderem manter"²⁰.

Andreia da Silva Almeida escreve a seguir que “em outro artigo, datado de 1948, o Avante denunciava que a assistência médica, nos meios rurais, era privilégio dos ricos. As classes trabalhadoras, mesmo nas doenças graves, raramente chamavam o médico, morrendo, muitas vezes, sem assistência, segundo o periódico. As mulheres do povo davam à luz sem assistência ou assistidas por “curiosas”. A miséria e a ignorância causavam a morte a dezenas de milhares de crianças, por os pais não poderem, nem saberem, dedicar-lhes os cuidados necessários. A tuberculose era outro flagelo nos locais mais populosos, segundo o jornal, devido à má alimentação, ao contágio e à falta de tratamento”²¹.

Em 1946 era interno de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Coimbra o Dr. Rui Clímaco que conheci em 1977/1978 como militante comunista. Estudava então “Um caso de septicémia estafilocócica (confusão mental alucinatória)” que integrou num trabalho de Revisão Clínica das psicoses infeciosas e pós-infeciosas, explicando como curou um doente através da terapêutica da infecção em causa, seguida da terapêutica sintomática e finalizada por uma higiene geral e cuidados indispensáveis a ter com o doente (p. 238), onde “a criação de um ambiente que reintegre o indivíduo primeiro na realidade vital e em seguida na realidade social parece-nos absolutamente

¹⁹ Usaremos este trabalho nas referências que se seguem ao PCP e à sua atividade clandestina em favor dos trabalhadores e dos que vivem num mundo rural desprotegido.

²⁰ Cf. A Obra de Assistência do “Estado Novo”. In *Avante*. VI série, nº. 9 (Abril de 1942), p. 2, 6.

²¹ Cf. Como o regime fascista protege a saúde do povo. In *Avante*. VI série, nº. 124 (1ª quinzena de Outubro de 1948), p. 2.

indispensável." Concluindo: "É o que se consegue nos modernos serviços de terapêutica ocupacional, muito embora o método deva ser em certos casos coadjuvado pela terapêutica biológica que estiver indicada" (p. 252).

Falando dos problemas da falta de acesso aos cuidados de saúde e de medicamentos dos povos isolados, onde quase todos são pobres, numa crónica mensal não assinada de Agosto de 1946, começa-se por falar dos medicamentos novos, que passada a fase de ensaio e novidade, "passam a preços acessíveis", concluindo-se logo:

"É nesta fase que os municípios podiam conseguir um fundo especial para valer aos indigentes, quer nos hospitais, quer em outras instituições, quer mesmo em tratamentos domiciliários. Indispensável se torna que em assuntos de tanta monta como é a vida humana, os ricos sofram o sacrifício dum imposto progressivo municipal, a favor dos indigentes do seu concelho. A melhor distribuição da riqueza pública é que resolve a questão. As instituições ditas da caridade nunca podem dar solução ao assunto. Estas instituições podem conservar-se, são em algumas povoações assembleias de pessoas bem-intencionadas que podem fornecer alguns benefícios; mas mal vai à organização da assistência pública que conte com a influência de tais agremiações. É indispensável que os ricos se convençam que têm de dar, obrigatoriamente, para os pobres. Há muito feito noutras países que, na orientação, da assistência, pode ser trasladado para Portugal. A melhor aplicação do capital contribuinte é nos deserdados da sorte."

Acrescenta depois:

*"A outros compete estudar os meios de a efetivar em favor da assistência social, aquilo a que, intimamente, todos os espíritos bem formados aspiram: o crescente bem da humanidade."*²²

O problema da higiene rural é o tema da crónica de Setembro de 1946 já que carecem de ser melhoradas as condições de vida nas pequenas povoações, passando essa melhoria pela educação dos seus destinatários quanto às vantagens do saneamento e da água abundante para a higiene individual, por ser esta uma forma de vencer antecipadamente as enfermidades após terem sido investigadas as suas causas²³.

²² *Medicina Contemporânea*, ano LXIV, Agosto de 1946, n.º 8, pp. 339-343.

²³ *Idem*, ano LXIV, Setembro de 1946, n.º 8, pp. 379-385.

O Avante alertava para a elevada mortalidade infantil, a mais alta da Europa, especialmente ceifando as vidas das crianças nas zonas rurais e operárias. Mais de metade dos partos não possuíam qualquer tipo de assistência, produzindo uma das taxas de mortalidade materna mais elevadas da Europa. Na verdade, apenas 5,5% das despesas do Estado eram gastas com a saúde e assistência, não sendo subsidiada a investigação científica. Por fim, concluía: "a ditadura fascista condena a população trabalhadora das cidades e dos campos aos maiores sofrimentos. Milhares de trabalhadores e seus filhos são dizimados por doenças que a medicina já pode curar"²⁴.

Assim, o exemplo da União Soviética mostrava, pois, a Portugal, "as magníficas conquistas que se alcançam com o regime socialista"²⁵.

1.3 – A Oposição Legal

De facto, em 1935 já se anteviam os problemas de morbilidade e mortalidade que as migrações das aldeias podiam trazer ou agravar²⁶.

Esta preocupação é partilhada por António Ramos Proença que dedica o XII capítulo do seu livro *O Problema da Assistência Médica em Portugal* publicado em 1937 à Assistência à Mulher e por arrasto à criança que ela traz no seu corpo e que sofre os problemas da miséria e da falta de condições de vida nos meios rurais (Proença, 1937, pp.81-85). Volta a este problema em 1941 como médico municipal em Monsanto quando questiona a insuficiência dos salários para manter a saúde da família rural devido à sobre-exploração de que é vítima (Proença, 1941, p. 11). É o que intuímos por questionar o nacionalismo que não cuida da defesa sanitária e da medicina social (Proença, 1941, p. 4). Junta-se nesta e noutras propostas a António Augusto Pereira Marques, como é o caso da luta contra os curandeiros, acrescentada da luta contra as perversões das profissões de farmacêuticos e parteiras, aqui criticando a prática de abortos, preconizando até alterações na educação e do comportamento dos pais (1941, pp. 29-39). Segue-se a crítica da educação médica e da distribuição regional dos equipamentos médicos. Não se esquece da higiene individual e habitacional. (Proença, 1941). Trata-se na verdade de uma luta política duramente condicionada pelo nascente "Estado Novo" contra cuja força é difícil afirmar a necessidade de Profilaxia Social (Proença, 1941, p. 65).

²⁴ Cf. Cf. Dois Mundos: Os Serviços de Saúde na U.R.S.S. e em Portugal, p. 4.

²⁵ Ibidem, p. 4.

²⁶ *Medicina Contemporânea*, ano LIII, 3 de Fevereiro de 1935, p. 40.

Assim, se o questionam é por razões de ideologia acerca das razões que sustentam a prática da Medicina como profissão livre, onde estão subjacentes a falta de condições económicas que implica o questionar de uma ordem social que é imposta para favorecer classes possidentes parasitárias que podem “perder totalmente das suas mãos as alavancas em seu poder” (Barreiros e Santos, 1946, p. 101). Mas em 1936:

*“Uma comissão de médicos municipais do distrito de Santarém, acompanhada dos srs. Deputados Carlos Borges e Cândido Duarte, avistou-se com o sr. Ministro do Interior, a quem entregou uma representação a pedir que no novo Código Administrativo lhes seja fixado o vencimento mínimo e estabelecida a base que sirva de cálculo aos vencimentos de aposentação. O titular daquela prometeu estudar o assunto.”*²⁷

Mas, mesmo assim, acontece que a situação se mantém, configurando a continuidade do marasmo como o queria este novo estado que quer parar tudo de uma forma sempre estática e se necessário com censura e violência que baste.

1.4 Uma solução integrada da Assistência Médica Rural

Em 1937, António Ramos Proença, médico municipal em Idanha-a-Nova faz uma análise bem sustentada da situação dos médicos de partido, que alguns pretendem extinguir sem criar para a Assistência Médica uma alternativa credível que nunca serão as Casas do Povo, que, como ele defende, devem estar articuladas com a rede de médicos municipais. Sabe bem “como são deficientes as condições de vida dos rurais que vegetam sem conforto de qualquer espécie ou natureza” (p. 6), onde “o partido médico municipal, além de instituição tradicional e histórica, é atualmente o único e simples meio de assistência rural” (p.15), onde serve principalmente os pobres ou os que são pobres na hora de pagar os honorários aos médico.

Duvida por isso da seriedade de “indivíduos, pessoas cultas, por vezes, com responsabilidades administrativas (resultantes dos cargos que ocupam e não dos conhecimentos), que afirmam e defendem a extinção do partido médico”, dizendo-se “até nacionalistas de gema” (p.17). Vai por isso analisar o ambiente onde vive o Médico Municipal e como vive em terras pequenas não tem com quem trocar ideias sobre os casos clínicos, mas vive junto de beatos e beatas

cheios de falsa religiosidade e de superstições e muitos barbeiros, onde “as epidemias, fáceis de localizar de início, pelo isolamento dos primeiros doentes, alastram rapidamente, por falta de compreensão do povo e, por falta de meios ao dispor do médico, para impor, violenta e convenientemente o isolamento” (p.27). Analisa ainda a legislação administrativa que enquadra os médicos, e fala da necessidade de se darem as garantias indispensáveis para que os médicos estejam fora da perseguição por vaidade, ódio ou mesquinhez dos “edis menos retos” (p.29). Fala dos ordenados dos médicos, sendo os maiores das freguesias rurais e os das cidades os menores, defendendo que os médicos devem ter apoio quando precisam de se deslocar para ver os seus doentes e seguros perante os perigos de contágio que correm. Fala de raspão sobre a insegurança perante quem os pode assassinar ou sovar, atraindo-os a sua casa a pretexto de alguma doença.

Como é médico municipal António Ramos Proença analisa a organização das autarquias locais: Câmara, Juntas de Freguesia e Juntas Provinciais e a necessidade de elevar o imposto municipal pois a assistência cirúrgica aos pobres é um cancro que lhe corrói as finanças, defendendo que as Câmaras não devem pagar as despesas dos seus doentes pobres nos hospitais centrais. Argumenta:

“Existem em Portugal, Hospitais de primeira ordem e categoria, em Lisboa e Coimbra, bem apetrechados sob todos os pontos de vista, inteiramente mantidos, dirigidos e dotados pelo Estado. Esses Hospitais têm as suas despesas pagas por verbas saídas das contribuições gerais do Estado, e constituem órgãos integrados na função da assistência pública.” (Proença, 1937, pp. 50-51).

Defende por isso que se deve assegurar aos pobres por intermédio de Casas do Povo, Misericórdias, Postos de Socorros para tratamento de doentes e até de execução de cirurgia de urgência resolvendo assim o problema da assistência médica rural, criando-se por isso hospitais concelhios e provinciais, reservando-se para os Hospitais de Lisboa, Coimbra e Porto a alta cirurgia. Não se esquece de analisar as deficiências do ensino da cirurgia e as falhas na assistência cirúrgica. Sublinha a importância dos Raios X e das análises clínicas. Critica ainda a Direção Geral de Saúde, explicando com as suas falhas a alta taxa de mortalidade, justificando a necessidade de investir na saúde pois é um investimento com alta rentabilidade. Segue-se a análise da Assistência Nacional aos Tuberculosos e da Farmácia em meio rural. Neste processo de análise sublinha a importância da assistência à mulher no parto e na gravidez, bem

²⁷ *Idem*, ano LIV, p. CXIII.

como o combate ao crime do aborto. Não olvida o problema dos muito ricos e ricos e a sua postura contra o pagamento de salários justos. Estuda nesta sequência o papel das Misericórdias em articulação com as Casas do Povo, desmystificando as capacidades financeiras das primeiras e mostrando como os homens do dinheiro se opõem à formação das Casas do Povo, que considera ser uma velhaca atitude. Defende por isso tanto o Partido Médico como a Casa do Povo que se completam para melhorar a assistência médica em meio rural. Contudo, o Governador Civil de Castelo Branco envia um ofício onde transcreve uma circular do Ministro do Interior de 4 de Setembro de 1936 onde se diz que os corpos administrativos devem admitir de preferência os sócios das casas do povo que existirem na sua área de jurisdição²⁸. Era esta também a ideia do Dr. José Timóteo Montalvão Machado (1956), Delegado de Saúde do Distrito de Setúbal, que valorizava o papel do médico municipal na assistência médica às populações rurais. Fazia-o num trabalho apresentado no IV Congresso da União Nacional em 1956.

No âmbito da economia pecuária António Ramos Proença fala do carbúnculo e das suas implicações na saúde dos quer trabalham com o gado. Fala ainda do reforço da Assistência Hospitalar. Sublinha também a importância da higiene individual e coletiva, bem como censura a incultura das autoridades que propiciam a falta de cumprimento dos regulamentos sanitários. Critica a fraca formação dos odontologistas, as consultas em farmácias, as facilidades hospitalares e os institutos de assistência aos pobres e falsos pobres. Como muitos outros acredita no papel positivo que a nascente Ordem dos Médicos pode desempenhar. Contudo, se fala da plethora de médicos, conclui que o problema da assistência médica nos meios rurais tem fácil solução, que expõe servindo-se da recém-criada legislação administrativa, em que procura articular os Partidos Médicos, os postos de socorros na sede dos Partidos, o Hospital Municipal e os Serviços Mecânicos de Transporte de Doentes, não se esquece das juntas de freguesia. Termina por nos falar de taxar os ricos para financiar este sistema de saúde, que é na verdade um serviço nacional de saúde que é pensado para o meio rural que, como não aconteceu esta ou qualquer outra reforma, se tornou num deserto humano pela emigração que efetivamente resolveu pela fuga dos campos o problema de saúde que nele existia.

²⁸ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Idanha-a-Nova, Livro de Atas iniciado em 13-3-1935 e terminado em 7-9-1938, Ata da Reunião Ordinária da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Idanha-a-Nova de 9 de Setembro de 1936, folha 114 frente.

Por isso, constando em inícios de 1934 que ia ser feita a Reforma dos Serviços da Assistência, a Comissão Municipal do Concelho de Manteigas, por proposta do seu vice-presidente solicitam por unanimidade ao Governador Civil do Distrito da Guarda "que consiga que não seja decretada qualquer reforma dos serviços da assistência pública sem que previamente sejam ouvidas as câmaras municipais"²⁹.

Mostrando a sobrecarga de custos que devem ser do Estado Central que eram então existente nas contas das Câmaras Municipais, sob o item Despesas Municipais, a Câmara Municipal da Guarda delibera em 14 de Julho de 1937 secundar a Câmara de Santarém na solicitação feita ao Ministro do Interior no sentido de serem aliviadas as Câmaras Municipais dos "encargos respeitantes ao fornecimento de instalações, mobiliário e outras despesas dos tribunais judiciais, Secções de Finanças e outras Repartições, visto tais encargos absorverem uma grande parte das despesas das câmaras, dificultando a realização de planos de melhoramentos públicos"³⁰.

Note-se que o apoio aos pobres enviados para tratamento aos Hospitais da Universidade de Coimbra pela Câmara Municipal da Guarda e outras causavam àqueles Hospitais problemas financeiros, levando-os a equacionar a possibilidade de aumentar as taxas dos serviços prestados, propondo para evitar este aumento que esta pagasse os custos das especialidades farmacêuticas, radiografias, aqui só os filmes, e transfusões³¹.

Também o deputado Lobo da Costa pergunta ao Ministério do Interior quanto custa em média um indigente, numa cama num hospital civil em Lisboa, Porto e Coimbra. Preocupa-o também os custos das viaturas afetas a este departamento do Estado, pedindo uma nota discriminativa destas e respetivos custos³².

Não admira que se registe em ata da câmara da Idanha-a-Nova que as Juntas de Freguesia devem organizar com a maior urgência o cadastro dos pobres indigentes "nos precisos termos em que o preceitua o artigo 202º do código administrativo"³³. Curiosamente só os atestados de indigência estão

²⁹ Arquivo Municipal de Manteigas, Livro de Atas de 5 de Dezembro de 1932 a 9 de Novembro de 1936, 8 de Janeiro de 1934, folha 54 verso.

³⁰ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 27-1-1937 e terminado em 10-9-1938, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 14 de Julho de 1937, folha 65 verso.

³¹ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 9 de Junho de 1937, folha 52 verso.

³² Medicina Contemporânea, ano LIII, 17 de Fevereiro de 1935, p. 54.

³³ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Idanha-a-Nova, Livro de Atas iniciado em 13-3-1935 e terminado em 7-9-1938, Ata da Reunião Ordinária da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Idanha-a-Nova de 3 de Fevereiro de 1937, folha 134 verso.

isentos do pagamento do selo referido no artigo 17º da Tabela Geral do Imposto de Selo, sendo a indigência e pobreza definidas nos §1º e 2º do artigo 202 do Código Administrativo, sendo a situação esclarecida pelo subsecretário de Estado de Finanças em despacho de 15 de Outubro³⁴.

Havia assim uma grande preocupação com a miséria e a pobreza que se procurava resolver legislativamente, mas o grande problema é a pobreza endémica que marcava a vida da Idanha-a-Nova, e em particular a de todas as aldeias do país, onde as relações de poder económico perpetuavam relações de exploração humana, que tornavam impossível qualquer melhoria das condições de vida das populações rurais.

1.5 – As respostas dadas pelo nascente Estado Novo Corporativo

A Casa do Povo estava assim destinada a suprir as falhas dos médicos de partido, pondo-os também em causa. Contudo, algumas tentativas de criação de postos médicos como acontece em Silvares não funcionam de todo, pondo em causa o Estado Novo que quer gratidão mesmo assim³⁵.

No mesmo diapasão mais tarde, António Augusto Pereira Marques, escrevendo sobre o Sabugal, publicou em 1943 um trabalho que ofereceu a Ladislau Patrício em Dezembro de 1943, e que eu adquiri posteriormente, que me deu a conhecer o que pensava sobre a assistência às mães para salvaguardar a saúde das crianças que andavam ao deus dará pelas ruas do Casteleiro que era e é ainda um lugar da Beira Baixa.

Apontava-se por isso então para «o reforço dos poderes do médico na organização da Assistência Social em 1945, na sequência da aprovação do Estatuto da Assistência Social em Março de 1944 e da Carta Orgânica dos Serviços de Assistência pelo decreto n.º 35108 em 7 de Novembro de 1945, falamos por isso da experiência das Comissões Regionais que está a ser feita há dois anos no distrito da Guarda, que têm como objetivo criar Centros concelhios e postos paroquiais de Assistência Social (Marques, 1945, b), p. 182). E concluía na página 191:

"A solução-base de todos os problemas da assistência social nas aldeias está nos médicos da Assistência,

³⁴ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Idanha-a-Nova de 3 de Novembro de 1937, folha 168 frente.

³⁵ *Gardunha*, Casa do Povo de Vale de Prazeres, relatório de 1935, ano 1, n.º 15, 15 de Março de 1936, p. 2, coluna 3.

na remodelação e ampliação da rede dos Postos Médicos."

Pereira Marques vai continuar a pugnar por uma verdadeira assistência social, pensando centros de assistência social e criticando o mau funcionamento das Casas do Povo por estar a sua gestão entregue a comissões de incompetentes e invejosos na apreciação dos serviços e missão do médico (Marques, 1945, a), p. 91), fazendo relatórios sobre a defesa da família através d' «A Carta da Assistência no Concelho de Macedo de Cavaleiros» (Marques, 1945, p. 97). É o último texto que publica na Ação Médica conforme Ficheiro Bibliográfico publicado em Janeiro-Março de 1962 (pp.177 -199).

Continuará a luta noutra publicação onde defende: "Apesar de os indicadores de saúde materno-infantil, em 1945, serem ainda muito deficientes era propagandeada a existência de centros de assistência social materno-infantil "verdadeiramente modelares", capazes de uma assistência completa, médica e higiénica, educativa, moral e económica à mãe e à criança" (Almeida, 2017, p. 569).

Estavam assim pensadas as Casas do Povo como solução para os problemas da assistência médica, mas de facto não o foram continuando os partidos médicos a ser o frágil e escasso esteio das populações rurais no acesso aos cuidados de saúde. Proença (1941, pp. 23-28) vai sugerir que a instituição antiga dos médicos se junta à nascente realidade das Casas do Povo "para que se estabeleçam os fundamentos indispensáveis, por forma a assistência médica e médico-social verdadeira e eficaz", que faz antever um verdadeiro serviço nacional de saúde (1941, p. 28).

2 – A Guarda e as Mudanças iniciais do Estado Novo na Saúde

No concelho da Guarda, tendo sido previamente ouvidos os médicos municipais do concelho, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste Concelho para cumprimento dos §§ 1º e 2º do artº 1º do Decreto-lei nº 23624 de 3 de Março de 1934 decide remodelar as áreas e sedes e composição dos partidos médicos, como eram seis, foram reduzidos a cinco, divididos e fixados de uma forma que, dizem, ser de acordo com o censo da população das freguesias: 1ª área, sede na Guarda, facultativo Ladislau Fernando Patrício; 2ª área com sede em Gonçalo, facultativo Albano Augusto da Cunha Leal; 3ª área, sede em Vila Fernando facultativo José Pereira da Silva; 4ª área, sede em Pera do Moço facultativo António Anes; 5ª área,

sede nos Trinta³⁶, Mário Augusto Gomes Cardoso, que fica residindo na Guarda de harmonia com a segunda parte do § 2º do artº 1º do Decreto-lei nº 23624³⁷. Em 28 de Outubro de 1935 este médico vai pedir a troca de uma das duas freguesias de Cavadoude e Corujeira pela freguesia de S. Vicente. É o que após consulta ao delegado de saúde e médico da primeira área lhe é concedido, passando-se as freguesias de Cavadoude e Corujeira para a 1ª área e a de S. Vicente para a 5ª área e só enquanto o médico da 5ª área for Mário Augusto Gomes Cardoso³⁸. Também ouvidos os médicos interessados decidem passar Pousade da 4ª área com sede em Pera do Moço para a 3ª área que tem sede em Vila Fernando³⁹. Na 4ª área, mais propriamente no Jarmelo, denunciava-se em 29 de Novembro de 1936: "há muito que nesta região que tem mais de seis mil habitantes, se nota a falta de uma farmácia, pois a mais próxima encontra-se a 189 quilómetro de distância"⁴⁰.

Em 1940 discute-se na Assembleia Nacional através de Augusto Pires de Lima o facto de o Código Administrativo obrigar o médico de partido a residir obrigatoriamente na sede do partido, invalidando-se assim a legislação diversa, incluindo uma circular da Direção-Geral da Administração Política e Civil de 28 de Novembro de 1934, que lhes permite morar fora. Questiona-se através disso a deficiente assistência médica nas aldeias e este deputado pede por isso ao Ministro do Interior a relação dos médicos municipais que vivem fora da área do seu partido⁴¹. Por essa razão recebe a Câmara Municipal da Guarda do Governo Civil com data de 29 de Abril de 1940 um ofício acompanhado da circular Z1/15 – Lª 87 da Direção-Geral da Administração Política e Civil onde se estabelecem normas sobre a residência dos facultativos municipais, que suscitam dúvidas à Câmara sobre a sua execução, que delibera expor

³⁶ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 1-7-1933 e terminado em 13-5-1935, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 20 de Setembro de 1934, folha 157 frente e verso.

³⁷ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 20 de Setembro de 1934, folha 157 verso e folha 158 frente.

³⁸ *Idem*, Livro de Atas iniciado em 18-5-1935 e terminado em 13-1-1937, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 28 de Outubro de 1935, , folha 76 verso e folha 77 frente.

³⁹ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 25 de Fevereiro de 1936, folha 121 frente.

⁴⁰ *Medicina Contemporânea*, ano LIV, 29 de Novembro de 1936, p. CCLXIX.

⁴¹ *Idem*, ano LVIII, 3 a 10 de Março de 1940, p. 102.

as suas dúvidas ao Governo Civil para que faça a resolução das dúvidas⁴².

Estas disposições vão ser contestadas pela Ordem dos Médicos que funciona aqui como um sindicato dos médicos, contestando a obrigatoriedade da mudança de residência pois o contrato feito os autorizava a residir fora da área do partido onde foram providos e levantando problemas não equacionados pela administração, como por exemplo a clientela que angariaram ou as instituições como Misericórdias onde trabalham. São situações não previstas nomeadamente pelo Ministro do Interior que é obrigado a adiar por mais dois meses a execução destas medidas para melhor estudar a solução a dar⁴³.

Mas, esta obrigatoriedade de os médicos terem casa em condições explica as razões de em Pera do Moço se terem empenhado em a construir para servir de residência de Filinto dos Reis Novais pois já tinham perdido o Dr. António Anes para os Trinta.

2.1 Centro de Assistência Social – Uma ideia nova

Estava então António Augusto Pereira Marques a trabalhar como médico no Centro de Assistência Social da Guarda⁴⁴.

O Centro de Assistência Social da Guarda é um embrião limitado de um Centro de Saúde e, muito centrado nos problemas sociais, corresponde a uma ideia que realiza com base na ideia central da «Defesa da Família». Procurava-se fazer assistência social pois a assistência médica está entregue aos médicos municipais e aos delegados de saúde. Censura aqui de modo gentil as falhas dos médicos de partido e as suas emanações os subdelegados de saúde.

Em 5 de Junho de 1943 é deliberado que o delegado do presidente da Câmara Municipal da Guarda no Centro Social a criar na cidade seja o vereador Dr. Alberto Diniz da Fonseca⁴⁵. Não admira que quando o Governador Civil solicita a nomeação de um vogal para o Centro de Assistência Social da Guarda seja por unanimidade o escolhido

⁴² Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 27-1-1938 e terminado em 15-6-1940, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 11 de Maio de 1940, folha 228 verso.

⁴³ *Medicina Contemporânea*, ano LVIII, 23 a 30 de Junho de 1940, pp. 249-250.

⁴⁴ *Ação Médica*, Ano XII, números 45 a 48, Julho de 1947 a Julho de 1948, pp. 17-24.

⁴⁵ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 22-6-1942 e terminado em 8-7-1944. Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 5 de Junho de 1943, folha 109 verso.

pelas suas faculdades e ser considerado o mais competente⁴⁶.

Há preocupações em 15 de Agosto de 1951 com os serviços de assistência local motivando troca de ofícios entre o Governo Civil, Santa Casa da Misericórdia e Comissão Municipal de Assistência, que questionam a Câmara Municipal da Guarda⁴⁷. Mais tarde, a Câmara Municipal da Guarda recebe uma recomendação do Governo Civil em que se sugere que antes de ser elaborado o orçamento do próximo ano deve ser consultada a Comissão Municipal de Assistência para efeitos do disposto no artigo 83º do decreto-lei n.º 35108⁴⁸.

Como existem dúvidas acerca da interpretação deste artigo sobre a contribuição da Câmara para a Assistência Social, o Governo Civil por ofício vai dar-lhe conhecimento de que o artigo 83º decreto-lei n.º 35108 de 7 de Novembro de 1945 vai ser submetido à consideração do Subsecretário de Estado da Assistência para que este firme "doutrina sobre o assunto"⁴⁹.

Era para António Augusto Marques mais um sonho em 1945, que se segue aos centros de saúde, dispensários de higiene social, postos de proteção à infância, da DGS que Marques defende (1945, a), p. 92), e daí parte para a crítica das Casas do Povo que não satisfizeram as necessidades das populações campesinas e pouco remediaram no aspeto assistencial por terem ido instalar-se onde não lhe ficar clientela livre ou foram para as sedes dos concelhos despreocupadas da assistência farmacêutica, dietética social, tendo apenas o intuito de fazer assistência médica. Agora o objetivo é dar assistência à infância e às mulheres grávidas, impedindo que se faça assistência médica barata "a todos os ricalhazes" (1945, a), p. 91).

Concluirá que o número de partidos médicos é insuficiente e:

"Assim, pois, a maioria das zonas de população rural não tem sequer, no seu seio ou nas suas proximidades, um médico que possa socorrê-la na doença; e desta forma e tantas vezes, as próprias famílias abastadas dessas zonas são, na realidade, mais pobres, porque com menos direitos sociais do que os pobres das cidades" (1945, b), p. 190).

⁴⁶ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 1 de Julho de 1943, folha 125 frente.

⁴⁷ *Idem*, Livro de Atas iniciado em 17-1-1951 e terminado em 5-12-1951, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 15 de Agosto de 1951, folha 131 frente.

⁴⁸ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 5 de Setembro de 1951, folha 142 frente.

⁴⁹ *Idem*, Livro de Atas iniciado em 5-12-1951 e terminado em 12-11-1952, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 16 Janeiro de 1952, folha 28 verso.

Foi na Guarda que esta ideia teve verdadeiramente o seu início por força com um despacho de 11/5/1943 deste Subsecretário de Estado da Assistência, que foi lançado no relatório elaborado pelo médico-delegado da «Defesa da Família» no distrito da Guarda, que era o Dr. Fernando Sardo (Marques, 1945, a), p. 73).

Curiosamente ou talvez não, existem em muitos casos de doentes e continuadamente na década de 1960 a expressão "domicílio de socorro"⁵⁰.

2.2 – Médicos de excelência na Guarda

Estudioso mesmo em férias Ladislau Patrício analisa a tuberculose pulmonar em Lisieux de Santa Teresinha do Menino Jesus de uma forma isenta onde não coíbe de nos falar da desilusão que foi encontrar uma cidade suja que lhe fez sentir "saudades vivas do sol de Portugal ...e das santas de Portugal" onde há uma obsessão pela "imagem pura de Santa Teresinha" (Patrício, 1936, p. 156). Em 1936 vai também a Davos conhecer Gustave Mauer e conversar com ele sobre a operação Jacobbeaus que este modificou com êxito depois de ter morrido um português no decurso de uma operação que correu mal (Patrício, 1937, pp. 365-368). Não admira que Ladislau Patrício dê conta num trabalho que foi lido aos estudantes do 5º ano médico da Faculdade de Medicina de Lisboa em 31 de Março de 1939 das inovações introduzidas por Jacobbeaus⁵¹

Copavam-se assim ou melhor seguiam-se práticas da associação de ensino médico dos hospitais de Paris⁵². Também se dava notícia dos cursos da organização alemã de aperfeiçoamento médico para especialistas⁵³. Cursos que eram replicados à sua semelhança também em Lisboa, abrangendo agora os estudantes⁵⁴.

3 – Realidade escondida nos Arquivos Municipais: o caso da Guarda

Também para que o vereador Tenente David Santos possa estudar as condições de assistência médica às freguesias, a Câmara solicita aos facultativos municipais que lhe comuniquem os dias de visita médica a cada uma das freguesias da área dos seus partidos⁵⁵.

⁵⁰ *Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda*, Livro de Atas iniciado em 12-6-1961 e terminado em 9-4-1962, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 17 de Julho de 1961, folha 25 frente.

⁵¹ *Tuberculose*, Janeiro-Abril de 1939, 5ª série, vol. 1, n.º 1, p.13.

⁵² *Idem*, ano LVII, 26 de Fevereiro de 1939, p. LIV.

⁵³ *Idem*, ano LVII, 7 de Maio de 1939, p. CXVIII

⁵⁴ *Idem*, ano LVII, 21 de Maio de 1939, p. CXXIX.

⁵⁵ *Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda*, Livro de Atas iniciado em 30-1-1946 e terminado em 14.-5-1947, Ata da

Antes de avançar por esse caminho convém explicar que os concursos para médicos de partido foram modificados pelo Código Administrativo de 1936 com o fim de acabar “com empenhos, cunhas, compadrio e padrinhos”, criaram-se para isso três grupos, ficando no primeiro grupo os internos dos hospitais com dois anos, assistentes universitários com igual tempo, os médicos do exército e marinha, que têm preferência absoluta sobre os do segundo grupo. Este segundo grupo inclui os médicos municipais ou de partido e os das Casas do Povo. Ironicamente António Ramos Proença diz estarem no terceiro grupo “os médicos novos e os que não tiveram a sorte, não puderam ou não procuraram desempenhar qualquer das funções designadas nos dois primeiros” (Proença, 1941, p. 18). Questiona logo de seguida porque os do segundo grupo não possam ascender ao primeiro grupo e tenham dentro dele condições de preferência por já terem experiência dos casos mais vulgares entre os pobres e indigentes que são o seu público-alvo, tendo até “poder de adaptação e de invenção para suprir a instalação da cidade e o apetrechamento hospitalar?”! (Proença, 1941, p. 19). De facto, questiona a nossa legislação por esta fundar a assistência aos pobres no município sem definir os limites dessa assistência em termos numéricos (Proença, 1941, p. 15), sobrecarregando as câmaras com o enorme peso da verba despendida com a hospitalização dos doentes que devia ser paga pelo Estado Central, libertando verbas que podiam ser gastas com a contratação de mais médicos municipais que considera insuficientes para manter em bom estado a saúde da população rural (Proença, 1941, pp. 20-21).

3.1 – Orlindo Soares Teles, médico municipal do 1º Partido Médico com sede na Guarda

Orlindo Soares Teles era filho de António Soares Louro e Maria José Teles e licenciado em Medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra sendo admitido a concurso para a quarta área do concelho da Guarda, Pera do Moço⁵⁶, mas antes tinha sido médico da Casa do Povo de Belmonte, onde residia e na sua delegação em Gaia desde um de Abril de 1939 até à data em que concorreu para este partido médico⁵⁷. Tinha também o curso de Medicina Sanitária quando concorreu ao lugar

Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 30 de Outubro de 1946, folha 132 verso.

⁵⁶ Viveu na Rapoula, um dos lugares desta freguesia, comunicação pessoal de José Martins dos Santos em 9 de abril de 2019.

⁵⁷ Era médico municipal da 1ª área com sede na Guarda, sendo natural da Vela, concelho da Guarda, onde tinha nascido em 30 de Maio de 1912 conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

de médico na 4ª área do concelho da Guarda em 7 de Maio de 1941, mas logo quis concorrer em 27 de Junho de 1941 para a 5ª área. Acabou por ficar na 4ª área tendo data de nomeação de 11-10-1941 e tomada de posse 10-11-1941, passando a licença ilimitada em 14 de Agosto de 1946⁵⁸. Nas atas da câmara da Guarda, encontrámos em 2 de Agosto de 1941 a informação que o prazo do concurso aberto para provimento de um médico terminou em 28 de Junho, tendo havido os seguintes concorrentes: José Alberto de Andrade Santos, Orlindo Soares Teles, José Casimiro Matias, Alberto Monteiro de Carvalho Duarte que apresentaram os documentos exigidos por lei, tendo por isso sido classificados de acordo com o art.º 636 do Código Administrativo nos seguintes grupos: 2º grupo Orlindo Soares Teles, Alberto Monteiro de Carvalho Duarte; 5º grupo José Alberto de Andrade Santos e José Casimiro Matias, tendo depois disso a Câmara remetida estas listas ao Governador Civil nos termos e para os efeitos do decreto n.º 25317 de 13 de Maio de 1935⁵⁹.

O problema político era o Dr. Alberto Monteiro de Carvalho Duarte.

Contudo, em 8 de Outubro o Governo Civil em ofício informa que todos os candidatos reúnem as condições necessárias de idoneidade política para poderem ser nomeados e a Câmara nos termos do art.º 638 do Código Administrativo resolve graduá-los nos respetivos grupos como se segue: 2º grupo Orlindo Soares Teles – n.º 1, Alberto Monteiro de Carvalho Duarte – n.º 2; 5º grupo José Casimiro Matias – n.º 1 e José Alberto de Andrade Santos – n.º 2. De seguida, a Câmara nos termos do art.º 637 do Código Administrativo, em face das graduações mencionadas delibera por unanimidade que o médico municipal da 4ª área é Orlindo Soares Teles, que será abonado a partir da data em que tomar posse ficando com todos os direitos e deveres inerentes a este cargo de acordo com o Código Administrativo e mais legislação aplicável⁶⁰.

Finalmente em 12 de Agosto de 1946 pede licença ilimitada a partir desse dia, invocando o artigo 516 do Código Administrativo que é aplicável por força do disposto no artigo 625 do mesmo código, sendo deliberado dar-lhe deferimento⁶¹.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 15-6-1940 e terminado em 13-6-1942, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 2 de Agosto de 1941, folha 147 verso e 148 frente.

⁶⁰ *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 11 de Outubro de 1941, folha 169 frente e verso.

⁶¹ *Idem*, Livro de Atas iniciado em 30-1-1946 e terminado em 14-5-1947, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do

Abrem por essa razão concurso para provimento deste lugar na 4ª área em 24 de Agosto de 1946⁶². Em 30 de Setembro de 1953, o Dr. Orlindo Soares Teles pediu a sua readmissão como médico municipal da quarta área, com sede em Pera do Moço, estando atualmente em Licença Ilimitada, desde 12 de Agosto de 1946, decidindo a Câmara notificá-lo para apresentar um requerimento com assinatura reconhecida para ser apreciado na próxima reunião⁶³. Deliberaram por isso em 7 de Outubro de 1953 tomarem consideração este pedido para efeito do consignado na parte final do parágrafo primeiro do artigo 517 do Código Administrativo⁶⁴. Em 9 de Dezembro de 1953 Orlindo Soares Teles pediu a sua readmissão na vaga deixada pela reforma do médico Ladislau Fernando Patrício, médico municipal do primeiro partido, decidindo então a Câmara tomar uma decisão na próxima reunião⁶⁵. Mas, como há requerimentos no mesmo sentido tanto de José Pereira da Silva como de António Anes, a Câmara delibera por unanimidade fazer esta deliberação oportunamente pois Ladislau Fernando Patrício ainda não se reformou⁶⁶. De facto, Ladislau Fernando Patrício tinha feito em 7 de Dezembro de 1953 70 anos⁶⁷. Foi então de novo nomeado o Dr. Orlindo Soares Teles médico municipal por deliberação de 27 de Janeiro de 1954, tomando posse em 19 de Fevereiro desse ano agora de médico da 1ª área, onde trabalha até ao fim da sua carreira. De facto esteve fora de funções com licença sem vencimento de onze de Agosto de 1946 a 19 de Fevereiro de 1954, regressando às funções de médico municipal⁶⁸. Note-se que entretanto se especializou em oftalmologia, sendo por isso, presente em 6 de Maio de 1982 em sessão de câmara um requerimento em que, como Médico Municipal do Primeiro Partido, comunica que completa 70 anos de idade a 30 de Maio de 1982, atingindo assim o limite de idade previsto na Lei para o exercício de funções públicas. E a câmara delibera informar a Caixa

Concelho da Guarda de 12 de Agosto de 1946, folha 85 frente.

62 *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 28 de Agosto de 1946, folha 91 verso.

63 *Idem*, Livro de Atas iniciado em 2-9-1953, 1953-1954, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 30 de Setembro de 1953, folha 18, verso.

64 *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 7 de Outubro de 1953, folha 20, verso.

65 *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 9 de Dezembro de 1953, folha 64, frente.

66 *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 16 de Dezembro de 1953, folha 70, verso.

67 Ver <http://www.arquivo.guarda.pt/personalidades/item/ladislau-fernando-patricio-1883-1967>, acesso em 27 de Fevereiro de 2019.

68 Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

Geral de Aposentações⁶⁹. Terminava assim no concelho da Guarda esta instituição dos Médicos de Partido.

Em 15 de Julho, a Câmara vai decidir por proposta do Presidente registar com apreço um voto de reconhecimento pela colaboração prestada ao Município pelo Médico Municipal Orlindo Soares Teles⁷⁰. Entretanto, foi chefe de clínica de oftalmologia do Hospital Distrital da Guarda desde 2 de Abril de 1977 ao abrigo do decreto-lei n.º 129/77. É o que acumula com as funções de médico municipal da 1ª área em 1979, sendo para isso autorizado. Também tinha acumulado estas funções em 1959 com as de Médico Oftalmologista da Federação das Caixas de Previdência na delegação desta na Guarda. Assim como tinha sido autorizado em 1955 e 1957 a acumular as funções de médico municipal com as de médico chefe do posto antitracomatoso do Dispensário de Higiene Social da Guarda. Pede por diversas vezes para ir a Congresso da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, a Congressos Luso-Hispano-Brasileiro e a Congressos da Sociedade Espanhola de Oftalmologia. Nota-se aí o apoio que lhe é dado pelos colegas a estas viagens científicas já que o substituía nas suas ausências⁷¹.

3.2 Albano Augusto da Cunha Leal, médico do 2º Partido Médico com sede em Gonçalo

Albano Augusto da Cunha Leal, nascido em 27 de Junho de 1905, era licenciado em Medicina e cirurgia pela Universidade do Porto, natural de Gonçalo, concelho da Guarda, sendo médico municipal do 2º Partido Médico com sede em Gonçalo, tendo sido nomeado por deliberação de 21 de Fevereiro de 1931 e tomado posse em 2 de Março desse ano. Tinha feito um trabalho sobre Medicina Rural apresentado no VIII Congresso Beirão realizado na Guarda em 1948⁷² e outro sobre "Transfusões de sangue" nos meios rurais, publicado na revista "Medicina Contemporânea" em Setembro de 1949 que era então dirigida por Egas Moniz. Aí conta

69 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 25-3-1982 e terminado em 17-6-1982, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 8 de Abril de 1982, folha 116 frente.

70 *Idem*, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 15 de Julho de 1982, folha 88 frente e verso.

71 Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

72 Deve ter sido em 1940 conforme informação no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 1 de Julho de 1939, Livro de Atas iniciado em 27-1-1938 e terminado em 15-6-1940, folha 118 frente.

foi fundado um pequeno Posto de Transfusão de Sangue em Gonçalo em Maio de 1938 com a determinação antecipada dos grupos sanguíneos de 145 habitantes desta localidade recrutados entre jovens e adultos dos dois sexos. Teve a colaboração de José Antunes Serra, professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que tendo nascido na Vela, uma aldeia vizinha, estava como cientista interessado em prosseguir estudos antropológicos (Diniz 2015), nomeadamente acerca do agrupamento sanguíneo dos portugueses. Conta detalhadamente que após colheita eram remetidos ao Instituto de Antropologia que fazia a determinação dos grupos sanguíneos desde que as remessas chegassem em condições, ficando assim classificados os 145 indivíduos e distribuídos da maneira seguinte:

Grupo	Número	%
O	74	51,03
A	60	41,34
B	9	6,26
AB	2	1,37

Relata por isso como assegurou uma margem de erro diminuta com análise das condições sanitárias dos dadores, notando que a endogamia do meio explica a alta percentagem dos dadores universais, que eram numerosos demais para as necessidades da área, atuando por isso para salvaguarda de emergência numa extensa região que ia até Vila Nova de Foz Côa.

Também Albano Augusto da Cunha Leal foi autorizado a acumular as funções de médico municipal com as de médico delegado dos Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência na freguesia de Gonçalo, sem prejuízo das suas obrigações iniciais. Também acumula estas funções com as de médico escolar nos estabelecimentos de ensino secundário do distrito como se regista nas atas da câmara.

É o que a Câmara justifica também no caso de Agostinho do Amaral com a doutrina emanada pela Direção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior de acordo com o ofício do Governo Civil de 29 de Janeiro 1958 e arquivado no processo S-1-3⁷³. Mais adiante, vemos que o mesmo aconteceu ao Dr. Anes, revelando uma mudança clara do regime que se mostra agora preocupado

com a saúde dos trabalhadores, reconvertendo neste sentido a velha instituição social do médico de partido, melhorando em simultâneo a sua situação profissional.

3.3 – José Pereira da Silva, médico municipal do 3º Partido Médico com sede em Vila Fernando e adjunto do delegado de saúde a partir de 1953

No seu processo individual, ficámos a saber que em sessão de 10 de Agosto de 1932 foi nomeado, após escrutínio secreto, médico municipal efetivo da 5ª área, vencendo António Pires Cabral que também tinha sido admitido a concurso. Nos diversos documentos apresentados vemos que tinha obtido altas classificações⁷⁴.

Retomou o exercício das suas funções em 1 de Dezembro de 1951⁷⁵. Mas logo a seguir pede 5 dias de licença graciosa para ir a Lisboa prestar provas no concurso para Delegado de Saúde, sendo substituído por Albano Augusto da Cunha Leal⁷⁶. Retomou o exercício das suas funções em 7 de Dezembro de 1951⁷⁷.

Tinha depois tentado sem sucesso a transferência para o 1º partido na Guarda em 1954⁷⁸. Antes em 11 de Novembro de 1953 tinha pedido um certificado do seu tempo de serviço e qualidade deste, sendo atestado que exerceu as suas funções desde 18 de Agosto de 1932 até à data sempre, sendo qualificado como muito bom o respetivo serviço em escrutínio secreto⁷⁹. José Pereira da Silva vai pedir exoneração de médico municipal do partido de Vila Fernando, conforme requerimento existente no seu processo, datado de 20 de Fevereiro de 1954⁸⁰, invocando o artigo 78º do Código Administrativo e o objetivo pretendido é ser empossado como Adjunto do

74 Conforme processo individual de José Pereira da Silva existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

75 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 17-1-1951 e terminado em 5-12-1951, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda 5 de Dezembro de 1951, folha 200 frente.

76 Idem, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda 5 de Dezembro de 1951, folha 200 frente.

77 Idem, Livro de Atas iniciado em 5-12-1951 e terminado em 12-11-1952, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda 12 de Dezembro de 1951, folha 5 frente.

78 Conforme processo individual de Orlando Soares Teles existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

79 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 2-9-1953, 1953-1954, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 11 de Novembro de 1953, folha 45, frente e verso.

80 Conforme processo individual de José Pereira da Silva existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

73 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 6-4-1962 e terminado em 11-3-1963, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 17 de Setembro de 1962, folha 84 verso.

Delegado de Saúde do Distrito da Guarda⁸¹. Tinha feito provas de concurso em 29 de Outubro de 1951, tendo para isso pedido licença graciosa de 15 dias a partir de 24 de Outubro de 1951 e ainda outras licenças pelo mesmo motivo⁸².

O seu lugar de médico do 3º partido ficou vago quando passou a adjunto do delegado de saúde em 1953. Delibera-se então na Câmara abrir concurso para provimento do médico municipal do partido com sede em Vila Fernando nos termos dos artigos 632 e seguintes do Código Administrativo⁸³, abrindo-se concurso em 19 de Maio de 1954 para o preencher, tendo concorrido muitos médicos condicionalmente como era habitual pois não tinham ainda a então necessária informação política imposta pelo artigo 2º do decreto-lei 25317 de 13 de Maio de 1935.

Atenta a junta de freguesia de Pousade, tendo conhecimento de que a Câmara pensa em criar mais um partido médico, pede por ofício que este seja criado com sede em Pousade por conveniência dos seus paroquianos e dos da freguesia do Rochoso, Castanheira, Gagos, Casal de Cinza, mas a Câmara responde que não encara esta hipótese⁸⁴. Encaram de facto o provimento do partido médico de Vila Fernando e decidem sucessivamente abrir concursos sem sucesso nos termos 632º e seguintes do Código Administrativo⁸⁵ até que o processo é reaberto em 23 de Novembro de 1959 com a candidatura de Agostinho do Amaral e do Dr. José António Correia, residente em Freches, Trancoso que volta a não entregar os documentos necessários⁸⁶. Por isso, Agostinho do Amaral é o único candidato, sendo admitido definitivamente e classificado no terceiro grupo⁸⁷. Tinha nascido

em 15 de Março de 1929 em Carvalhal, Romãs, Satão, sendo licenciado em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Coimbra. Tinha também o curso de Medicina Sanitária que tinha concluído em 14 de Outubro de 1959. Como foi incorporado em 30 de Agosto de 1953 e passou à disponibilidade em 20 de Março de 1955, cumprindo os preceitos da Lei de Recrutamento Militar, não pôde concorrer durante algum tempo. Assim, em 15 de Fevereiro de 1960, Agostinho do Amaral foi nomeado por deliberação médica municipal do 3º partido, tendo isso sido publicado no Diário do Governo nº 55 III série de 7 de Março de 1960 e tomou posse em 14 de Março de 1960. Tinha concorrido em 21 de Dezembro de 1959 por ter sido feito um aviso datado e publicado em 20 de Outubro de 1959, Diário do Governo n.º 245 III série. Foi ainda médico dos Serviços Médico-Sociais da Casa do Povo do Rochoso e da CP⁸⁸. Também foi autorizado a acumular as funções de médico municipal com as de médico delegado dos Serviços Médico – Sociais da freguesia de Vila Fernando, sem prejuízo das suas obrigações iniciais. É o que a Câmara justifica com a doutrina emanada pela Direção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior de acordo com o ofício do Governo Civil de 29 de Janeiro de 1958 e arquivado no processo S-1-3⁸⁹. Pede a exoneração deste lugar de médico de partido em 28 de Maio de 1979 com efeitos desde um de Maio de 1979, pois estava à espera de ser transferido para os Serviços Médico-Sociais do Porto desde Outubro de 1978 e só tinha chegado então essa informação⁹⁰.

3.4 – Filinto dos Reis Novais, médico municipal do 4º Partido Médico

Filinto dos Reis Novais era médico-cirurgião pela Universidade de Coimbra, sendo natural de Quadrazais, Sabugal, Distrito da Guarda, onde tinha nascido em 21 de Novembro de 1903. Ocupou o lugar de médico municipal da 4ª área do Concelho da Guarda, Pera do Moço, onde foi colocado em 16 de Setembro de 1946, tendo exercido até ao limite de idade 21 de novembro de 1973. Vinha de

verso.

88 Conforme processo individual de José Pereira da Silva existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

89 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 12-6-1961 e terminado em 9-4-1962, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 13 de Novembro de 1961, folha 103 frente.

90 Conforme processo individual de José Pereira da Silva existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

81 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 2-9-1953, 1953-1954, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 24 de Fevereiro de 1954, folha 123 verso.

82 Conforme processo individual de José Pereira da Silva existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

83 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 2-9-1953, 1953-1954, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 10 de Março de 1954, folha 133 frente.

84 Idem, Livro de Atas iniciado em 2-9-1953 e terminado em 28-7-1954, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 3 de Março de 1954, folha 130 frente.

85 Idem, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 10 de Março de 1954, folha 133 frente.

86 Idem, Livro de Atas iniciado em 28-9-1959 e terminado em 27-6-1960, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 23 de Novembro de 1959, folha 38 frente e verso e folha 39 frente.

87 Idem, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 15 de Fevereiro de 1960, folha 105 frente e

Pedrogão Grande onde tinha sido médico municipal do 2º partido de 5 de Setembro de 1940 até 1 de setembro de 1946. Antes tinha exercido as funções de médico analista no Hospital Sanitário da Colónia Portuguesa do Brasil de 24 de Abril de 1939 a trinta de Agosto de 1940. Tinha ainda o curso de Medicina Sanitária pelo Instituto de Higiene e Medicina Sanitária da Universidade de Coimbra. Reformar-se-á quando atinge o limite de idade em 21 de Novembro de 1973 após várias baixas por doença⁹¹.

José Martins dos Santos (1998, p. 26) informa que António Anes viveu em Guilhafonso, Afonso Paiva na Rapoula⁹² e Filinto dos Reis Novais em Pera do Moço, numa casa que foi construída pela população que em 1946 e 1947 quando estava em marcha o processo de concurso para provimento neste cargo, estando já feitas as paredes do dispensário e a casa de residência, foi concluída com a generosidade da população que fez vários peditórios conforme José Martins dos Santos explicita em 1998 (p. 93).

Quanto ao dispensário, a Câmara deliberou em 26 de Fevereiro de 1947 considerar oportunamente o pedido que a Junta de Freguesia de Pera do Moço no sentido de lhe ser abonado novo subsídio para auxílio das despesas com a casa do médico e do dispensário já concluído por não ter sido suficiente um subsídio antes concedido⁹³.

José Martins dos Santos (1998, p. 26) informa que a casa onde morou que era também o dispensário e o seu consultório, passou a ser usada como Casa do Povo. Confirma ainda que os restos mortais deste médico após terem sido depositados no cemitério da sua aldeia, Quadrazais, foram trasladados para Pera do Moço.

3.5 António Anes, médico municipal do 5º Partido Médico

António Anes tinha pedido transferência em 8 de Maio de 1941 para o 5º partido nos Trinta, deixando vago este lugar durante cerca de 5 anos. Tinha sido nomeado para o 6º partido em 10 de Agosto de 1932. Pediu neste cargo em 11 de Janeiro de 1934 trinta dias de licença para tratar da saúde a partir de

91 Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda

92 Não consta como médico de Partido em processo individual no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, contudo José Martins dos Santos confirmou que o foi em 9 de abril de 2019 e que vivia na Rapoula.

93 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 30-1-1946 e terminado em 14-5-1947, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 26 de Fevereiro de 1947, folha 190 verso.

5 desse mês, o que lhe foi concedido⁹⁴.

Foi posteriormente médico de Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios de Trinta. Foi ainda Médico dos Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência. Terminou a sua carreira quando fez 70 anos em 13 de Outubro de 1975, tendo-o comunicado atempadamente em 30 de Setembro de 1975 ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho da Guarda, que acionou rapidamente o processo de reforma. Também em 5 de março de 1963, Joaquim Pina Gomes, o presidente da Câmara da Guarda, tinha autorizado este médico municipal a acumular este seu cargo na reunião ordinária de Câmara de 11 de Fevereiro de 1963 com a de Médico dos Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência na área dos Trinta⁹⁵. Finalmente, em 15 de Maio de 1973, a Câmara Municipal da Guarda abre novo concurso para médico municipal por o concurso aberto no Diário do Governo de 18 de Abril de 1973 ter ficado deserto, que curiosamente não foi registado em ata, talvez por se considerar uma instituição em vias de extinção e não se indicando qual era o partido médico⁹⁶.

4 – O Futuro torna-se presente

– O Fim dos Médicos de Partido e o início do Serviço Nacional de Saúde

Com tudo isto, quando veio o 25 de Abril, não admira que o Movimento das Forças Armadas, quando passou à fase de concretização das Utopias longamente adiadas, tenha desde logo estipulado na política social o “lançamento das bases para a criação de um serviço nacional de saúde ao qual tenham acesso todos os cidadãos” (decreto-lei n.º 203/74 de 15 de Maio) (Francisco George, 2018, p. 12).

Não admira que antecipadamente em 1975 na Guarda⁹⁷, aproveitando as liberdades democráticas se aproveite o Decreto-Lei n.º 413/71 e se institua de acordo com Decreto-Lei n.º 488/75 de 4 de

94 *Idem*, Livro de Atas iniciado em 1-7-1933 e terminado em 13-5-1935, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 11 de Janeiro de 1934, folha 67 frente.

95 Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

96 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 28-11-1972 e terminado em 31-7-1973, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 22 de Maio de 1973, folha 154 frente.

97 Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 5-11-1974 e terminado em 15-7-1975, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 20 de Maio de 1975, folha 149 frente e verso.

Setembro:

"O lançamento das bases de um serviço nacional de saúde obriga a que, no âmbito das medidas de organização, se estabeleçam ou reforcem princípios de regionalização, de descentralização e da prestação integrada de cuidados de saúde.

Em organização sanitária, o princípio de regionalização é aceite internacionalmente e praticado entre nós, embora de um modo deficiente.

De facto, a regionalização deve ser entendida como um processo de racionalização dos serviços, a fim de garantir cuidados médicos completos e integrados a uma coletividade, e forma de encorajar esta a participar na solução dos seus próprios problemas de saúde.

Há necessidade, portanto, de acordo com uma atitude de racionalização, de descentralizar efetivamente competências, de modo a permitir uma ação dinâmica dos vários níveis que, tecnicamente hierarquizadas, se completam.

Por outro lado, esta racionalização pressupõe concentração de meios e busca de melhoria da eficiência dos serviços. Ainda é indispensável criar estruturas que, aos níveis central, intermédio e local, favoreçam a desejada integração na prestação dos cuidados de saúde.

Considerando as razões acima aduzidas, bem como revelarem-se já, em alguns distritos, condições capazes de possibilitar a experiência de uma regionalização com acentuado cunho descentralizador, e sem prejuízo de, mais tarde, as estruturas dos serviços de saúde, agora definidas, por ser urgente a sua integração, virem a acompanhar o novo ordenamento do território"⁹⁸.

Os anos que se seguem ao 25 de Abril de 1974 vão ser anos de continuada transformação legislativa na área da Saúde, onde se incluem a Medicina de Reabilitação e a Educação Especial dos Deficientes. Devemos associar a este processo a Luta dos Deficientes das Forças Armadas como uma sequela de uma Guerra Colonial. Havia ainda preocupação com o "Estudo para a Organização dos Serviços de Saúde Mental", publicando-se em Lisboa os seus resultados em Março de 1978, levando à criação de centros de saúde mental como estrutura inovadora, ultrapassando assim os limites tradicionais deste tipo de doença. Por outro lado, a Secretaria de Estado da Saúde, tinha publicado um folheto com o título: "Subsídios para o lançamento das bases do Serviço Nacional de Saúde" em Novembro de 1974,

em pleno processo revolucionário. Preparava assim a discussão pública para a criação participada do SNS, que vai ocorrer por diversas fases. Também os novos tempos proporcionam condições para um novo ativismo, que se iniciou algum tempo antes na primavera marcelista e que têm a ver com o Planeamento Familiar, concretizado com a recolha de informações por parte da Delegação Regional de Lisboa da Associação para o Planeamento da Família que se circunscreve à recolha de dados Médico-sociais sobre Contraceção e Aborto em Maio de 1977. Todo este processo está associado à movimentação das populações e dos sindicatos que a CGTP segue atenta, intervindo através das suas organizações sindicais locais, sendo a Organização Coletiva dos Centros de Saúde o seu principal objetivo em articulação com a atividade governativa como se vê pelo seu conhecimento antecipado da legislação que aprecia, dando achegas críticas. Note-se ainda que a ideia de Centros de Saúde era antiga, sendo sugeridas por médicos como José Alberto de Faria em 1928 e António Augusto Pereira Marques em 1945 como já vimos. Este processo de implantação do Serviço Nacional de Saúde processa-se durante 1979 sob o signo da quase unanimidade ou melhor aceitação consensual das diversas forças políticas, exceto no caso da proposta do PCP de aditamento de um número ao artigo 53 que prevê o recurso a equipamentos privados sem uso ou com escasso uso, havendo aqui das restantes forças políticas abstenção ou voto contra. Intui-se que queriam impedir a entrada do Estado na posse de equipamentos particulares ou das Misericórdias⁹⁹.

De facto, na lei nº 56/79, artigo 53º, apesar destas oposições, fica no número 2:

"Em casos de necessidade pública, pode o Governo, pelo Ministro dos Assuntos Sociais, proceder à afetação ao SNS do uso de instalações hospitalares ou para-hospitalares devolutas ou manifestamente sub aproveitadas e respetivos equipamentos, em termos a regulamentar, ou proceder à expropriação dessas instalações e equipamentos, mediante indemnização."

Revaloriza-se neste processo social o papel dos enfermeiros, assim como da investigação em medicina e cuidados médicos, procurando-se deste modo melhorar tanto a medicina preventiva como a curativa.

Por outro lado, há uma luta de classe contra os

⁹⁸ Decreto-Lei n.º 488/7, Diário do Governo n.º 204/1975, Série I de 1975-09-04.

⁹⁹ Arquivo de Maria Idalina Alves de Brito, consultado em 26 de dezembro de 2019.

médicos, cuja Ordem decreta uma greve que não aparece claramente nos seus Boletins.

Não surge neste processo como protagonista António Arnaut, que foi Ministro dos Assuntos Sociais de 30 de janeiro de 1978 a 29 de agosto de 1978 no 2º Governo Constitucional¹⁰⁰, sendo o papel transformador da realidade atribuído de facto ao ativismo organizado do Movimento Sindical associado nas zonas da Reforma Agrária às UCPs (Unidades Coletivas de Produção).

Noutros lugares vemos a valorização dos Centros Comunitários de Saúde, que vão ser os Centros de Saúde no final deste processo histórico em que as populações aparecem também mobilizadas em maior ou menor grau. Há neste contexto uma preocupação geral com os cuidados de saúde primários, cujo fornecimento vai ser feito pelos centros de saúde dentro de uma política geral que quer abranger todos os aspetos da saúde pública. Há também muitas preocupações com o acesso a serviços médicos mais diferenciados nestes centros de saúde. A imprensa acompanhava este processo e assinalava problemas como o avanço da droga¹⁰¹.

Procuravam-se soluções entre dois modelos e:

"JM | Defende um sistema de tipo bismarquiano?"

António Gentil Martins | Sou completamente contra o modelo beveridgiano que actualmente existe em Portugal... E a favor de um seguro nacional de saúde, como acontece nos sistemas bismarquianos, independente do orçamento geral do Estado. Hoje já há muita gente que vem a público defender o mesmo. Não sou só eu. Ainda não há muito tempo ouvi o Dr. Paulo Mendo a defendê-lo publicamente. E a dinâmica Ana Escoval, professora na Escola Nacional de Saúde Pública, não deixou de afirmar, também publicamente, que o dinheiro deve seguir o doente..."

JM | Em todo o caso, o SNS é hoje considerado a maior conquista da Revolução.

AGM | Quando Arnaut criou o SNS disse que o criava, mesmo sem necessitar de fazer contas, pois era um imperativo constitucional. A Constituição instituiu-o no seu artigo 64º e por isso tinha mesmo que ser criado. Ora, como se viu, de "gratuito", rapidamente passou a "tendencialmente gratuito" e hoje já se

considera que, a haver gratuitidade, ela deverá ser apenas no momento da prestação. Finalmente sabe-se, isso sim, que os portugueses são os europeus que mais contribuem do seu bolso para a Saúde! (dados da OCDE)." ¹⁰²

E isso mostra que aqui também é necessário um novo modo de servir localmente saúde aos cidadãos aqui residentes, justificando o ativismo protagonizado por António Arnault. Já no Artigo 87.º da Lei n.º 2120, publicada no Diário do Governo n.º 169/1963, Série I de 1963-07-19 naquilo que podemos dizer serem novas bases da política de saúde e assistência, se procurava mudar a instituição Médicos Municipais, redefinindo o seu papel, determinando:

- "1. As atribuições dos médicos municipais serão exercidas por intermédio dos centros de saúde, ou postos de saúde, logo que sejam instalados nas respectivas áreas.*
- 2. Na criação dos partidos médicos ou delimitação das suas áreas será obrigatoriamente ouvido o director de saúde do respectivo distrito.*
- 3. As câmaras municipais podem celebrar acordos com os centros de saúde distritais para garantirem a prestação de cuidados médicos à população do seu concelho."*

Trabalhariam por isso em moldes pouco ambiciosos pois de acordo com a:

"BASE XX

São órgãos locais de saúde e assistência:

- a) As subdelegações de saúde;*
- b) As Santas Casas de Misericórdia das sedes dos concelhos ou, na falta delas, as instituições locais escolhidas para desempenhar as respetivas funções.*

BASE XXI

- 1. As subdelegações de saúde funcionarão, de preferência, em postos instalados por acordo nos hospitais sub-regionais.*
- 2. Na falta de acordo, ou quando não existam hospitais sub-regionais, os postos de saúde podem ter instalações privativas.*
- 3. Nos hospitais sub-regionais poderão funcionar secções de serviço social.*

BASE XXII

À Santa Casa de Misericórdia da sede do concelho compete o primeiro lugar nas atividades hospitalares

¹⁰⁰ Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/II_Governo_Constitucional_de_Portugal, acesso em 2 de janeiro de 2020.

¹⁰¹ Arquivo de Maria Idalina Alves de Brito, consultado em 26 de dezembro de 2019.

¹⁰² Ver António Gentil Martins: histórias de quando a OM foi extinta e convertida em Sindicato ...em <https://jornalmedico.pt/publicacoes/tag/Ordem%20dos%20M%C3%A9dicos.html?start=328>, acesso em 2 de janeiro de 2020.

e assistencial, por ação dos seus serviços próprios ou como centro coordenador daquelas atividades.”

Curiosamente também em 1963 é criada a ADSE, evidenciando-se pelo seu pragmatismo após numerosas falsas partidas pois só então “vai agora o Governo alargar a proteção aos funcionários, fazendo-os participar num esquema de assistência em todas as formas de doença” como afirma no preâmbulo do Decreto 45002, publicado no Diário do Governo n.º 100/1963, Série I de 1963-04-27.

Note-se que o Estado Novo quer que os funcionários públicos suportem os custos da sua proteção na Doença. Segue-se pouco depois a Lei n.º 2120, publicada no Diário do Governo n.º 169/1963, Série I de 1963-07-19, que refere às bases da política de saúde e assistência, onde se referem propósitos implícitos na política de saúde em 1958, que tem implícita a Revolta Popular que devemos associar à Campanha Eleitoral de Humberto Delgado. Contudo, o Estado Novo continua a não querer participar na sua gestão pois define na BASE XXII que “À Santa Casa de Misericórdia da sede do concelho compete o primeiro lugar nas atividades hospitalares e assistenciais, por ação dos seus serviços próprios ou como centro coordenador daquelas atividades.” E parece que nem participam no financiamento pois restringe tudo na BASE XL, determinando que: “Até à publicação dos regulamentos definitivos, o Ministro da Saúde e Assistência elaborará os regulamentos provisórios indispensáveis à boa execução da presente lei. Os referidos regulamentos carecem de aprovação do Ministro das Finanças sempre que contenham matéria financeira.”

Alargam-se com Marcelo Caetano, João Augusto Dias Rosas - Baltasar Leite Rebelo de Sousa em 22 de Setembro de 1971, mas com um atraso de 8 anos, estes limites que seriam definitivamente rebentados pela Revolução de Abril, sendo já a base financeiramente limitada de um Serviço Nacional de Saúde. Mas, tinham a marca de Francisco António Gonçalves Ferreira como o assinala Maria Elisa Domingues (2019, p. 35), que refere também que tinha criado os Centros de Saúde (p. 36), sendo estes uma velha ideia de José Alberto de Faria em 1928 e António Augusto Pereira Marques em 1945 como assinalámos já neste trabalho. Mas, Maria Elisa Domingues quer reduzir tudo ao que Francisco António Gonçalves Ferreira foi capaz de legislar, sem fazer referência nem ao muito que se tinha pensado sem nada concretizar pelo Salazarismo.

Também é normal em Portugal falar-se muito do que se vai fazer, mas nada se faz e assim fazia também no Estado Novo, que se desculpava assim do que tinha prometido quando o furacão Humberto Delgado o colocou em causa nas eleições presidenciais de 1958:

“Tem o Governo procurado dar cumprimento, em ponderada e sistemática realização, ao que na lei de autorização das receitas e despesas para o ano de 1958 - Lei n.º 2090, de 21 de Dezembro de 1957 - ficou programado como providências em favor do funcionalismo. Ao abono de família, unificado pelo máximo o seu quantitativo pelo Decreto-Lei n.º 41523, de 6 de Fevereiro de 1958, e revisto o respetivo regime legal pelo Decreto-Lei n.º 41671, de 11 de Junho do mesmo ano, seguiu-se o Decreto-Lei n.º 42951, de 27 de Abril de 1960, que estabelece as condições em que a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (Caixa Nacional de Previdência) pode aplicar os seus capitais afetos ao Fundo permanente na aquisição e construção de imóveis destinados aos funcionários do Estado e dos corpos administrativos.

Completa-se agora o programa proposto, estabelecendo a assistência na doença aos servidores civis do Estado, que o presente diploma define e regula.

Pode dizer-se que a previdência social, e com ela o seguro-doença, introduzidos pelo Estatuto do Trabalho Nacional e cujos princípios tiveram a sua primeira estruturação na Lei n.º 1884, de 16 de Março de 1935, deixaram em atraso o próprio Estado, pelo que respeita à situação dos seus servidores nas eventualidades da doença. Com efeito, os trabalhadores das empresas privadas passaram a usufruir um esquema de benefícios muito mais amplo do que o concedido àqueles que constituem o vasto número dos servidores do Estado; além de que, desde a publicação da lei citada, se criaram múltiplas organizações de assistência e se estimularam as entidades patronais, e os grupos profissionais ou de interesses comuns, à acção social protectora dos trabalhadores e das suas famílias.

Publicado o Decreto-Lei n.º 42046, de 23 de Dezembro de 1958, que reajustou as condições de remuneração dos servidores do Estado, vai agora o Governo alargar a proteção aos funcionários, fazendo-os participar num esquema de assistência em todas as formas de doença.”

4.1–Os Médicos Municipais ou Médicos de Partido estão em extinção

Em finais de 1977 havia problemas na organização das eleições na Ordem dos Médicos que eram noticiados no Diário de 15 de Dezembro desse ano na p. 11, ficando noticiada na p. 6 o problema dos policlínicos e os protestos em Tarouca contra a extinção dos serviços médicos à periferia na p. 7. A luta prossegue no ano seguinte a favor da descentralização dos serviços médicos, sublinhando-se a necessidade dos serviços médicos e paramédicos nas diversas localidades, mostrando uma dinâmica imparável. Abria-se assim caminho para o SNS sendo prioritária a sua criação em três distritos do País a partir da luta dos médicos policlínicos (Diário de 8 de Fevereiro de 1978, p. 16), que acabam por pressionar António Arnaut (Diário Popular, 18-2-78, p. 15) e dar-lhe força para uma efetiva implantação do SNS, prometendo este um SNS no final de 1978, sendo este processo dinamizado por este Ministro, mantendo os médicos e outros profissionais a pressão necessária (Diário de Notícias, 24-2-78, p. ?), sendo o Ministério dos Assuntos Sociais um poder político que dá voz às necessidades populares de acesso à Saúde, tendo a CGTP e o Governo “opiniões coincidentes” (Diário de Lisboa, 19-4-78, p. 5), sendo isso refletido pela Imprensa que evidencia a recetividade que este plano teve numa reunião da OMS em Genebra, onde esteve o Secretário de Estado da Saúde Mário Mendes, capitalizando assim este apoio internacional ao SNS que estava a ser construído e que desembocaria na lei que o concretizaria (Diário, 16-5-78), mas como sempre há discussão ideológica que reflete os interesses em presença e que pretendem manter a medicina como mercado e que têm a oposição de uma parte dos médicos, algo que já se adivinhava na discussão que já descrevemos anteriormente e que era uma constante entre os médicos e que se apresentavam na alternativa entre Medicina Privada ou Estatal.

Entra nesta discussão o Médico António Galhordas, um cirurgião geral, que tinha logo em 1961 participado na elaboração do Relatório sobre as Carreiras Médicas, editado em 1961, tendo feito parte da sua comissão de redação, presidida pelo Prof Dr. Miller Guerra conforme recorda em 2015 a FNAM¹⁰³.

Havia então uma intensa discussão, onde a CGTP/IN participava, impondo rumos e levando

António Arnaut a opor-se a um projeto que defendesse a Medicina Convencionada, entrando na liça Santos Cardoso que analisa os Serviços de Saúde e as implicações neles de uma opção pelo capitalismo (Diário de Lisboa, 30/9/1978, p. 3 e 14/10/78, p. 3), sendo visível a luta popular neste contexto, havendo em Montemor-o-Novo um 1º Grande Encontro das Comissões de Base na Saúde, sendo visível as contradições ideológicas do Governo de que Arnaut faz parte já que prossegue uma luta contra a Reforma Agrária, que aí é repudiada.

Há reivindicações quanto ao Estatuto do Médico que não são bem aceites pela Ordem dos Médicos, mas tudo se vai resolvendo pois está em funções o Governo Pintasilgo que não tem uma política de ruptura com a Lei Arnaut, nem de afrontamento com a Ordem dos Médicos (O Jornal, 6 de Setembro de 1979). Também o Movimento Sindical tinha feito muito trabalho preparatório nos anos anteriores que acabou por integrar a decisão governativa, minorando os pontos de divergência entre o público trabalhador e a governação política. Por isso, pela Ordem dos Médicos, preparando a transição para uma nova estrutura, fez em Janeiro de 1980 o seguinte aviso:

*“Chama-se a atenção de todos os médicos municipais para a necessidade de darem a conhecer à autarquia local para a qual trabalham, da regulamentação do Estatuto do Médico”.*¹⁰⁴

Terminava então o velho regime dos médicos de partido ou municipais, mas há problemas nesta transição de estatuto quanto ao vencimento, que é agora de acordo com a Letra F e quanto ao regime de tempo que deve ser completo, ou seja inteiro, embora fosse remunerado como gratificação tal como então esclarece a Direção-Geral da Função Pública¹⁰⁵. De facto, o decreto 373/79 (Estatuto do Médico) prescrevia:

Art. 11.º Os médicos municipais poderão passar aos regimes de tempo completo ou parcial mediante autorização da autarquia local respetiva, precedendo parecer favorável da administração distrital dos serviços de saúde competente.

Os médicos deixavam de depender só da autarquia, passando a depender também da administração distrital que passava a superintender no regime da sua prestação de trabalho, libertando-o da tutela autárquica que tinha sido sempre um peso já que lhe pagava mal e poucas condições lhe dava para se afirmar profissionalmente. Procurava-se

¹⁰³ Ver https://www.fnam.pt/files/2015/05/car_pesames_A_Galhordas.pdf, acesso em 2 de janeiro de 2020.

¹⁰⁴ Revista da Ordem dos Médicos, Março de 1980, n.º 3, p. 24.

¹⁰⁵ Idem.

por isso fazer com o decreto 373/79 (Estatuto do Médico):

"A integração de serviços de saúde a que se tem vindo a proceder nos últimos anos, ao reunir estabelecimentos e unidades com diferentes estatutos e regimes de pessoal, torna aconselhável que as medidas definitivas regulamentadoras da gestão de recursos humanos venham a decorrer da prévia definição orgânica e da legislação geral de carreiras a propor.

Verifica-se, contudo, que o pessoal médico tem os seus direitos e deveres profissionais dispersos por legislação avulsa, adrede preparada para cada um dos subsistemas de saúde do passado. Há vantagens evidentes em, desde já, reunir num só diploma toda essa legislação, definindo ainda regras gerais de regime de trabalho e remuneração que, visando aplanar situações de desigualdade, estabeleçam normas comuns às diferentes situações, sem deixar de ter em conta aspectos particulares de cada uma delas.

Pelas razões enunciadas, o presente diploma tem carácter transitório, visto aplicar-se a estruturas de saúde existentes e em processo de transformação, devendo ser oportunamente adaptado aos condicionalismos que surjam no decurso do mesmo."

Em Julho de 1980 na Revista da Ordem dos Médicos, a propósito dos Médicos Municipais, escrevia-se na coluna 1 da página 20:

"A Secretaria de Estado da Saúde está a estudar o problema suscitado pela aplicação do Estatuto do Médico aos Médicos Municipais. Como se trata de um problema complexo, há um Grupo de Trabalho ligado ao Secretário de Estado da Saúde que, em breve prazo, deverá dar um parecer definitivo.

A Ordem dos Médicos pressionou a Secretaria de Estado no sentido de dar rápida solução a este problema em causa."

E, em Novembro de 1981, no n.º 11 da Revista da Ordem dos Médicos (p. 5) escrevia-se:

"Eterniza-se o problema dos Médicos Municipais. Também algumas Câmaras decidiram não cumprir a Lei.

Mas a Ordem dos Médicos não desiste de fazer cumprir o que está legalmente em vigor, respeitante à Classe.

Vamos divulgando algumas dessas iniquidades. Para além de, obviamente, procedermos a todas as diligências necessárias à resolução dos casos que vierem ao nosso conhecimento."

4.2 – Conflitos transitórios: o caso de Vila Pouca de Aguiar

Denuncia-se o não cumprimento da Lei por parte de algumas câmaras, sendo exemplo a de Vila Pouca de Aguiar, que não cumpre o decreto 373/79 (Estatuto do Médico)¹⁰⁶. Justifica-se esta atitude por antes em 13 de Dezembro de 1979 ter sido informada pela Construções Hospitalares do Norte de que já tinha sido adjudicado o Centro de Saúde de Vila Pouca de Aguiar, manifestando a sua satisfação por esse facto.¹⁰⁷ Por isso em dez de Janeiro de 1980, esta Câmara inicia o processo de reestruturação do quadro de Pessoal, com uma comissão para qual designa o vereador João Cândido da Costa, que será acompanhado pelo chefe de Secretaria e um trabalhador a designar por estes¹⁰⁸. Em 24 de Junho de 1980 por se encontrar vago o lugar do médico municipal do primeiro partido por o seu titular Abílio Ferreira Machado ter atingido o limite de idade, e as atuais condições de assistência médica tornar dispensável o preenchimento deste lugar, votam a extinção deste lugar de Médico de Partido¹⁰⁹. Voltam a votar esta extinção em 28 de Outubro 1980 por escrutínio secreto, mas sem indicar o nome do médico¹¹⁰.

Curiosamente, em 11 de Novembro de 1980 também está vago o lugar do médico municipal do 2º partido e também por ter o respetivo titular atingido o limite de idade. É por isso que, por escrutínio secreto, o extinguem pelas razões invocadas no caso do primeiro partido, que é o de estarem ultrapassadas as situações que tal aconselhavam¹¹¹.

Acabava assim em Vila Pouca de Aguiar a instituição centenária dos Partidos Médicos, passando a ser feita a assistência médica pelo Serviço Nacional de Saúde, libertando as finanças municipais deste encargo.

Agora em Vila Pouca de Aguiar o problema é conseguir dar incentivos à fixação de profissionais de saúde em articulação com Gabinete do Programa de Cooperação Luso-Norueguesa que envia um

¹⁰⁶ Revista da Ordem dos Médicos, Maio de 1981, n.º 5, p. 16.

¹⁰⁷ Arquivo Municipal de Vila Pouca de Aguiar, Livro de Atas da Câmara Municipal n.º 74, 13 de Dezembro de 1979, folha 10, frente.

¹⁰⁸ Idem, 10 de Janeiro de 1980, folha 14 e folha 15, frente.

¹⁰⁹ Idem, 24 de Junho de 1980, folha 51 frente.

¹¹⁰ Idem, 28 de Outubro de 1980, folha 71 verso.

¹¹¹ Arquivo Municipal de Vila Pouca de Aguiar, Livro de Atas da Câmara Municipal n.º 74, 11 de Novembro de 1980, folha 73 verso.

ofício datado de 18 de Março, em que invocando o bom ritmo da construção do Centro de Saúde, onde se recomenda a criação de incentivos para o fazer funcionar, fixando incentivos à fixação de profissionais de saúde no interior, solicita uma resposta da câmara sobre os incentivos que vai conceder. Cita-se então os casos de Boticas e de Ribeira de Pena que oferecem casa mobilada, água, luz e taxa telefónica. Discute-se este assunto e deliberam por maioria, ou seja, com um voto contra e duas abstenções garantir apenas casa aos profissionais de saúde e em termos a fixar entre a câmara e o Fundo de Fomento de Habitação¹¹². Mais tarde vão conceder passes pagos a três enfermeiros pagos através do capítulo “Órgãos da Autarquia” que vêm de Vila Real prestar serviços no Centro de Saúde¹¹³.

Só percebemos bem o que se passou no concelho de Vila Pouca de Aguiar e nos concelhos vizinhos quando tomamos em consideração o que foi a avaliação dos resultados conseguidos pelo SNS com o apoio norueguês.

Era o concretizar de um projeto que tinha sido pensado por António Augusto Pereira Marques no início dos anos 1940 e que o Estado Novo não quis concretizar, mantendo em funcionamento o velho sistema dos partidos médicos, limitado ao médico municipal e sem o enquadramento de um qualquer sistema de saúde com meios de diagnóstico, enfermeiros e técnicos de saúde, algo que no Estado Novo era impossível de concretizar.

Controlando este processo em 24 de Setembro de 1979 há uma visita de personalidades norueguesas da NORAD ao Distrito de Vila Real, onde consta uma visita ao Centro de Saúde de Santa Marta de Penaguião que está em construção, assim como ao de Ribeira de Pena também em construção¹¹⁴. Houve problemas com relação à capacidade de gerir dinheiros próprios e alheios em Santa Marta de Penaguião sendo que registado nas atas da Câmara em 27 de Dezembro de 1979 que:

“Há já bastante tempo que se encontram paradas as obras relativas à construção do Centro de Saúde Concelhio e isso faz com que as pessoas se interroguem sobre os motivos que a tal levou e como irá evoluir a situação. De modo a elucidar-se para além dos elementos que já possuía e a poder informar a própria Câmara, entrou o senhor Presidente em contacto com a Direção da

¹¹² *Idem*, 24 de Março de 1981, folha 99 frente.

¹¹³ *Idem*, 13 de Outubro de 1981, folha 143 verso.

¹¹⁴ Arquivo Municipal de Ribeira de Pena, Correspondência Existente proveniente da Direção Geral de Saúde, Hospitais, Misericórdia e Instituições de Assistência referente ao ano 1979.

Construções Hospitalares do Norte e o Centro de Saúde foi mesmo construído”¹¹⁵.

Como sinal de gratidão existe no Centro de Saúde de Santa Marta de Penaguião uma placa que nos informa:

*“Ao Povo da Noruega
O Povo de Santa Marta de Penaguião
Agradecido
Ano de 1982”.*

Conforme fui informado existe uma lápide semelhante em Ribeira de Pena que não pude ver devido às restrições geradas pelos medos da pandemia.

A Câmara está então muito empenhada noutras melhorias no concelho e esta já estava feita, sendo necessário prosseguir agora noutra direção e sentido, procurando novos caminhos.

Escrevem também Maria do Carmo Cruz e José Edmundo Magalhães (1995, p. 307) que o Centro de Saúde de Ribeira de Pena em 22 de Novembro de 1980 com a Secção Ambulatória, tendo o sector de Internamento começado a funcionar em 22 de Março de 1983. Era assim evidente a maior capacidade de administração da construção do Centro de Saúde de Ribeira de Pena.

Por isso o Boletim da Ordem dos Médicos regista em Novembro de 1980:

“É com satisfação que se informa os interessados que por ofício de 11 de Novembro, o Senhor Ministro comunicou ter encaminhado pessoalmente o assunto para o Secretário de Estado da Administração Regional e Local com instruções no sentido de obter por parte das Câmaras Municipais em causa o correto cumprimento do determinado no Estatuto do Médico”¹¹⁶.

Afirma-se depois:

“A Ordem continua a tentar resolver o problema dos Médicos Municipais nomeadamente no que respeita ao cumprimento do Estatuto do Médico. Fomos informados pelo Ministério da Administração Interna, que dadas as dúvidas que têm surgido nalgumas Câmaras, irá ser enviado um comunicado

¹¹⁵ Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Santa Marta de Penaguião, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho de Santa Marta de Penaguião de 13 de Dezembro de 1979, Livro de Atas iniciado 25-7-1979 e terminado em 25-3-1982, folha 27 verso e folha 28 frente.

¹¹⁶ Revista da Ordem dos Médicos, Novembro de 1980, n.º 11, p. 24.

a todas as Câmaras do País informando-as de qual a interpretação correta que deve ser dada à Lei 373/79 de 8 de Setembro de 1979 (Estatuto do Médico). Espera-se, assim, que as Câmaras passem a cumprir, pois se o não fizerem, não restará a esta Ordem e aos médicos lesados outra alternativa que não seja o recurso à via judicial.

Esta via, certamente indesejável para qualquer dos intervenientes, poderá dificultar as boas relações que devem existir entre os Médicos e as Autarquias em que trabalham, mas não deixará de ser utilizada se for o único recurso para a reposição da justiça e cumprimento da Lei¹¹⁷.

Contudo, em 4 de Dezembro de 1980, o presidente da Câmara da Guarda refere que na Assembleia Municipal lhe foram feitas perguntas pertinentes sobre o trabalho desenvolvido pelo médico municipal, e a que respondeu de modo evasivo. Segue-se um “detalhe” sobre o assunto e decidem com vista à clarificação da situação dialogar junto das outras câmaras sobre a situação dos médicos municipais nesses concelhos¹¹⁸.

5 – O Futuro começou em 1979 e muitos não se aperceberam disso

1979 foi o ponto de chegada de movimentos e de ideias que iam motivar mudanças radicais do sistema de médicos municipais ou de partidos médicos iniciados na Governação de D. Sebastião, mas como era evidente havia que estourar com este sistema para que os centros de saúde os substituíssem.

5.1 – As visões na Guarda eram muito limitadas

No período pós 25 de Abril tudo vai limitar-se às atividades rotineiras na Câmara, pois quase tudo se joga no processo revolucionário, sendo por isso omissas as atas da Câmara entre 19 de Novembro de 1974 até finais de 1976 quanto à sua gestão dos serviços de saúde municipais. Só se refere um ofício da Comissão Instaladora do Hospital Distrital da Guarda que se refere à decisão de um plenário de trabalhadores que decidiu converter em enfermarias de duas camas os quartos particulares, pedindo que a Comissão Administrativa resolva: a) se os

quartos particulares devem ser convertidos em enfermarias de duas camas; b) devem manter-se os sete quartos atualmente existentes; c) devem ser reconvertisdos em quartos as enfermarias de duas camas. Mas, o vogal da Comissão Administrativa vai considerar inoportuno este assunto por estar em estudo acelerado a integração dos serviços de saúde do concelho como está superiormente determinado, acrescentando que este assunto devia ser analisado pela “Comissão Integradora dos Serviços de Saúde Locais” (CISSL) por ser mais qualificada e representativa, decidindo por isso solicitar também informação sobre a quantidade dos quartos já reconvertisdos¹¹⁹. Contudo estas Comissões Integradoras dos Serviços de Saúde Locais (CISSL) só foram criadas legalmente em 7 de Agosto de 1975¹²⁰.

Em 27 de Maio propõe-se como medida de poupança a suspensão dos médicos municipais, distribuindo-se o que ganham pelos outros trabalhadores. Sendo isso debatido, intervém o vogal António Ferreira das Neves que acrescenta que os médicos municipais não cumprem o artigo 150 do Código Administrativo, mas o chefe da Secretaria logo afirma que ninguém pode ser condenado sem ser ouvido conforme todas as Constituições e a Declaração dos Direitos do Homem em plena Revolução Francesa, propondo que se instaurem processos disciplinares. Decidem enviar esta proposta à Comissão de Trabalhadores que apresentará o seu parecer para ulterior resolução¹²¹. Mas, em Maio de 1975 estavam em funções como Médicos Municipais o Dr. António Anes, que se vai reformar em 13 de Outubro de 1975; Orlindo Soares Teles, que completou 70 anos de idade em 30 de Maio de 1982, reformando-se então; Filinto dos Reis Novais tinha-se reformado em 21 de Novembro de 1973; Albano Augusto da Cunha Leal ia reformar-se em 27 de Junho de 1975, quando completaria 70 anos; Agostinho do Amaral era o mais jovem e só iria reformar-se em 15 de Março de 1999. Por isso, na Guarda este problema não se punha com carácter inultrapassável porque Agostinho do Amaral, médico de partido em Vila Fernando, iria

¹¹⁹ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 5-11-1974 e terminado em 15-7-1975, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 20 de Maio de 1975, folha 149 frente e verso.

¹²⁰ Decreto-Lei n.º 488/7, Diário do Governo n.º 204/1975, Série I de 1975-09-04.

¹²¹ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 5-11-1974 e terminado em 15-7-1975, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 27 de Maio de 1975, folha 157 frente e verso.

¹¹⁷ Revista da Ordem dos Médicos, Março de 1981, n.º 3, pp. 7/8.

¹¹⁸ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 28-8-1980 e terminado em 8-1-1981, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 4 de Dezembro de 1980, folha 159 verso e folha 160 frente.

transferir-se para o Porto em 29 de Maio de 1979¹²². Outro, ainda ativo, Orlindo Soares Teles, completou 70 anos de idade pouco depois em 30 de Maio de 1982 e era chefe de clínica de oftalmologia do Hospital Distrital da Guarda desde 2 de Abril de 1977 ao abrigo do decreto-lei n.º 129/77, acumulando com as funções de médico municipal da 1ª área, sendo para isso autorizado¹²³.

Também nada se diz em 1977, ano em que entrou em funções a Câmara Municipal eleita já com a Lei autárquica democrática no dia 11 de Janeiro sobre a organização dos serviços de saúde no Concelho¹²⁴. Só em 20 de Junho de 1978, como resultado da iniciativa governamental de concretizar as promessas de criação de um serviço nacional de saúde, que é uma velha aspiração do povo português, um vereador que não é identificado na ata, assinala que faltam ginecologistas no Hospital da Guarda que deem assistência às parturientes que se deslocam por isso à Covilhã, Viseu e Coimbra, propondo por isso que se dê disso conhecimento ao Governador Civil da Guarda e ao Ministro dos Assuntos Sociais, sublinhando-se então os inconvenientes de toda a ordem desse facto e ainda que não deve ser esquecido que o distrito da Guarda foi "escolhido para que nele funcionasse, pela primeira vez, o Serviço Nacional de Saúde, não se compreendendo que tais serviços possam vir a ter a máxima eficiência, se à partida se verificarem falta de estruturas para o arranque que tanto se ambiciona"¹²⁵.

Mas, em 15 de Julho de 1982, preocupa-se a Câmara com o facto de o Hospital Distrital da Guarda continuar sem diretor desde a aposentação em Maio do seu titular, um facto, afirma, que tem originado bastantes transtornos a médicos e pacientes¹²⁶. Ligando tudo, ficamos a desconfiar que este seria Orlindo Soares Teles.

Tomará a Câmara Municipal da Guarda em 23 de Dezembro de 1982 conhecimento de uma

¹²² Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

¹²³ Conforme processo individual existente no Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda.

¹²⁴ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 5-6-1976 e terminado em 15-3-1977, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 11 de Janeiro de 1977, folha 148 frente.

¹²⁵ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 14-6-1978 e terminado em 23-1-1979, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 20 de Junho de 1978, folha 17 frente.

¹²⁶ *Idem*, Livro de Atas iniciado em 17-6-1982 e terminado em 9-9-1982, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 15 de Julho de 1982, folha 88 frente.

carta aberta da Sociedade Médica dos Hospitais Distritais da Zona Sul, em que esta toma posição sobre a portaria 1103 de 82 do "Ministério dos Assuntos Sociais na qual julgam conter disposições inaceitáveis e contrárias à política de regionalização ultimamente superiormente defendida"¹²⁷.

5.2 – Outras visões limitadas

Estranhamente, ainda agora alguns médicos continuam sem ter uma visão integrada do problema do Serviço Nacional de Saúde, focando só o papel dos médicos como é o caso de Manuel Antunes em 2000, mas este problema tem muito mais a ver com a necessidade de criar sinergias que otimizem o uso de todos os recursos e com eles os médicos que atuam no SNS. Tudo faz sentido quando vemos que a Medicina é consumidora e também produtora de Ciência, sendo esta um elemento fundamental na organização dos seus avanços e determinante da sua evolução.

Contudo, surgem de todos os lados inimigos desta Medicina que se assume como científica pois existem quer idiossincrasias que afirmam nonsenses como verdades, assim como de muitos lados surgem modernos curandeiros que convencem gente que lhes paga e os tornam gente bem sucedida neste tempo em que a Ciência surge triunfante, mas de forma limitada como observamos e sabemos através de análises tanto quanto possível rigorosas como a de Miguel Oliveira Silva.

E quando comemorámos o 40º aniversário do SNS, Matias Coelho, um médico que acompanhou a sua evolução, conta-nos a sequência de alguns dos passos que marcaram a sua evolução e as mudanças que ocorreram na Guarda onde trabalhou e fez o seu percurso profissional¹²⁸. Mas, se Maria Elisa Domingues em 2019 nos conta algo sobre parte dos protagonistas, esquece muitos outros e não chega a definir o que foi substituído, os médicos de partido e nem sequer nos fala da escassez de recursos médicos, enfermeiros e outros, bem como nem sequer aborda como a esquerda esteve na base da transformação que analisa de modo redutor, esquecendo o grande avanço que significou o 25 de Abril de 1974 em relação ao que se passava antes.

¹²⁷ Arquivo Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Livro de Atas iniciado em 9-12-1982 e terminado em 1-3-1983, Ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho da Guarda de 23 de Dezembro de 1982, folha 31 verso e folha 32 frente.

¹²⁸ *Terras da Beira*, 2 de Janeiro de 2020, pp. 4-5.

Na verdade, Maria Elisa Domingues “esqueceu-se” de analisar como se passou da situação de pobreza imposta nos campos à desertificação dos campos e porque razão deixou de funcionar a instituição “médicos de partido” (2019, p. 169), a sua origem histórica e como se transformaram noutro tipo de médicos, com a especialidade clínica de Medicina Geral e Familiar, baseando-se só na Reforma de 1971 e na criação de centros de saúde, não referindo sequer as casas do povo e os sindicatos como fornecedores de serviços de saúde, e nem sequer o papel transformador do Estatuto de Médico, um diploma criado pelo Governo Pintasilgo. É por enviesamento que desconfiamos ser ideológico que nada disto refere e analisa, esquecendo o papel ativo das populações e do movimento sindical que tanto se preocupou e tanto lutou por mudanças na Saúde.

Esqueceu-se?

Referências:

- Almeida, Andreia da Silva – *A Saúde no Estado Novo de Salazar (1933-1968)* – Políticas, Sistemas e Estruturas, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.
- Antunes, Manuel – *A Doença da Saúde*, Quetzal Editores, Lisboa, 2000.
- Barreiros, Manuel Simões – *Doze anos de Administração Municipal (1930-1942)*, Janeiro de 1943.
- Clímaco, Rui – Revisão Clínica das psicoses infeciosas e pós-infeciosas – Um caso de septicémia estafilocócica (confusão mental alucinatória) *Medicina Contemporânea*, ano LXIV, Junho de 1946, n.º 6, pp. 216-253.
- Cruz, Maria do Carmo e Magalhães, José Edmundo – *Ribeira de Pena: Monografia do Concelho de Ribeira de Pena*, Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena, Ribeira de Pena, 1995.
- Diniz, Aires Antunes – José Antunes Serra – Antropologia, Genética e Medicina *Cadernos de Cultura XXIX Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI*, Novembro de 2015, Castelo Branco, pp. 121-134.
- Domingues, Maria Elisa – *40 Anos do SNS*, Edições Saída de Emergência, Secretaria Geral do Ministério da Saúde, Lisboa, 2019.
- George, Francisco – Lei de Bases da Saúde: também uma questão de democracia, *Diário de Notícias*, 23 de Dezembro de 2018, p. 12.
- Leal, Albano Augusto da Cunha – A transfusão de sangue no meio rural, *Medicina Contemporânea*, ano LXVII, Setembro de 1949, pp. 63-98.
- Machado, José Timóteo Montalvão – Assistência médica às populações rurais, *Separata de «O Médico»*, n.º 264, 1956.
- Marques, António Augusto Pereira – Assistência médica rural, *Ação Médica*, Ano II, Fascículo VI, Outubro 1937, pp. 136-143.
- Marques, António Augusto Pereira – Assistência médica rural, *Ação Médica*, Ano II, Fascículo VII, Janeiro 1938, pp. 178-212.
- Marques, António Augusto Pereira a) – Ainda a Assistência Médica Rural, *Ação Médica*, Ano III, Fascículo XI, Janeiro de 1939, pp. 191-228.
- Marques, António Augusto Pereira b) – Reorganização da Assistência Médica *Ação Médica*, Ano IV, Fascículo XIII, Julho-Setembro 1939, pp. 46-60.
- Marques, António Augusto Pereira c) – Reorganização da Assistência Médica *Ação Médica*, Ano IV, Fascículo XIV, Outubro-Dezembro 1939, pp. 134-138.
- Marques, António Augusto Pereira – Assistência Social Materno-infantil no Concelho do Sabugal, *Separata da Ação Médica*, Ano VIII, Fascículo XXIX, Julho de 1943.
- Marques, António Augusto Pereira a) – O Centro de Assistência Social da Guarda, *Ação Médica*, Ano X, nº 37, Julho-Setembro de 1945, pp. 72-97.
- Marques, António Augusto Pereira b) – Remodelação dos Serviços de Assistência, *Ação Médica*, Ano X, nº 38, Outubro-Dezembro 1945, pp. 181-191.
- Proença, António Ramos – *O Problema da Assistência Médica em Portugal: Situação Actual, Comentários ao Código Administrativo, Sugestões e Bases para a sua Resolução*, Tipografia Semedo, Castelo Branco, 1937.
- Proença, António Ramos – *Assistência Médica: Casos e questões com ela relacionados*, Conferência proferida no dia 24 de abril de 1941, no Porto, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Separata do «Jornal do Médico», nºs 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22 de 1941, Tipografia Costa Carregal, Porto, 1941.
- Santos, Barreiros e – Medicina Social: O exercício da Medicina e os planos que sobre ele se anunciam, *Medicina Contemporânea*, ano LXIV, Fevereiro de 1946, pp. 99-105.
- Santos, José Grilo dos – *Retratos de um Povo*, Edição do Autor, Guarda, 2019.
- Santos, José Martins dos – *Pera do Moço: Anotações de um aborigene*, Edição da Junta de Freguesia de Pera do Moço, 1998
- Silva, Miguel Oliveira da – *Quem está contra a Medicina?*, Editorial Caminho, Alfragide, 2019.

*Professor. Investigador.

CÉREBRO, NATUREZA E SAÚDE

Maria de Lurdes Cardoso*



Em Portugal, foram publicados, em 2018, vários textos sobre a nossa ligação à natureza, como consta da figura seguinte.

SHINRIN-YOKU: A arte japonesa da Terapia da Floresta, de Qing Li (*20/20 Editora, Nascente 2018*), em que *shinrin* significa «floresta» e *yoku* «banho», termo cunhado pelo governo japonês, em 1982, baseando-se nas práticas xintoistas e budistas ancestrais de deixar a natureza atuar no nosso corpo através dos cinco sentidos.

Qing Li é médico imunologista e professor numa das mais prestigiadas faculdades de medicina do Japão, a Escola Médica Nipónica, em Tóquio, e é presidente da Sociedade Japonesa de Medicina Florestal e vice-presidente da *International Society of Nature and Forest Medicine*. O seu trabalho como especialista em medicina florestal prova que estar rodeado de árvores reduz a pressão arterial, diminui o stress, aumenta a energia e favorece o sistema imunológico, revelando que os fitocidas, ou os óleos essenciais, favorecem a atividade das células NK (*Natural Killer*) a combater as infecções bacterianas.

No Japão há 48 trilhos oficiais da Terapia da Floresta e a investigação é financiada em cerca de quatro milhões de dólares desde 2003.

O Guia dos Banhos de Floresta, de Amos Clifford (*Lua de Papel, 2018*), que é fundador e presidente da Associação de Guias e Programas Terapêuticos da Natureza e da Floresta dos Estados Unidos, cuja missão é integrar a Terapia da Floresta nos sistemas de saúde.

A Natureza Cura, da jornalista Florence Williams (*Bertrand, 2018*), que viajou pelo mundo para conhecer os trabalhos de cientistas que investigam a influência da natureza no nosso cérebro.

Alguns exemplos:

A miopia parece estar estreitamente associada ao tempo gasto a viver longe da luz solar. Esta estimula

os receptores de dopamina da retina que, por sua vez, controlam a configuração do olho em formação, prevenindo o globo ocular de se tornar demasiado oblongo, segundo estudos realizados nos EUA, na Austrália e em Singapura.

A luz solar é, também, importante em vários processos fisiológicos, desde a regulação do sono e dos ritmos diurnos ao favorecimento do crescimento ósseo e reforço do sistema imunitário.

Por sua vez, os sons da natureza melhoram as nossas capacidades cognitivas. E se as pessoas com stress têm níveis elevados de adrenalina e de cortisol, a música parece inibir a libertação destas hormonas no cérebro e encorajar a libertação de dopamina e de serotonina, indutoras do prazer.

Daniel Levitin, neurocientista e professor de Psicologia da Comunicação Electrónica, no seu livro *Uma paixão humana: O seu cérebro e a música* (Bizâncio, 2007), descreve como o som viaja através do cérebro.

De acordo com o psicólogo David Strayer, do Laboratório de Psicologia Cognitiva Aplicada, da universidade norte-americana do Utah – que afirma que as melhores ideias lhe ocorrem na natureza –, quando percorremos um determinado ambiente accionamos três redes centrais no cérebro: a *rede executiva* que inclui o córtex pré-frontal orientado para funções intelectuais e focado em tarefas, a *rede espacial* que nos orienta e a *rede de modo padrão* que entra em ação quando a rede executiva abrandá.

Quanto à aromaterapia, que remonta ao Antigo Egito, os cheiros chegam de imediato ao cérebro reptiliano, onde a amígdala está a postos para dar uma resposta de luta ou de fuga. Há várias ramificações entre a amígdala emocional e o hipocampo, local de armazenamento das memórias.

Sabe-se, por exemplo, que as partículas de substâncias como o gásóleo e o carbono negro encurtam a esperança média de vida por causarem problemas cardiovasculares e pulmonares. Já o óleo do cipreste japonês hinoki faz baixar a pressão arterial, pois entre os seus componentes estão os terpenos, particularmente úteis no tratamento das infecções bacterianas e também como sedativos, diminuindo o stresse.

No que respeita à vista para espaços verdes, Roger Ulrich mostra que, num hospital dos EUA, a convalescença de doentes de pós-operatórios é mais rápida nos que têm vista para árvores quando comparada com os da vista para paredes de edifícios.

Também são observados benefícios sociais por Richard Mitchell, da universidade de Glasgow: ambientes naturais favorecem a calma e a autoestima,

reduzem os sentimentos de frustração e de cólera e desenvolvem uma atitude de cooperação.

Na literatura, o escritor britânico Edward Morgan Forster, no seu livro *A Room with a View* (1908), começa com Miss Bartlet a dizer: *A signora não podia fazer uma coisa destas, de maneira nenhuma, tinha-nos prometido quartos para o sul com vista...E, em vez disso, estamos em quartos para o norte, dão para um pátio...*

Em 1985, James Ivory realiza o filme baseado na referida obra, em Itália, *Um quarto com vista para o sul* que dá para o rio Arno, em Florença.

Por seu turno, o estudo português do Centro de Investigação e Intervenção Social ISCTE, por Sibila Marques e Maria Luísa Lima *Living in Grey Areas: Industrial Activity and Psychological Health* (Journal of Environmental Psychology, vol. 31, 2011, pp. 314-322), mostra que viver em áreas industriais poluídas aumenta os níveis de ansiedade e de depressão na população.

A revista francesa *POUR LA SCIENCE* (Hors-Série, nov/dec 2018) faz capa com o *abraçar as árvores*, cujo efeito na saúde é o de fazer baixar a pressão arterial e diminuir o stresse.

Em sincronicidade com a Dra Maria Adelaide Salvado, referimos a crónica de José Tolentino Mendonça *A Fé das Árvores*, que começa com um excerto do poema de Ruy Belo:

*Não sei um dia mas alguma coisa me doía ou talvez
não doesse mas havia fosse o que fosse era isso sentia
a grande falta de uma árvore.*

Tolentino Mendonça lembra-se de ter visto o poeta Mário Cesariny (1923-2006) abraçar uma árvore como quem abraça um amigo.

O mesmo poeta surrealista, em *Autografia* (Pena Capital, Assírio & Alvim, 1982), escreve:

*os dias e as noites deste século têm gritado tanto no
meu peito que existe nele uma árvore miraculada.*

Outro poeta defensor da natureza e, em particular, da serra da Arrábida, Sebastião da Gama (1924-1952), que graças ao seu apelo foi fundada, em 1948, pelo professor Baeta Neves (1916-1992) a Liga para a Proteção da Natureza, escreve o poema *Tradição*, em 1942, quando a serra da Arrábida estava a ser desflorestada para ser construída uma estrada no alto.

Sebastião da Gama convidava para irem à Arrábida muitos dos seus amigos de Lisboa, estudantes universitários como ele, entre os quais David Mourão Ferreira e Lindley Cintra. Teve também encontros com Miguel Torga e Teixeira de Pascoaes, citando-se:

*O mais difícil não é ir à Arrábida...Difícil, difícil é
entendê-la porque boas praias, boas sombras e boas*

vistas há-as em toda a parte...; o que não há em toda a parte é a religiosidade que dá à serra da Arrábida elevação e sentido.

Teixeira de Pascoaes ter-lhe-á dito: *A Arrábida é o altar da saudade; eu pu-lo no Marão, porque sou do norte.*

Foi também na serra da Arrábida que a paisagem mais aquietou a inquietude do poeta místico Frei Agostinho da Cruz, que faleceu em Setúbal, no ano de 1619, autor de *Da Serra da Arrábida* e *Elegia da Arrábida* (Antologia da Poesia Portuguesa do século XIII ao século XXI).

Sobre a Terapia da Floresta, a revista Visão (*Natureza: A terapia tranquila*, 31/10 a 6/11/2019) divulga que Samuel Antunes, psicólogo clínico e investigador na área do stress e do bem-estar do ISPA, refere que *o estilo de vida atual não nos permite silêncio, nem tempo nem espaço, por isso temos de arranjar formas artificiais que nos obriguem a conectar-nos com as emoções... Os lugares selvagens são uma quase garantia de que vamos ter uma aproximação à interioridade, coisa de que todos precisamos.*

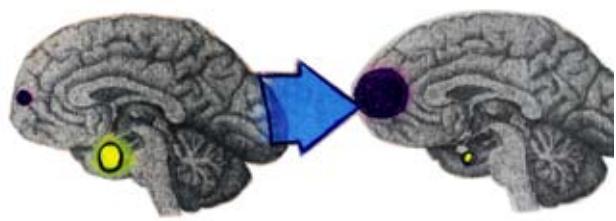
Jorge Mota Pereira, médico psiquiatra (com cerca de 90% de prática clínica em casos de depressão e de ansiedade) diz que *a caminhada é das coisas que dá mais sensação de prazer imediato, pela libertação instantânea de endorfinas. Ao fim de duas a quatro semanas de prática regular de exercício físico, conseguimos medir uma modificação dos neurotransmissores cerebrais, nomeadamente da serotonina, da adrenalina e da dopamina, os mesmos neurotransmissores que são modificados com os anti-depressivos.*

Margarida Vaz Pinto, médica responsável pela implementação do programa *Passar tempo ao ar livre*, na Unidade de Saúde Familiar da Prelada (baseado no programa internacional de caminhadas, iniciado nos EUA, em 2005) e que está em ação no Porto, desde fevereiro de 2019, na primeira 6^ª de cada mês, sempre com o acompanhamento de um profissional de saúde, sublinha que *passar tempo ao ar livre contribui para o bem-estar físico e psicológico.*

Pessoalmente, confesso os efeitos terapêuticos da Natureza de superação do luto e da saudade. Leia-se o poeta António Salvado, *É Noite, Mãe (Difícil Passagem, 1962)*:

As folhas já começam a cobrir
o bosque, mãe, do teu outono puro...
são tantas as palavras deste amor
que, presas, os meus lábios retiveram
pra colocar na tua face, mãe!...

A figura seguinte mostra que os estilos de vida saudáveis são capazes de modificar o cérebro ao longo da vida, como reduzir a *amígdala*, região do cérebro relacionada com a ansiedade ou com o medo, e desenvolver o *côrtez pré-frontal*, região associada às formas de pensamento cognitivo superior como a metacognição.



Discussão e conclusão

O filósofo grego Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) defende que as caminhadas ao ar livre clarificam a mente e funda a *Escola Peripatética*, assim designada porque se aprende passeando.

Para Espinosa (1632-1677) e Goethe (1749-1832), o pensamento fundamental é que a Natureza é Deus, mas ela não foi criada por Deus: ela é uma das infinitas dimensões do ser de Deus, um dos infinitos atributos eternos do absoluto Divino.

O filósofo Ralph Waldo Emerson (1803-1882), em *A Confiança em Si, A Natureza e Outros Ensaios* (Relógio d'Água, 2009), escreve: *o sol não ilumina só o olhar do Homem, também brilha no olhar e no coração da criança. O amante da Natureza é aquele cujas sensações interiores e exteriores estão ainda perfeitamente ajustadas umas às outras, aquele que guardou o espírito da infância mesmo na idade adulta.*

Segundo o mito do *bom selvagem*, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), é preciso educar a criança de acordo com a Natureza, pois as instituições educativas corroem o Homem e tira-lhe a liberdade.

Contudo, o pedagogo Frobel (1782-1852) funda o primeiro Jardim-de-Infância, em 1837, cuja educação é baseada na natureza e na arte, permitindo que as crianças desenvolvam livremente um profundo sentido de interligação a todos os seres vivos, mas também competências emocionais.

Porém, em 1852, ainda antes da morte de Frobel, o governo prussiano fecha os Jardins-de-Infância públicos e os educadores são confrontados com a necessidade de preparar as crianças da classe operária para uma vida de trabalho no sector industrial, com períodos de tempo cada vez maiores em espaços fechados e com um carácter mais programático.

Todavia, as ideias de Frobel centradas na natureza e na arte não desapareceram e, em 1920, a pedagoga Maria Montessori (1870-1952) critica a instrução de base expositiva e defende as escolas das quintas e da natureza, onde as crianças podem circular e aprender através da prática.

De igual modo, o pedagogo albicastrense Faria de Vasconcelos (1880-1939), associado ao Movimento da Escola Nova, publica o livro *Une École Nouvelle en Belgique* (1915), com prefácio de Ferrière. A Fundação Calouste Gulbenkian editou a sua obra completa em sete volumes.

Mais recentemente, em 2000, o projeto *Escola da Ponte*, liderado pelo pedagogo José Pacheco, do Movimento da Escola Moderna, adquiriu a classificação de Eco-escola pelo seu exemplo de sensibilização para a preservação ambiental.

Comefeito, a nossa relação com a natureza sempre foi primordial. O mundo natural está ainda inscrito nos nossos genes e não pode ser erradicada a nossa preferência pelos ambientes naturais. O entemólogo Edward O. Wilson, que lecionou na universidade de Harvard durante quase cinco décadas, no seu livro *A Criação* (Gradiva, 2007) escreve:

A atração gravítica da natureza sobre a psique humana pode ser expressa numa expressão única e mais contemporânea, biofilia, que eu defini, em 1984, como a tendência inata para desenvolvermos uma ligação emocional à vida e aos processos vitais.

Também o neurologista Oliver Sacks (1933-2015) se refere à biofilia, e acrescenta a hortofilia, como o desejo de interagir, controlar e tratar da natureza que está profundamente enraizado em nós, e, por isso, enquanto médico, sempre que possível, levava os seus pacientes a jardins.

Segundo o neurologista António Damásio, no seu livro *A estranha ordem das coisas: A vida, os sentimentos e as culturas humanas* (Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2017), os sentimentos não são uma formação independente do cérebro, mas resultam de uma colaboração entre corpo e cérebro, nos quais interagem genes, moléculas químicas e vias nervosas. São expressões mentais da homeostasia e sentinelas do estado da nossa saúde.

Saúde que, segundo a OMS, não é apenas a ausência da doença, mas um estado de completo bem-estar físico, mental, psicológico e social. Assim, a promoção da saúde e a prevenção da doença deviam ser consideradas fundamentais para a saúde pública.

De facto, o médico Ribeiro Sanches (1699-1783), natural de Penamacor, publica em Paris o *Tratado da*

Conservação da Saúde dos Povos (1756). E o médico e político Rudolf Virchow (1821-1902), considerado o pai da patologia moderna e da medicina social, afirma:

A medicina é uma ciência social e a política não é mais do que a medicina numa escala mais ampla...

O Estado deve assistir a cada um de tal maneira que tenha as condições necessárias para uma existência saudável.

Virchow, em 1880, participou no Congresso Internacional de Antropologia, Arqueologia e Pré-história, em Lisboa, organizado por Carlos Ribeiro, segundo Marco Steinert Santos, na sua tese de mestrado *Virchow-medicina, ciência e sociedade no seu tempo*, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra (2008).

No Japão e na Noruega, dois dos países do mundo com maior esperança de vida, a Terapia da Floresta faz parte da Medicina Preventiva convencional, o que leva a concluir que a prevenção da doença e a promoção da saúde podem contribuir também para a redução dos gastos e a diminuição da sobrecarga dos profissionais do Sistema Nacional de Saúde. Tal como diz o ditado popular: *É melhor prevenir do que remediar.*

Em 2019, presta-se homenagem a Sophia de Mello Breyner Andressen (1919-2004), pelo centenário do seu nascimento, e nós recordamos o seu poema *Floresta*, do livro *Dia do Mar*:

Floresta

Entre o terror e a noite caminhei
Não em redor das coisas mas subindo
Através do calor das suas veias
Não em redor das coisas mas morrendo
Transfigurada em tudo quanto amei.

Entre o luar e a sombra caminhei:
Era ali a minha alma, cada flor
Cega, secreta e doce como estrelas
Quando a tocava nela me tornei.

E as árvores abriram os seus ramos
Os seus ramos enormes e convexos
E no estranho brilhar dos seus reflexos
Oscilavam sinais, quebrados ecos
Que no silêncio fantástico beijei.

*Professora jubilada
do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB).
Investigadora de temas de saúde social.

PANDEMIAS Y CULTURAS: DIVERSAS FORMAS SOCIO-CULTURALES DE AFRONTAR LAS ENFERMEDADES COLECTIVAS¹

Ángel Baldomero Espina Barrio*

Resumen

Se considera a la cultura como una variable importante para comprender situaciones de desgracia colectivas como el caso de una pandemia. Según esto se analizan sucintamente las diferentes culturas del planeta en relación con la expansión del COVID19, con base en una serie de categorías duales referidas a diferentes pautas culturales. Asimismo se tienen en cuenta para este análisis las características de la cultura global actual llamada sobre-moderna, tanto para la expansión de la enfermedad como para el confinamiento que provoca, observando las fases y consecuencias de este último. Se termina poniendo de relieve la influencia de la religión y especialmente de la acción de líderes políticos en el abordaje de la pandemia y sus consecuencias éticas, sociales y económicas.

Palabras clave: pandemia, cultura, antropología, religión, política.

Abstract

Culture is considered an important variable to understand collective situations of disgrace such as the case of a pandemic. Accordingly, the different cultures of the planet are briefly analyzed in relation to the expansion of COVID19 based on a series of dichotomic categories referring to different cultural patterns. Likewise, the characteristics of the current global culture called over-modern are taken into account for this analysis, both because

of the spreading of the disease and because of the lockdown we are living in, observing the phases and consequences of the latter. It ends by highlighting the influence of religion and especially the action of political leaders in tackling the pandemic and its ethical, social and economic consequences.

Keywords: pandemic, culture, anthropology, religion, politics.

Introducción

La reflexión interdisciplinar de carácter humanístico sobre cualquier realidad que afecte al ser humano siempre es pertinente por muy complejo o técnico que sea el hecho que se considere. Ciertamente cada hecho natural o social debe de abordarse mediante el conocimiento científico específico, implementado con los parámetros adecuados y controlados, para llegar a conclusiones regladas y fiables sobre tal hecho. En el caso de la pandemia del coronavirus, la disciplina esencial para su conocimiento es, sin duda, la medicina y, dentro de ella, especialmente, la epidemiología de las infecciones. Pero al ser también la pandemia una realidad que afecta a las sociedades y a los seres humanos en su totalidad de dimensiones, otras disciplinas son de importante aplicación: la psicología, dado el impacto psíquico brutal sobre las personas; la economía, que rápidamente se ve afectada por las consecuencias del combate contra la enfermedad; la estadística, que nos informa de su evolución y perspectivas; la política, la comunicación, la sociología, la educación; y así podríamos seguir hasta nombrar prácticamente todas las especialidades de las ciencias naturales, sociales o humanas. También la filosofía, pues al reflexionar sobre la realidad conjunta del ser humano y la naturaleza nos puede dar para el futuro valiosas

¹Este ensayo deriva de la ponencia homónima presentada en el Foro Internacional "Humanismo (s) en épocas de crisis: reflexiones en torno a la pandemia del coronavirus", celebrado el 30 de abril de 2020 y coordinado por el Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa, la Universidad de La Serena, el Colegio Nacional de Educación Profesional Técnica y la Universidad Mesoamericana.

perspectivas de tipo ontológico, epistemológico o ético.

Para el caso que nos ocupa se abordará la problemática de la pandemia desde la antropología empírica de carácter socio-cultural, que se encarga de la comprensión, particular o comparada, de los sistemas culturales que existen en el planeta. La cultura no es la única variable humana existente con influencia en nuestras vidas, pero sí quizá una de las que nos proporciona mayor comprehensividad sobre las mismas. De este estudio pueden desprenderse aplicaciones para la mejora de la convivencia y de las condiciones de vida de los pueblos del referido ámbito global, azotados en este momento, en mayor o menor medida, por tan terrible desgracia.

La pandemia y las culturas en Oriente, Europa, Norteamérica y América Latina

Partiremos, en el análisis etnológico que planteamos, de un simple principio y de unas categorías definidas de manera oposicional. El principio antropológico se refiere a “la unidad psíquica del género humano”, consideración básica de la antropología que ya se instaura en el siglo XIX por los autores evolucionistas. Este principio, que sostiene una igualdad fundamental inicial en las potencialidades de desarrollo de cualquier tipo de estrategia para cualquier hombre, independientemente de la cultura o del lugar donde se encuentre, unido a los principios consolidados posteriormente del relativismo, el paralelismo y el determinismo culturales, conforman los pilares principales de la antropología moderna. Pero decir que se parte de una unidad psíquica, de unas necesidades básicas humanas similares (físicas y psíquicas), no quiere decir que las culturas no sean diferentes formas de cumplir o de canalizar esas necesidades y que no haya diferencias grupales importantes al abordar las mismas.

Por ejemplo, las culturas orientales, especialmente China, tienen unos factores demográficos (superpoblación), históricos (comunismo, colectivismo), religiosos (confucianismo), etc., que sin duda han de influir en su forma de enfrentarse a las desgracias y concretamente a las epidemias. Para el análisis de estos hechos diferenciales de los distintos pueblos del planeta utilizaremos estos pares de opuestos, estas categorías estructurales:

Individualismo : Colectivismo :: Protestantismo : Catolicismo :: Economía : Solidaridad :: Casa: Calle (Rua) :: Virtualidad : Presencialidad

Aclarar que la dicotomía que hace referencia a la religiosidad es distinta en Oriente y en otras latitudes no euroamericanas. También que la economía no tendría que oponerse a la solidaridad siempre, aunque lamentablemente muchas veces así sucede. Asimismo la diferenciación Casa-Rua proviene de una distinción que observaba Roberto Damatta (1984) de São Paulo, al tratar la cultura brasileña. La casa sería el lugar de la calma, el reposo, la seguridad, lo decente; mientras que la “rua”, el lugar del movimiento, del trabajo, de la brega, del sexo no normalizado, del peligro, de la delincuencia. Y finalmente estará la oposición virtualidad – presencialidad que, en el mundo moderno – o sobre-moderno, más bien – son extremos que hasta ahora no han dejado de aumentar, tanto la mayor presencialidad física como la virtual. A partir de ahora parece que esta última tenderá a incrementarse.

Según esto nos encontramos en China una orientación más colectivista, pensamos que muy antigua, más confucianista que la comunista del siglo XX, con la aludida superpoblación, que le ha otorgado, al igual que a otras culturas asiáticas, una mayor experiencia en epidemias anteriores, como la gripe aviar o el SARS. Recuérdese cómo el uso de la mascarilla era muy común en estos países orientales ya antes del coronavirus. Existe una importante vida en la calle, los mercados, etc. y, al mismo tiempo, un desarrollo tecnológico de los medios de comunicación importante (Corea del Sur, recuérdese, patria de los de Samsung, Taiwán, Japón etc.). Estos medios de comunicación telemáticos se están poniendo al servicio del control de la enfermedad en una población que casi siempre se mueve con su celular. También habría que considerar aspectos de su alimentación (con especies vivas muy variadas), la resiliencia, el tipo de familia y las formas de saludo más distantes. Todo esto ha llevado a que –aunque la pandemia tuvo su origen en estas latitudes– el freno a la misma se ha logrado mucho más rápido, especialmente en algunos de los países referidos cercanos a China y en China misma.

Algo muy distinto ocurrió en Europa, a pesar de que la llegada de la enfermedad fue algo más tardía. Una gran inexperiencia popular y política en el control de pandemias de este tipo hizo que se tardara en reaccionar unas semanas preciosas. En Europa, tanto la central como la del norte (de tipo anglosajón), así como en la del sur (de tipo más latino), aún con las diferencias que ahora

apuntaremos, el abordaje al problema fue lento e ineffectivo en la mayoría de países, salvo en algunos como Grecia y un poco en Portugal, alertada por los estragos ocurridos en España.

En la Europa mediterránea se da un equilibrio mayor entre lo individual y lo colectivo, una mayor prevalencia de vida social en la calle y esa cercanía en las relaciones humanas bien conocida. Pero ese viejo catolicismo tiene su incidencia en los temas de la solidaridad más que en la economía, lo que se ha notado en las decisiones, así fueran tardías, de sus gobernantes. Se concede gran importancia a la presencialidad física más que la virtual y especialmente hay un hecho decisivo: el gran desarrollo del turismo. El clima, la historia, la gastronomía y las culturas en general de esta región, sin duda son atractivas para millones de visitantes. Entre los países líderes del mundo en recepción de turistas están Francia, España e Italia. Sólo en España en 2019 entraron más de 84 millones de turistas (casi dos por cada español). Además de esto, la proliferación de bares, lugares de ocio, socialización y consumo, muchas veces abarrotados, es típica de estas culturas. Ya es un mito decir que en Andalucía, por ejemplo, hay mayor número de bares que los existentes en el resto de Europa juntos.

Estas situaciones son bastante diferentes en países de Europa del norte y central con varias culturas, de las cuales la más extendida es la anglosajona (que comprendería también algunas zonas de Estados Unidos y Canadá, por su especial ligazón con el Reino Unido). A diferencia de las del sur, son culturas más individualistas, con predominio histórico del protestantismo, con una valoración más fuerte de lo económico, menor presencia en la calle y mayor desarrollo de la virtualidad. Aunque existente, se da una menor influencia del turismo. Por otro lado, especialmente entre los nórdicos, hay mucho menos contacto social. En esto influye la climatología, por supuesto. Habitán sin casi contacto con los ancianos, en sus casas por lo general bien abastecidas y con saludos sociales menos próximos. Entre todos estos países son Inglaterra y los Estados Unidos de los que más exacerbaban más el individualismo y el valor de la potencialidad, especialmente económica, lo que ha sido decisivo en la evolución de la enfermedad.

Por lo que se refiere a América Latina, se añan varias tradiciones indígenas, africanas, mediterráneas catolicistas, y más recientemente, las del individualismo norteamericano. Según el país que se trate, tiene mayor o menor influencia cada

una de estas componentes culturales. Se destaca el menor desarrollo económico, mayor experiencia en otras epidemias y, para ésta, la llegada más tardía del coronavirus, aunque esto último no es cultural, sino más bien coyuntural. Por lo general en Latinoamérica la vitalidad y la exterioridad llegan a su extremo, lo que sin embargo, para el control de la primera ola de contagios, no ha llevado de momento a una expansión tan grande como en Europa o Norteamérica, pensamos que debido a una cierta tradición mayor en el control de epidemias anteriores (dengue, cólera, fiebre amarilla...) y la aludida llegada más tardía de la actual pandemia.

Por ello en algunos países se tomaron medidas, no en todos, con mayor antecedencia (Venezuela, por ejemplo, decretó la cuarentena total del país con menos de 20 casos; y Argentina las tomó antes de que su cifra de fallecidos fuera de cuatro). Con todo, en algunos países como Brasil, la acción política ha sido francamente negativa. Pero una condición social de América Latina otorga a esta región una ventaja adicional: la edad media de la población es mucho menor. El número de europeos con una media de edad cercana a los 83 años, con dos o más patologías crónicas previas, es el doble que en los países latinoamericanos y el triple que en los africanos, lo que afecta negativamente a los europeos en el pronóstico de supervivencia si se contrae la enfermedad. Claro que esto se equilibra en algunos países de Europa por el gran desarrollo y universalización de los sistemas sanitarios de los que gozan debido a su fuerte economía. Ello se traduce en mejores tratamientos, más aparatos, mayor número de test, etcétera. Ahí está el caso de Alemania con un número alto de contagiados pero un bajo número de fallecidos. Esta variable es distinta en América Latina, pues muchos países con desarrollo económico precario, por un lado, no cuentan con servicios sanitarios universales o adecuados y, por otro, no tienen posibilidades económicas de mantener confinamientos estrictos o prolongados, lo que hace pensar que, aunque esa primera ola llegó más tarde, y afortunadamente con algunas medidas tomadas, se extenderá más tiempo con un número de víctimas asimismo alto, especialmente en países que tuvieron inicialmente titubeos preventivos.

Hemos tratado muchos factores de tipo socio-cultural, algunos beneficiosos y otros perjudiciales, desde el punto de vista de su incidencia en el control de la expansión de un virus muy contagioso. Pero nos restarían muchos más: la relación entre la

población urbana y la rural, la celebración de eventos masivos, la existencia de metros y autobuses saturados para el transporte urbano, la presencia de super-contagiadores, etc. Uno que descuelga entre todos, y que es de carácter político, es la eficacia o ineffectividad de la reacción de los gobernantes de cada nación ante la amenaza; del mismo hablaremos en un apartado posterior pues no queremos rehuir esta cuestión ya que, pese a ser muy polémica, pensamos que tiene una gran importancia.

Características de las culturas y sociedades actuales sobre-modernas

Lo cierto es que esta pandemia ha sobrevenido a una sociedad humana global que ya presentaba unas características y unos signos de debilidad para afrontar un futuro de crecimiento y consumo imposibles, plagado cada vez más con dificultades medioambientales y económicas.

Marc Augé hace tiempo se refirió a tres características de la sobre-modernidad, de la sociedad o la cultura sobre-moderna, a tres tipos de excesos que la identificaban: de espacio, de individuo y de tiempo. El exceso de un espacio cada vez más utilizado lo que produce una especie de "encogimiento del planeta" por el acercamiento de las distancias. Un exceso de individuo, no tanto por la explosión demográfica sino también por una cada vez mayor individuación de los destinos. Y finalmente, un exceso de tiempo, una aceleración de la historia, en la que nos parece que cada vez ocurren más acontecimientos en menos tiempo. Augé también se refirió a unos espacios que denominó "no lugares" que, así como la prevalencia urbana, son típicos o proliferan en la sobre-modernidad. Autor de obras como "Un etnólogo en el metro" (Augé, 1998) o de "Los 'no lugares'" (Augé, 2008), define estos "no lugares" como sitios de paso, normalmente contractual, espacios de anonimato, no históricos, no relacionales. Pero, más que en las características de estos "no lugares", es en las sobreabundancias culturales de nuestras sociedades complejas contemporáneas donde debemos poner el acento (Augé, 1995).

Y estos excesos se han formulado más recientemente como: superpoblación, globalización, hiperconectividad y cadenas de suministro cada vez más largas. Sobre la superpoblación hay pocas dudas de que el planeta está muy cerca de su límite demográfico, cuando estamos cerca de llegar a ser ocho mil millones de habitantes. Hay quien afirma que con una planificación distinta de la vida y el consumo, incluso se podría llegar a once mil millones, pero desde luego con la organización actual,

el colapso medioambiental está cada vez más cercano.

Respecto de la globalización decir que cada vez está más extendida y pese a resistencias identitarias, no siempre positivas, es un hecho que se impone con sus aspectos ventajosos y asimismo con los negativos. Ya no hay duda que vivimos, como predijo Marshall MacLuhan, en una "aldea global" (McLuhan, 1985), donde nos enteramos de lo que ocurre en el otro extremo del planeta en minutos (o segundos), aunque a veces, eso sí, no llegamos a enterarnos nunca de lo que le ocurre a nuestro vecino de "pared por medio". Porque esa hiperconectividad que logramos por el desarrollo de los medios de comunicación, ya sean los que nos transportan físicamente o, especialmente, los informáticos, nos da una sensación de información y de acompañamiento que a veces es más ficticia que real. No hay peor desinformación que el exceso incontrolado de información.

Y por último estaría uno de los efectos más significativos de la globalización que es el establecimiento de cadenas cada vez más largas de suministros. Empezó a ser normal consumir bienes producidos en otros continentes, casi al mismo nivel que los del propio. Esto, unido a la deslocalización transnacional y transcontinental de muchas industrias y empresas buscando manos de obra baratas, hace que cuando se precisan algunos productos con urgencia, y los países por alguna razón se encuentran aislados, como es el caso de esta pandemia, se quedan sin esos productos en algunos casos vitales (recuérdese los casos de las mascarillas, los respiradores, los test, etc.). La pandemia seguramente varíe en el futuro algunas de estas características. Si no detiene la explosión demográfica, al menos hará que la hiperconectividad, especialmente la física, se reduzca y que las cadenas de suministros, especialmente de los vitales, se acorten significativamente.

Otro tema es el de las consecuencias negativas que tendrá la anunciada recesión mundial, que es probable, a pesar de la buena voluntad de muchos, haga más grande la brecha entre los países de los distintos bloques económicos y más insalvables las diferencias, en la forma y calidad de vida, entre los ricos y los pobres, en casi todas las naciones.

Confinamiento y culturas

Parece claro que una de las posibles fórmulas para contener, al menos la subida impetuosa de casos en la primera oleada de expansión del virus,

es el confinamiento más o menos radical de la población. Si la infección está avanzada y no hay formas de seguimiento riguroso de infectados (mediante métodos telemáticos o mediante los llamados "rastreadores") no cabe otra solución –si se quiere evitar un repentino colapso de las asistencias sanitarias con el sobre coste en vidas humanas consiguiente– que el confinamiento de las personas. Las estrategias de Johnson en el Reino Unido, Trump en Estados Unidos o de Bolsonaro en Brasil, no tuvieron en cuenta este hecho o no quisieron tenerlo en cuenta.

Pero el confinamiento tiene también sus consecuencias negativas, y no solo para la economía sino también para la salud física y psíquica de la población. Aquí sería interesante traer a colación el concepto de resiliencia, o capacidad de resistencia y superación de los traumas y adversidades. No creo que haya diferencias radicales en esta capacidad entre las distintas culturas. Sí se ha hablado de que algunas, como las orientales, o las de religiosidad hindú con su creencia en la reencarnación, pueden ser más propensas a desarrollar esta cualidad. Pero muchas veces depende más del entrenamiento, de cómo llegan las desgracias y de la madurez de las personas. Lo cierto es que el choque radical con las costumbres anteriores al advenimiento de la desgracia puede influir mucho en esta cualidad.

Se dice que psíquicamente los jóvenes, pese a tener posibles menores consecuencias mórbidas por el coronavirus, o precisamente por eso, tienen mayores problemas psíquicos con el confinamiento y reaccionan contra el mismo. También en la dimensión humana de la solidaridad hay diferenciaciones y pautas culturales. Por ejemplo, tomemos el tema de la cultura de la donación (de sangre, órganos, etc.). Es mayor en países de alta renta y desciende mucho en los de renta media y baja. Esto puede tener relación con el mayor desarrollo tecno-médico de los primeros. En los países anglosajones se dona a cambio de dinero. En los países europeos de tipo latino la donación suele tener carácter altruista. Precisamente este altruismo a veces se da en países donde existe mayor fortaleza de sanidades públicas; donde se separa más la salud del lucro.

En los Estados Unidos, con potente tradición individualista, y donde la seguridad, las armas, la salud, etc., parecen que deben depender más de cada ciudadano, se han tomado decisiones que sin duda son muy polémicas. Esto es muy trascendente, dada la decisiva influencia que este país tiene en la cultura

mundial, y especialmente en América Latina, lo que a veces puede ser positivo y otras negativo, como en el caso del enfrentamiento de esta pandemia.

Pero volviendo al confinamiento, algunos autores, como Hamza Esmili (2020), especialista en asuntos como la desigualdad, la marginalidad urbana y la radicalización en suburbios de París, han afirmado que "el confinamiento es un concepto burgués". La idea de que todos tengamos una casa individual donde refugiarnos, dice, es burguesa, ya que hay mucha gente que no la posee. Y también hay otras muchas personas que viven "al día" y si no salen a buscar su sustento cotidianamente, no tendrían con qué comer.

Contodo, la mayoría de la población pasa durante el confinamiento una serie de etapas que son muy similares a las de la asunción de cualquier trauma fuerte, desgracia o frustración grave, y que son las típicas del duelo: shock y parálisis inicial, negación y rechazo, enojo, miedo o depresión, tristeza, aceptación o perdón, búsqueda de sentido y un renacimiento que lleva a una serenidad restablecida aunque en diferente realidad. Solo que estas fases se trasforman un tanto en el caso específico del encierro obligatorio.

La empresa multinacional de investigación de mercado y consultoría con sede en París, llamada IPSOS (2020), define en concreto siete fases emocionales colectivas en tal caso:

1. Incredulidad, por la confusión y miedo inicial.
2. Preparación, se almacenan provisiones.
3. Ajuste, adaptación a la nueva situación, establecimiento de rutinas.
4. Aclimatación, enfrentamiento al aburrimiento, desidia y descubrimiento de nuevas actividades o intereses.
5. Resistencia, tensión, mal estado de ánimo, especialmente si no se sabe, después de semanas, cuánto durará el encierro.
6. Alivio, esperanza de que se acabe y se pueda seguir una vida normal.
7. Temor, preocupación por el trabajo y la crisis económica que ineludiblemente sobreviene.

También en esta última etapa puede darse en algún sector de la población el llamado "síndrome de la cabaña", que hace que se tenga una especial fobia a salir de casa y que afecta principalmente, pero no sólo, a ancianos, en el proceso llamado de "desescalada". Añadido a ello están los minoritarios, pero gravísimos, casos de gerontofobia que incluso pueden motivar suicidios entre la población de más edad.

Política, religión y pandemia

Así como la religión, por lo general, ha guardado un perfil bajo en esta epidemia mundial, la política ha sido decisiva, y no siempre para bien. Es verdad que en algunos puntuales casos la religión, especialmente de tipo fundamentalista, ha colaborado en la expansión del virus, no renunciando a actos religiosos masivos, acudiendo a lo divino como único remedio o negando la importancia de la enfermedad, como en el caso de los evangélicos en Brasil o Estados Unidos. Pero también es cierto que en la mayoría de países la religiosidad ha sabido otorgar preeminencia a la ciencia en este tema y, al menos, no ha lanzado, como en otros casos, mensajes sobre "castigos divinos" o promovido "penitencias masivas". Basta acordarse de la diferencia de planteamientos que se hicieron, en épocas no tan remotas, con la pandemia del VIH, por ejemplo. (Cardín y Fluvia, 1985).

Pero la ideología y la acción de los políticos han sido decisivas en el control, o en el mayor descontrol, de la epidemia en cada nación. Está por saberse el mayor o menor secretismo de China en el origen de la enfermedad. Lo cierto es que el Centro Europeo para la Prevención y el Control de las Enfermedades (ECDC) alertó el 18 de enero de 2020 de que el aeropuerto de Wuhan tenía seis vuelos directos semanales a París, tres a Londres y otros tres a Roma. Estas capitales europeas no tenían en esos días una conciencia muy clara de la forma de expansión y de la gravedad de "la gripe", pero muy poco después ya no habría dudas y algunos políticos no quisieron enterarse. Lo mismo en España donde llegó un caso alemán a la isla de La Gomera, que se controló bastante bien, y no se actuó ya desde ese momento de manera radical, permitiéndose partidos y manifestaciones.

En síntesis, pienso que la responsabilidad del político es directamente proporcional al tiempo que tuvo para saber el peligro y al tiempo que tardó en tomar medidas efectivas. O dicho de otra manera, es inversamente proporcional a la llegada inadvertida de la epidemia especialmente sin datos precisos, pero directamente proporcional al tiempo que, ya evidente la epidemia, transcurrió sin que se tomaran medidas efectivas. Y, si estamos de acuerdo con esto, que casi es una expresión matemática, podemos hacer una escala de responsabilidades que no solo tiene en cuenta el número de infectados o muertos, si no lo que estamos explicando que, en un orden creciente de buena a mala praxis, en Europa, comenzaría por los dirigentes

de Grecia, Portugal, Alemania, Italia, España y Francia; y culminaría con Holanda, Bélgica y el Reino Unido. En América, en el lado de la buena gestión política de los políticos, estarían Argentina, Uruguay, Venezuela, Colombia y medianamente Chile y la escala culminaría con Ecuador, Perú, México, Canadá, Brasil y los Estados Unidos. Los casos de China y Rusia son muy dudosos por la falta de trasparencia, pero sin duda la buena gestión que se ha hecho en Japón, Taiwán o Corea del Sur, contrasta con la desastrosa de los dirigentes de Bielorrusia.

Se ha hablado de países de izquierdas o derechas; de países dirigidos por mujeres u hombres, como factores influyentes en el tema que nos ocupa. Pienso que esas circunstancias no son tan fundamentales. Lo que está claro es que el negacionismo y el poner a la economía por delante de toda consideración, están cobrando miles de víctimas que se podrían haber salvado, lo que podría, o debería, motivar para algunos una grave responsabilidad, incluso criminal.

Conclusiones

La infección ha sorteado las fortalezas de cada cultura y se ha expandido debido a sus aspectos, si no más débiles o negativos, sí a los que podían favorecer más la posibilidad de contagio. Éstos últimos han sido en unos casos la superpoblación, en otros la proximidad social, en otros el fanatismo religioso o el poner por delante la economía sobre la seguridad, la falta de resiliencia y, finalmente en otros, la práctica imposibilidad de realizar un aislamiento por la penuria casi total de recursos. Todos estos factores tienen una clara influencia cultural a la vez que socio-económica.

Pero entrando en el campo de la ética, y aunque es verdad que la frase que se atribuye a Albert Camus en *La peste*: "Lo peor de la peste no es que mata a los cuerpos, sino que desnuda las almas y ese espectáculo suele ser horroroso", no aparece en esa novela (Camus, 2002), sí nos parece que entraña una gran verdad moral. En estos momentos extremos es cuando se ve con claridad quién es cada uno. Los que son capaces de los mayores sacrificios y los aprovechados egoístas que sacan el máximo partido del sufrimiento ajeno.

Confiamos en algo positivo para el futuro, como el filósofo y sociólogo francés Edgar Morin nos comenta:

El confinamiento está haciendo que nos demos cuenta de la importancia de la cultura. Una ocasión —a través de estos saberes que nuestra sociedad ha llamado

injustamente "inútiles" porque no producen ganancias— para comprender los límites del consumismo y de la carrera sin pausa hacia el dinero y el poder. Habremos aprendido algo en estos tiempos de pandemia si sabemos redescubrir y cultivar los auténticos valores de la vida: el amor, la amistad, la fraternidad, la solidaridad. Valores esenciales que conocemos desde siempre y que desde siempre, desafortunadamente, terminamos por olvidar. (Morin, 2020).

Y esta vez, pese a las esperanzas y proclamas de muchos intelectuales, no sabemos si será así. Y no tanto en estos momentos de sobrecojimiento y choque, cuanto en los próximos de confrontación con la tremenda crisis económica que se avecina.

Referencias

- Augé, M. (1995). *Hacia una antropología de los mundos contemporáneos*. Barcelona, España: Gedisa.
 - Augé, M. (1998). *El viajero subterráneo. Un etnólogo en el metro*. Barcelona, España: Gedisa.
 - Augé, M. (2008). *Los no lugares. Espacios de anonimato. Una antropología de la sobremodernidad*. Barcelona, España: Gedisa.

- Camus, A. (2002) *La peste*. Barcelona, España: Edhasa.
 - Cardin, A., y Fluvia, A. (1985). *SIDA. Maldición bíblica o enfermedad letal*. Barcelona, España: Laertes.
 - Damatta, R. (1984). *O que faz o brasil Brasil?* Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
 - Esmili, H. (12 de abril 2020). “El confinamiento es un concepto burgués”: cómo el aislamiento afecta a las distintas clases sociales. El País. Recuperado de <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-52216492>
 - IPSOS. (3 de abril 2020). 7 fases emocionales que experimentaremos durante el confinamiento: Nos sentimos pesimistas debido a la incertidumbre. Recuperado de <https://www.ipos.com/es-es/7-fases-emocionales-que-experimentaremos-durante-el-confinamiento-nos-sentimos-pesimistas-debido-la>
 - McLuhan, M. (1985). *La galaxia Gutenberg*. Barcelona, España: Planeta.
 - Morin, E. (11 de abril 2020). Edgar Morin: “Vivimos en un mercado planetario que no ha sabido suscitar fraternidad entre los pueblos”. El País. Recuperado de <https://elpais.com/cultura/2020-04-11/edgar-morin-vivimos-en-un-mercado-planetario-que-no-ha-sabido-suscitar-fraternidad-entre-los-pueblos.html>

*Professor na Universidade de Salamanca
espina@usal.es

DEL ROSTRO HUMANO AL ROSTRO COSMICO SEGÚN EMMANUEL LÉVINAS

*Cornélio José Langa**

1. Manifestaciones más significativas del rostro de la creación

Lo que pretendo mostrar al hilo del pensamiento de Emmanuel Lévinas sobre el "Rostro", es que el rostro humano debe entenderse en relación:

- a) con el rostro o imagen que nos ofrece la realidad creatural-cósmica.
- b) con el rostro que se nos manifiesta en la realidad humana o los otros.
- c) con el rostro que se nos revela sobre Dios a los hombres.

En este apartado nos referimos sobre todo a la relación que podemos descubrir entre el rostro humano y el rostro cósmico de las cosas creadas. Por tanto, ordenamos el desarrollo del tema siguiendo estos puntos:

- a) Por el agua.
- b) Por la tierra.
- c) Por el fuego, la luz y el aire.
- d) Por la luna.

Los ritmos estacionales y sus influencias en el rostro y en la vida de los hombres, se sitúan y se perciben del actual rostro cósmico en la crisis y en la valoración de lo ecológico; entre el progreso, la destrucción y la valoración de la realidad creada. La inter-relación entre el rostro cósmico y el rostro humano: dependencia de lo creado de lo humano, y de lo humano de lo creado (o capacidad del hombre de vivir y disfrutar de la naturaleza creada).

En el hombre el rostro presenta una múltiple sensibilidad y a partir de ella el hombre puede disfrutar del rostro de la naturaleza creada. El hombre en su esencia aprecia la naturaleza por medio de la vista y oído facultades posibilitante del arte estético en la ética de Lévinas.

La sensibilidad del rostro, relacionada con la corporeidad, es otro aspecto tratado por Lévinas.

Distingue entre sensibilidad cognitiva y sensibilidad del gozo; pero ni una ni otro pueden explicar la intriga ética que inaugura el rostro. Supone la experiencia sensible del otro. Para ser fiel a la lógica de la alteridad es necesario tener en cuenta la "sensibilidad del rostro"¹ en tanto que fuerza ética ejercida sobre alguien, esto es, como poder moral que cristaliza en un yo. La sensibilidad del rostro concierne una relación que enfrenta a dos personas sin mediación externa, exceptuando la lingüística que, por así decirlo, les posee.

Una de las características del rostro es dar cuenta de la corporeidad, de revestir la corporeidad de un sentido que va más allá de su imagen de ser. Esto se manifiesta el "cara-a-cara", que provoca la responsabilidad. El rostro no está aislado de la corporeidad, sino que manifiesta y expresa la situación del cuerpo, v.gr. si se siente enfermo, si se siente sano, si alegre o triste. No se puede desgajar el rostro de su entroncamiento corpóreo. En estos términos, el amor juega un puesto importante en la explicación del rostro poniendo de relieve una ambigüedad en el amor humano en tanto que "es un acontecimiento que se sitúa en el límite de la inmanencia y de la trascendencia".

a) En tanto que distingue entre el amor de "deseo" y el amor de "necesidad".

b) En tanto que la inmanencia, la erótica y la trascendencia se mezclan en el amor, y esto se manifiesta también en su ambigüedad de pudor e impudor.

c) En tanto que la ambigüedad se sitúa en la "caricia": Por un lado, la caricia se asocia con la sensibilidad, con la afección sensible; por otro lado, trasciende el nivel de la sensibilidad, y muestra un carácter trascendente".

¹ Lévinas. E., (1995) De otro modo que ser más allá de la Esencia (DE), ed., Sigueme, Salamanca pp. 59

d) En tanto que es una sensibilidad de búsqueda de lo que no llega a ser todavía. La exterioridad de la caricia apunta la universalidad del amor, desde su expresión concreta.

e) En tanto que es apertura si juega un papel importante la responsabilidad con el otro en su anterioridad con respecto a mi libertad, de su presencia y representación².

Una crítica que me parece puede hacerse a Lévinas, es que, por insistir en el rostro como expresión más significativa de la alteridad, margina su contextualización corporal y en las diversas situaciones por las que pasa la evolución del cuerpo humano; y de forma especial no tiene en cuenta la relación que guarda el rostro humano con lo que se puede llamar el "rostro cósmico", es decir, la relación con las diversas manifestaciones de la naturaleza y su influencia en la expresión del rostro humano.

1.1. LA REALIDAD CREADA COMO "ROSTRO"

Teniendo en cuenta las diversas dimensiones que implica el "Rostro" en Lévinas, pretendo ahora explicar por qué se puede hablar también de "rostro cósmico"; y cómo entiendo yo la relación del "rostro humano" con el "rostro cósmico" o, con otras palabras, cómo influye el rostro cósmico en el rostro humano. Es evidente que tomamos la expresión "rostro" en sentido amplio, entendiendo que es la expresión manifestativa de la totalidad de la persona; y aplicado a la creación o a la naturaleza entendemos por tal las diversas manifestaciones o fenómenos que se dan en las diversas estaciones del año, y alrededor de los elementos más importantes de la naturaleza: tierra, agua, aire, luz-fuego. Todo ello integrado en tiempos concretos, en espacios y en lugares sagrados. Incluso en la actualidad el mundo va adquiriendo un nuevo rostro humano, cultural globalizado³.

1.2. LA REALIDAD CREADA COMO "ROSTRO SAGRADO"

Es esta una de las realidades más destacadas por los estudiosos de la historia de las religiones, de la antropología cultural, de la interpretación de la naturaleza en todos los tiempos y lugares.

² Lévinas, (1995) DE. P. 60. "Alguna idea tomada de Roberto J. Walton, La epifanía del rostro y el fenómeno erótico, Mendoza – Argentina".

³ A nivel cultural el rostro de la cultura tiene una tendencia de ser única en el mundo, aunque cada pueblo conserve su identidad. Es evidente la globalización hoy en día por las inmigraciones causadas por diversos factores humanos y naturales.

Resumimos comentando algunos de sus pensamientos al respecto. Para el hombre primitivo, la Naturaleza nunca es exclusivamente "natural": está siempre cargada de un valor religioso, es manifestación más o menos directa o indirecta de la divinidad. Y esto tiene su explicación, puesto que el Cosmos es una creación divina: salido de las manos de Dios, y de ahí que el Mundo esté impregnado de sacralidad. No se trata únicamente de una sacralidad comunicada por los dioses, sino que los mismos dioses han manifestado las diferentes modalidades de lo sagrado en la propia estructura del Mundo y de los fenómenos cósmicos. Por eso, el hombre primitivo es generalmente religioso, y descubre múltiples formas de presencia de lo sagrado.

El Mundo no es un Caos, sino un Cosmos ordenado y armónico, que se impone como una obra de los dioses. Esta obra divina conserva siempre cierta transparencia, que remite a una trascendencia. El rostro o la imagen cósmica, sea mirando a la tierra o contemplando el cielo, no es algo indiferente al rostro humano, sino que influye en él y hasta lo determina en su diversidad de expresiones, en su día a día. El rostro de un día sin dejar al margen el rostro del curso anual (mañana, a medio día, tarde, noche o primavera, verano, otoño e invierno) condicionan el rostro del hombre. Desvelan espontáneamente los múltiples aspectos de lo sagrado. "En su conjunto, el Cosmos es a la vez un organismo real, vivo y sagrado: descubre a la vez las modalidades del Ser y de la sacralidad. Ontofanía y hierofanía se reúnen". Para el hombre primitivo religioso, la Naturaleza expresa siempre algo que la trasciende, bien sea que la contemple (el sujeto reflexionante) desde su materialidad, v.gr. una piedra, o bien que la contemple desde su simbolicidad sagrada reconocida (el sujeto determinante)⁴.

De ahí que hayan visto manifestado un rostro especial en el cielo, la bóveda celeste, el sol, la luna o las estrellas...⁵. El cielo revela y manifiesta un rostro de infinitud y trascendencia, de incommensurabilidad divina, de pequeñez humana. Aunque estos dioses habitan en el cielo, no se identifican con el cielo pues es el propio Dios quien, como creador de todo el Cosmos, ha creado también el Cielo, y por esta razón se le llama «Creador», «Todopoderoso», «Señor», «Jefe», «Padre», etc.

Es un Dios que se manifiesta a través de los fenómenos meteorológicos: trueno, rayo,

⁴ Kant: Analítica del juicio reflexionante de gusto estético. Momento I de la causalidad. [101 – 122].

⁵ Los llamados "dioses uránicos".

tempestad, meteoritos, etc. Es decir, que ciertas estructuras privilegiadas del Cosmos, el cielo, la atmósfera constituyen las epifanías favoritas del Ser supremo; su presencia la revela por aquello que le es específico: la Maiestas de la inmensidad celeste, lo Tremendum de la tormenta. Son como los signos privilegiados de su presencia, aunque estos dioses aparecen “alejados” del mundo de los hombres. Y de ahí que al misterio del «alejamiento» corresponda la ausencia casi completa de culto: ningún sacrificio, ninguna plegaria, ninguna acción de gracias.

Con la agricultura el hombre primitivo transforma su economía de lo sagrado: se hace más terrena. “Otras fuerzas religiosas entran en juego: la sexualidad, la fecundidad, la mitología de la mujer y de la Tierra, etc. La experiencia religiosa se hace más concreta, se mezcla más íntimamente con la Vida. Sucede sobre todo en casos de extrema necesidad: sequía, tormenta, epidemias, desastres naturales... Es entonces cuando los hombres se vuelven hacia el Ser supremo y le imploran. Esta actitud no es exclusiva de las poblaciones primitivas. Los hebreos se volvían hacia Yahvé después de las catástrofes cósmicas o históricas y ante la imminencia de un aniquilamiento regido por la Historia.

Esta relación humano-divina, celeste-terrestre, ha necesitado ser expresada a través de símbolos diversos, de mitos y leyendas, de relatos... El hombre, ayer como hoy, necesita de mediaciones y mediadores, de ritos y símbolos: ritos como el de ascensión, de escalada, de iniciación, de realeza, etc.; mitos como el Árbol cósmico, la Montaña cósmica, la cadena de flechas que une la Tierra con el Cielo, etc.; leyendas como el vuelo y el color de las aves... También el simbolismo del agua juega un papel importante en esta relación entre lo inmanente y lo trascendente.

A través de todo ello se manifiesta también el “rostro” de la creación como rostro sagrado. “Expulsado de la vida religiosa propiamente dicha, lo sagrado celeste permanece activo a través del simbolismo. Un símbolo religioso transmite su mensaje aun cuando no se le capte conscientemente en su totalidad, pues el símbolo se dirige al ser humano integral, y no exclusivamente a su inteligencia”.

Como bien dice Panikkar, “La conciencia cósmica que uno puede todavía descubrir —realmente, vivir — hoy es de otra clase completamente distinta. Simplemente, vives con las estrellas, las montañas y los animales, con los espíritus del pasado y del futuro. Eres testigo de todos los rostros y facetas de la batalla cósmica”.

1.2.1. EL AGUA

Simboliza la suma universal de las virtualidades; son Fons et Origo, el depósito de todas las posibilidades de existencia; preceden a toda forma y soportan toda creación. Por ello, el simbolismo de las Aguas implica tanto la muerte como el renacer. El contacto con el agua implica siempre una regeneración: no sólo porque la disolución va seguida de un «nuevo nacimiento», sino también porque la inmersión fertiliza y multiplica el potencial de vida. La inmersión en las aguas es interpretada, no como extinción, sino como regeneración, como nuevo nacimiento. Por ejemplo, el diluvio, el mar rojo, el río Jordán, el bautismo cristiano... Por el símbolo del agua se representa a la vez muerte y vida, purificación y regeneración. Y de ahí que las aguas fecundantes, que vitalizan la tierra y regeneran la vida, tienen un cierto “rostro sagrado”, ante el que el rostro del hombre se alegra y purifica, se regenera y renueva esperanzas de vida. De este modo la sacralidad cósmica influye también en la sacralidad del hombre, del “rostro humano”.

1.2.2. LA TIERRA

Es también otro de los símbolos fundamentales de la vida, y de ahí la “acción de depositar al niño en el suelo” después de nacer. “Se capta sin dificultad el sentido religioso de esta costumbre: el alumbramiento y el parto son las versiones micro cósmicas de un acto ejemplar ejecutado por la Tierra; la madre humana no hace sino imitar o repetir este acto primordial de la aparición de la Vida en el seno de la Tierra...”. Pues la aparición de la Vida es, para el hombre religioso, el misterio central del Mundo. Y la muerte no pone término definitivo a la vida: no es sino otra modalidad o dimensión de la existencia humana. Por eso mismo, el “rostro cósmico” que se manifiesta en la tierra, bien sea en su fructuosidad, bien en su belleza o en su dureza (jardín, vergel, desierto, sequedad...), necesariamente remite a una fuerza trascendente, y también necesariamente provoca en el rostro humano alegría o tristeza, satisfacción y preocupación, contento comunicativo o ansiedad vital... Los símbolos y manifestaciones al respecto son numerosos, y no podemos aquí detenernos en ellos.

1.2.3. LOS RITMOS CÓSMICOS

Han sido interpretados como una gramática del proceso de la vida; en sus diversas formas de manifestarse nos ayudan a comprender el misterio

de la vida, en su renovación rítmica de muerte-vida. Y el símbolo por antonomasia de este proceso de el “Árbol cósmico”, aunque no se pueda decir que abarca totalmente el modo de ser del Cosmos en toda su complejidad: regeneración, salud, frutos inmortalidad, vitalidad... (v.gr el árbol del paraíso y el árbol de la cruz...). El árbol sagrado o las plantas sagradas revelan, una estructura que no es evidente en las diversas especies vegetales concretas. De ahí que en todas las épocas, pueblos y religiones existan “árboles sagrados”. Es, sobre todo, la experiencia religiosa de la renovación (recomienzo, recreación) del Mundo lo que precede y justifica la valoración de la primavera como resurrección de la Naturaleza. Otras manifestaciones de la naturaleza, como son la luz del verano, la nieve del invierno, los colores del otoño etc. También son lugares de experiencia, por los que el “rostro cósmico” influye en el rostro humano, despertando admiración, belleza, asombro, alegría o tristeza... Otro grupo de hierofanías cósmicas son las que pertenecen al sistema solar: el sol, la luna, las estrellas, los meteoritos, las galaxias, los eclipses.

1.2.4. La luna

Que “gracias a las fases de la luna, es decir, a su «nacimiento», su «muerte» y su «resurrección», los hombres tomaron conciencia a la vez de su propio modo de ser en el Cosmos y de sus posibilidades de supervivencia o de renacimiento... Gracias al simbolismo lunar, se han podido poner en relación y solidarizar hechos tan heterogéneos como el nacimiento, la evolución, la muerte, la resurrección; las Aguas, las plantas, la mujer, la fecundidad, la inmortalidad; las tinieblas cósmicas, la vida prenatal y la existencia de ultratumba, seguida de un renacimiento de tipo lunar («luz que sale de las tinieblas»)... Se puede hablar de una «metafísica de la Luna», en el sentido de un sistema coherente de «verdades» concerniente al modo de ser específico de los vivientes, de todo lo que en el Cosmos participa de la Vida, es decir, del devenir, del crecimiento y decrecimiento, de la «muerte» y la «resurrección».

Consulta bibliográfica

Obras de Emmanuel Lévinas

1. Lévinas E., (1995) *De Dios que viene a la idea*. Caparrós Editores.
2. (1995) *De otro modo que ser o más allá de la esencia*, Ed. Sígueme.
3. (1996) *Cuatro lecturas Talmúdicas* ed. Capelladas Barcelona.
4. (1993) *El tiempo y el otro*. Ed. Paidós Ibérica.
5. (1991) *Ética e infinito*. A. Machado Libros.
6. (1993) *Humanismo del otro hombre*, Caparrós Editores.
7. (1997) *Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad*, Ed. Sígueme.
8. (2006) *De la existencia al existente*. Madrid.
9. (1997) *De lo sagrado a lo santo*. Madrid.
10. (2001) *La realidad y su sombra: libertad y mandato, trascendencia y altura*. Editorial Trotta. Madrid.
11. Bello Roguera, G., (1989), “La construcción de la alteridad en Kant y Lévinas”, en Javier Muguerza y Roberto Rodríguez Aramayo. *Kant después de Kant*. En el bicentenario de la crítica de la razón práctica. (Madrid: Tecnos) pp. 576-604.
12. Derrida. J. *Adieu à Emmanuel Lévinas*, Galilée, París, (1997), trad. cast. De Julián Santos Guerrero, *Adiós a Emmanuel Lévinas. Palavra de acídia*, Mínima Trotta, Madrid, 1998. (thémata. Revista de filosofía. N°. 36, 2006).
13. Gasper, Bernhard. (2003) El rostro, la primogenitura y la fecundidad. Diálogo con Emmanuel Lévinas, en *revista de filosofía de la Universidad Iberoamericana de México* nº 107 pp. 19-28.
14. Herrero Hernández, Francisco Javier. (2000) Alteridad e infinito: la substitución en Lévinas. en *cuadernos salmantinos de filosofía*. 27 pp. 243-277.
15. Herrero Hernández, Francisco Javier, *De Husserl a Lévinas un camino en la fenomenología* (Salamanca 2005)".
16. Mora Ferrater. J. (1984) *Diccionario de filosofía*, 3. K/P Alianza Editorial. Madrid.
17. Moreno Cesar (2000) Del ser ahí al heme aquí (frente al otro). Transfenomenología y alteridad (Lévinas). *Fenomenología y filosofía existencial* Madrid vol. II: *Entusiasmos y disidencias* pp. 143-164.
18. Moreno Cesar de Castro. (2008) *Estética e ética em Lévinas: Exagium*, vol. III, noviembre.
19. Panikkar. R. (1999) *La intuición cosmoteándrica. Las tres dimensiones de la realidad*, Ed. Trotta, Madrid, pp. 160-163.
20. Pintor Ramos Antonio, (1992) En las fronteras de la fenomenología: el creacionismo de Lévinas, en *cuadernos salmantinos de filosofía* 3pp. 177-220.
21. Olivia Navarro (2007) *El “rostro” del otro: Una lectura de la ética de la alteridad de Emmanuel Lévinas*: Universidad de la Laguna.
22. Tirado Víctor. M. San J., (2013) "La poética de Aristóteles. Primeros indicios de la perspectiva antropológica en estética" en *Teoría del arte y belleza en Platón y Aristóteles. La idea de la estética*. StudiaPhilosophicaMatriensis 2, Ed. Universidad San Dámaso, Madrid pp192-194.
23. Zubiri. X. (1981) *Sobre la esencia*. P. 22.

* Licenciado en Filosofía por la UPSA.
corneliojose@usal.es

O SANGUE DOS RIOS

POETAS CELEBRAM FERNANDO NAMORA

Antologia de poesia

Organização:

Pedro Miguel Salvado*
António Lourenço Marques**
Carlos d'Abreu***



O Município do Fundão é hoje um território de referência na circulação, na promoção e na divulgação cultural na Beira Interior, acção que se enraíza no território sempre numa conjugação entre a tradição e a contemporaneidade, a junção inter-generacional, ultrapassando os localismos atávicos e respeitando a diversidade, a universalidade e a liberdade criativas.

As Jornadas de Estudo Medicina na Beira Interior da Pré-História ao séc. XXI, que este ano cumprem trinta e uma edições, constituem um extraordinário exemplo regional da continuidade de um projeto de afirmação científica e identitária ímpares, que saído da sociedade civil, tem sabido reinventar-se recompondo objectos de estudo e relevando novas memórias.

Durante estas três décadas de trabalho, o Fundão tem estado constantemente presente neste fórum

de partilha de saberes através de alguns dos seus mais notáveis cidadãos-investigadores como, entre outros, a Professora Doutora Antonieta Garcia, o Professor Doutor Candeias da Silva ou o Comendador António Lourenço Marques, grandes amigos das nossas terras e nossas gentes.

Planearam os organizadores no programa de estudos da edição deste ano, incluir uma coordenada comemoracionista do centenário do nascimento do escritor médico Fernando Namora, conjugação à qual o Município do Fundão se associou com o apoio à edição desta junção de vozes de origens poéticas tão diversificada homenageando, assim, este grande vulto da História da literatura portuguesa do século XX.

Associado a este projecto editorial, os seus organizadores recuperaram também parte da

memória, principalmente a que se acolhe nas páginas do Jornal do Fundão, do que constituiu a presença de Fernando Namora no concelho do Fundão, geografia que fez parte da seu complexo literário seja enquanto escritor divulgador, seja como criador.

Nafugacidade dos dias é importante enraizar de novo Namora aos horizonte do quotidiano regional e as suas palavras têm de circular com maior intensidade na raiz da nossa identidade.

Como escreveu Namora num dos romances que mais o vincula às paisagens físicas e sociais das memórias do concelho do Fundão, Minas de San Francisco: (...) a terra é estabilidade, é a raiz que segura os sonhos a um chão firme (...). Um homem nasce e morre fazendo parte da terra.

Em terras hoje das ditas baixas densidades, são palavras de um estremecedor e pungente sentido contemporâneo.

Paulo Fernandes
Presidente da Câmara Municipal do Fundão

SETENTA RETALHOS PARA FERNANDO NAMORA

No ano em que se assinalam cem anos sobre o nascimento de Fernando Namora, médico-escritor, poeta, extraordinário analista das interioridades mais ocultas da nossa identidade, autor de urna abra que conseguiu alcançar uma vibração universal, «O sangue dos rios» foi verso seu que amparou e modelou esta reunião de vozes poéticas muito diversificada nos seus ritmos, línguas e imaginários.

Os setenta poetas convocados, o mesmo número de anos da saída a lume de Retalhos da Vida de um Médico, título dos mais significativos do itinerário namoriano, este conjunto de poemas delimita uma peculiar paisagem líquida de sangue e de água. Expõe uma plural cartografia do sentir que, na maior parte dos casos, se filia e revela aproximações aos territórios criativos namorianos, imbricados em horizontes épicos dos quotidianos sofridos e interrogativos, sejam eles urbanos ou rurais.

Retalhos, recolhe-se nos dicionários, é palavra com o significado de "parte de que se tira", "que se corta de alguma coisa, principalmente de um tecido", "pedaço" Fragmentação que Namora uniu e voltou a tecer em teias e artérias de indignação e de interrogação através de histórias mínimas mas com ressonâncias e implicações máximas em que a vida se narra a si própria.

A densidade dos âmagos do território, o dar voz aos silêncios das humanidades sofredoras, os tempos das mutações e das pemianências, a ritmidade lenta da solidão das comunidades afónicas, são percorridos por uma meditação sobre a dignidade, afirmindo uma estanha luz interior reveladora da esperança suprema.

Estes poemas são, então, retalhos de um mapa resultante de olhares continuados que podem ter tido como coordenadas às geografias namorianas, às vezes fantasmagóricas, sem bússolas, a aos tempos lentos transfronteiriços, quais limiares porosos entre classes sociais, às solidões e vazios labirínticos, aos termómetros quentes ou frios dos quotidianos e às bruxuleantes noite-madrugadas. Os poemas actualizaram e perduraram a interrogação inicial do escritor.

Como escreveu Pedro Pita, "o seu universo literário, cuja complexa vastidão se trata de revisitar, tem as dimensões de uma interrogação radical, compreensiva e polémica, terna e impiedosa das 'urgências' do mundo contemporâneo." Assinalou Namora que: «O passado é a âncora, o futuro o leme. Sem eles o presente não tem margens».

Margens como orlas porosas e não como muros fechados. Margens que devem ser sempre vencidas, assumindo os seus mistérios, os seus quotidianos e as suas espiritualidades, o conhecido e o incógnito, o ilimitado do sonho e não apenas o ilimitado das circunstâncias vitais.

Com Namora vamos continuar a misturar "o sangue dos rios/o abismo dos mapas/fazer qualquer coisa/misturar, misturar", fusão de que esta colheita poética é simples exemplo.

Os organizadores

FERNANDO NAMORA
«SOU UM CAMPONÊS EXILADO NA CIDADE»
Entrevista de Alexandra Oliveira e Isabel Salvado

«Toda a minha obra reflecte urna experiência vivida de ambientes físicos onde fui existindo, com as coordenadas históricas, políticas e existenciais» – afirma numa longa entrevista ao JF/Início Fernando Namora, hoje o escritor português mais popular em Portugal e no estrangeiro. A conversa com o autor de «Retalhos da Vida de Um Médico» é uma viagem através do fascinante fenômeno da criação artística, nos múltiplos planos em que se desdobra a sua obra: no romance, na poesia, na crônica. O

denominador comum da sua escrita pode definir-se com uma palavra: *O Homem*.

Fernando Namora, que se considera, «um camponês exilado na cidade», fala-nos da profissão de escritor, da sua vida literária de quase 40 anos, e do último romance, «*O Rio Triste*», que afirma ser «um livro limite», com o qual o seu percurso de romancista terminou. «Sou um crítico de mim próprio altamente exigente e impiedoso». Assim começou Fernando Namora por se definir na conversa que mantivemos com o escritor. Atitude crítica que, julgamos, corresponde a uma tomada de consciência no que diz respeito ao vivo sentido de perfeição e imperfeição.

A obra de Namora no essencial centraliza-se no Homem: «Acredito no Homem. Se não acreditamos em que é que vamos acreditar? O Homem é que faz a vida e a vida é que faz o Homem. Não acreditar nele é não acreditar na vida; não acreditando na vida não se acredita em coisa nenhuma».

Como análise social que é, essa obra transmite-nos todo um conjunto de mundos no qual o Homem constitui o alicerce primordial. Homem que Namora tão bem conheceu, quer pela sua capacidade de perscrutar, quer pelo contacto íntimo que a profissão de médico lhe permitiu. Dessas coordenadas se nutrem os seus livros: com realismo, retrata o escritor a sociedade, nela integrando o Homem de sempre, angustiado mas a evoluir. Um realismo a que a esperança não é alheia, mesmo que esta seja, por momentos, frutos da imaginação do escritor. «Uma coisa é a realidade, outra a imaginação do escritor», disse-nos. Dessa conjugação nasce toda uma reinvenção do mundo, do Homem, da própria vida.

«A OBRA DO ESCRITOR É O REFLEXO DE UMA CERTA MANEIRA DE OLHAR O MUNDO»

Namora é hoje o mais popular escritor português. Médico durante muitos anos, Namora deixa de exercer clínica em 1965 para se dedicar em absoluto à literatura.

«A cerca altura – confessa – tive oportunidade de ser um escritor profissional mas abasteci-me, no aspecto vivencial na actividade de médico».

E sobre o profissionalismo em literatura, Namora considera necessária duma profissão. «A obra de escritor - salienta - é o reflexo de uma certa maneira

de olhar o mundo e esse olhar é-lhe dado tanto pela vocação de escritor como por uma outra actividade.

É útil uma segunda profissão, embora se passe a vida a dizer que o escritor é prejudicado pelo facto de se dispersar por outras actividades. É necessária essa segunda profissão porque o escritor tem que se alimentar por um tipo de relação autêntica com a vida tal como ela é: com os seus problemas, dificuldades, diversas relações humanas que são complexas e cheias de aspectos contraditórios». E explicitando melhor: «Só uma actividade que tenha que ver com o homem comum é que pode darão escritor essa riqueza de observação vivencial e assim alimentá-lo na sua actividade de escritor».

«O JORNALISMO PODE SER UMA GRANDE ESCOLA DE LITERATURA»

No domínio das segundas profissões e da sua influência na criação literária, inquirimos a opinião do escritor acerca do jornalismo, considerando este como crónica do dia-a-dia. «É um género de escola da vida» disse-nos. «É uma das profissões privilegiadas, no sentido de oferecer uma riqueza humana e uma vivência muito variada e fecunda». E concluiu: «Suponho que o jornalismo pode ser – e é – uma grande escola de literatura, visível na riqueza do mundo que a habita e na forma como é expressa, no estilo eficaz e vivo do jornalista-escritor».

E referindo-se à sua própria experiência de médico: «A medicina ainda sublinha muito mais essa ideia». Ninguém ignora que, na verdade, a actividade de médico entregou a Namora toda uma série de vivências e de experimentações que, com tão alto talento, o escritor soube transformar em literatura. Desse facto o escritor tem aguda consciência ao afirmar-nos: «Tive aquela experiência humana e de ambiente que só a profissão o permite».

Namora falou com pouco mais dessa sua experiência de médico, ponto de partida para um enriquecimento temático que seria seleccionado no momento da sua transmissão em termos literários: «A experiência de médico é verdadeiramente singular. No acto médico tudo se decide; as pessoas desvendam-se perante o médico em que a doença, é uma situação limite e particular e, por conseguinte, o acto médico é também uma situação limite e singular, e essa visão do médico é muito peculiar, diversa e complexa. Naturalmente isso vai enriquecer o médico. No meu caso enriqueceu-me enormemente».

«SINTO-ME UM CAMPONÊS EXILADO NA CIDADE»

Natural de Condeixa, Namora forma-se em Medicina, em Coimbra, e vem exercer para aldeias da Beira Baixa (Tinalhas, Monsanto). Depois abre consultório em Pavia, no Alentejo, localidade que também deixou forte marca na sua obra, e que abandona para ser admitido como assistente no Instituto de Oncologia, em Lisboa. Estamos em 1950, e um novo mundo se vai abrir ao escritor: o da cidade, uma diferente chega na sua acumulação de experiências.

Ao tocarmos no assunto, ocorreu-nos uma passagem de Alberto Caeiro – Fernando Pessoa ao invocar Cesário Verde: «Um camponês que andava preso em liberdade pela cidade...».

Mas Namora recompõe por si a definição: «Um camponês exilado na cidade». E esclarece: «O meu sentimento é de pessoa que é inadaptada na cidade, porque na cidade muito dificilmente se consegue a verdadeira autenticidade que todos nós perseguimos. Estou na cidade sempre saudoso da província, de um viver completamente diferente».

Salientamos-lhe a dicotomia cidade/campo, que constitui uma linha de força tão forte na sua obra. Mas é referindo-se a si que o escritor elucida: «No campo existe quase que um sentido idílico. Há um tipo de relações mais autênticas, genuínas e límpidas. Na cidade tudo é precário, superficial, fugidio, como a atmosfera e sentimento de pânico. Na cidade sentimos-nos bastante perdidos, precários. Tudo se passa em termos de leviandade, de cansaço e de derrota prévia».

Dicotomia que nos ajudará a compreender com mais propriedade o Homem que Fernando Namora é como escritor, resultado duma existência carregada de diversificadas vivências humanas: escalões que conduziam ao acto da escrita, num tempo e num espaço. Ouçamo-lo: «Se há escritores em que a experiência vivida tem um reflexo muito grande na sua obra, eu serei um deles. Toda a minha obra reflecte uma experiência vivida de ambientes físicos onde fui existindo, com as coordenadas históricas, sociais, políticas e existenciais».

«NA MINHA OBRA HÁ CICLOS MUITOS DELIMITADOS»

«Acontece que na minha obra há ciclos muitos delimitados». E pormenorizando: «Na minha obra

há um ciclo citadino provinciano que corresponde à minha primeira fase». E lembramo-nos de «Fogo na Noite Escura». «Depois surge o meu ciclo rural que é fundamental à minha experiência de médico» e acrescentamos, por exemplo, «Retalhos da Vida de um Médico» e «A Noite e a Madrugada». Após a sua ida para a Lisboa onde reside «é o novo ciclo citadino, mas agora do grande centro urbano, o ciclo da grande cidade, fundamentalmente Lisboa». Outra parte bem significativa da obra de Namora é constituída por testemunhos experimentados de viajeiro que o escritor também é. Facto que corresponde «ao fascínio de confortar o Homem português com o Homem estrangeiro, de outros mundos, de outras galáxias culturais». – Lá um outro ciclo que Namora definiria como «tentativa de confrontação do Homem e das sociedades que eu, através de viagens, fui conhecendo».

«RIO TRISTE É UM LIVRO LIMITE»

E depois de este rememorar de uma vida literária de mais de quarenta anos, não quisemos deixar de referir o seu último livro: «O Rio Triste». «Último», salienta Namora, num duplo sentido: último publicado e último romance, sumula das suas múltiplas experiências vivenciais e sociais que, ao longo do tempo, o influenciaram e inspiraram. «Rio Triste» é simultaneamente um livro novo e um livro que não é novo. É um livro que apresenta coisas talvez até insuspeitadas e inesperadas na minha obra, e é também uma digestão laboriosa e demorada (com a tentativa de ser lúcida) de todas as experiências anteriores. É um balanço das minhas experiências».

«Título metafórico» resume bem o sentido de afirmação do escritor. «Não publicarei mais romances» – e acrescenta: «Repare no exemplo de «Rio Triste». Escrevi-o em três meses e tal de uma maneira caudalosa, inesperada até. No entanto, contém um elemento surpresa muito forte, em relação a mim próprio. Não esperava escrever o «Rio Triste». Daí que, neste momento acredite que o meu ciclo de ficção findou. O «Rio Triste» é para mim um livro limite. E simultaneamente, com rapidez e lentidão na entoação:

«ESTOU NO OUTONO DA VIDA»

«É um livro por um lado caudaloso, tumultuoso, explosivo, mas também um livro limite, como disse, porque nele se faz a soma de experiência mais

diversas e em tempos muitos diferentes. É uma tentativa de contrapor não só o espaço mas também o tempo, e, por conseguinte, é um livro com uma exigência íntima tão grande que eu confesso uma vez mais publicamente ter sido uma experiência esvaziado. Sinto-me, na verdade, esvaziado depois desta intensíssima experiência que foi o «Rio Triste».

Mas num escritor que se confessa «possuidor de uma grande vitalidade intelectual, física e emocional», reconhecendo embora que o seu «percurso como romancista chegou ao fim» seriasurpreendente qualquer atitude mais negativa perante o acto da criação. Tal não é o caso de Fernando Namora ao confessar-nos que a poesia o atrai agora de forma acentuada.

Mas ouçamos Fernando Namora: «Há um certo paralelismo entre a adolescência e a idade outonal da vida. Essas fases da vida têm muito de semelhante com talvez o mesmo tipo de predilecção por certas formas de expressão artística. Formalmente eu estou no Outono da vida... Há muitos escritores portugueses que durante a adolescência escreveram poesia e que só voltaram a ela no Outono da Vida.

A poesia é uma forma de expressão imediata, que dá uma resposta rápida a um certo tipo de ansiedade, de tensão e de necessidade de catarse. Isso é difícil na prosa e, sobretudo, no romance. O romance entende-se ao longo do tempo, é um labor que pede continuidade, enquanto a poesia pode acompanhar uma determinada atmosfera íntima e emocional e dar-lhe uma resposta imediata. Ora, no Outono da Vida, suponho que se necessita desse tipo de respostas imediatas a um certo tipo emocional». E o escritor revelou-nos que, depois de escrever o «Rio Triste» (sensação de tudo dito, de esvaziamento, de final) suportou subitamente uma explosão que se traduziu em centenas de poemas.

«REGRESSO À POESIA»

«Suponho que se trata da minha melhor poesia e que oferece uma certa surpresa às pessoas», diz Namora. «O tema do amor e das relações humanas, toda uma temática bebida numa larga experiência, muito magoada, senta sentada e cimentada. É uma poesia que, por um lado, tenta fazer uma reconstituição das minhas primeiras experiências (meio familiar, infância, a imagem do pai e da mãe) por outro, é uma poesia de revisão pessoal em que eu me questiono em todos os aspectos».

E quanto à expressão formal desse conteúdo, o escritor diria: «Aí teremos desde o discursivo até à depuração mais ossuda: a palavra como que o osso sem mais nada; poemas discursivos muito longos, onde se notará a experiência de ficcionista, e a recriação intimista de situações, de ambientes, de pessoas, de personagens, de objectivos». E, entre várias temáticas deste seu livro de poemas, Namora releva o tempo da morte. E esclarece: «Uma morte sem drama. Uma morte que se aceita como um desfecho pacificador. Em toda esta poesia existe uma tentativa de encontrar uma conciliação de mim próprio, uma harmonia entre vários aspectos mesmo através da morte. A morte é sentida como uma alegoria da realização.»

A partir de certa altura da nossa vida, «entram» novos ingredientes, dos quais a saturação e o desengano de nós próprios, das pessoas, enfim... É a fadiga do viver: Viver também fatiga! – é verdade».

«O ESCRITOR É SEMPRE UM JOVEM ATÉ AO FIM»

Com uma curiosidade que Fernando Namora denominou de «preocupação quase obsessiva, dramática para não dizer doentia» quisemos conhecer a opinião do escritor sobre a juventude. Juventude que ele tão bem conhece, quer pelo seu poder de observação, quer pela sua situação de pai e avô. «O sentimento das novas gerações é o que, finalmente, atingiram todas as verdadeiras em confronto com as anteriores que as desperdiçaram ou não conseguiram desenhar com nitidez o perfil de nenhuma quando não é bem assim».

Autor de «Estamos no Vento» afirma que as novas gerações vêm sempre para destruir, para contestar, criar novas coisas, destruir outras, em suma mudar o mundo. E continua: «O escritor pode e deve compreender o que é o estado de espírito da juventude, ele próprio é – sempre – um jovem até ao fim, e ai dele se o deixar de ser. Ele também nasceu para mudar, para rectificar o mundo: não nasceu para copiar». Foi assim que Fernando Namora definiu a juventude caracterizando-a através da sua rebeldia, o seu estado de espírito de autonomia e de protesto perante o estabelecido.

«A VERDADEIRA IMAGEM DO ESCRITOR É AQUELA QUE O LEITOR RETÉM»

Por fim quisemos averiguar se a «imagem» de Fernando Namora criada pelo público, corresponde à verdadeira pessoa Fernando Namora. Advertiu-nos que não. Porque «nós somos aquilo que somos mas o pior é que acabamos por ser, sem o querermos, aquilo que os outros nos tiram, mais aquilo que outros abusivamente nos acrescentam».

«A imagem social dum escritor é forjada através de factos accidentais, coisas marginais que violam o escritor. Sou bastante diferente daquilo que os outros julgam». E continua justificando: «Talvez as pessoas que me ouvem falar num colóquio, pensem que sou uma pessoa expansiva, faladora, rectórica, com uma relativa facilidade de comunicação ou desejo desta mesma comunicação. Eu sou o oposto. Sou uma pessoa que não fala, que não convive no dia-a-dia, que raramente exprime a sua opinião, seja porque for, por inibição ou por... porque sou um calado. A verdadeira imagem dum escritor é aquela que o leitor pode reter, pode descobrir por si próprio, por meio do contacto direto leitor/autor». Diz-nos Fernando Namora: «O escritor pode ser uma mentira perante si próprio, mas uma coisa ele não pode disfarçar: aquilo que dele está nos livros — o seu espelho)».

Jornal do Fundão, 22 de Abril de 1983, Suplemento Inicial



* Diretor do Museu Arqueológico Dr. José Alves Monteiro, Fundão

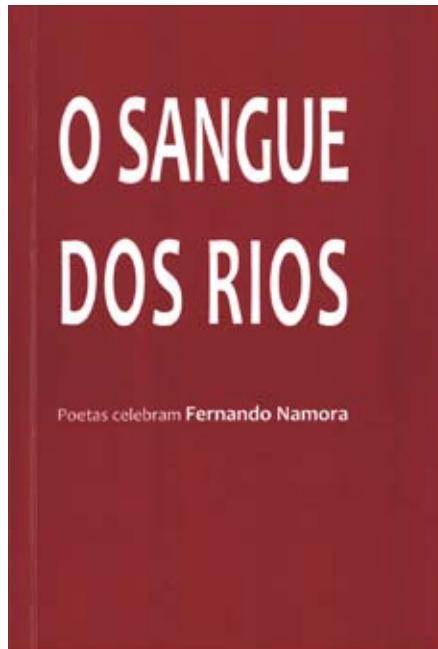
**Médico. Universidade da Beira Interior

***Geógrafo. Poeta

//

UMA OVAÇÃO AO FUNDÃO (ALGUMAS LINHAS PARA “O SANGUE DOS RIOS” E À MEMÓRIA DE FERNANDO NAMORA)

*António Teixeira e Castro**



Tomemos como incontornável o contributo para a vida literária nacional, ainda que escape ao conhecimento de um todo desejado, essa inquestionável dádiva de homens que, à sua vida profissional desenvolvida em prol do seu semelhante, a iluminaram, em acréscimo, com o que de mais proveitoso se pode dedicar aos que a nosso lado se movimentam e sentem: o conhecimento transposto para o papel sobre a forma de texto prosaico ou poético. É que ao dedicar ao outro, conhecido ou desconhecido, a sua sabedoria criativa, dá a beber o sumo da mais intervintiva ação que desde os primórdios da linguagem serve para contento e engrandecimento dos que nos rodeiam.

E se há uma panóplia indvidiosa de homens que alicerçaram a sua correspondência para com o outro, essa será, sem dúvida, a do *Médico-Escritor*. Será desnecessário calcorrear-mos muitas léguas para, de imediato, encontrar-mos esse agente de comunicação, esse comendador de soluções e poções para as enfermidades do corpo, e não só....

É que ao médico coube, para além do papel de confessor e perscrutador, em circunstâncias várias, a atenuação do mal espiritual através das suas palavras e de seus escritos.

Na história das letras nacionais o *Médico* não raras vezes nos surge como um ser inspirado e inspirador, motivado pelo real que o absorve se torna motivador de outros homens, de outras circunstâncias inovadoras e preventivas. Requer da escrita, desse modo, a tentativa de conciliação das enfermidades através de uma dialética de comunhão entre o pensamento e a dor, produzindo valorosas peças de reflexão do que é a vida humana e seus labirintos. Sendo aqui chegados temos como resultado o *Homem-Médico-Escritor* e, como tal, um Ser total na envolvência com a comunidade. Nasce o homem prático aliado ao homem indutor de novas tomadas de consciência, administra-se na sociedade uma fusão inalienável da *Arte* com o *Ofício*, surge o médico propulsor de sonhos tomados de múltiplas realidades, renomeiam-se consciências e conceitos em busca de uma conciliação total com a vida.

Quem, mais que o Médico, ao possuir o sonho poderia suturar a dor da humanidade com a sua inexcedível contribuição na melhoria deste tempo vivo que somos?

A partir daqui saliente-se a importância que toma a bela iniciativa de homenagem a *Fernando Namora* traduzida numa reunião de contributos poéticos exarada sob o título “*O SANGUE DOS RIOS*” que a bom tempo os seus promotores nos deram para lembrança desse vulto incontestável das letras nacionais. A *Cidade do Fundão*, em comunhão com a “*Casa da Poesia Eugénio de Andrade*” patrocinou, e trouxe à memória entorpecida de nós, uma das mais emblemáticas figuras do século passado, Os poetas o vieram cantar e retirar do silêncio, em terras submissas aos lábios da Gardunha, com fraternas vénias de poesia. Todos comungaram de uma mesma vontade, de uma imprescindível necessidade de se compatibilizarem com o romancista, o humanista e o defensor de causas justas. Afirmaram-no em versos como os que ao de leve se decalcam:

“Soubeste abrir a porta / que dá para o sucesso / para o longínquo/ para um lugar / onde mesmo em deserto / o amor nasceu / onde o leito dum rio / traça a directriz / capaz de o conduzir até ao mar.” (...), António Salvado.

Temos nestes versos traços firmes do romancista, do percurso entalhado numa caminhada para o amor, para uma abrangência infinidável com o todo físico da terra. Mas não só o romancista é cantado nos versos desta brochura, temos ainda agraciado o seu ofício médico:

“Passam sem o ver como se fosse/Um corpo invisível, transparente; / E nem quando espirra, funga ou tosse, / Uma tosse cava e persistente, / Param para ouvir o som agudo, /O sibilo grave e cavernoso, / O ronco que abala o peito e tudo / Ameaça romper.” (...), Domingos da Mota.

E tão vastas são as oferendas que nada é deixado sem reparo, o sentimento de liberdade de Namora é aqui evocado de seguinte modo:

“Cada quien se fabrica su propia cárcel / La celda en la que vivirá / Creerá que es libre / puesto que nadie le impedirá ejercer su libertad / ... Cada día reforzará el cerrojo que le separa del mundo / abrillantará los barrotes mientras mira la televisión / tendrá una mazmorra preciosa” (...), Fernando Barbero Carrasco

Devidas palmas merecem os organizadores desta iniciativa, escassas são as homenagens a outros tantos Médicos-Escritores que povoam esta

“Jangada de Pedra” que flutua no Rio desta grande Ibéria* onde pulsam de Sangue fraternal dos homens que em lacinante trabalho cuidam das inquietações físicas e mentais de todos nós.

A presença deste livro na mesa social e afectiva da malha humana portuguesa não poderia estar mais condizente com o momento tumultuoso de incógnitas e absurdos com que nos vemos defrontados. É que ao Médico cabe, de novo, a árdua tarefa de se imiscuir profundamente na vida dos seus semelhantes numa tentativa de soluções. Vem vestir uma outra bata, servir-se de um outro estetoscópio: aquele que além de averiguar a causa real vai auscultar também o efeito da mesma no coração das gentes alvoracadas! Com toda a sua intrínseca humanidade e na eficácia da sua dedicação, porventura se exaltam também filamentos de sonho e poesia! Repito que, souberam a tempo justo os organizadores deste volume, (longe estavam de adivinhar o mal que nos devastaria) perceber a importância de aglutinar fronteiras, abrindo pontes para uma homenagem ao Médico-Escritor, *Fernando Namora*, colocando-o como um elemento literário imprescindível e universal. Porque afinal é isso mesmo: o Médico tal como o Escritor têm o dever de estar em todo o lado... Mais que um dever os chama, pois só o serão nessa circunstância dupla se todos os “lados” forem a sua residência!

Com cerca de setenta poetas a tonificarem a memória de Fernando Namora, jamais o mesmo se restará -Só- nos presentes tempos. É que os organizadores desta brochura: *António Lourenço Marques, Pedro Miguel Salvado e Carlos d’Abreu* foram, a seu tempo, visionários ao trazer à luz do dia este escritor comprometendo-o com todos nós. Inacreditavelmente, nada sugeria os tempos fatídicos que viriam a surgir e que realçam, como nunca, o papel do médico e do humanista na mais elevada das circunstâncias.

Apresentada com uma exemplar dignidade, esta homenagem, em forma de livro, acarreta em si, não só o tempo válido da sua acção, mas ainda a árdua e desejável tarefa de se evidenciar como germe contaminador para se erguerem, a partir daqui, as justas e devidas homenagens a um vasto leque de escritores que tinham como profissão o exercício da medicina.

E, acrescente-se que, a este livrinho não falha a sua pretensão, mesmo que humildemente assumida, de para além da poética nele exposta vir promover um testemunho exemplar dado por *Fernando Namora*

às atentas entrevistadoras, *Alexandra Oliveira e Isabel Salvado*, que transpuseram com elevada clarividência das perguntas as respostas marcantes da composição, pensamento e acção da vida e obra do autor. Deixam-nos, estas duas jornalistas, um belo quadro afectivo, literário e vivencial deste autor que nessa entrevista se assume com evidência e humildade. Eis um desses momentos:

«A imagem social dum escritor é forjada através de factos accidentais, coisas marginais que violam o escritor. Sou bastante diferente daquilo que os outros julgam».

E continua justificando:

«Talvez as pessoas que me ouvem falar num colóquio, pensem que sou uma pessoa expansiva, faladora, rectórica, com uma relativa facilidade de comunicação ou desejo desta mesma comunicação. Eu sou o oposto.» (...) «O escritor pode ser uma mentira perante si próprio, mas uma coisa ele não pode disfarçar; aquilo que dele está nos livros – o seu espelho».

A determinado momento desta conversa/entrevista vem em reforço da sua profissão na interatividade com a escrita:

«Só uma actividade que tenha que ver com o homem comum é que pode dar ao escritor essa riqueza de observação vivencial e assim alimentá-lo na sua actividade de escritor».

Nesta afirmação é-nos reafirmado o seu lado humanista, quase cônscio, em expressão fraterna que vem declarar um escritor comprometido com o seu semelhante. Repare-se que é o “homem comum” quem dá sustento à sua escrita, as desventuras da vida e suas vicissitudes que o aceleram para a linguagem romanesca. Não será porventura um acaso se, ao afiançar-mo-nos na leitura da sua obra nos virmos confrontados com o homem ramerraneiro, o homem construtor, o homem comprometido com a dureza do trabalho e em busca de um futuro melhor nas suas exigências de justiça!

Chegados aqui reafirmo que, desta publicação/celebração se deve seguir a fórmula a empreender como homenagem a todos aqueles que, ainda no desempenho das suas funções profissionais e artísticas, merecem o nosso justo louvor!

Diante desta obra singela e emotiva, não podemos ficar indiferentes ao autor declarado como tampouco aos organizadores deste evento. As intervenções são várias mas concludentes e desse modo venho furtar à Dra. *Alcina Cerdeira* um breve parágrafo do texto de

apresentação, para assim dar ênfase ao que motivou, também, esta obra:

«Constitui desígnio que se tem pautado por uma sã permuta de objectivos individuais e colectivos, unindo a comunidade com os criadores numa envolvência não exclusiva ou de controlo criativo. Temos sabido unir todas as diferenças, como aliás foi e é sempre timbre do Fundão, como um território de acolhimento de todas as artes e como centro de permuta cultural.»

Repare-se que o investimento é feito na lembrança, na partilha e na sucessão de elementos que configurem uma abrangência incondicional da vida, tal como o foi a vida do Médico-Escritor Fernando Namora. No espaço caudaloso deste livrinho surge, a reconsolidar o parágrafo acima furtado, a declaração assumida da necessidade deste trabalho de evocação na voz do Dr. Paulo Fernandes:

«Associado a este projecto editorial, os seus organizadores recuperaram também parte da memória, principalmente a que se acolhe nas páginas do Jornal do Fundão, do que constituiu a presença de Fernando Namora no concelho do Fundão, geografia que fez parte do seu complexo literário seja enquanto escritor divulgador, seja como criador.

Na fugacidade dos dias é importante enraizar de novo Namora aos horizontes do quotidiano regional e as suas palavras têm de circular com maior intensidade na raiz da nossa identidade.»

Se ao dar à luz esta obra se reuniram nella poetas não foi, penso eu, por simples devaneio ou facilidade de compilação, mas antes por uma exactidão que exemplifica a claridade e a sombra do ser humano, a tolerância e a angustia do homem Namora, a inconformidade e a tenacidade do escritor. A exemplo, veja-se o que o próprio Fernando Namora nos diz a determinado momento no seu volume:

“A Nave de Pedra” (...) «Penso que o melhor serviço que se pode prestar à governação é comentar os actos públicos com honesta franqueza, o que tanto pressupõe a crítica, se for caso disso, como o aplauso, este porém, dado de testa levantada. E o pior serviço será, contrariamente, o louvor incondicional e mesureiro.»

Julgo esta passagem ser um bom reflexo do que acima referi, «a inconformidade e tenacidade do escritor».

Mais adiante, em mais um volume seu intitulado, “Marketing”, avisto um poema seu que identifica o pulsar do seu ofício na sua obra:

CALAFRIO

*Não sei como eles ainda escutam
as cóleras de guizos,
como eles não vêem os coágulos
onde o sangue tingiu os girassóis.
De ciprestes são as áleas
que escoltam a música dos sinos
e o céu desfolha-se
em estrelas apagadas.
Pois sobre o rugido dos coveiros
que se levante a surdez.
A alva, quando nasce,
é calafrio.*

Honroso é este livrinho que me motiva para uma figura incontornável da Medicina, da Arte e da Literatura, o Professor Abel Salazar:

«A verdadeira finalidade do homem concentra-se na tendência para a sua realização integral; e é porque o homem não consegue jamais senão uma realização parcial de si próprio que ele marcha na história em estado de tensão constante. (...) «É que a humanidade, como o homem, é regida pelo

imperativo categórico do acto a realizar; suspender tal realização é a morte. Assim todo o organismo vivo tende constantemente a expandir-se, reproduzir-se e construir: na vida orgânica, como na vida psíquica, moral ou estética, individual ou colectiva.» in, "Que é Arte?"

Assim, tomando como minhas as palavras de Abel Salazar, penso ter sido erguido este volume: "O SANGUE DOS RIOS".

Não poderia terminar este breve apontamento sem endereçar um fraterno abraço poético a toda a Comunidade Científica Mundial, neste momento de incertezas, aos poetas, aos organizadores desta iniciativa, visíveis ou invisíveis que estejam na consumação da mesma, à Cidade do Fundão!

Grato e enriquecido saí da leitura deste livro, e mais consciente de que em todo o lugar estas iniciativas poderão alcançar o fulgor idêntico que as terras do Fundão brotaram!

Porto, 03 de Outubro de 2020

*Poeta/Escritor

ELEMENTOS PARA A MEMÓRIA DE FERNANDO NAMORA: O COLÓQUIO ORGANIZADO PELA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA EM 1978

FERNANDO NAMORA EM ALPEDRINHA

No dia 4 de Março esteve em Alpedrinha o escritor Fernando Namora. Amigo especial da Beira Baixa, o antigo médico de Monsanto e agora um dos maiores escritores contemporâneos, o escritor português cujas obras estão traduzidas em maior número de línguas estrangeiras, Fernando Namora, que esteve instalado em Alpedrinha por ocasião da sua participação num colóquio, na Escola Secundária do Fundão, falou para a Informação e disse:

- «Alpedrinha, a Beira Baixa, é a região onde se encontram, ainda, alguns recantos que escaparam à destruição do património arquitectónico que se verifica por todo o país.»

E a propósito de arquitectura e defesa do património, Fernando Namora disse-nos o quanto a sensibilidade é ferida pelos insensíveis que destroem o bom para contribuírem o rápido. Falou-nos da cor, da beleza do branco e da agressão das cores ditas berrantes. Falou-nos da importância que a casa tem para cada um.

- «a nossa casa tem algo de nós, revela alguma coisa nossa e por isso tem que ser particular». «Numa cidade da Sibéria em que fizeram todas as casas iguais, de uma rua para outra nada as diferencia, as pessoas, especialmente as crianças, foram vítimas de traumas muito sérios e algumas tiveram mesmo que ser tratadas.»

Mas falou-nos, também, da importância que a nossa casa tem para os outros. Ela fica na nossa rua e a nossa rua é dos nossos vizinhos, também. O aspecto exterior da nossa casa tem a ver com a comunidade a que pertencemos.

Alpedrinha com os seus recantos provocou estas explicações e as jovens entrevistadoras provocaram outras;

- Senhor doutor, que acha da juventude actual?

- A juventude actual é exactamente como a juventude de todos os tempos. Pensa-se que é diferente mas não é. A disponibilidade, sede de justiça, o idealismo, as virtudes e os defeitos são sempre os mesmos. As manifestações, o modo de proceder, esses podem variar de acordo com os meios disponíveis em cada época.

Portanto, no essencial, a juventude de hoje é igual à de todos os tempos.

- Do ambiente, da juventude, de Alpedrinha...

«Tenho a dizer-vos que guardo de Alpedrinha, da última vez que cá estive, uma grata recordação. E não há nisto lisonja. Na verdade, a hospitalidade e a simpatia com que fui recebido foram inexcedíveis.»

...de tudo um pouco nos falou o autor de «O Rio Triste», no Hall acolhedor da Residencial do Barreiro, numa conversa informal em que a senhora D. Maria Amélia Gambôa nos deu uma ajuda preciosa.

Para a história de Alpedrinha e para a história da Beira Baixa, traçadas, naquele dia 4 de Março, na história do mundo por uma ação de um dos maiores intelectuais do nosso tempo, fica este pequeno apontamento. É provável que não seja o último. A conversa foi longa e sabemos existirem referências especiais do grande escritor relativamente a Alpedrinha. Mas aguardemos. O tempo também ajuda a «fazer» a história.

Declarations collected by Júlia Parente
Boletim da Liga dos Amigos de Alpedrinha

FERNANDO NAMORA – COLÓQUIO EM ALPEDRINHA

Foram três horas de encantamento. Acompanhar o criador de tantos tipos inesquecíveis na sua fascinante aventura, feita de vida vivida ao longo de quarenta anos plenos, é um privilégio. Poder perguntar, ouvir os comois e os porquês, sair do mundo estreito da vida quotidiana para ir além da condição de leitor e ganhar a de companheiro, é viver uma jornada, do mesmo passo rara e feliz. A difícil simplicidade da comunicação imediata e clara consegue-a Fernando Namora naturalmente, fazendo logo uma roda de amigos entre pessoas que nunca vira. A timidez de muitos que vão ver o escritor de projeção mundial e registar o facto que fica na história da região, quebra-se ao primeiro contacto. Desde a génesis do «Novo Cancioneiro», movimento juvenil que abriu um novo caminho à literatura portuguesa, à colonização cultural feita através das telenovelas, de muito se falou. «Quando estou na Beira Baixa sou outro, sou eu» diria o homem que há quarenta anos

veio para Monsanto, médico, e nunca mais deixou de fixar, em páginas de muitas línguas, o carácter desta gente e a força telúrica que em muitas gerações, molda uma cultura. A emigração e a guerra colonial foram os dois grandes factores da mudança que fez o 25 de Abril, pensa Fernando Namora. Sobre o seu melhor livro, é difícil pronunciar-se mas uma escolha recentemente feita por especialistas aponta «O trigo e o joio». A adaptação ao cinema e à TV sobrepõe, à sua catarse, a do cineasta. Muitas vezes o romance original é um mero pretexto que o romancista mal reconhece. Vai rodar-se na Checoslováquia o «Dr. Jorge» baseado no «Domingo à tarde». Em meio social e físico tão diferenciado, o filme pouco terá a ver com o livro. Acerca da influência da sua obra no viver rural, entende Fernando Namora que teria sido reduzida. Os rurais não liam, os filhos vão lendo. A frequência e a influência das telenovelas brasileiras levaria Fernando Namora a dizer que estamos a ser colonizados culturalmente. O intercâmbio é salutar, necessário, mesmo urgente, mas pensado e recíproco. – 104 – Estas, muito brevemente, algumas das questões a que Fernando Namora respondeu. A sessão realizou-se na antiga Casa da Câmara de Alpedrinha, belo edifício que o Dr. Álvaro Gamboa restaurou e mobilou com muito gosto. As condições da sala não eram as mais indicadas: a maior parte dos assistentes esteve três horas de pé, facto que só se justifica em atenção a qualidade do visitante. As notas que o repórter tirou ressentem-se dessas condições precárias. Mas foi anunciada a visita de outros escritores e esta falta será, com certeza, remediada. De qualquer modo a iniciativa merece todos os aplausos. Além do governador civil de Castelo Branco, Dr. Pinto Garcia, intervieram no colóquio o Dr. José Vasco Mendes de Matos, António Júlio Garcia, D. Lusitânia Fonseca Nabinho, António Paulouro, Padre Américo Vaz, José Pinto de Sousa e Dr. António Salvado. Na mesa, além de Fernando Namora, o presidente da Liga dos Amigos de Alpedrinha, João Santos Costa – que abriu a sessão e a encerrou congratulando-se com o êxito obtido; disse que esta acção teria continuidade e que naquele dia Alpedrinha era a capital cultural da Beira Baixa, - o presidente da Casa do Povo, Joaquim Mesquita Mota e o representante da junta de freguesia, Barata Roxo. À noite na Estalagem de S. Jorge foi oferecido a Fernando Namora um jantar a que assistiram além do Dr. Pinto Garcia e esposa, diversas pessoas de Alpedrinha, Fundão e Castelo Branco.

Jornal do Fundão, 2 de Junho de 1978

Arquivo RTP

1978-05-27 00:02:45 Alpedrinha, colóquio e exposição sobre a obra do escritor Fernando Namora, organizados pela Liga dos Amigos de Alpedrinha.

Nome do Programa: Noticiário Nacional de Maio

Nome da série: Noticiário Nacional de 1978

Locais: Alpedrinha

Personalidades: Fernando Namora

Temas: Artes e Cultura

Canal: RTP 1

Tipo de conteúdo: Notícia

Cor: Preto e Branco

Para aceder:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/colloquio-e-exposicao-da-obra-de-fernando-namora/>



Mesa do Colóquio



Fernando Namora na assistência



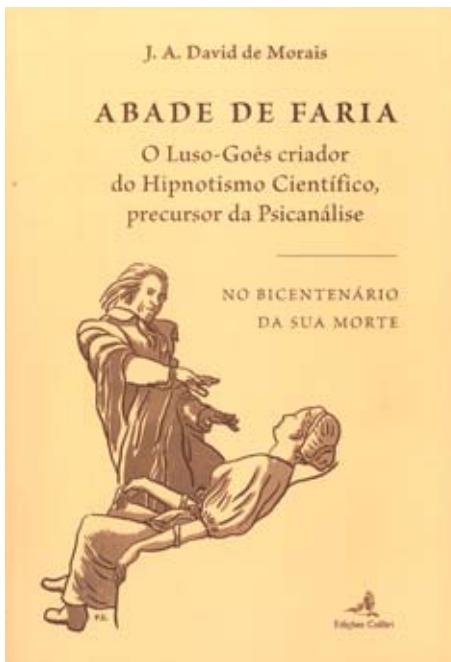
Sessão de Autógrafos



Exposição bibliográfica

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “ABADE DE FARIA - O LUSO GOÊS CRIADOR DO HIPTONISMO CIENTÍFICO, PRECURSOR DA PSICANÁLISE”, DO PROFESSOR DOUTOR DAVID DE MORAIS

Maria Adelaide Neto Salvado*



Livro fascinante este que tenho a honra de vos apresentar. O seu título *Abade de Faria - O Luso Goês criador do Hiptonismo Científico, Precursor da Psicanálise*, da autoria do Professor Doutor David de Moraes, remete-nos para uma obra de carácter biográfico. No entanto, este livro ultrapassa largamente as fronteiras de uma simples biografia para nos conduzir através de bem urdida e fundamentada narrativa não só ao percurso da vida real do Abade de Faria e ao valor científico e precursor dos caminhos que trilhou em busca da compreensão das profundezas da alma humana, como nos dá a conhecer laços insuspeitados que o ligam a Alexandre Dumas e a Sigmund Freud.

Escreveu o Professor Doutor David de Moraes na introdução:

«Para a análise dos factos respeitantes ao abade de Faria, a Freud e a Alexandre Dumas, que escalonámos em 3 Capítulos diferentes, procuraremos sempre remontar às fontes documentais coetâneas (centúria de oitocentos)».

E, seguindo este caminho, o Professor David de Moraes, aliando a investigação cuidada e rigorosa que é seu apanágio, com a profundidade da análise dos contextos sociais, políticos e ideológicos, não só traça um panorama vivo da França dos séculos XVIII e XIX, como traz até nós factos e acontecimentos da história da Europa que se repercutiram na vida destas três personagens, modelando-lhes os comportamentos e os sentires.

Ao entre cruzar a vida e a obra do Abade de Faria, de Sigmund Freud e de Alexandre Dumas, o Professor David de Moraes consegue não só traçar a biografia destes três homens, como nos conduz, através das suas reflexões e da busca de compreensão de muitos dos seus comportamentos, ao claro-escuro das profundezas das suas almas.

Estas três personagens, que marcaram a cultura europeia e povoaram a imaginação de muitos de nós, emergem nas páginas do livro com toda a sua frágil e contraditória condição humana, com as suas fraquezas, os seus traumas, os seus anseios e os seus sonhos.

No I capítulo, intitulado «Vida e Obra do Abade de Faria», o Professor David de Moraes desvenda-nos a vida real do Abade, despojando-a dos contornos ficcionais que conhecemos do romance *O Conde de Monte Cristo*, erguendo-o à sua dimensão de criador da psicoterapia por sugestão e de arguto crítico e reformulador do magnetismo animal e vegetal que, no seu tempo, alicerçavam uma certa medicina», para usar as palavras do Professor David de Moraes.

Quem foi na realidade o Abade de Faria?

José Custódio de Faria era o seu nome. Nasceu em Goa, na longínqua Índia, em 1756, no seio de uma ilustre família. Seu pai, Caetano Vitorino de Faria pertencia à mais alta casta da sociedade hindu, a dos brâmanes, e sua mãe, Rosa Maria de Sousa, era filha única de uma abastada família portuguesa de Goa.

Pela escrita clara e fluente do Professor David de Moraes, alicerçada no cotejo de variadas e múltiplas fontes documentais, a vida do Abade de Faria desdobra-se, passo a passo, nas páginas deste livro.

É a separação dos pais; o ingresso da mãe num convento, a partida de Goa para Lisboa, aos 15 anos, acompanhando o pai; É a instalação de ambos na corte de D. José I e a sua posterior partida para Roma, sob o patrocínio do rei. É o doutoramento de Caetano Vitorino de Faria em Teologia e o retorno de ambos à corte de Lisboa.

É a partida de José Custódio para Roma com uma bolsa da rainha D. Maria I. é a sua ordenação, em 1780, como padre, o seu doutoramento em Teologia com uma tese dedicada à rainha, sua protectora, e a D. Pedro III. É o seu retorno a França em 1788, numa época conturbada e sangrenta. São os tempos perturbadores da Convenção, tingidos pelo terror das denúncias e das intrigas; é a execução do rei Luís XVI e da rainha Maria Antonieta; é a envolvência revolucionária que leva José Custódio de Faria a participar activamente naquela Convenção; é a sua sedução pelo magnetismo animal, corrente que desde Paracelso procurava desvendar as sendas da natureza humana, que fervilhava em Paris, por esta época.

É a sua ida para Marselha, a sua eleição como membro da «Société Medicale de Marseille», circunstância que, esclarece o Professor David de Moraes e cito: «não sendo médico só poderia resultar do facto de utilizar o magnetismo com fins manifestamente clínicos».

E é a sua saída e o seu retorno a Paris.

Numa linguagem clara e acessível, o Professor David elucida-nos sobre o magnetismo animal. Assim, apresenta-nos o seu principal cultor, o médico austríaco Franz Anton Mesner, descreve-nos, em

pormenor, as suas práticas, traça a biografia do marquês de Chestenet Puységur, praticante e difusor do magnetismo vegetal, esclarece-nos acerca da sedução de Faria pelo magnetismo e do seu posterior afastamento, negando a existência de qualquer fluido quer animal, quer vegetal.

E, finalmente, introduz-nos na busca do seu próprio caminho que o leva à hipnose por sugestão, a que chama «sono lúcido». E é a sua ascensão, a imensa popularidade e sucesso dos seus cursos sobre o «sono lúcido».

E é o seu declínio... O Abade de Faria cai em desgraça nesse Paris ávido de novidades, atacado em várias frentes: por um lado, jornalistas que o acusam de charlatanismo, por outro a própria Igreja Católica, à qual pertencia, que classifica as suas práticas de anti-cristãs encarando a hipnose como resultado da intervenção de espíritos malignos.

Em 1816 afasta-se da vida pública. Para sobreviver torna-se capelão num pensionato de donzelas localizado numa rua de estranho nome: rua das Urtigas. E comenta o Professor David acerca desta fase da vida do Abade: «fase de recolhimento e meditação, fase que lhe permite reerguer-se», e acrescenta:

«*Eros suplantando Tanatos, materializou a vitória da vida sobre as pulsões da morte legando às gerações futuras a sua obra seminal De la cause du Sommeil lucide ou étude de la Nature de l'Homme*».

Obra que o Professor David classificou deste modo:

«*Testamento científico verdadeiro libelo contra o magnetismo animal, esteio primevo da Psicanálise cujo princípio básico (a sugestão hipnótica) se mantém válida até aos nossos dias*».

Morre na pobreza e na indigência , a 2 de Setembro de 1819.

Na capa da sua obra, a única publicada, surgem os seguintes títulos apostos ao seu nome:

«*Bramane, Doutor em Teologia e em Filosofia na Universidade de França, Membro da Sociedade Médica de Marselha. (...)*».

Clara afirmação do auto-reconhecimento do seu mérito científico e do orgulho da superioridade da casta, à qual por nascimento, pertencia.

Fragilidades da natureza humana de um espírito superior...

O II Capítulo intitulado « Do hipnotismo do Abade de Faria à Psicanálise», abre com duas epígrafes de Sigmund Freud em cujo contexto este autor reconhece o importante legado que a hipnose legou à psicanálise, tanto do ponto de vista teórico como terapêutico.

E o Professor David de Moraes abre o capítulo com as seguintes considerações:

«Se por um acto de pura magia, nos fosse dado dialogar com esse expoente cimeiro do pensamento ocidental que se chamou Sigmund Freud, por certo não o ouviríamos referir-se ao Abade de Faria.

E, no entanto, Freud utilizou, na sua clínica, a técnica de indução do 'sono lúcido' desenvolvido pelo Abade – dir-se-ia, nessa omissão de Freud, estar-se perante um hipotético 'acto falhado' freudiano».

E baseado no facto de não ter encontrado na vasta obra legada por Freud qualquer referência ao Abade de Faria, que o Professor David concluiu que essa omissão perfila-se não como um 'acto falhado', mas sim como um acto deliberado de ocultação do seu conhecimento do livro *De la cause du Sommeil lucide ou étude de la Nature del'Homme*.

E em busca de respostas para estas omissões o Professor David conduz-nos ao insucesso pessoal de Freud no tratamento da baronesa Ana von Lieben, a tentativa, igualmente falhada, de a tratar na Escola de Nancy, liderada por Bernheim, grande admirador e continuador do método do abade de Faria. Insucessos que causaram grande humilhação a Sigmund Freud.

Seria esta a razão?

E, na persistente busca de tão estranha omissão, o Professor David conduz-nos a outros caminhos. Lembrando que na teoria de Freud sobre a estruturação de psique humana, as relações familiares e sociais 'nascem do assassinio originário do pai pela horda dos filhos', o Professor David interroga:

«Colocando-nos no domínio da Psicanálise será que Freud «assassinou» a figura do Abade de Faria parricídio simbólico – já se vê – o «pai» primevo e imaginariamente concorrente, em termos de primazia das investigações subsequentes, da «horda» dos psicanalistas?». E recordando que «Freud nunca deixou nenhuma dívida por saldar» lança uma outra hipótese: «Teria havido, no domínio subjectivo um diferendo entre o monoteísmo judaico de Freud e o politeísmo industântico do Abade de Faria?»

E conclui :

«Sigmund Freud acendeu o farol da Psicanálise para iluminar as trevas da alma, mas encriptou deliberadamente o nome do criador da fonte ígnea em que se alicerçou – o Abade de Faria».

São as humanas fragilidades de um grande homem...

No III Capítulo, intitulado «O abade de Faria no romance Conde de Monte Cristo: mito e realidade»,

vemos surgir em toda a fragilidade da sua humana condição o famoso romancista francês Alexandre Dumas, a quem se deve a perduração do nome do Abade de Faria através da personagem fictícia, com igual nome, que alicerça o enredo do romance *O Conde de Monte Cristo*.

Começando por fornecer alguns dados biográficos do romancista recorda a sua ascendência mestiça e a singularidade do seu nome, Alexandre Dumas Davy, herdado uma parte de seu pai e outro de sua mãe, uma escrava negra chamada Maria Césett, conhecida por «Marie du mas» (dumas significa casa). Proibido de usar o apelido paterno: Davy de la Pailleterie, o romancista adoptou o apodo da mãe Marie du mas. Surgiu então o nome Alexandre Dumas Davy.

Alguns traços da biografia do romancista são relevados: a sua fraca instrução e cultura, o seu emprego inicial como copista do duque de Orleãns.

Partindo da conjugação de diversas fontes, o Professor David informa-nos que Alexandre Dumas recorria frequentemente à colaboração de vários autores, que, a troco de remuneração, faziam a investigação que alicerçava o perfil das personagens do enredo e escreviam parte ou a totalidade dos romances. Eram os escravos literários, os «nègres littéraires», como lhes chamavam em França. Alexandre Dumas limitava-se simplesmente a assinar. Entre estes 'escravos' destacavam-se dois: August Maquet, professor de história e investigador de fontes documentais, que acabou por denunciar o seu trabalho e assumiu a autoria de algumas obras, e o italiano Pier Angelo Fiorentino, homem de grande erudição e cultura.

Baseado no facto de a personagem do Abade de Faria, retratado no romance *O Conde de Monte Cristo* ser apresentado como um velho sábio italiano, o professor David de Moraes concluiu que este célebre romance foi no seu enredo geral, imaginado por Alexandre Dumas, mas a descrição do Abade deve-se à colaboração do seu 'escravo' Pier Angelo Fiorentino.

Pela riqueza informativa que nos oferece, pela profundidade das reflexões sobre factos e acontecimentos que conduzem a hipóteses explicativas dos claro-escuros de alguns comportamentos, este livro é, do meu ponto de vista, um modelar exemplo do que deverá ser o trabalho de um biógrafo.

*Geógrafa. Investigadora

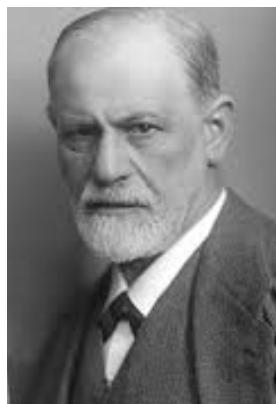
Personagens que se cruzam nesta obra do Professor David de Moraes:



Abade de Faria (1756-1819)



Marquês de Puységur (1751-1825)



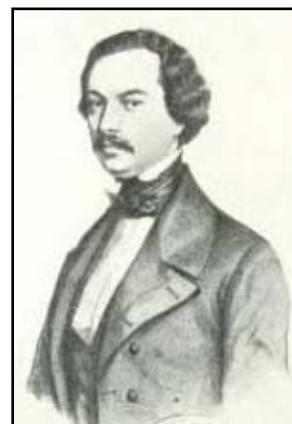
Sigmund Freud (1856-1939)



Baronesa Ana von Lieben (1847-1900)

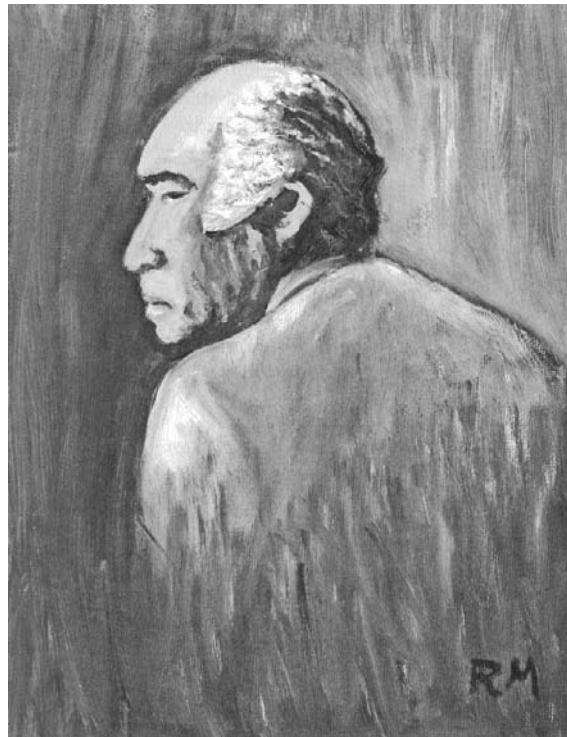


Alexandre Dumas (1802-1870)



August Maquet (1813- 1888)

OBRA DE RAÚL MARTINS MENDONÇA - EXPOSIÇÃO



Fernando Namora, pintura de Raúl Martins Mendonça

Artistas da Nossa Terra

"Raúl Mendonça, aldeão monsantino, quanto a artes, mestre de si próprio. A pintura nasceu dentro dele, sem referências, sem convívios nem ensinâncias, até ao dia em que o acaso pôs uma das suas telas na vitrine de um café – taberna do seu exilado poiso arraiano.

Atela, a meio caminho do "naïf" e do amadorismo sem receituário, despertou a curiosidade dos cidadãos descobridores de excentricidades, e logo se reproduziu noutras que, no seu conjunto, correram a deslumbrada aventura de se verem na Galeria do Casino do Estoril, numa exposição colectiva de pintura "naïve" que deu brado, e, pela mesma altura, numa mostra das artes e ofícios do concelho de Idanha-a-Nova, aquando da visita do Presidente da República a essas terras. Depois, nova presença na recente exposição colectiva, também no Casino Estoril, a favor das vítimas das inundações de Cascais.

Mas estes casos, a que a repetição começa a dar significado, estatuto e coerência, em nada alterou o que o Raul Mendonça é: o tal aldeão a que a vida tem forçado a sete ofícios, em Portugal ou nas rudes andanças da emigração, desde barbeiro a pedreiro e usufrutuário de um híbrido estaminé

Raúl Mendonça



Monsanto e Namora
Amizade sem tempo

XXXI^{as} Jornadas de Estudo
"Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Séc. XXI"



provinciano, onde fornece comes e bebes aos turistas embasbacados com a rispidez telúrica do lugar. Rispidez essa que as suas telas vão fixando numa espécie de reverenciosa solenidade."

António Silveira Catana



Artista Raúl Mendonça



Aires Diniz, Pedro Salvado, Leopoldo Rodrigues e Alfredo Rasteiro



Joaquim Baptista, Leopoldo Rodrigues e Joaquim Manuel da Fonseca



Esculturas de Raúl Martins Mendonça



Pinturas em vários suportes de Raúl Martins Mendonça



Inauguração da exposição



O PINTOR RODRIGO DIAS

*Luís Filipe Maçarico**



Fernando Namora, pintura de Rodrigo Dias

Conheci o pintor Rodrigo Dias no Atelier de Mestre Artur Bual.

Rodrigo Dias é dos maiores artistas plásticos portugueses, quer no traço que mergulha em fascinantes pranchas de BD, como na paleta de cores profundas e inesperadas.

O seu percurso inclui inúmeras exposições das quais se destacam Ciudad Rodrigo, Galerias Municipais Artur Bual (Amadora), Arruda dos Vinhos, Castro Verde e Mértola, bem como participações no PAN de Morille (Salamanca) e Vilarelhos (Alfândega da Fé), algumas das quais com escultura.

Rodrigo Dias é igualmente autor de livros de Poesia, de ilustrações de obras poéticas e de ficção.

Como acontecia na Renascença este pintor evidencia-se entre várias Artes onde se revela um talento ímpar.

Autor do retrato de Eugénio de Andrade na Casa da Poesia (Póvoa de Atalaia) sob a forma de mural numa parede exterior, é dele também a tela dedicada a Fernando Namora. Na Biblioteca Eugénio de Andrade, no Fundão, pode ainda ser admirada uma tela, onde o poeta de "Branco no Branco" "respira"...

Nascido em Chaves, tem espalhado a sua criatividade conquistando aplausos internacionais que consolidam a caminhada das suas cores e imaginários.

*Antropólogo



Castelo Branco

uma cidade para o século XXI



QUALIDADE DE VIDA

Património, cultura e lazer | Boas acessibilidades | Mercado de emprego dinâmico

www.cm-castelobranco.pt